

UNIVERSITY OF ARIZONA

MPLETAS



39001029111484

OSWALDO DE ANDRADE

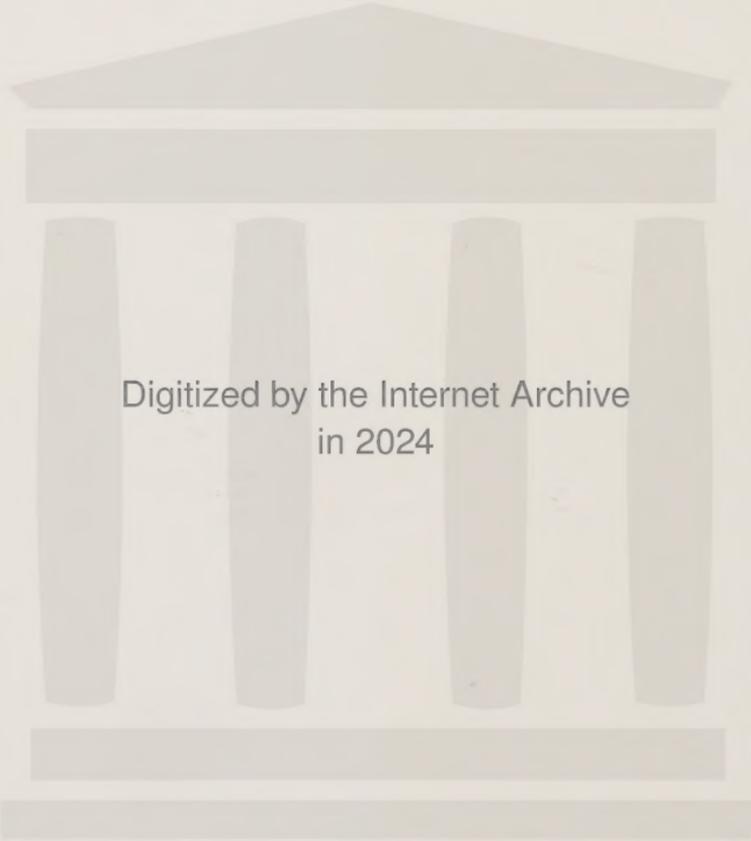


secretaria
de estado
da cultura.

EDITORA
GZOB

OS DENTES DO DRAGÃO

ENTREVISTAS



Digitized by the Internet Archive
in 2024

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

OS DENTES
DO DRAGÃO

Oswald de Andrade



Oswaldo de Andrade

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

PQ
9697
A73
Z57
1990

OS DENTES DO DRAGÃO

Entrevistas

Pesquisa, organização, introdução e notas
de Maria Eugenia Boaventura

Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo



Copyright © 1990 by Espólio de Oswald de Andrade
Capa: Juan José Balzi

Direitos mundiais de edição em língua portuguesa cedidos a
EDITORA GLOBO S.A.

Rua do Curtume, 665, CEP 05065, São Paulo.

Tel.: (011) 262-3100, Telex: (011) 54071, SP.

Brasil

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida — em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação etc. — nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização da editora.

Impressão e acabamento: Lis Gráfica e Editora Ltda.

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte — Câmara Brasileira do Livro, SP

Andrade, Oswald de, 1890-1954.

Os dentes do dragão : entrevistas / Oswald de Andrade ; pesquisa, organização, introdução e notas de Maria Eugenia Boaventura ; [desenhos originais da 1. ed. de Tarsila do Amaral]. — São Paulo : Globo : Secretaria de Estado da Cultura, 1990. — (Obras completas de Oswald de Andrade)

ISBN 85-250-0805-2

1. Andrade, Oswald de, 1890-1954 - Entrevistas 2. Escritores brasileiros - Entrevistas I. Boaventura, Maria Eugênia. II. Amaral, Tarsila do, 1886-1973. III. Título. IV. Série.

90-1349

CDD-928.699

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil : Escritores : Entrevistas : Biografia 928.699
2. Escritores brasileiros : Entrevistas : Biografia 928.699

OS DENTES DO DRAGÃO OSWALD

MARIA EUGÊNIA BOAVENTURA*

“Nada de revolução: o papel impresso é mais forte que as metralhadoras.” Oswald de Andrade

Reunir em livro entrevistas de escritores famosos não é novidade. Na história da literatura ocidental temos exemplos pioneiros e marcantes desse tipo de publicação. Modernamente sobressai a reunião de entrevistas de conhecidos escritores à *Paris Review*, organizada por Malcolm Cowley, com tradução brasileira; *O Movimento Literário*, editado em 1902 por João do Rio, é bibliografia obrigatória para quem deseja conhecer a vida cultural brasileira do fim do século passado e dos primeiros anos deste século, a partir de depoimentos de vários intelectuais atuantes. Com a divulgação das entrevistas de Oswald de Andrade, um dos expoentes da vanguarda literária de 22, a história do nosso movimento modernista se enriquece.

A mitologia oswaldiana tem-se alimentado de muita informação vaga e deturpada sobre as atividades do escritor, desde o começo de sua carreira como jornalista e diretor de *O Pirralho*, até 1954, ano de sua morte. Portanto, para os jovens leitores de Oswald, a publicação desses depoimentos é bastante oportuna,

na medida em que os textos escolhidos retratam o envolvimento do escritor no cenário cultural brasileiro; oferecem um panorama de suas idéias em torno dos assuntos mais palpitantes da época; revelam o interesse da imprensa da época pela obra do autor de *Miramar*; e por fim mostram a disposição dos entrevistadores de empreender revisões do movimento modernista.

O leque dos temas tratados e o espaço de tempo dos textos recolhidos cobrem uma faixa muito ampla. A seleção principia em 1924 até a última entrevista realizada poucos dias antes da morte do poeta. Um verdadeiro mural narrando a trajetória literária de Oswald, compreendendo o período de apogeu — a chamada fase do café, quando na sua fazenda Santa Tereza do Alto “fazia um corcunda preto e ritual servir a Segall e Jenny o leite espumoso de uma jersey, com cognac velho, trazido pessoalmente de Bordeaux, em frente ao terraço senhorial da minha fazenda” —, até o tempo de ostracismo, época em que os jornais mais importantes recusavam os seus artigos; ou melhor, final da década de 40 e início dos anos 50, no momento em que não tinha fãs e distribuía autógrafos somente “aos pregos e aos bancos”, como o próprio Oswald lembrava.

A variedade dos depoimentos acompanha a mudança de interesse do escritor e ao mesmo tempo dá uma idéia do panorama histórico, político e literário do país. Naqueles da década de 20, as questões giravam em torno do Modernismo, da Semana de 22, do intercâmbio com a Vanguarda européia sobretudo com a França. Neste aspecto é bom atentar para os canais dessa permuta de idéias, observando os artistas e correntes sobre os quais Oswald tecia considerações e com quem mantinha contato nas suas viagens ao exterior. De 30 a 40 prevalecia a discussão sobre política, as fofocas em volta da política nacional; a história de sua ligação com o Partido Comunista e o posterior afastamento, com lances de ressentimento em relação à opção feita pela cúpula do partido de romper com a burguesia progressista.

Oswald reagiu virulentamente contra as duas linhas básicas do partido em diferentes momentos: a aliança com Getúlio e a tendência obreirista calcada no desprezo pela inteligência e na luta contra a cultura. Estes pontos de discordância entre o PC e Oswald tornaram as relações conflituosas: o escritor via na aliança da burguesia progressista com o operariado (Aliança Nacional Libertadora) o caminho revolucionário para o Brasil, mas para Os-

wald a CNOP (Comissão Nacional de Organização Proletária) e Prestes foram incapazes de aproveitar a conjuntura entre os comícios do Rio (São Januário) e o de São Paulo (Pacaembu, em 1945). Por outro lado, Oswald discordava do tratamento dado aos escritores e aos artistas pela direção do partido, que não “teve sensibilidade para aproveitar o potencial da contribuição de renomados intelectuais” (Caio Prado Jr., Monteiro Lobato, Carlos Drummond de Andrade) na luta pela criação de uma sociedade brasileira mais justa: “Os comunistas não deixaram passar o sangue vitalizador da inteligência e da cultura pelas suas malhas partidárias”; não permitiram aos intelectuais oferecer ao partido as suas diferentes contribuições.

No campo das matrizes reconhecidas do Modernismo, Machado de Assis e Euclides da Cunha foram responsabilizados por terem introduzido na literatura moderna a “aventura íntima e a pesquisa da terra”. Em três décadas de depoimento, Oswald confirmou o nome de Monteiro Lobato como o grande pré-modernista com sua prosa nova e limpa e insistiu no papel de “fundadores da literatura moderna nacional” exercido por Machado e Euclides, consolidando as duas linhas mestras de nossas letras — o campo e a cidade, “temas essenciais do Brasil”. Constante também foi sua resistência à nova literatura nordestina que interrompeu, no seu entender, por um bom período, a especulação literária. Do ponto de vista internacional, rastreou as correntes estéticas européias de um ângulo muito pessoal, listando apenas os intelectuais mais próximos ou com os quais manteve contato: Valery Larbaud, Cocteau, Jules Romains, Satie. Não citou nenhum nome ligado ao Dada e ao Surrealismo nem à vanguarda italiana que representasse a tendência mais radical de renovação estética. Destacou naquele momento quatro correntes dentro da modernidade parisiense: 1. Jules Romains, Duhamel, Vildrac; 2. Proust, Giraudoux, Morand; 3. Cocteau, Radiguet; 4. Apollinaire, Cendrars, Max Jacob. Reconhecia nesses grupos o incentivo à onda de nacionalismo que eclodiu junto com o nosso Modernismo: uma pesquisa intensa de conhecimento entusiasmado do Brasil e de consolidação de uma língua brasileira, para pôr fim na “invertebrabilidade nacional, compenetrada do espírito dos nossos dias”, argumentava Oswald. Essas avaliações literárias surpreendem. Sobre sua própria obra, por exemplo, Oswald destoa de toda a crítica, elegendo o *Marco Zero* como a grande obra da sua maturidade.

Para desencanto daqueles que o consideravam apenas o “Clown” da burguesia paulista, vamos encontrá-lo defendendo a importância do trabalho sério: “Passamos do tempo em que a pura intuição fazia um artista. Hoje em dia, o estudo possui uma importância fundamental”. Por sinal, a sua idéia da relação entre poesia e público está muito ligada à preocupação com o aprimoramento espiritual do homem. Para Oswald a poesia nunca será compreendida pelo grande público a não ser através da análise, pois a compreensão é problema de sensibilidade e cultura.

O espaço do jornal, por sua própria natureza, algumas vezes não permitia o aprofundamento maior das questões discutidas, uma vez que o entrevistado era convidado a se pronunciar de improviso sobre os mais variados assuntos. Oswald discutiu os temas do momento, tratando-os de maneira engraçada e irônica. Outras vezes as entrevistas respondidas por escrito ofereceram uma visão mais trabalhada e inédita para os seus leitores hoje. É o caso dos depoimentos apresentados por coincidência a dois escritores: Paulo Mendes Campos e Edgard Cavalheiro. A entrevista a Paulo Mendes Campos, comemorando os quarenta anos de literatura de Oswald, é uma espécie de revisão das leituras que marcaram a sua formação literária de um modo geral. Aproveitou para abordar temas mais complexos, gerais, e expressar seu ceticismo: em relação ao destino da civilização ocidental, “onde triunfam a filosofia do recorde e a moral da tolerância e da chantagem”; sobre o atraso do Brasil — “crise de reflexo” — e finalmente reafirmar a responsabilidade e a missão revolucionária da elite intelectual. Uma das obsessões nesses depoimentos — a situação do escritor — provavelmente refletia não apenas o quadro geral, mas o seu caso particular de desamparo, sem condições de sobreviver com os rendimentos da profissão, obrigado a exercer muitas atividades diferentes: “O escritor no Brasil é um pobre-diabo (...) as dificuldades são tremendas: ou ele tem de se vender, se isolar ou sorrir...” Nesse sentido, o título geral de suas Memórias é bastante sugestivo — *Um Homem sem Profissão* —, lembrando na ocasião: “No Brasil ser escritor é não ter profissão. Foi o que me aconteceu”. Não media palavras para fazer críticas, daí o relacionamento nada harmonioso com os colegas, sobretudo os escritores considerados por Oswald menos interessantes. No meio da mediocridade e da picaretagem tinha esperança na “Vitamina-Universidade” e via com simpatia a ati-

vidade exercida pela universidade, depositando esperança no trabalho dos jovens. Não foi a primeira vez que Oswald se referiu à universidade de maneira carinhosa e positiva. Aliás sempre sonhou em poder desfrutar do convívio acadêmico. Defendeu várias teses na USP sem obter sucesso. Em 1945 — “O Sentido da Nacionalidade no Caramuru e no Uruguai” e “A Arcádia e a Inconfidência”, ambas apresentadas à Cadeira de Literatura Brasileira da Faculdade de Filosofia da USP; a outra defendida na cadeira de Filosofia da mesma universidade — “A Crise da Filosofia Messiânica”. Pouco antes de morrer, já bem adoentado, acalentava novamente seu velho sonho, desta vez fora de seu país. Fazia projetos e elaborava o *Roteiro de Upsala*, vasto programa para um curso de estudos brasileiros, planejado para a Universidade de Upsala e para a Escola Superior de Estocolmo. Por intermédio de seu amigo e antigo companheiro da garçonnière da Líbero Badaró, Vicente Rao, Oswald foi convidado também para dar um curso em Genebra. Em conversa, sua filha Antonieta Marília relembrou o alento que estes convites proporcionaram ao velho escritor, doente e esquecido.

Mas o entusiasmo pela função da elite intelectual se transforma de um texto para outro subitamente em ceticismo, descrença diante de manifestações de incompetência de um “bando de ignorantes”. Provavelmente influenciou nessas atitudes do escritor o ressentimento pessoal, resultado talvez do ostracismo a que foi submetido depois da década de 20: “Escritores não me levam a sério, nem sequer me consideram também escritor”.

No decorrer desta antologia o leitor terá surpresas com as idéias defendidas, com os nomes citados e com a diversidade temática. Uma das novidades é o nome de Gustavo Corção duramente criticado por Oswald inúmeras vezes e recuperado na galeria dos autores esquecidos. Embora Oswald discordasse ideologicamente do autor de *As Fronteiras da Técnica*, considerava seu romance a grande realização brasileira no gênero. Não é sem razão que na biblioteca de seu filho Nonê, cheia de livros presenteados por Oswald, encontramos *Lições de Abismo* de Gustavo Corção com uma dedicatória bastante expressiva: *Para Nonê essa lição de Vida*. Na literatura brasileira contemporânea apontava a “existência de três gênios no Brasil”, três grandes promessas: Oliveira Bastos na crítica; Luci Teixeira na narrativa; e Ferreira Gullar na poesia. O Pós-Modernismo, enquanto movimento sis-

temático de idéias e estética, foi muito criticado: “Foi a polêmica contra nós de 22”. Nas análises que empreendia sobre os movimentos contemporâneos, procurava traçar correspondência direta com o seu tempo — o Modernismo. O iniciante movimento do Concretismo, na época, foi erroneamente visto como incerto e como uma variante do Modernismo. Na hora de apontar a personalidade literária mais fascinante também escolheu nas fileiras modernistas — Mário de Andrade — e no rol de nomes dissonantes em relação à vida cultural da época: João do Rio e Emílio de Meneses.

Como solução para os descaminhos da vida cultural, defendia ardorosamente o movimento do qual foi um dos líderes, reservando especial atenção para as correntes Pau-Brasil e Antropofagia. Com a primeira declarava ter pretendido o renascimento do Brasil e a verdadeira poesia nacional, recuperando elementos desprezados da nossa lírica; no período do Pau-Brasil, Oswald denunciava o intelectualismo falsificado, postiço, imperando a confusão de idéias importadas; com a Antropofagia pretendeu instaurar uma revolução de princípios, de roteiro, de identificação. Ambos projetos nacionalistas criados para recuperar o país da “fadiga intelectual” e alternativa para o “banho de estupidez” em que mergulhou a nossa “realidade mental”. Num instante de irritação, um desabafo: “A literatura brasileira não conseguiu projeção mundial porque não presta”.

Os amigos do escritor testemunham sobre a agitação da sua vida pessoal. No período de vacas gordas o tempo era de festa, de surpresas. O grande público todavia desconhece o outro lado da vida de Oswald, crivado de dificuldades econômicas — na fase de isolamento que marcou o final da sua vida. É bom lembrar que, depois da crise de 29, foi obrigado a recorrer à fortuna deixada pelo pai, concentrada particularmente em imóveis na Grande São Paulo. Na década de 50, com a doença, a situação se agravou, obrigando-o a se desfazer de preciosos objetos cuja posse representava uma ligação afetiva e cultural. Numa folha de papel anotada a mão por Oswald conhecemos a relação exata da sua coleção estrangeira de objetos de arte: 2 Léger, óleo e aquarela com dedicatória; 3 Chirico, óleo; 2 Picasso, guache e aquarela; 1 Chagall, desenho; 1 Miró, têmpera; 1 Delaunay, litografia com dedicatória; 1 Archipenko, óleo; 1 Laurens, desenho; 1 Severini, óleo; 1 Picabia, desenho. Muitos desses objetos foram

deixados como garantia de dívidas, de títulos, levantados por Oswald, segundo nos informa o rascunho manuscrito de uma declaração que foi obrigado a fazer com objetivo de dispor do seu guache de Picasso (em azul e preto) para fins de avaliação por especialistas. Pretendia vender o quadro para o MAM do Rio, inclusive tomou várias iniciativas nesse sentido, repetidas vezes escrevia a Paulo e a Niomar Bittencourt, proprietários do *Correio da Manhã* e fundadores do museu carioca. Esses momentos de crise, Oswald os enfrentava com o humor de sempre, alternando com demonstrações de ressentimento e mágoa. Uma travessia difícil facilitada e encorajada pelo seu filho mais velho, Nonê, a quem Oswald agradeceu de público a sua dívida: “Foi graças a meu filho, Oswald de Andrade Filho, que consegui suportar tudo, foi-me possível sobreviver”.

O discurso dos entrevistadores revela a curiosidade pela figura humana tão polêmica do escritor Oswald de Andrade; o interesse em se aproximar do romancista com vistas a um balanço do movimento modernista, da literatura e da cultura brasileiras contemporâneas. Transparece nas perguntas dos jornalistas o desejo de evidenciar a discrepância e o inusitado das idéias do entrevistado, principalmente sobre esses assuntos.

Esses bate-papos publicados pelos variados periódicos do país, mantidos de maneira amena e pacífica, com o correr dos anos se transformaram em ataques pessoais a personalidades da vida cultural ou se limitaram a revidar outros ataques. Muitos desses textos têm um aspecto de balanço e de retrospectiva, sobretudo as entrevistas no final da vida do escritor, resultado natural de momentos de desabafo e cansaço.

A personalidade mutável e complexa desse artista se revela inteira nessas conversas informais. Permanece no final da leitura de todos esses textos uma impressão do espírito generoso e amável, que, sem rancor, prontamente revia suas posições anteriores acerca de personalidades importantes da nossa cultura, como foi em relação a Gustavo Corção; ao antigo companheiro de partido com quem Oswald rompera em 1945 Jorge Amado — “mestre inconfundível da literatura brasileira, o sucessor de Castro Alves”; e a Cassiano Ricardo — “o maior poeta do Brasil” e que pertencia ao grupo verde-amarelista, adversário modernista de Oswald. Os dois colegas em vários momentos foram duramente agredidos pela contundência verbal oswaldiana no calor de discussões, e em seguida carinhosamente elogiados.

Confirmam-se nesses debates “à queima-roupa”, além da personalidade irrequieta, a veia satírica e a crítica mordaz do autor de *Serafim*. Desvendam-se facetas desconhecidas desta personalidade e consolida-se a imagem do intelectual corajoso, que não gostava de posições “mornas”, sempre pronto a manifestar sua opinião. Enfim reconstituiu-se o percurso do escritor em diferentes fases, obtendo-se um desenho do desenvolvimento dos seus projetos de ficcionista, poeta e ensaísta.

* Essa pesquisa foi realizada na Biblioteca Nacional, no Arquivo Museu de Literatura da Fundação Casa de Rui Barbosa, na Oficina de Criação Literária Afrânio Coutinho (Rio de Janeiro), no Arquivo Público de Minas Gerais (Belo Horizonte), no Arquivo Público do Estado de São Paulo, na Biblioteca Municipal de São Paulo, no Arquivo de *O Estado de S. Paulo* e no Centro de Documentação do Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP — Universidade Estadual de Campinas — setor de Literatura, onde se encontra o acervo Oswald de Andrade.

EMBAIXADA ARTÍSTICA: MINAS HISTÓRICA ATRAVÉS DA VISÃO DE UM ESTETA MODERNO

Depois de alguns dias de permanência nesta cidade moça, seguiu ontem para a velha Ouro Preto a embaixada de intelectuais paulistanos que visita atualmente os lugares históricos de Minas. Essa embaixada, que acompanha o grande poeta francês Blaise Cendrars, é constituída da exma. sra. d. Olívia Penteado,¹ pintora Tarsila do Amaral, dr. Oswald de Andrade e Gofredo Telles,² tendo já regressado a São Paulo os srs. dr. Mário de Andrade e René Thiollier, após visitarem São João del Rei, Tiradentes etc.

Antes do embarque da embaixada, ontem, conseguimos falar ao dr. Oswald de Andrade, radioso literato de orientação e cultura modernas, que já publicou, com ruidoso êxito, *Os Condenados*.

A palestra que tivemos com esse alto espírito vai reproduzida nos períodos que se seguem:

Quais as impressões que tiveram de Minas?

Posso garantir-lhe que o nosso grupo, que traz um dos maiores poetas contemporâneos, o culto e simples Blaise Cendrars, e

1 A sua mansão da Conselheiro Nébias acolheu os modernistas e sua arte. Foi muito amiga dos intelectuais e artista de vanguarda da época, em São Paulo e Paris.

2 Amigo de Oswald, que participou da homenagem prestada pelo Brasil a este poeta francês.

duas altas sensibilidades que são d. Olívia Guedes Penteado e a pintora Tarsila do Amaral, está encantado com Minas. As cidades antigas que visitamos, apesar da criminoso devastação que vêm sofrendo, são das mais belas do mundo.

A arquitetura de São João del Rei, Tiradentes e Sabará e de outras que vamos percorrer está aí como uma censura viva aos inconscientes que pretendem transplantar para o nosso clima o horror dos bangalôs e das casas de pastelaria. As cores vivas e o aspecto sólido e calmo das casas mineiras é a melhor lição que pode ser dada aos nossos construtores. Como é um crime substituir nos altares as velhas imagens maravilhosas feitas a mão pelos nossos melhores santeiros por uma súcia de santos almofadinhas e sem caráter definido, saídos da industrialização italiana e alemã, é outro crime desprezar o cor-de-rosa das fachadas, o abrigo dos beirais e o azul das janelas — nascidos da paisagem brasileira e da tradição, e tão naturalmente de acordo com elas — pelas cores cinzentas da Europa.

Acha que possuímos um verdadeiro tesouro artístico?

As pessoas que viajam conosco conhecem a fundo as cidades antigas da França, da Itália, de Portugal e da Espanha, e nenhum de nós, inclusive o grande Cendrars, põe em dúvida que a civilização do ouro, representada pela velha Minas, seja inferior a qualquer das civilizações correspondentes na Europa.

As nossas igrejas, sem ter os materiais nobres das igrejas européias, colocam-se pela sua arquitetura, pela sua pintura, pela sua escultura e pela sua tradição de música antiga, ao lado dos mais belos e célebres santuários.

Na arquitetura, como na escultura, o Aleijadinho não fica atrás dos monumentalistas do Vaticano. Apenas não tendo os mesmos recursos, não podia produzir a mesma obra.

Idêntico milagre de harmonia e bom gosto se repete nos velhos palácios e nas moradias que visitamos.

Quer dizer com isso que condena a arquitetura de Belo Horizonte?

Não lhe posso negar que a primeira impressão que tive da capital não foi das melhores. Vê-se na sua construção uma desordem banal copiada de todos os estilos, como infelizmente em São Paulo e no Rio.

O que salva esse aspecto caótico e neológico da vossa capital é a sua provisoriidade. Toda a pastelaria dos edifícios atuais de-

saparecerá pouco a pouco, absorvida pelo progresso formidável que se anuncia e realiza em Minas.

O cimento armado matará com certeza os Versalhes de estuque. E, como a cidade foi possantemente rasgada e o seu local muito bem escolhido, os arranha-céus se instalarão admiravelmente aqui. Assim, tenho a esperança de que Belo Horizonte virá a ser uma das mais belas cidades do século XX. Sendo do seu tempo, entrará por isso mesmo na tradição.

O que é preciso é defender as cidades que têm um caráter marcado e antigo. Nessas não há necessidade de transformações. Que se adapte o velho e lindo estilo colonial às necessidades de conforto e aumento.

A mesma defesa mais severa ainda deve ser imediatamente organizada para as igrejas, imagens, mobílias restantes e demais monumentos atestadores do nosso opulento e maravilhoso passado.

Feito isso, o turismo que Minas merece será com certeza uma das suas melhores fontes de riqueza e vitalidade.

DIÁRIO DE MINAS.
Belo Horizonte,
27-04-1924.

A QUESTÃO ESTÉTICA DO MOMENTO

Novíssima, como se sabe, “não abomina nenhuma escola, em assuntos de arte ou literatura: não faz seleção de capacidade entre o maior e o menor, entre o mais novo e o mais velho, entre os deste e os daquele grupo. Basta-lhe o cunho da inteligência, seja nos laivos de ouro antigo, seja na iluminada estesia do instante que passa”. De acordo com tais idéias, é natural que *Novíssima*, que prega o culto dos mestres, não se desdoure, por outro lado, em prestar homenagem aos *novos*, que se revelam pelo talento, como expressão cultural do momento estético, e que, finalmente, representam, em nosso meio, um dos aspectos mais curiosos de mentalidade contemporânea. Dentro de tal programa, é que *Novíssima* desfraldou sua bandeira de independência e de harmonia; e, ainda dentro desse programa, é que *Novíssima* refletirá, nas letras do país, não apenas os valores consagrados e indiscutidos, nos torneios da beleza, senão também os espíritos rútilos, que anseiam sinceramente por um ideal de renovação artística.

Ora, ninguém negará, com certeza, que Oswald de Andrade, autor de *Os Condenados*, é um desses espíritos insubmissos mas brilhantes. Tendo tornado, recentemente, de sua viagem ao Velho Mundo, é natural que nos dissesse, com pleno conhecimento de causa, o que viu e observou a respeito das novas correntes estéticas e literárias, em que se dividem, como num prélio

de justas fidalgas, os elementos espirituais europeus. Em França, onde permaneceu por mais tempo, teve oportunidade de colocar-se em contato com os *novos* espíritos, orientadores do pensamento latino em tais questões.

Tivemos, por isso, o desejo de entrevistá-lo, com toda a imparcialidade, no intuito louvável de dar, aos apreciadores de *No-víssima*, vários informes interessantes.

Quais são as suas impressões de Paris?

Estamos numa época de pesquisa que chegou a formular os seus primeiros resultados. O século XX vai achando a sua expressão. Em pintura, depois da glória de Cézanne, morto em 1906 e já no Louvre ao lado de alguns impressionistas e inovadores, é a escola cubista que tomou a direção das elites européias. Na escultura, faz se sentir, mais que nas outras artes, uma reação contra o assunto. Nada de retórica, nada de anedota. Isto na vanguarda. O público e o oficialismo estão com Bourdelle e outros discípulos de Rodin. Na música, Debussy é aplaudido em toda a parte. Contra ele reage o pequeno mas já célebre grupo de Satie, Poulenc etc., ao lado do grande russo Stravinski. Como se vê, Debussy, que aqui ainda não penetrou totalmente, lá já é considerado passadista por muita gente boa. Em literatura, dá-se o mesmo fenômeno. Nosso avanço geral chegou quando muito a Rimbaud e ao Simbolismo, quando lá já há toda uma estabelecida fase de transição entre o Simbolismo e a atualidade, representada pelos grandes nomes de Francis Jammes, Paul Fort e Paul Claudel.

Paul Fort não é moderno?

É muito relativamente. Depois dele, apresenta-se toda uma geração compenetrada do espírito de nossos dias, mecânico, rápido, construtor e sadio, a qual de fato representa um grande passo sobre o lirismo de Fort.

Quais são os maiores representantes dessa geração de moços?

Antes de mais nada, quero dizer-lhe que "os moços" em França têm de trinta a 65 anos. Satie, chefe indiscutível da vanguarda musical, tem barbas brancas, o mesmo acontece com o escultor Brancusi, verdadeiro apóstolo e sem dúvida o mais extraordinário escultor de seu tempo.

Agora, dir-lhe-ei que há três ou quatro correntes dentro da modernidade parisiense que já são bastante vastas para conter divergências. São elas: 1ª) a de Jules Romains, contendo-se nela

quase todo o grupo unanimista de Duhamel a Vildrac; 2^a) a corrente Proust, Giraudoux, Morand, detentora de um admirável preciosismo atualista; 3^a) a linha Cocteau, Radiguet; 4^a) o movimento Apollinaire. Cendrars, que, na minha opinião, é o mais representativo da literatura contemporânea. Há além disso a personalidade toda especial de Max Jacob, que talvez seja o mais forte revolucionário deste começo de século.

Acredita no triunfo das novas idéias?

É indiscutível como o triunfo do telefone, do avião, do automóvel. Há aliás toda uma correspondência viva e direta entre as artes de hoje e o nosso tempo tão diverso dos tempos idos.

A esta altura da palestra, Oswald de Andrade já nos falava com toda a vivacidade da sua convicção e da sua... insubmissão.

NOVÍSSIMA.
São Paulo,
nº 2, 1924.

PAU-BRASIL

OSWALD DE ANDRADE, UM DOS CORIFEUS DO MODERNISMO EM SÃO PAULO, PASSA PARA O JORNAL, EM REVISTA, AS ÚLTIMAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS DA MOCIDADE FUTURISTA DA PAULICÉIA

"Na avenida Paulista", diz Menotti del Picchia, "atã as colunas de mármore são de cimento armado!"

FATIGADOS DE TUDO

Fatigados de cultura. Fatigados de sabença. Reagindo. Não nascemos para saber. Nascemos pra acreditar. Sem pesquisa, a não ser a do nosso instinto que é excelente, quase maravilhoso.

É assim que entendo e realizo o momento brasileiro. Não será o bom caminho? O meu espírito banha-se numa piscina, inunda-se de repouso e de alegria, quando, por exemplo, chego com um dos meus personagens prediletos — Serafim Ponte Grande, o burocrata transfigurado — à conclusão urbanista de que

o "o largo da Sé é o ponto de junção das ruas Direita e 15 de Novembro".¹

Não acha v. uma pura delícia, depois da gente ter metido o nariz em Kant e vomitado a Renascença como um mal xarope, atingir, por todas as vias respiratórias do espírito, a tamanha placidez cerebral?

Porque o nosso cérebro precisa é de um banho de estupidez, de calinada bem nacional, brotada dos discursos das câmaras, dos comentários da imprensa diária, das folhinhas, enfim, de tudo quanto representa a nossa realidade mental.

O resto é desarmonia quando não é falsidade. Veja o intelectualismo do sr. Graça Aranha como é postiço. Esse literato é um simples pedante que pretende elevar a sua confusão de idéias importadas à altura de um fenômeno brasileiro. É o caso da negra da cozinha vestida de odalisca ou de jóquei no Carnaval. Apenas, aqui a cozinheira sabe perfeitamente que não é isso, enquanto Graça Aranha pensa de fato que é jóquei.

Chamei Pau-Brasil à tendência mais rigorosamente esboçada nos últimos anos em aproveitar os elementos desprezados da poesia nacional. Poesia de exportação, dizia eu no meu manifesto de há dois anos. Oposta ao espírito e à forma de importação.

O contrário da parlapatice léxica do sr. Coelho Neto e da cantata decassílava de Bilac. A tollice se quiserem, mas diferente da do sr. Medeiros e Albuquerque, que essa é professoral e bem redigida. O que os primeiros cronistas descobriram, o que nossas grandes orelhas infantis ouviram e guardaram em nossas casas.

¹ Oswald por ocasião desta entrevista (1925) já tinha redigido a primeira versão do *Serafim Ponte Grande*. Na redação definitiva este trecho faz parte de "O largo da Sé" e tem a seguinte redação: "O largo da Sé é, sem perigo de contestação, o ponto de junção das ruas 15 de Novembro e Direita que também são, sem perigo de contestação, as principais de São Paulo". (p.173, ed. Civilização Brasileira, 1971.)

ARTE MODERNA

Veja estes dois poemas de meu livro:

PRIMEIRO CHÁ

Depois de dançarem
Diogo Dias
Fez o salto real

O RECRUTA

O noivo da moça
Foi para a guerra
E prometeu se morresse
Vir escutar ela tocar piano
Mas ficou para sempre no Paraguai²

O primeiro é tirado da carta de Pero Vaz de Caminha. Um crítico tipo “profundo” poderia aí pesquisar a fundação da raça, a obra civilizadora, que sei eu, partida dessa primeira reunião social dada no Brasil. Nesse pulo de galego contente na praia das descobertas eu vejo poesia.

E poesia bem nossa.

O estado de inocência que o espírito sorve nas notícias dos cronistas sobre ananases, rios e riquezas e nos casos de negros fugidos e assombrações trazidos a nós pela tradição oral e doméstica não é, porém, privilégio do passado. A mesma inspiração de poesia anda aí nos jornais de hoje e nos fatos de nossa vida pessoal.

Para senti-la é necessário, porém, esquecer duma vez a infamíssima Florença e a Grécia pavorosa de Péricles.

É claro que um intelectual metrificado que anda de bonde com os “bluffs” do Anatole France na cabeça não pode exercer a emoção bem-humorada que existe neste.

² “Primeiro Chá”, “O Recruta”, “Reclame”, “O Cruzeiro”, “Noite no Rio”, ver *Poesias Reunidas*. São Paulo, Difel, 1966, pp.72, 85, 117, 131, 135.

RECLAME

Fala a graciosa atriz Margarida Pernagrossa.
Lindacor que admirável loção
Considero lindacor o complemento
Da toaleta feminina da mulher
Pelo seu perfume agradável
E como tônico do cabelo garçone
Se entendam todos com seu Fagundes
Único depositório
Nos E.U. do Brasil.

O LLOYD BRASILEIRO

Outros assuntos propõem-me outras maneiras de poetar:

O CRUZEIRO

Primeiro farol de minha terra
Tão alto que parece construído no céu
Cruz imperfeita
Que marcas o calor das florestas
E os discursos de 22 câmaras de deputados
Silêncio sobre o mar do Equador
Perto de Alfa e de Beta
Perdão dos analfabetos que contam casos
Acaso

NOITE NO RIO

O Pão de Açúcar
É Nossa Senhora da Aparecida
Coroadada de luzes
Uma mulata surge nas avenidas
Como uma rainha de palco
Talco
Fácil

Árvores sem emprego dormem de pé
Há um milhão de maxixes
Na preguiça
Que vem do fundo da colônia
Do mar
Da beleza de Dona Guanabara
Paixões de Féerie
O Minas Gerais pisca para o Cruzeiro

Esses dois poemas são da parte de meu livro intitulado *Lloyd Brasileiro*.

Como esses, os outros procuram somente fixar com simplicidade, sem comentário, sem erudição, sem reminiscência, os fatos poéticos de nossa nacionalidade, pareça ela tosca, primitiva, humorística ou guindada. Isto é o que quero eu. Vida de Far-West e de preguiça colonial-estética helênica e renascentista, eis o que querem os outros.

OUTROS FUTURISTAS

Nesse sentido de uma verdade bem nossa, bem de exportação, São Paulo já tem dado bons exemplos.
São de Mário de Andrade estes versos:

Brasil:

Mastigado na gostosura quente do amendoim
Falado numa língua curumim
De palavras incertas num remeleixo melado melancólico
Saem lentas frescas trituradas pelos meus dentes
bons
Molham meus beijos que dão beijos alastrados
E depois semitoam sem malícias as rezas bem
nascidas³

³ Oswald de Andrade transcreve a quinta estrofe do primeiro poema do livro *Clã do Jaboti*. São Paulo, Editora Piratininga, 1927.

É Guilherme de Almeida que oferece o luxo musical de seus ritmos à pátria "sem nenhum sabiá":

FEBRE AMARELA

Um vento fanhoso zune, zune longo
Longamente
Foi o mosquito pernilongo
Que pousou e fez um calombo
Na terra
Calor. Olha a casa amarela
Do sol redondo - redondo - redondo⁴

Sérgio Milliet tem também poemas de uma encantadora brasilidade.

A SIRIEMA

O campo vai até à capoeira, mergulha e continua
A Siriema é toda branca
E rica
Tem toucado de plumas
E botas amarelas de verniz
Passeando empertigada
Bica e rebica

⁴ "Febre Amarela" foi publicado originalmente na revista *Estética*. RJ, jan/mar de 1925, p. 266, cuja versão inicial foi

Um vento zine zune longo
longamente.

Foi o coqueiro pernilongo
que picou e fez um calombo
na terra

Que calor!
Olha a cara amarela
do sol redondo
redondo
redondo!

A moita requeimada pela seca
E de repente abre as asas de linho
E com um gesto reto e duro
Parte a cobra pelo meio.⁵

Uma alegria excelente deu-me agora Menotti del Picchia com os seus versos urbanos:

AVENIDA PAULISTA

Todos os estilos ancoraram no cais mole
Do asfalto fidalgo
Naquele parque
Fuma goiano um califa enriquecido
Numa fábrica de alpargatas da rua 25 de Março
O senhor Conde bebe vinho Chianti
Servido por um criado de libré
Até as colunas de mármore são de cimento
armado.⁶

Há ainda o restante da velha geração da Semana de Arte Moderna e os versos convertidos, que estão trabalhando bem a matéria nacional.

Que lhe hei de dizer mais. Apenas que Tarsila do Amaral fundou a grande pintura brasileira, pondo-nos ao lado da França e da Espanha de nossos dias. Ela está realizando a maior obra de artista que o Brasil deu depois do Aleijadinho.

Não poderei também omitir Paulo Prado e a ação altamente educadora de d. Olívia Guedes Penteado.

Paulo Prado vai publicar *Paulísticas*. Nesse livro ver-se-á que maturidade estilística atingiu o seu vivo pensamento. Se eu tivesse de invejar a forma de escrever de alguém, invejaria a de Paulo Prado.

5 "A Siriema", poema dedicado a Guilherme de Almeida, integra o livro *Poemas*. Porto Alegre, Globo, 1946, p. 67, e tem a seguinte versão: "O campo pára na capoeira mergulha e continua / A siriema é toda branca / e rica / tem toucado de plumas / e botas amarelas de verniz / Vai e vem / e bica e rebica / a moita requeimada pela seca / E de repente abre as asas de linho / estica o pescoço / e com um gesto reto e duro / parte a cobra pelo meio / E o campo segue o seu caminho / levando o gado do vizinho".

6 "Avenida Paulista" faz parte de *Chuva de Pedra*. São Paulo, Helios, 1925, p. 55.

D. Olívia Guedes Penteado marca uma época. É o centro de nossa vida social e culta. Em sua casa fidalga, formou-se o melhor selecionado da intelectualidade paulista. Anima-o a fina visão de Gofredo da Silva Telles, uma das mais fortes inteligências do momento.

A formação do ambiente literário e artístico de seu estúdio (decorado por Lasar Segall e contendo quadros de Léger e de Tarsila) vem dizer como interessa a nossa realidade, apesar da amável descrença do grande poeta parnasiano, sr. Alberto de Oliveira.

São as elites que se manifestam por nós. Está criada a moda. Ser brasileiro. Pau-Brasil. Jean Cocteau já nos ensinou que a toda moda exterior corresponde uma moda interior profunda.

O JORNAL.
Rio de Janeiro,
08-06-1925.

APÊNDICE

A POESIA PAU-BRASIL

RESPOSTA A TRISTÃO DE ATHAYDE

JEAN COCTEAU JÁ DISSE: "*RIEN NE RESSEMBLE PLUS
À UNE MAISON EN RUINES QU'UNE MAISON EN
CONSTRUCTION...*"

Meu Amável crítico,
Foi numa noite de julho findo, em Paris, que Paulo Prado,
jantando na Peniche de Poiret¹ da Exposição de Artes Decorativas,

¹ Tarsila e Oswald foram assíduos clientes. O enxoval do casamento e os vestidos de Tarsila, na década de 20, traziam etiqueta Poiret ou Pattou, outro costureiro famoso.

tirou de uma carteira um retalho de jornal e mo deu. Era a sua primeira ofensiva contra a Poesia Pau-Brasil.²

Juro-lhe que fiquei alarmado com a minha sabedoria, pois pela primeira vez tive a vantagem de ler os manifestos epilépticos de André Breton e da cervejaria expressionista que, pelo que vejo, também são meus. Minha surpresa cresceu diante da sábia manipulação que você fez para convencer (principalmente a mim, que ignorava, não Dada e o Expressionismo, mas os detalhes das suas campanhas eleitorais) de que houvesse uma coincidência criminosa entre esses ilustres perturbadores da ordem mental européia e a minha tentativa de brasilidade — tentativa que, sem dúvida, atinge na calva a furiosa erudição que vinga entre o equador e o trópico de capricórnio.

O ARREALISMO

É incontestável. Eu marotamente arranjo a minha originalidade nos “últimos” manifestos da Vanguarda européia. E admira que chegando ao Brasil no *Andes* a 4 de maio e dando o meu artigo ao *O Jornal*, em junho, não tivesse a presença de espírito de aproveitar a verdadeira novidade do momento — a que se chama de supra-realismo — quando, por exemplo, uma variante de sucesso desse nacionalismo, o arrealismo, em vez de copiar de lingüinha de fora, num estafamento de simulações criadoras os cacós vencidos de Dada e do Expressionismo, a fim de fazer propaganda da já invencível Poesia Pau-Brasil.

Para vir você, marechal Fontoura das letras pátrias, meter-me definitivamente na ilha dos plagiários.

COINCIDIR

Mas você faz o mesmo, meu sempre prezado Tristão de Athayde, você também coincide, e, imagine com quem, comigo mesmo!

Leia este pedacinho do meu manifesto de há dois anos: “Contra a morbidez romântica — pelo equilíbrio geométrico e pelo acabamento técnico”, e veja a sua crítica: “Repudiar o romantismo em todas as suas formas”. O seguinte é do meu manifesto. A coincidência da primeira construção brasileira no movimento de reconstrução geral. Poesia Pau-Brasil. Isto é seu: “Ir ao clássico. Penetrando-nos do seu espírito de disciplina criadora”. O seguinte é do meu manifesto: “Nossa época anuncia a volta ao sentido puro. As leis nasceram do próprio rotamento dinâmico dos fatores destrutivos: a síntese, o equilíbrio, a invenção etc.”

² O texto de Tristão de Athayde saiu em *O Jornal*, em 28 de junho e 5 de julho de 1925, sob o título de “Literatura Suicida”.

Como se vê, nunca estive tão perto das suas idéias de disciplina e construção do que quando, 24 meses antes da sua admirável sova, pensei pela primeira vez na Poesia Pau-Brasil.

A IDA AO CLÁSSICO

Meu caro crítico, essa fórmula é que anda estafada neste tempo de descrédito dos Lenins.

Para defender as intenções afirmativas de sua obra, Cocteau (que não é Jules Romains) já disse há tantos anos: "*Rien ne ressemble plus à une maison en ruines qu'une maison en construction*". E mesmo em São Paulo, na *Novíssima*, Cassiano Ricardo e Francisco Pati assinaram em 1924 um manifesto propondo-nos o Classicismo de Romains.

Como não foi novidade para você o expressionismo-dadaísmo das minhas idéias — o que aliás é falso — é velha para mim a sua ida ao clássico, esgotada até a medula pela revista *Le Mouton Blanc*.³

Houve mesmo uma classicomania moderna na Europa. Escute. Encontrei uma manhã Picasso, na Rue La Boetie. Isto se deu há dois ou três anos. Picasso estava irrequieto, andaluz. E interpelou-me:

— Que negócio é esse de clássico? Eu virei clássico. Todo mundo é clássico. É Cocteau que anda nos etiquetando. Vou fazer um escândalo. Virar cubista...

Contei a Cocteau o que Picasso me dissera. Cocteau correu ao dicionário, depois ao telefone:

— É você, Picasso? Olhe, descobri que você é clássico...

— Como? Nunca!

— Você sabe o que é clássico? Veja, no *Petit-Larousse*: "*Ce qu'en enseigne dans les classes*". A sua pintura está chegando aos liceus. Clássica.

A EQUIPE PAU-BRASIL NÃO TEM CAPITÃO

Não me arrego funções de bússola. E quando você fala dos meus admiradores, com certeza me confunde com o Ronald⁴ ou com o Jackson de Figueiredo...

Apóiam-me com a desenvoltura que caracteriza a verdadeira superioridade — Tarsila do Amaral, Blaise Cendrars (um amoroso do Brasil), Paulo Prado e Mário de Andrade. Com esses, eu só posso aprender. Interessou-os a indicação agressiva e cômoda criada para

³ *Le Mouton Blanc*, revista que Oswald tinha na sua biblioteca, era dirigida por Pierre Favre e Jean Hylier, e circulou em 1922, em Lyon.

⁴ Ronald de Carvalho.

tudo quanto seja nacional, Pau-Brasil. O que deve ser apurado como tendência única, disciplinadora e construtiva, se quisermos ter uma literatura e uma arte e mesmo uma política e uma educação. Apenas em coincidência de passagem com o niilismo dada, ou melhor, com as correntes mais ou menos oriundas de Bergson e de Freud. Que importa se nada lhes devemos?

Pau-Brasil são os primeiros cronistas, os santeiros de Minas e da Bahia, os políticos do Império, o romantismo de sobrecasaca da República e em geral todos os violeiros. Pau-Brasil era o pintor Benedito Calixto antes de desaprender na Europa. Pau-Brasil é o sr. Catulo, quando se lembra do Ceará, e o meu amigo Menotti quando canta o Braz.

Foi Colombo que descobriu a América e Vespúcio quem lhe deu o nome. "A Poesia Pau-Brasil", saída das mãos marujas do escrivão Caminha, sempre andou por aí, mas encafifada como uma flor de caminho. Era oportuno identificá-la, salvá-la.

Como se fez com a nossa pátria no século XVI, que, para evidentes vantagens de geografia, de política e de comércio, deixou de se chamar Vera Cruz, Santa Cruz e Terra dos Papagaios. E ficou sendo a Terra do Pau-brasil.

CONFIDENCIAL

Devo ao meu compatriota Serafim Ponte Grande o prazer de lambuzar o cérebro no tangefloot do Harry e a vanglória de ceiar com as estrelas verticais de Hollywood, na casa da mulata Florence, onde aliás vou por causa da lingüiça com melado.

E prefiro declarar a você que Nossa Senhora da Aparecida não sai de meu bolso e que na Europa como no Brasil uma salutar vocação para o trabalho equilibra os meus dias.

Faço esporte. Cortei relações com os artistas degenerados de minha terra. E você me encontrará comendo o bife trapista de Brancusi, no atelier da impassível Rossin — nunca fazendo cauda nas literaturas de horizonte artificial. Não quis até hoje privar com os dissolventes mentais que você cita, nem com Tzara nem com Breton nem com Picabia — o único a quem fui ocasionalmente apresentado, mas que pouco me interessou. Ao contrário, tive grande prazer em conhecer em vida Satie e Radiguet — a ida ao clássico! Estimo imenso Cendrars, Léger, Romains, Larbaud, Suppervielle — saúde de Paris. E vou reproduzir, com a possível fidelidade, o diálogo que tive há dias com Cocteau no seu quarto da Rue d'Anjou.

Vendo-o abatido, interroguei-o sobre o seu estado de saúde.

Que se passa em mim? Dizem que é o desintoxicamento. Depois, nós poetas somos assim, cortados pelo medo a toda hora, arrancados pelos cabelos, estraçalhados. Só há dois caminhos, é ser assim ou então como quem? Como... monsieur Victor Hugo.

- É verdade que você está católico?
- Estou. Há muito tempo que sentia que andava metido num escafandro. Com ligações lá em cima (aí contou-me os detalhes da sua conversão que deve a Maritain). Mas sofro muito. Quando me aproximo da mesa da comunhão, as piores coisas me vêm à cabeça. Não se dá isso com você?
- Eu não pratico há alguns anos.
- Por quê?
- Uma crise de curiosidade.
- Mas você tem fé?
- Intangível. Converti-me há onze anos. Filosoficamente. Desde esse dia, possuo a chave do mundo. Trago-a no bolso.
- É a chave do mundo. Fora disso não há explicação.
- Reverdy é católico?
- Um santo. Comunga todos os dias. Isso lhe dá uma grande força.
- E Max Jacob?
- Max tem a extraordinária faculdade de voltar a si, de não abandonar o altar...
- Veja, meu crítico, a lamentável confusão que se introduziu no seu espírito, quando me acusou de ascetismo e literata suicida.

O GROUND

De um lado estão Dada e as antiescolas anarquistas. Do outro, todos os operários da construção atual, chamem-se eles Maurras ou Massis, Cendrars ou Satic.

Apenas, neste grupo, a divisão para a qual pende o seu espírito é a divisão antipoeta, burguesa e convencional, lado Maurras que infelizmente não coincide com Dada na necessidade de se afogar o monstro da sabença, num dilúvio, sem arca. Nesse ponto, eu não me envergonho de sofrer o mesmo nojo pelo homo sapiens do século passado que produziu o cientificismo e entre nós resultou nas mentalidades guanabarinas.

Os dadaístas querem, porém, permanecer na treva gagá em que se refugiaram ou daí tatear para um compartimento puramente freudiano. Eu proponho a linha nacionalista que vem da santidade dos cronistas à burrice dos anúncios dos Fróis.

UM CONVITE QUE PODE SER UM REPTO

Abandone, meu prezado censor, o espírito polêmico que o afligiu na réplica à minha entrevista de junho e examine, com a serenidade imparcial que honra a sua crítica, a oposição lancinante que existe entre as minhas idéias e as citadas nos seus rodapés como chaves de Dada e do Expressionismo.

Os Dentes do Dragão

"*L'obscurité de nos parole est constante*" — Breton.

"O equilíbrio. O acabamento. O sentido puro" — Pau-Brasil.

"Não se trata mais de conhecer, porém de comungar" — Fechter.

"O estado de inocência, substituindo o estado de graça, que pode ser uma atitude do espírito" — Pau-Brasil.

Pau-Brasil contra o falso êxtase alemão. Pau-Brasil contra o hermetismo malicioso dos negróides de Paris. Pau-Brasil diferente da minha própria poesia desarticulada das *Memórias Sentimentais* — fase de desagregamento técnico. Necessária. Como no esporte os movimentos preparatórios decompõem as performances. Pau-Brasil, sobretudo, clareza, nitidez, simplicidade e estilo. A ordem direta dos nossos rios.

VIVISSECÇÃO DA PROSA BRASILEIRA

Você acusa-me de um romantismo indigno. E é você quem acredita ainda na "volúpia de matar". E toma a sério aqueles dois americanos, cuja sinistra imbecilidade só se pode enquadrar num romance de Huysmans, cinqüenta anos atrás do nosso mundo equacional e higienizado.

Não, meu amigo, se eu trabalho a minha prosa é simplesmente para melhorá-la.

De *Os Condenados*:

"O sol tombante acendera os seus fogos dentro da água. Nadores saíam, com corpos perfeitos de animais, da toalha negra do rio. Recolhiam-se barcos esguios. No céu, houve um desperdício de colorido longínquo por trás da Floresta. Depois, uma última rubescência morreu e a primeira estrela, muito alta, luziu.

E tudo engrandeceu, tristezas e águas, na noite que chegava".

Das *Memórias Sentimentais de João Miramar*:

"Fordes quilometraram açafões de ocaso.

E a noite pichada empinou terreiros brasílicos por entre cafezais e papagaios de estrelas".

De *Serafim Ponte Grande*:

"Estão de pé, frente a frente. É o vácuo entre as mesas bem toalhadadas. Mulheres se desfraldam como bandeiras, sincopam nos dedos dançarinos. Sob as árvores soltas do verão. Debaixo dos balões cativos das lanternas. A orquestra racha galinhas, altifalantes e cantigas. Serafim desfolha-a".

Da *Estrela de Absinto*:

"O porteiro vem chamá-lo. Cinco horas. Tem as malas prontas, a passagem comprada. Fez-se acordar cedo à toa. O trem partirá às nove horas.

Vai ao espelho. À luz exagerada da lâmpada, donde arrancou o abajur, abre a camisa, examina as devastações do tiro. Cicatrizes.

Sente-se cansado e resigna-se. Aceitará todas as diminuições que vierem. É isso a vida. Quedas físicas em torno de uma grave ascensão”.

PRIMITIVISMO NO TEMPO E NO ESPAÇO

Faz-me você voltar os olhos para Graça Aranha. Entre parênteses, seria grosseiro eu ignorar o intuicionismo do criador da *Integração no Cosmético*. Mas isso só pode interessar a nossa alfândega literária. Referi-me ao intelectualismo mesmo. O meeting, compreende? É natural que esse me interesse, porque me ataca. Graça Aranha costuma matar-me com este epíteto: permitivista! E na sua briga com a Academia dos Quatrocentos, gritou que ser brasileiro não era parar num balbuciamiento imbecil! Isso era comigo. Desde que deixei de lado as frases bonitas de *Os Condenados*: “Varredores varriam folhas mortas como destinos etc.... etc. fiquei gago”.

Felizmente foi passageiro. Por disciplina. Os meus versos da primeira fase (que você erra quilometricamente em citar ao lado dos atuais), eram assim:

Uberaba-aba-aba
Tris-tris-tris-te.

Estava soletrando o Pau-Brasil. Hoje destravei a língua e já faço redondilhas sobre o Recife.

Desenvoltura.
Atração sinuosa
Da terra pernambucana
Tudo se enlaça
E absorve em ti
Retilínea
Cana-de-açúcar
Dobrada
Para deixar mais alta
Olinda
Plantada
Sobre uma onda linda
Do mar pernambucano.

Se não há balbuciamiento aí, há primitivismo. Isso há. Sem escola. Sem monomania. Primitivismo, porque se formos naturais, temos que ser de nossa época. Uma época que começa. Que ignorava o vapor há cem anos, o automóvel há trinta, o avião há vinte, o gás asfixiante há doze e o Brasil há três.

Muito seu admirador

OSWALD DE ANDRADE

Vittel Pavillon de Ceres, agosto de 1925.

O JORNAL.

Rio de Janeiro, 18-09-1925. p. 4.

UMA PALESTRA COM O ESCRITOR MODERNISTA OSWALD DE ANDRADE

A bordo do *Avon* passou, em dia desta semana, com destino ao Velho Mundo, o conhecido escritor paulista sr. Oswald de Andrade, autor dos livros *Os Condenados*, primeiro volume da série “A Triologia do Exílio”, e do romance *Memórias Sentimentais de João Miramar*.

O sr. Oswald de Andrade pertence ao grupo dos modernistas e foi dos que, em São Paulo, primeiro ergueram a voz em defesa do movimento renovador. Viaja constantemente à Europa, sempre trabalhando na intensificação de um intercâmbio especialmente entre a mocidade brasileira e a francesa. Preocupado, apenas, o que diga respeito à modernidade, residindo aí o seu maior empenho.

A bordo do *Avon* foi o escritor cumprimentado por uma comissão de intelectuais de Pernambuco. Depois, em companhia de um dos nossos confrades, percorreu vários pontos da cidade, várias igrejas antigas, dizendo, ao regressar para bordo, algumas impressões.

— Linda cidade, o Recife — conversou-nos o sr. Oswald de Andrade. — Foi uma surpresa para mim. E o será para quantos o visitarem. Como é que no Brasil existe uma cidade de aspecto tão encantador, de um progresso tão acentuado, e não na conhe-

cem todos os brasileiros, e a ignora a maioria dos sulistas? Sinto-me encantado com estas paisagens, o verde destas árvores, as palmeiras, os bananais, tudo. Sinto-me brasileiro, aqui. Aos pernambucanos compete trabalharem para que não desapareça, e, antes, fulgure mais intensamente, o espírito de brasilidade. Veja as cores dessas casas antigas: excelentes, repare na pintura dessas casas modernas: horríveis. Horríveis para nós, para o nosso ambiente. A arquitetura deve refletir a paisagem. A daqui apresenta tonalidades diversas, sedutoras, maravilhosas. Por que não aproveitá-la no cadinho da arte? Por que abandoná-la pela importação estrangeira? E não se pense que há incoerência nas minhas expressões, porque sou modernista. Sou-o, sobretudo, por ser brasileiro. Quero, por isso, a formação de uma arte nacional, que se há de extrair, sem dúvida, da obra dos antepassados. Podemos muito bem construir um arranha-céu numa arte nossa, sem ser essa arquitetura de cartão-postal que parece dominar o Brasil inteiro.

Depois, meu caro, temos de apresentar o Brasil aos estrangeiros. Como, porém? Copiado deles e mal copiado? Trabalharemos por um Brasil brasileiro, característico.

Apreciando o Recife, penso quantos motivos interessantes existem para o pintor, para o poeta nacional. Em São Paulo, Tarsila do Amaral, que é, incontestavelmente, a expressão mais moderna da pintura brasileira, trabalha intensamente no preparo de vários quadros inspirados em motivos nossos, para expor em Paris. Gozando de uma grande reputação nos meios artísticos da capital francesa, tem feito por nossa pátria o que nunca fizeram os comissionados oficiais. Tarsila do Amaral fundou a grande pintura brasileira, pondo-nos ao lado da França e da Espanha dos dias atuais. Ela está realizando a maior e mais patriótica obra de artista que se já viu neste país.

Em Paris, Blaise Cendrars escreve o segundo volume do *Feuille des Routes*,¹ inteiramente dedicado às paisagens brasileiras, ao que em nossa pátria pôde encontrar de natural, de essencial, de próprio. Colheu todos os motivos no interior de Minas, que Belo Horizonte foi construída sem nenhuma noção de brasilidade.

Em São Paulo, a residência de d. Olívia Penteado tornou-se o centro da nossa vida social e culta. Reúne, em sua casa fidalga,

1 *Le Formose* foi publicado com desenhos de Tarsila pela Au Sans Pareil, em 1924.

a intelectualidade moça daquela capital, e é de ver como todos defendem o Modernismo e sonham a formação de um Brasil brasileiro, e revoltam-se contra as macaqueações artísticas dos imitadores servis. No jardim do seu palacete, mandou d. Olívia Penteadó, com o seu espírito sutil e lúcido, decorar um pavilhão consagrado ao culto da modernidade, todo em arte moderna, vendo-se quadros de Tarsila do Amaral e de cujos trabalhos se encarregou o pintor russo Lasar Segall.

Que significa tudo isso? Uma reação contra a cópia das artes estrangeiras e a luta para a formação da nossa arte.

Eu desejo que em Recife se faça também o mesmo, conservando-se o que deve ser conservado e, ao reformar-se o inútil, ser de forma a que a obra nova surja com traços fortemente nacionais.

Asseguro-lhe que, para a formação da pintura, da arquitetura e da poesia brasileira, tem o artista de visitar o Recife, porque aqui encontrará fontes emocionais de primeira grandeza. Nas classes populares, então, devem existir motivos para uma grande poesia, sem ser importada de Heredia...

Sejamos modernos, sendo brasileiros. Formemos o nosso Brasil.

No meu livro a sair proximamente — *Poesia Pau-Brasil* — dedicarei um poema ao Recife...²

Falou que o título do seu livro é Poesia Pau-Brasil...

Sim. Chamei Pau-Brasil à tendência mais vigorosamente esboçada nos últimos anos de aproveitar os elementos desprezados da poesia nacional. Há dois anos publiquei, sobre essa tendência, um manifesto. Persisto nas mesmas idéias. É a expressão que traduz, com toda propriedade, a poesia brasileira, inspirada nos motivos existentes em nosso país. O mesmo disse, faz poucos dias, em uma entrevista a *O Jornal*, do Rio. Poesia de exportação oposta ao espírito e à forma de importação. E essa poesia já está sendo brilhantemente cultivada por Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia, para não citar outros nomes existentes fora da capital do meu Estado. Todo o meu esforço tem sido para a construção da poesia *Pau-Brasil*, como todo o esforço da grande artista Tarsila do Amaral tem sido para a formação da

² O poema homenagem a Recife faz parte do *Lloyd Brasileiro* e tem o mesmo título da cidade que encantou Oswald.

pintura brasileira. Não devemos perder tempo, que à nossa geração pertence o preparar o alicerce dessa obra, que outra, sem dúvida, terminará. O nosso cérebro necessita de tudo quanto possa constituir a nossa realidade mental.

Aproximava-se a hora de o *Avon* partir. Arriscamos uma pergunta sobre o movimento modernista. Disse-nos o escritor de *Os Condenados*:

Já não se contesta que é um movimento vitorioso. E universal. No Brasil muita gente se espanta porque pensa que isso é inovação brasileira.

Quanta tolice! Entanto, é no Brasil que o Modernismo se acha ainda indeciso. Nos países da Europa tudo se renova depois da grande guerra, em especial as artes, a literatura, que são privilégio das elites. Estamos numa época de pesquisa que chegou a formular os seus primeiros resultados. O século XX vai achando a sua expressão. Isso sem formar-se escola. Arte livre. Artista independente, sem preconceitos, sem fórmulas consagradas. Sair de uma escola para obedecer a novas regras é cair noutra escola. Resultará nenhum o esforço de libertação.

A vitória do Modernismo é indiscutível, como o triunfo do telefone, do avião, do automóvel. Há, aliás, toda uma correspondência viva e direta entre as artes de hoje e o nosso tempo tão diverso dos tempos idos.

A sineta dava o último aviso. Agradecemos ao escritor paulista. Dando-nos o seu abraço de despedida, disse-nos, ainda, o sr. Oswald de Andrade:

Vou escrever para São Paulo dizendo do encanto desta maravilhosa cidade.

Entrevista a Joaquim Inojosa
JORNAL DO COMÉRCIO.
Recife,
21-06-1925.

CONTRA OS “EMBOABAS”

A GERAÇÃO BRASILEIRA DE INTELLECTUAIS
QUE ENCABEÇAM O MOVIMENTO DE RENO-
VAÇÃO HÁ DE DIRIGIR OS DESTINOS DO PAÍS,
DIZ O SR. OSWALD DE ANDRADE.

Antes de embarcar para a Europa, Oswald de Andrade expôs o seu pensamento sobre os novos movimentos de idéias no Brasil com as seguintes palavras:

A geração brasileira de intellectuais que encabeça o movimento de renovação de modo nenhum está disposta a abdicar dos seus direitos adquiridos. Ela é que há de dirigir os destinos do país. Ela saberá tomar conta da política como da imprensa, da orientação social como da estética e pedagogia. É uma fatalidade. Quando começamos o movimento, éramos uma dúzia do Rio e de São Paulo. Fomos vaiados no Municipal daqui, durante a Semana de Arte Moderna.

Hoje, do extremo norte ao extremo sul, quase todas as intelligências moças estão a serviço ativo da causa já determinada por nossa possante eclosão. Mais de cem escritores em Minas, no Rio

Grande do Sul, no Nordeste se encaminham para a nacionalização e para as reivindicações fatalistas tão ardentemente reclamadas pelos destinos do Brasil. Haverá desvios, erros de atalho e algumas recordações emboabas e catequísticas que pensam paralisar-nos. Impossível. Meia dúzia de grandes figuras se revelaram fortemente na ofensiva. Basta que lhe cite os nomes de Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto, Antonio de Alcântara Machado, Plínio Salgado, Sérgio Milliet, Cassiano Ricardo, Tácito de Almeida. Veja a cultura de Cândido Motta Filho, o "humour" de Couto de Barros. E Oswaldo Costa,¹ Prudente de Moraes Netto, Sérgio Buarque, Rubens de Moraes, Luiz Aranha,² Paulo Mendes de Almeida. Isso só em São Paulo. E não todos! No Rio, de Álvaro Moreira e Ronald, a Filipe d'Oliveira, sem falar nos críticos do movimento... E o grande Manuel Bandeira. E Gilberto Freyre em Pernambuco, com Ascenso Ferreira.

E Jorge de Lima, Augusto Meyer. E os ases de Cataguases...

Há, porém, divergências de grupos?

Numa coisa podemos divergir.

É na nova Guerra dos Emboabas que iniciamos em gloriosas chacinhas e que promete se centralizar na *Revista de Antropofagia*.³

Antropofagia?

Perfeitamente. Dirigida por Antonio de Alcântara Machado e Raul Bopp, esse mensário pretende conjugar todos os esforços conscientes do Brasil moço, a fim de extirparmos da nacionalidade o que lhe é estranho e antagônico.

De que modo?

Neste assunto não tenho procuração. Só posso falar das minhas intenções. Reabilitar o índio não catequizado e o seu extraordinário espírito edênico. De outro lado, ativar a ligação ra-

1 Escreveu sob o pseudônimo de Tamandaré; companheiro de Oswald também de militância política no PC.

2 Mário de Andrade tem um longo ensaio dedicado à sua poesia ("Luiz Aranha ou A Poesia Preparatoriana", onde são reunidos vários poemas inclusive o "Poema Giratório", reunido em *Aspectos da Literatura Brasileira*. São Paulo, Martins, s.d.). Recentemente em *Cocktails*, sob a organização de Nelson Ascher e Rui Moreira Leite, tivemos republicada a sua obra.

3 *Revista de Antropofagia* (1928-1929) circulou em duas fases: a primeira sob a direção de Antonio de Alcântara Machado e Raul Bopp; a segunda sob a liderança de Oswald de Andrade, e tinha como redatores Jaime Adour da Câmara, Geraldo Ferraz e Raul Bopp.

cial com os nossos elementos vindos de fora tirados o governador-geral e o catequista, considero todos apreciáveis e afins.

Mas essa senha de antropofagia?

Foi talvez na pintura bárbara de Tarsila que eu achei essa expressão. Sob um tom de paradoxo e violência, a antropofagia poderá quem sabe se dar à própria Europa a solução do caminho ansioso em que ela se debate. Note você como a Europa procura se primitivizar. Aí estão todos os grandes movimentos para prová-lo. Pois como aqui não se pode tomar a sério o sr. bem o sr. Jacques Maritain não significa coisa nenhuma. Leia-se ou Freud ou Bergson ou Conuê ou Keyserling ou Spengler ou Bertrand Russell, examine-se quaisquer tendências coletivistas — Dada, Futurismo, Surrealismo, Expressionismo —, e salta aos olhos uma ávida repugnância por toda a milenária idolatria de ordem religiosa intelectual e moral que a guerra começou a estorvar.

Quanto a nós somos o fruto de uma deformação inquisitorial traduzida em português quinhentista pela violenta mediocridade do padre Vieira. A isso e ao que se poderia chamar “A evolução do governador-geral” devemos a nossa invertebralidade nacional. Siga as minhas idéias e verá como ainda não proclamamos direito a nossa independência. Todas as nossas reformas, todas as nossas reações costumam ser dentro do bonde da civilização importadas. Precisamos saltar do bonde, precisamos queimar o bonde.

É difícil...

Já não é tanto. A Europa atualista nos ajudará nessa reivindicação do espírito natural que eu chamaria de “movimento do homem” paralelo ao movimento da terra. A obra de desvio e de falsificação do nosso tipo nativo há de terminar pela revanche da sua integral antropofagia. Comeremos todos os emboabas.

A começar...

Pelo sr. Baptista Pereira que acaba de se consagrar o recordman do lugar-comum e depois que deu para literato constitui o maior flagelo da República.

ESTADO DE MINAS.
Belo Horizonte,
13-05-1928.

NOVA ESCOLA LITERÁRIA

OS "ANTROPÓFAGOS" PAULISTAS

COMO O SR. OSWALD DE ANDRADE FALA DO
NOVO CREDO

Está formada, há algum tempo, uma nova corrente literária. É a do Grupo Antropofágico. Apesar do nome aterrorizante, mau grado todo o horror que possa o batismo lembrar, é este grupo o único páreo literário de vanguarda, que consegue este milagre: trazer a paz, uma paz gostosa, nirvânica, ao bulhento meio de letras.

Conhecia *O Jornal*, vagamente, alguns pormenores. Sabia, por exemplo, quais os nomes que puxavam o clã para a raia pública. Necessitava, porém, de detalhes. E foi procurar um informante. Oswald de Andrade, o sadio autor das *Memórias Sentimentais de João Miramar* e do *Primeiro Caderno de Poesia*. E ele falou:

O QUE É A ANTROPOFAGIA

Definir a Antropofagia (Anthropophagia) não é coisa fácil. Toda a definição é imprecisa. Nós nos utilizamos, atualmente, de um idioma gasto, decrépito, pobre de onomatopéia, idioma deturpado pelo vaivém do tempo, afastado de uma íntima e natural comunhão cósmica entre os elementos expressivos e o significado real do que interpretam.

A expressão, assim, não é bem a fotografia do nosso pensamento; é, quando muito, a tinta de tela impressionista, em que tentamos reproduzir as nossas emoções.

Mas, experimentemos: *A Antropofagia é o culto à estética instintiva da Terra Nova.* Outra: *É a redução, a cacarecos, dos ídolos importados, para a ascensão dos totens raciais.* Mais outra: *É a própria terra da América, o próprio limo fecundo, filtrando e se expressando através dos temperamentos vassallos de seus artistas.* Estas, as definições que consigo construir, no momento. Definições de emergência, secas como o martíni que tomamos, e que surpreendem apenas um flanco do assunto.

Um sorriso que punha uma reticência na frase, uma emborcada no cálice de martíni. Oswald de Andrade tinha vontade de parar.

POR QUE ANTROPOFAGIA

Por que a Antropofagia?, perguntamos... *Por que uma denominação assim recendente a ciência velhusca, fósfil?*

Por quê? Porque nós somos, antes de tudo, antropófagos... Sim, porque nós da América — nós, o autóctone: o aborígene — rodeamos o cerimonial antropófago de ritos religiosos. Comer um ser igual para o índio não significava odiá-lo. Ao contrário: o bugre sempre comeu aquele que lhe parecia superior. Aquele, dono de qualquer dom sobrenatural, sobre-humano que o fazia aproximar-se dos pajés. De resto, isto é profundamente humano: o homem sabe o que deve comer. A não ser em circunstâncias extremas de romances passadistas, nunca se soube de homem que deglutisse o que lhe desagradasse. O instinto repele: não concorda.

De sorte que...

Que tinha o valor de uma homenagem ao morto. Prova? o ser comido batizava o que o comia. O índio adotava o nome daquele que comera, por julgá-lo superior, já intelectual, já moralmente.

O dia em que os aimorés comeram o bispo Sardinha deve constituir, para nós, a grande data. Data americana, está claro. Nós não somos, nem queremos ser, brasileiros, nesse sentido político-internacional: brasileiros-portugueses, aqui nascidos, e que, um dia, se insurgiram contra seus próprios pais. Não. Nós somos americanos; filhos do continente América; carne e inteligência a serviço da alma da gleba. O fim que reservamos a Pero Vaz Sardinha tem uma dupla interpretação: era, a um tempo, a admiração nossa por ele (representante de um povo que se esforçara por derrubar aquele presente utópico, que foi dado ao Homem ao nascer, e que se chama Felicidade) e a nossa vingança. Porque, que eles viessem aqui nos visitar, está bem, vá lá; mas que eles, hóspedes, nos quisessem impingir seus deuses, seus hábitos, sua língua... isso não! Devoramo-lo. Não tínhamos, de resto, nada mais a fazer.

A ANTROPOFAGIA DE CULTURA

Passemos ao campo restritamente literário, propõe o nosso entrevistado. Nós importamos, no bojo dos cargueiros e dos negreiros de ontem, no porão dos transatlânticos de hoje, toda a ciência e toda a arte errada, que a civilização da Europa criou. Importamos toda a produção dos prelos incoerentes de Além-Atlântico. Vieram, para nos desviar, os Anchietas escolásticos, de sotaina e latinório; os livros indigestos e falsos.

Que fizemos nós? Que devíamos ter feito? Comê-los todos. Sim, enquanto esses missionários falavam, pregando-nos uma crença civilizada, de humanidade cansada e triste, nós devíamos tê-los comido e continuar alegres. Devíamos assimilar todas as natimortas tendências estéticas da Europa, assimilá-las, elaborá-las em nosso subconsciente, e produzirmos coisa nova, coisa nossa. Tal não fez o americano de ontem, entretanto. E errou. A multidão americana — pequena, é verdade —, que passeia hoje

em meio à multidão heterogênea da América, sente, agora, o erro. Sente-o, mas não o compreende. Só o europeu, que flana uma ou duas gerações aqui, não o sentirá.

Mas nós, os artistas — sismógrafos sensibilíssimos dos desvios físicos da massa —, nós de vanguarda, hiperestéticos, o compreendemos. E procuramos acertar. Acertar, como? Fiéis aos moldes da veneranda lógica, repelindo o erro, para depois, depois descobrirmos algo do nuevo, que se aproxime da verdade.

A SENHA

Até há pouco, prossegue Oswald de Andrade, recebíamos nós a senha do “dernier cri”. Cansou-se o fazedor de civilizações. Esgotou-se.

Tudo o que nos pode mandar agora não passará de repetição do já mandado.

É a nossa vez. Nós somos, agora, o piloto do barco. Cumpre-se o mastigadíssimo refrão do Latio: *Hodie mihi; cras tibi*.¹

A Europa faliu, meu amigo, definitivamente. Faliu. Há muito vinha agonizando. Desde a Revolução Francesa de 79, desde a conquista dos direitos do homem. Influência nossa. Da América, que acenava, ao longe, com o seu grande sol ingênuo de liberdade, de felicidade, o que quer dizer: de naturalidade. Nós queremos voltar ao estado natural, ouça bem, natural, não primitivo, da História.

Ao chorrilho de ismos, que recebíamos mensalmente, vamos opor este último e único: poderíamos dar-lhe também um sufixo em ismo: naturalismo, primitivismo, eternismo, troglodismo etc. Preferimos, entretanto, o nome científico puro, sem berloques beletristas. Antropofagia está bom. Está muito bom.

1 “Hoje eu; amanhã tu”.

REVISTA DE ANTROPOFAGIA

O movimento é homogêneo? Já existe alguma plêiade organizada que o abraça?

Já. Antonio de Alcântara Machado, Raul Bopp, Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Cassiano Ricardo, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida e outros muitos, para só falarmos do terreno puramente literário, circunscrito a São Paulo, estão no front do movimento. De outros Estados temos já recebido adesões. São artistas de todas as artes que nos enviam o seu voto de solidariedade, o seu nome para o alistamento.

O movimento é sério, prossegue o autor de *Os Condenados* e da *Estrela de Absinto*. Não há blague no que eu afirmo; não há, em absoluto, a volúpia literária de fazer paradoxos, de tomar atitudes fictícias de blasé. Vamos trabalhar. O mundo precisa de nós. Espera, ansioso, pela nossa senha. Para onde se voltam, na verdade, os espíritos-arautos do Velho Mundo? As sentinelas avançadas dos exércitos literários? Que fazem Soffici, na Itália, Spengler, Keyserling e tantos outros? A massa mesmo não tem vontade de voltar? Por que faliram as artes trabalhadas, cerebralizadas, que a humanidade inventou? Como explicar a alegria mórbida com que a Europa acolhe e aplaude o africaníssimo bodum da Josephina Backer? A volta, meu amigo... a ânsia de se redescobrir...

Esta semana aparecerá o nosso jornal. A *Revista de Antropofagia*. É ela o forte de Coimbra da nossa guerra santa. A fortaleza de que despejaremos os nossos obuses-manifestos. São comandantes da praça Raul Bopp e Alcântara Machado. Dois valentes, invencíveis guerreiros.

RESUMO

Esta é a última corrente literária, ou melhor: de arte, que, entre nós, se concretiza, e cuja plataforma vai buscar motivos de Beleza no manancial atávico da raça. Estão, portanto, dentro dela todos aqueles que trabalham o barro étnico que nos plasmou. Paim está dentro do programa. Villa-Lobos, Lourenzo Fernandez e outros podem estar. Pintores, como Tarsila do Amaral, tam-

bém. É a nova corrente o complemento lógico, maduro, das tendências de nossos artistas, revelados — com muito erro, não há dúvidas — desde Gregório de Mattos. Surge a Antropofagia como um efeito imediato do *Verdamarelismo* e da *Anta*.² Mais tardia que elas, é, talvez, mais acertada.

Terá vida mais duradoura? Virá, mesmo, de encontro a um desejo da massa?

O JORNAL.
Rio de Janeiro,
18-05-1928.

² Verdeamarelismo ou Escola da Anta foi o grupo modernista liderado por Plínio Salgado, Menotti del Picchia e Cassiano Ricardo, cujo manifesto *Nbeengaçu Verde-Amarelo* foi lançado em 1929 no *Correio Paulistano*.

A PSICOLOGIA ANTROPOFÁGICA

O estado atual da nossa mentalidade é muito interessante.

Se de um lado uma porção de “grandes nomes” continua a tradição de microcefalia que de preferência se aninha na Academia Brasileira e na Escola de Belas-Artes, proclamando por exemplo, sem intuito de blague, num Congresso de Eugenia, que, nestes tempos freudianos, a castidade deve ir até o casamento, por outro lado o Brasil renasce poderosamente. Falo das novas expressões de pintura, de escultura, de poesia e de pensamento que já podem garantir nada termos com os aposentados — natos que querem atravancar o caminho de todas as conquistas.

É verdade que a exposição¹ de Tarsila agora encerrada no Palace Hotel deu motivo a se porem de fora orelhas imensas como a do ilustre crítico Flexa Ribeiro. Mas também produziu as manifestações vivamente intelectuais de João Ribeiro, Álvaro Moreyra, Jorge de Lima, Bezerra de Freitas, Clóvis Gusmão, Landucci, Angyone Costa etc. e algumas notas muito brilhantes de críticos e jornalistas.

¹ Exposição de 35 quadros de Tarsila do Amaral no Rio de Janeiro, inaugurada em 20 de julho de 1929, no Palace Hotel. (Ver comentários na *Revista de Antropofagia*, 01-08-1929.)

O NEOCATOLICISMO

Explico o movimento encabeçado pelos srs. Tristão de Athayde² e Augusto Frederico Schmidt como a conseqüência da nossa nefasta educação de casa e de família. É um prolongamento do espírito de ralho e de carinho que presidiu, em todos os Botafogos do Brasil, à nossa formação menineira. No fundo das recordações de cada um de nós, jaz uma mamãe aflita com os perigos desse abismal mundo moderno que vai roendo o ciclo vencido. Junte-se a esse forte elemento emocional, que talvez seja o grave empecilho para a conquista profunda da vida, o medo físico do inferno, a esperança na ressurreição de uma carnezinha modestamente gulosa e regalada pelos trópicos, um gozo de laidainhas e de velas e a autoridade nunca seriamente examinada de Jacques Maritain e Charles Maurras.

É verdade que houve também a influência de Jackson de Figueiredo ao que querem, um cangaceiro do espírito, uma “coluna de fogo” etc.

Isso realmente me espanta porque para provar o contrário aí está a obra inteira de Jackson, de uma mediocridade lancinante e de uma falta de importância absoluta. A não ser que peçoalmente ele fosse o contrário do que era nos livros.

É lastimável tudo isso. Homens de um talento vivo como Tristão e Schmidt vivem pregados ao barro das tragédias opacas e subjetivas, românticos sem repercussão num mundo que brinca e devora. Personagens a sério, mas muito menos interessantes, da minha “Trilogia do Exílio”. Simplesmente.

O resultado é a greve da fome em que alguns deles já caíram.

Não escrevem mais, quebraram a caneta e beberam a tinta, que Freud os classifique catolicamente.

2 Alceu Amoroso Lima converteu-se ao catolicismo em 1928. Foi muito amigo e discípulo de Jackson de Figueiredo, com quem se correspondeu durante muitos anos. Depois da morte de Jackson, ocupou a presidência do Centro Dom Vital e a direção da revista *A Ordem*. Conforme informação de Antonio Carlos Villaça, Alceu Amoroso Lima exerceu influência decisiva na formação do jovem poeta Augusto Frederico Schmidt, através de longa correspondência quando este morava em Nova Iguaçu.

A ANTROPOFAGIA

O movimento que vitaliza o Brasil é o que chamei de Antropofagia. Em São Paulo encontrei duas forças extraordinárias que ao meu lado formaram na urgente obra de anticatetequese que vamos levando a efeito. São Raul Bopp e Oswaldo Costa.

O jesuíta deixou entre nós uma psique neurastênica e a justificativa moral dos movimentos do coração. É isso que faz, por exemplo, em Minas, o sr. Affonso de Guimarães Júnior continuar solidário em tudo com a bestice paterna.

É verdade que se trata ali de um atavismo pesado. Mas em geral são os umbigos sentimentais que urram contra a limpeza que vamos fazendo e que faremos, custe o que custar. “Uma questão de amizade.” Cretinos!

Como se o sr. Mário de Andrade, antes, durante e depois da amizade que teve, por mim, não fosse acima de tudo um cínico! Quanto a mim o que sempre me impressionou no Mário foi o barítono.

A REVOLUÇÃO METAFÍSICA

A Antropofagia é uma revolução de princípios, de roteiro, de identificação. O homem por uma fatalidade que eu chamo de “lei de constância antropofágica” sempre foi o animal devorante. Mas as religiões de salvação o desidentificaram, levando-o aos piores desvios (catolicismos, teosofia, puritanismo, comunismo ideológico). O ciclo primitivista, poderosamente escorado em Bergson, e os intuitivistas, em James, e todos os pragmatistas, inclusive Maurice Blondel, Spengler, Lenin e todos os quebradores de Sèvres, em Shan, Welle, na jurisprudência sentimental de Beroldsheimer, nos movimentos e anticodificação, no Surrealismo e todos os documentos, no behavior na tendência presentista antigenética, da Escola de Marburgo, na anarquia civilizada de Krishnamurti como na revolução integral das expressões — poesia, artes, arquitetura — na América do Norte ínteira com o cinema, o divórcio, o box, o crédito e sobretudo o apetite: o ciclo primitivista é invencível. Nós, brasileiros, oferecemos a chave que o mundo cegamente procura: a Antropofagia.

NEM CRISTÃOS NEM COMUNISTAS

O cristianismo felizmente agoniza numa terra preparada de todo lado para a descida antropofágica. E como o Brasil colonial timbra em ser o país mais atrasado do mundo, e agora que se lembraram erigir num morro do Rio o Monumento cristão.

RETIFICAÇÃO DE FREUD

A Antropofagia só pode ter ligações estratégicas com Freud é apenas o outro lado do catolicismo. Como Marx é o outro lado do capitalismo. Como os comunistas são os novos burgueses da época transitória. Não foi à toa que eu disse outro dia, a Tristão de Athayde, que antes de Hegel e da dialética nunca houve filosofia. E mais que filosofia, nunca houve compreensão.

Mas Antropofagia que bafeja no homem natural a construção da sociedade futura não pode deixar de ver alguns erros profundos de Freud.

O recalque que produz em geral a histeria, as nevroses e as moléstias católicas não existe numa sociedade liberada senão em percentagem pequena ocasionada pela luta. E o desafoço direto, tornado possível, remedia tudo.

Cabe a nós antropófagos fazer a crítica da terminologia freudiana, terminologia que atinge profundamente a questão. O maior dos absurdos é por exemplo chamar de inconsciente a parte mais iluminada pela consciência do homem: o sexo e o estômago. Eu chamo a isso de “consciente antropofágico”. O outro, o resultado sempre flexível da luta com a resistência exterior, transformado em norma estratégica, chamar-se-á o “consciente ético”.

FREUD CATÓLICO

As experiências das teorias de Freud numa sociedade natural trariam também a derrocada de outros resultados da psicanálise. Que sentido teria num matriarcado o complexo de Édipo?

A “Traumdeutung” interpretada antropofagicamente reduziria o sonho católico de Freud ao palpite de S. Cipriano.

O documental índio (o sonho augural e estratégico em Amorim, Barbosa Rodrigues, Couto de Magalhães, Macunaíma) é mais do que tudo o desenvolvimento de um estado de luta que a memória desperta. Nada tem como o sonho em função do “pecado sexual” que coloca Freud nos quadros do catolicismo.

DON JUAN NA TRIBO

O que poderia perfeitamente elucidar o abismo que existe entre a mentalidade cristã, sobre a qual a pesquisa, esses e outros excelentes selvícolas brasileiros, a reverendíssima sabedoria do padre Schmidt, de Viena (Semana de Freud é notável), e a outra, a antropofágica, seria um desembarque de Don Juan em um acampamento poligâmico de caiapós, apesar do atestado de conduta que passou a Etnológica — Milão, 1925.

As piscadelas do herói em função do pecado sexual teriam um sucesso de comicidade incalculável ante a liberdade camarada da tribo.

OS ERROS DE MARX

São quatro: Resposta aos quatro.

1º) O que interessa ao homem não é a produção e sim o consumo.

2º) O “homem histórico” é uma criação artificial que não pode presidir a nenhuma pesquisa séria de ordem psicológica. O determinismo histórico é a anedota do determinismo biológico. Muitas vezes mal contada.

3º) O que faz do comunismo, como de qualquer movimento coletivo, uma coisa importante é ainda e sempre a aventura pessoal.

4º) A idéia de um progresso humano indefinido (adotada por mais de um intérprete de Marx) traria finalmente o quadro proposto pela Idade Média, no começo o pecado original. No fim do céu.

A PSICOLOGIA ANTROPOFÁGICA

Com base nas duas grandes correntes da psicologia atual — o “behaviour” e a “gestaltheorie” —, sem deixar de lado a crítica de Politzer, tracei em um trecho da *Revista de Antropofagia* as diretivas que creio indicadas para a solução do problema psicológico.

No homem do horizonteptolomaico se encaixa um aparelho telepático que o leva a todas as aventuras chamadas do espírito.

A função antropofágica do comportamento psíquico se reduz a duas partes: 1.º) totemizar os tabus exteriores; 2.º) criar novo tabu em função exogâmica.

Unificando numa figura (gestalt) o universo fragmentário, totemizamos — produzindo ao mesmo tempo o novo tabu com que partimos à aventura exterior da conquista (exogamia).

A CRIAÇÃO DO TABU

Com base nas duas grandes correntes da psicologia que mais de perto acompanha a ação humana é a criação do tabu, elemento de função fixa na transformação do eterno presente. O seu caráter é sacro: o direito, a arte e a religião.

Na totemização desses valores todos os dias consiste a vida individual e social, que por sua vez renova os tabus, numa permanente e, graças a Hegel, insolúvel contradição.

TURISMO

Pedro Eremita foi o Cood das cruzadas. Exogamia. Totalidade da humana aventura. O que a humanidade quer é pretexto para viajar, mesmo que seja a carnificina do Santo Sepulcro.

Contra o homem econômico de Marx — a realidade opõe o antropófago turista, o homem perdulário.

A POSSE E A CHAMADA³

O direito antropofágico tem as suas razões nas leis cósmicas que nos condicionam.

A lei de gravidade nos garante a posse de um pedaço do planeta, enquanto vivermos.

Disso à noção de propriedade, de título morto, de latifúndio e de herança, nunca! Somos contra tudo isso. Mas a posse é respeitável, garantida pelo valor de quem possui e pela vitalidade de quem sabe guardar.

Não fosse o Brasil o maior grilo da história — um grilo de milhões de quilômetros talhados no título morto, de Tordesilhas.

Outra condição de nossa vida é o eletromagnetismo a que se precisa reduzir a pesquisa admirável de Freud. Na posse e na chamada freudiana se exercerá em plena vitalidade o direito antropofágico.

Somos solidários com todos os movimentos de anticodificação.

Pelo julgador contra o legislador, pelo costume e pela sentença sentimental, imediata e oportuna.

Ao meu ver o direito atual — tabu prolongado de Kant — está sofrendo o embate mais sério de sua vida extra-humana. Temos que descer à realidade da taba. Higiene e vingança únicos imperativos categóricos.

Nos países cultos graves professores de universidades indicam os novos caminhos: além da educação sexual preparando a liberdade de amar a eutanásia a maternidade consciente.

Infelizmente, aqui no Rio, homens da maior responsabilidade exaltam ainda a vil comédia da castidade católica. A nova geração saberá castigá-los.

³ A teoria da posse contra a propriedade é discutida por Oswald de Andrade, inicialmente no *Manifesto Antropófago*, na *Revista de Antropofagia*, em *O Rei da Vela* e no *Marco Zero* (ver a propósito nosso ensaio "Oswald de Andrade, A Luta da Posse contra a Propriedade". In: Roberto Schwarz, org., *Os Pobres na Literatura Brasileira*, São Paulo, Brasiliense, 1983).

A EXPANSÃO ANTROPOFÁGICA

Os aposentados-natos urram, insultam, se acovardam, arremetem de novo. Tudo inutilmente. O movimento antropofágico é invencível. Além do primeiro “Sambaqui” que vamos dar agora à publicidade em São Paulo contendo o documental da campanha, prossigo eu mesmo os dois livros que darei no próximo ano *Serafim Ponte Grande* e *Hipótese Antropofágica*.⁴ Oswald Costa está compondo com a sua força estupenda o “*Iurupary*”, condensação da política e sociologia, Raul Bopp publicará talvez o mais belo poema do Brasil — *Cobra Norato*. Clóvis de Gusmão prepara o estudo sociológico *Tenupa-Olkó*, ensaio sobre a filosofia do “Deixa está”!⁵

O último livro de Álvaro Moreyra, *Circo*,⁶ indica a linha ascendente da poesia brasileira, saída do Simbolismo. A Pontes de Miranda caberá a mesma indicação no campo de direito. Do seu talento e da sua cultura a Antropofagia espera muito, Aníbal Machado dará em breve *João Ternura*, revelação do seu grande talento. E do Norte ao Sul,⁷ e ao Nordeste, uma geração de forças novas se prepara para a transformação do Brasil: Garcia de Rezende, Renato Söldon e o grupo de Maracajá, Eneida e o grupo do Pará, Achilles Vivacqua e os liberados de Minas, Pagu em São Paulo.

O JORNAL.

Rio de Janeiro,
agosto de 1929.

4 *Serafim Ponte Grande* — lançado em 1933 pela Ed. Ariel. “Hipótese Antropofágica” não chegou a ser publicado pelo autor.

5 Desses livros citados somente o *Cobra Norato* foi publicado em 1931.

6 Álvaro Moreyra publicou o livro de poemas *Circo*, em 1929, pela Ed. Pimenta de Mello e foi dedicado a Tarsila e Oswald de Andrade.

7 Oswald ficou ressentido com os intelectuais mineiros que não o acompanharam na briga com Mário de Andrade e Alcântara Machado, por ocasião da segunda fase da *Revista de Antropofagia*. (Consultar sobre o assunto nosso livro *A Vanguarda Antropofágica*. São Paulo, Ática, 1985. Cap. “O Cômico e Paródia”.)

OSWALD DE ANDRADE O PEN CLUBE PARIS E PORTUGAL

“Suplemento Literário” queria fazer uma reportagem sobre o Congresso de escritores que não se realizou, e para isso dirigiu-se ao PEN Clube Brasileiro¹ solicitando a remessa de material sobre o assunto. Fomos gentilissimamente recebidos, prometeram mundos e fundos, mas, segundo o já habitual programa de afastamento, até hoje as informações não chegaram...

Em vista disso, havia apenas dois caminhos a seguir: o primeiro publicar apenas o título: O CONGRESSO DO PEN CLUBE QUE NÃO SE REALIZOU, VISTO ATRAVÉS DE UMA ENTREVISTA QUE NÃO CHEGOU! e o resto da página em branco; ou então esquecer a reportagem e procurar outra coisa.

Era essa a situação quando um zunzum veio vindo pela avenida afora, tomando força, tomando força, tanta força que subiu onze andares e gritou na porta:

— Oswald chegou!...

— Que Oswald?

O Oswald de Andrade chegou hoje...

A notícia foi uma bomba, todo o mundo sabia que ele estava para chegar de um momento para outro, porém ninguém sabia como nem quando, uns diziam que vinha na terceira classe

¹ PEN Club — Associação Mundial de Escritores com sede em Londres, destinada a promover a cooperação entre intelectuais, com filiais em vários países, inclusive no Brasil.

de um navio que já atracara há uma semana, outros que se alis-tara, outros que vinha montado numa bala etc. etc. etc. Foi tan-to boato que quando se disse que viajara no *Angola*² ninguém acreditou. Mas o fato é que chegou mesmo, até parece mais um blague do Oswald.

De madrugada, às 9 horas, estávamos no apartamento do Leme. Encontramos o herói dormindo, dormindo, placidamen-te no meio dos caixotes, das malas, dos quadros, e de uma enor-me cesta de laranjas, abacaxis e bananas, frutas da terra que o bairrismo paulista de Julieta Bárbara se encarregara de man-dar buscar logo cedo. Julieta Bárbara vai tirá-lo da cama, en-quanto informa que a viagem foi péssima, cheia de apreensões, o navio trepidante, a comida horrível, e lastima-se de não en-contrar água nesta muito respeitável cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

O ambiente é o que pode haver de mais Oswald de Andra-de. Parece um cenário ideado por ele para uma peça no gêner-o de *O Homem e O Cavallo*. Quadros por toda a parte, nas pare-des, no chão; caixotes fechados, caixotes abertos, caixotes de to-do o jeito, de todo o feitio; malas, a um canto uma barraca de praia, em outro a mobília toda agrupada, uma peça por cima da outra. Uma das paredes é uma enorme janela de onde se vêem o Leme, o mar, gente lá embaixo na areia, Copacabana toda. E no meio disso tudo Oswald de Andrade, em camisa esporte, sen-tado numa cadeira que ele batizou "a cadeira do papa", chupa laranja e conversa...

Mas não é mais o *enfant terrible*, o *blaguer* inveterado quem fala, é um homem impressionado, sério, um homem que vem da Europa e traz os olhos encharcados das cenas que viu.

Fala primeiro nos poucos dias que passou na Inglaterra esperando resolver se ia ou não a Estocolmo; na enervante frie-za de Londres; na ida de avião para a França. Diz que encon-trou Paris não mais a cidade-luz, mas a cidade-às-escuras. Os *boulevards* desertos, como se todos os dias fossem domingos. Em compensação as estradas ocupadas por longas filas de auto-móveis de todas as raças, feitios, épocas e tipos, caminhando

2 O escritor viajou a bordo do *Alameda Star* e conforme nota do jornal *O Correio da Manhã*, de 21 de outubro de 1939, desembarcou no Rio de Janeiro, viajando no navio português *Angola*.

devagar, uns atrás do outro, como se fizessem o curso de terça-feira gorda na av. Atlântica. Parisienses a caminho do interior, da província.

Oswald de Andrade continua descrevendo cenas, como quadros de Rembrandt, alguns sombrios apenas, outros violentos. E no meio de todo esse escuro uma mancha clara: a chegada em Bordeaux numa ambulância que ele por falta de outra condução alugou por 1.600 francos. Vejam só o *close-up*: gente apinhada julgando tratar-se da chegada dos primeiros feridos do *front*, e a porta se abrindo para deixar saltar a poetisa Julieta Bárbara, toda fagueira...

Na viagem rumo à fronteira, paramos em Biarritz.³

E aí?

Lá, lá encontramos reunida a ralé mais alta do mundo. Condes da Espanha, ladies inglesas, a alta burguesia da França, turistas e cosmopolitas de toda a parte. Último foco de uma civilização. Fim de raça da Europa. Gente incrível, cada *toilette*, cada pulseira de brilhantes, da gente fazer assim... (Oswald tapa os olhos com as mãos.) Pela primeira vez na vida compreendi Maurice Dekobra, há gente mesmo assim. Uns tipos de mulheres, umas idéias, umas conversas do outro mundo. Vi lâmpadas de *front* empregadas para verificar a quantidade de uísque nos copos.

Daí entramos na Espanha, que atravessamos rapidamente, quase sem parar, e chegamos a Portugal.

Fala sobre Portugal: terra, povo, condições de vida, crise etc.

E a literatura?

Venho entusiasmado com a geração nova de Portugal. Não se pode fazer idéia do que eles são, do que eles fazem, do que eles querem realizar. São cerca de vinte rapazes de grande talento...

Vinte? E onde estão, que fazem que ninguém os conhece?

Pouco publicam. Modernismo não tem circulação em Portugal. O sinal está fechado. O Antonio Ferro deu um inspetor de trânsito exigente.⁴

3 Biarritz — importante estação balneária e climática, situada nos Pireneus Atlânticos, sobre o golfo de Gasconha no país basco.

4 Realizou várias conferências durante a sua temporada no Brasil em 1922: no Trianon e no Teatro Lírico do Rio de Janeiro em 26 de junho e 30 de julho, em São Paulo no Municipal e no Automóvel Clube em 12 de setembro e 10 de novembro, em Santos no Teatro Guarany em 10 de outubro. A conferência "A Idade do Jazz Band" foi publica-

Dentre esses "gênios" quais os mais notáveis?

Há diversos, muitos mesmo. A começar pelo grupo denominado Presença,⁵ grupo arte pela arte, torno de marfim, que conta com um grande crítico, como João Gaspar Simões, e um grande poeta, como José Régio, além de figuras como a de Casais Monteiro, Antonio Sérgio etc. Do outro lado, no movimento modernista, quase todos inéditos, devidos a circunstâncias ambientes e atmosféricas, há cerca de uns vinte rapazes, como já disse, todos eles de real valor, entre os quais se destacam: romancistas como Manoel da Fonseca, e principalmente Alves Redol, uma das figuras mais fortes de Portugal moderno; e críticos como Mário Dionísio, Álvaro Cunhal, Jorge Domingues, Piteria dos Santos, Manoel Campos Lima, todos eles interessadíssimos pelo Brasil e loucos por virem até cá.

E literariamente como somos encarados?

Magnificamente, é enorme nosso prestígio nesse sentido junto aos intelectuais portugueses. Eles confessam francamente a influência e a importância de nossa literatura. Nossos escritores modernos têm um grande prestígio, principalmente Jorge Amado e Graciliano. É espantoso o respeito com que os citam e o entusiasmo com que falam neles. É grande a influência desses dois autores.

E José Lins do Rego?

O Zé Lins também tem seus fãs, apreciam-no muito, é considerado o Catulo do romance brasileiro. Quanto a Gilberto Freyre tive de pedir desculpas por ele um sem-número de vezes. Imagine que, numa crise como a que anda por lá, ele vive a querer provar os petiscos tradicionais, exigindo ora uma cabidela à D. João IV, ora um frango no espeto à moda do século XV ou um doce de ovos. Pobres das senhoras portuguesas que têm de satisfazer a uma insaciável curiosidade gastrônomo-científica. Também, por isso mesmo, ele é conhecido como o sociólogo à prova de frango.

E Afrânio Peixoto?

É... ele tem uma grande situação entre os comendadores...

da em 1923 pela Editora Monteiro Lobato com os respectivos discursos de apresentação de Carlos Malheiro Dias, Ronald de Carvalho e Guilherme de Almeida.

⁵ Grupo modernista português reunido em torno da revista *Presença* (1927), que circulou em duas séries: a primeira, com 54 números; a segunda, com apenas dois. Teve como diretores José Régio, Branquinho da Fonseca e Adolfo Casais Monteiro.

Oswald de Andrade continua falando em Portugal, conta um jantar em casa de Antonio Ferro, em companhia de Maurice Maeterlinck. Está velho o autor do *Oiseau Bleu*...

Fala no livro que pretende publicar, sobre as observações de viagem.

Está pronto?

Não, nessa atrapalhão de viagem é impossível, tenho notas das páginas prontas, observações interessantíssimas, que conto reunir e publicar o mais breve possível sob o título de "A Guerra Invisível".⁶

...de repente se lembra: Preciso estar na cidade antes que os bancos fechem... Saímos às pressas... No elevador, pergunta: E a entrevista? Não te dei a entrevista.

Como não? Não se assuste, que já está tomada; quero apenas que me diga alguma coisa sobre o congresso do PEN Club. Sobre isso não há nada.

Como nada?

Nada... além da notícia sensacional...

Qual?

Ora, que não se realizou, acha pouco?

Deixa disso, diga alguma coisa, não esteve com nenhum congressista?

Não, quando cheguei a Paris, Jules Romains já tinha embarcado para Tours há seis dias, por isso não estive pessoalmente com ele.

Já no táxi continua: Não há mais nada, a não ser que interesse o que eu iria dizer.

Interessa, sim, como não?

Pois então escreve:

Eu chamaria no congresso de Estocolmo, se me fosse possível, a atenção do PEN Internacional para as vozes dos países longínquos e geralmente relegados pela literatura de classe para um plano de inexistência. Nós que segundo Sombart fizemos o homem econômico moderno, com o ouro daqui, remetido para a Europa, produzimos esse cometimento devido a termos sido o maior mercado de escravos do mundo moderno. Mandamos o ouro e ficamos com os escravos, melhor, fi-

⁶ Oswald de Andrade talvez não tenha escrito este texto; não encontrei no seu acervo nenhum manuscrito relacionado com esta viagem.

camos os escravos desse homem que produzimos — o financista europeu.

E agora, quais as novidades da terra?

Contamos as últimas novidades literárias do Rio. Oswald de Andrade descobre um apelido para um escritor indígena que provavelmente passará à história literária do país.

Desce, e lá vai ele, avenida afora levando a tiracolo uma máscara de gás asfixiante que trouxe.

Para que isso, Oswald?

Não sei andar mais sem isso, de mais a mais vou levá-la para expor no José Olympio, ele ficar-me-á agradecido, será reclame para a casa.

Entrevista concedida ao
“Suplemento Literário” de
DIRETRIZES, s.d.

OSWALD DE ANDRADE,
CANDIDATO DO POVO À ACADEMIA
BRASILEIRA DE LETRAS

O AUTOR DE *SERAFIM PONTE GRANDE* E UMA SENSACIONAL ENTREVISTA SOBRE A SUA CANDIDATURA — JULGAMENTO DOS DEMAIS CANDIDATOS — PROPAGANDA PELO RADIO-COMÍCIO — PEDIDO DE VOTO POR CARTA ABERTA — CONTROLE DE ELEIÇÃO — A SIGNIFICAÇÃO DE UMA CANDIDATURA — “NÃO SEREI ELEITO PORQUE NÃO HÁ PÁRA-QUEDAS BLINDADO E EU SOU UM PÁRA-QUEDISTA QUE SE LANÇA SOBRE UMA FORMAÇÃO INIMIGA”, DECLARA OSWALD DE ANDRADE.

Oswald de Andrade levanta-se rindo da sua cadeira e responde à pergunta de *Diretrizes*.

— Não, não espero ser eleito. Ainda não há pára-quedas blindado.

E completa o seu pensamento, com uma frase que define perfeitamente a situação da sua candidatura perante a Academia Brasileira de Letras:

— O meu destino é de um pára-quedista que se lança sobre uma formação inimiga: ser estraçalhado.

E na sua casa em São Paulo, conversamos sobre o grande fato literário do momento: a sua candidatura à Academia Brasileira de Letras, à vaga de Luiz Guimarães, vaga que parece tentar os grandes nomes do Modernismo já que além de Oswald, papa indiscutível do movimento, se candidataram também o poeta Manuel Bandeira, bispo do Movimento de Menotti del Picchia que pode figurar perfeitamente como um dos mais prestigiados dos sacerdotes da turma da Semana de Arte Moderna. A casa de Oswald de Andrade lembra de momento a momento, através dos magníficos quadros pendurados pelas paredes, os Picassos e os Chiricos, os surrealistas, os dadaístas e os abstracionistas, o movimento que ele chefou no Brasil, movimento que pôs por terra os inúteis medalhões literários do passado, as rígidas formas parnasianas, e que possibilitou o aparecimento da moderna literatura brasileira. A poetisa Julieta Bárbara, esposa do escritor, traz tangerinas para a sala para ver se consegue com elas abafar uma discussão entre Oswald de Andrade Filho e Scliar, dois dos pintores jovens do Brasil de mais marcada vocação. Oswald de Andrade acompanha a discussão entre o filho e o amigo com alegria, pois esse homem de cinquenta anos é talvez o mais jovem de quantos exercem no Brasil a profissão de escritor. Parece que esse homem venceu o tempo talvez porque esteja sempre à frente de todas as renovações intelectuais que processam no país, nunca se ligando para sempre a nenhuma fórmula literária por mais definitiva que ela pareça ser. Nem ao próprio Modernismo se prendeu ele. Quando o movimento terminou o seu ciclo e completou a sua obra não ficou Oswald de Andrade na cômoda posição de tantos outros: de mestre de uma geração, vivendo de glórias passadas. Foi adiante do Modernismo, apareceu à vanguarda dos escritores pós-modernistas e é um dos primeiros nas filas dos que vêm trabalhando pela maior humanização da arte, pela sua popularização, pela sua utilidade. Fez o processo do Modernismo num romance definitivo: *Serafim Ponte Grande* e passou adiante já que *Marco Zero*, romance que termina no momento, é a sua fabulosa contribuição à arte do romance social que é a mais importante força da moderna literatura do Brasil.

Na sala de tangerinas e discussões a voz de Helena Sangirardi vem do rádio e abafara os ruídos:

— Oswald de Andrade é o candidato do povo à Academia Brasileira de Letras.

Quem está falando é a diretora de um dos mais populares programas radiofônicos de São Paulo. É que a candidatura de Oswald de Andrade não se processa nos bastidores da Academia, no cambalacho dos votos suplicados, das promessas de eleição garantida a poder de citações elogiosas em artigos e livros. Que outra vantagem não trouxesse aos nossos meios literários a candidatura de Oswald de Andrade e esta bastaria para dar-lhe uma significação excepcional: ter rompido com todos os clássicos processos até agora usados pelos candidatos à imoralidade, processos que desmoralizaram as eleições acadêmicas que resultavam sempre de ligações políticas e sociais, de amizades, de cortesias e pequenos e grandes obséquios literários. Isso se tornou tão gritante que certos acadêmicos chegaram a pensar no estabelecimento de um novo processo de candidatura, processo que desmoralizasse menos candidatos e acadêmicos. Oswald de Andrade, com a sua candidatura, trouxe pela primeira vez uma eleição acadêmica para perto do povo das ruas, pelos jornais, pelo rádio, pela importância da sua própria obra e da sua vida. E é ele mesmo quem nos dá conta de como realizará a propaganda da sua candidatura:

— A minha propaganda já se iniciou pelo rádio onde será feito um comício no qual falarão diversos oradores. (Sabe-se que um desses oradores será o pintor e escritor Flávio de Carvalho, figura ligada às mais importantes realizações da arte moderna no Brasil.) Terá uma plataforma, enfim será uma clássica disputa de eleição para que não se extinga no Brasil essa tradicional tara.

SIGNIFICAÇÃO DE UMA CANDIDATURA

Agora Helena Sangirardi anuncia que irradiará um disco romântico e o repórter de *Diretrizes* se abstrai da discussão que, apesar das tangerinas, recomeça entre os dois pintores, para refletir sobre as surpresas que ao meio literário e ao público em geral reservou essa vaga de Luiz Guimarães. Os candidatos são vários: um historiador, Basílio de Magalhães; um humorista (*sic*), Berilo Neves; um gramático, Júlio Nogueira; dois poetas modernistas, Manuel Bandeira e Menotti del Picchia; um romancista que também é teatrólogo e poeta, Oswald de Andrade. O repórter pensa que é justo que o historiador, o gramático e o humorista que, ou pela idade ou pela maneira de pensar e realizar as suas

obras, representam idéias de antes do Modernismo, sigam para a obtenção de uma possível vitória pelos métodos clássicos de penetrar na Academia. Mas se admira que esses mesmos velhos métodos venham sendo usados pelos dois poetas modernos. A diferença que vai destas candidaturas para a de Oswald de Andrade é que, enquanto (e pelo que até agora nos é dado julgar) elas representam como que a aposentadoria de dois poetas que se cansaram de ser rebeldes (é preciso não esquecer que a Academia foi um dos maiores, senão o maior, alvo do bombardeio modernista), a candidatura de Oswald de Andrade representa exatamente o contrário: a continuação da sua luta contra um passado bolorento e incapaz. Enquanto a candidatura de Manuel Bandeira e Menotti del Picchia representa uma vitória da Academia sobre o Modernismo, a adaptação deste àquela, o ensarilhar de armas de dois dos mais indomáveis cavalheiros modernistas, a candidatura de Oswald de Andrade é um golpe de quinta-coluna, é contra a Academia. Oswald de Andrade se candidata, sem esperar ser eleito, para trazer ao público o espetáculo de uma eleição acadêmica, para que os seus vícios sejam expostos.

Ele esclarece:

— A minha candidatura é o resultado de uma vida polêmica que agora já atinge de perto o passado vencido. O Brasil não tem mais gente para suprir os quadros da paralisia senil que fizeram muito tempo da Academia Brasileira de Letras um asilo de impotentes. A academia precisa dos modernistas porque depois do sr. Pedro Calmon não há mais quem alugue a velhice para conseguir o fardão.

OPINIÃO DE UM CANDIDATO SOBRE OS CONCORRENTES

Oswald faz notar que a Academia há algum tempo que começa a aceitar modernistas. Só eles são tragados pelo chamado “espírito acadêmico”; é que, afinal, tinham cansado do combate e tinham resolvido aderir. Mas que a “Academia não tem a faculdade de, por osmose, inutilizar a independência de espírito dos que lá entram” e para prová-lo cita o exemplo corajoso de Cassiano Ricardo, se levantando contra o “espírito acadêmico” ao pleitear o prêmio de poesia para Cecília Meireles. A Academia só inutiliza os que querem se inutilizar. Isso lembra ao repórter as figuras dos candidatos à vaga atual. Pergunta ao romancista de *Os Condenados* a sua opinião sobre eles. A resposta é pronta:

— Não sei quem são os srs. Basílio de Magalhães e Berilo Neves. Júlio Nogueira sei que é um gramático. A Academia precisa de gramáticos para uso interno. Eu aconselharia a alguns acadêmicos tomá-lo como professor particular.

Faz uma pausa, acende o cigarro, se aproxima do repórter:

— Conheço demais o sr. Menotti del Picchia, digno de figurar em todas as Academias e em todos os museus. Num como autor das *Máscaras*, noutra como autor de *Juca Mulato*, noutra como Herodes. Considero Manuel Bandeira grande poeta mas crítico fraco e pouco orientado. Talvez por isso mesmo ele seja eleito. No seu recente volume, *Noções de História da Literatura*, mostrou conhecimentos que embasbacarão os seus leitores.¹ Evidentemente hoje ele é superior ao sr. Tristão de Athayde e portanto a qualquer crítico da Academia.

O CANDIDATO JOGA FORA OS VOTOS

O candidato à Academia Brasileira de Letras, na vaga de Luiz Guimarães, Oswald de Andrade, está jogando os votos fora. Nessa entrevista já disse o que pensa de Tristão de Athayde e dos demais críticos da Academia, de Pedro Calmon e da Academia em geral.

Assim você não pode ser nunca eleito. É contra o protocolo acadêmico. E, por falar em protocolo, você irá de casa em casa pedir, como de praxe, os famigerados votos?

Oswald ri a sua alegre gargalhada que tem sido a sua maior arma e esclarece:

— Pedirei os votos aos acadêmicos, como é protocolar, mas por carta aberta que será enviada pessoalmente a cada um e amplamente divulgada pela imprensa.

Essa carta que será publicada em breve foi mostrada ao repórter e ela começa mais ou menos assim: “Sr. Acadêmico: Talvez, por acaso, o senhor seja um dos raros homens inteligentes da Academia...”² O repórter não garante que as palavras sejam estas, mas este é o seu sentido.

Quantos votos terá Oswald de Andrade? O repórter está apostando que nenhum.

¹ Manuel Bandeira, *Noções de História da Literatura*. São Paulo, Nacional, 1940.

² Carta de 15 de outubro de 1925 e carta de 22 de agosto de 1940.

CONTROLE DE ELEIÇÃO

A entrevista está no fim, outras conversas esperam o repórter, a discussão sobre pintura já envolveu Julieta Bárbara e acabará por envolver Oswald de Andrade e o repórter. Oswald faz uma observação final, observação que, sem dúvida, vai dar dor de cabeça a muitos acadêmicos:

— Reservo-me o direito de controlar a eleição nos seus diversos escrutínios como interessado que sou e discutirei após a orientação tomada por cada eleitor.

Fica calado um momento para logo acrescentar:

— Se isso valer a pena...

No rádio a voz feminina afirma para os radioouvintes que Oswald de Andrade honra a Academia com a sua candidatura.

“Suplemento Literário” de
DIRETRIZES,
Agosto de 1940.

APÊNDICE

CARTA ABERTA À ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS POR OSWALD DE ANDRADE

Senhores imortais:

Antes de me dirigir pessoalmente a cada um de vós, na grata tarefa de não arranjar votos, mas de estudar eminências (em epístolas que serão como esta divulgada pela imprensa) quero expor à coletividade as razões que me levam a inscrever-me candidato à

vaga aberta em vosso seio pelo desaparecimento do bom Alberto Faria. Faço isso apenas para opor à pretensão do ilustre senador Antônio Azevedo de ser acadêmico brasileiro de letras. Quero que fique constatada em vossos anais a atitude do *Petit Trianon*, no julgamento de nós ambos, como literatos. Há mais dois concorrentes. Somos quatro — todos humoristas — para uma só cadeira de homem sério. Mas os dois outros não possuem juntos o peso que categoriza, para os grandes *rounds*, o ilustre *coming man* de Mato Grosso.

De modo nenhum volto atrás do que tenho escrito do desvalor de muitos de vossos membros. Peço antes o mesmo desembaraço na decisão deste pleito muito contente de que aí se ofereça uma legítima ocasião de desaforo para justos ódios, como acontece no último ato dos cinemas.

O senador Antônio Azevedo — todos vós o sabeis — erra em gramática, erra em estilo, erra em colocação de pronomes. Só acerta em política. Eu não erro porque não acredito em nada disso. Sou escritor e poeta, todos os dias, há quinze anos no mínimo. Uso quando quero do estilo convincente (esta carta!), ando às vezes de guarda-chuva, já falei na Sorbonne e tenho sido repetidamente elogiado pelo sr. Tristão de Athayde. Indiquei, queiram ou não queiram, o roteiro brasílico à minha geração — ao contrário da vossa — quase toda genial. Publiquei diversos volumes de originalíssima realização — como sobejamente o provam a hostilidade e o espanto do nobre professor Oiticica.

O meu primeiro gesto, ocupando a cadeira de Alberto Faria, seria renunciar ao meu subsídio em favor da família do operoso autor de *Aérides*.

E como homem prático declaro desde já que, uma vez eleito, procuraria meter o bedelho nos negócios administrativos da Academia, promovendo medidas de alta justiça que não compreendo como até agora escaparam à visão imortal.

A Academia Brasileira está fazendo o papel dum arrivista que, atulhado de milhões, não tem nem a tradição do bem viver nem o instinto da prosperidade.

Uma secção editorial, destinada à primeira passagem dos novos e à garantia de publicidade dos colocados, é medida urgente que se impõe.

O auxílio direto aos seus membros, por meio de comissões retribuídas, de relatórios pagos, de pesquisas encomendadas — fonte legítima de renda para os que não tem outra capacidade na vida senão a de matutar — é idéia justíssima.

O montepio à família dos grandes escritores, a instituição de prêmios para os operários da pena e do tinteiro (ou da pena-tinteiro) isso então é dever piedoso.

A atividade provocada por essas medidas talvez atulhasse de inutilidades o ex-Silogueu, mas dar-nos-ia, pelo menos, a ilusão de possuímos uma literatura digna das atenções póstumas de Francisco Alves.

Longe de qualquer brincadeira, está aí, silenciosa, de chapéu de palha nos asfaltos, sob o céu das avenidas, a preocupação dramática de mil e um brasileiros de talento, cujas capacidades não se podem desenvolver por miséria.

A Academia ignora os sacrifícios das redações, os emigrados das províncias, os cansados da luta da inteligência proba contra a cavação.

Ao contrário, a Academia desmente o espírito com que foi fundada e insulta a inteligência brasileira a cada nova eleição.

Senhores acadêmicos:

Dos vossos nobres escrutínios só pode sair a derrota de uma pretensão que não entra no meu feitio — todos o sabem. Eu de farda (eu e mais do que eu, qualquer dos modernistas brasileiros solidários com a mocidade heróica de Graça Aranha) é um anacronismo tão grave como Osório Duque Estrada de bicicleta.

A minha candidatura ficará sendo o altifalante de uma queixa — a dos milhares de intelectuais de minha terra, escarnecidos pela cavação da expoência, quando não pela expoência da cavação.

15-10-1925

“Oswald de Andrade, Um Pára-Quedista na Academia Brasileira de Letras.” Publicada por Mário da Silva Brito. O ESTADO DE S. PAULO, “Suplemento Literário”, 18-05-1968.

Senhor acadêmico:

Será V. S. uma das raras inteligências desse Grêmio que compreendem a atual situação do mundo, e, portanto, a da própria Academia? Ou será V. S. um dos membros da quinta-coluna, que, camuflados no fardão, sabotam aí dentro as magras conquistas do espírito brasileiro?

Passará pela cabeça de V. S., alertada pelos bombardeios, contemporâneos, que o fim dos quarenta imortais que nas últimas décadas adormecem o espírito francês *sous la coupolle* pode ser um campo de concentração? Ou será V. S. daquelas teimosas velhas de Botafogo que ainda acreditam no pavoneio dos títulos literários; roubados aos verdadeiros trabalhadores da cultura?

Neste caso, quererá V. S. que a Academia Brasileira de Letras seja um espelho Luís XV de um grupo de arrivistas coloniais e seus peitos pretendendo explorar uma multidão de analfabetos?

Oswald de Andrade

Ou quererá V. S. realmente que o nosso povo se emancipe, participando afinal da vida intelectual do país, como da sua vida econômica, jurídica e social?

Todas essas interrogações vêm na dobra da minha candidatura a um *fauteuil* nessa casa. Sobre ela decidirá V. S. com a mentalidade que representa. O futuro julgará essa eleição mais do que essa eleição me julgará.

Protocolarmente sou candidato ao voto de V. S. e com prazer me subscrevo Ato.o e Obrg.o.

22-08-1940

“Oswald de Andrade, Um Pára-Quedista na Academia Brasileira de Letras.” Publicada por Mário da Silva Brito em *O ESTADO DE S. PAULO*, “Suplemento Literário”, 18-05-1968.

“O MODERNISMO MORREU?”

QUEM MORREU FOI A ACADEMIA

- O Modernismo morreu?
- Não. Quem morreu foi a Academia Brasileira de Letras.

GRAÇA ARANHA, O ALMIRANTE DARLAN¹

— O poeta culto do movimento foi o sr. Manuel Bandeira que tivera contato com a Europa moderna, quero dizer, com a Europa que já experimentava as transformações do século e dissentia do passado. O sr. Mário de Andrade lia os futuristas italianos. Havíamos descoberto na pintura a sra. Anita Malfatti, que estudara na América, Brecheret na escultura, Villa-Lobos na música. Tudo gente que dissentia. O papel de Graça Ara-

¹ O almirante engajou-se numa política de colaboração que dava o direito aos alemães sobre os postos franceses da África e da Síria. Em 1942, na Argélia, por ocasião do desembarque dos aliados, sua autoridade foi contestada pela esquadra metropolitana e pelo comandante-em-chefe e general residente.

nha foi o do almirante Darlan, agora, na África. Aderiu e procurou chefiar. Mas permaneceu sempre uma personalidade de Vichy.²

A CONTRIBUIÇÃO E A "QUINTA-COLUNA" DO MODERNISMO

— O movimento era irretorquível e uma das suas consequências foi deixarem de ter editores os membros da Academia Brasileira. O grupo de Minas revelou a prosa de Aníbal Machado e deu alguns de nossos melhores poetas — Carlos Drummond de Andrade, Pedro Nava, Murilo Mendes. O Sul deu Augusto Meyer, que já vinha encontrar, ao lado da Semana, Alvaro Moreyra. O Norte contribuiu com Jorge de Lima, Ascençõ Ferreira e muitos outros, enquanto, em Pernambuco, o sr. Gilberto Freyre iniciava uma ação paralela. Apoiavam o movimento os críticos Prudente de Moraes Neto e Tristão de Athayde. Quem seria a "quinta-coluna" do Modernismo senão o sr. Plínio Salgado? Vestiu-se de verde-amarelo e plagiou todas as nossas conquistas técnicas. O seu fim era um só — a Gestapo sob o Cruzeiro do Sul.

A ANTROPOFAGIA VERSUS SALÕES

— O Modernismo foi tumultuoso e caótico de 22 a 28, quando se produziu em São Paulo a Antropofagia. Aí, uma espécie de divisor das águas definiu posições e, melhor do que muita coisa, explica a linguagem reta da Semana e seu desenvolvimento revolucionário. De um lado, ficou a corrente brilhante, a que vivia nos salões da burguesia paulista e que o milionarismo displicente de Antonio de Alcântara Machado encarnou. De outro, com o grande poeta Raul Bopp, ficamos eu e alguns crédulos das forças nativistas. Acredito que o sr. Mário de Andrade se penitencie, hoje, de ter dado o seu prestígio à corrente dos salões. Em compensação, ele havia oferecido à

2 Vichy foi o nome dado ao poder executivo do estado francês instalado em Vichy, de 1940 a 1944, sob o comando do general Pétain, que apoiou uma campanha nacionalista, conservadora, reacionária e medidas de exceção.

Antropofagia o presente de *Macunaíma*, enquanto Bopp dava *Cobra Norato*. As raízes estéticas da Antropofagia estavam em Pau-Brasil, naquela “poesia de exportação contra a poesia de importação” que fora o meu apelo em 22. De todas essas fases e posições de pesquisa nacional deveria sair a pesquisa social que deu o romance brasileiro de 30 para cá. Estavam abertos os caminhos da liberdade para os que viriam. Tanto para a cultura poética do sr. Vinicius de Moraes como para a sucessão de Castro Alves que pertence ao sr. Jorge Amado. Tanto para a crítica do sr. Álvaro Lins como para a crônica do sr. Rubem Braga.

AS CONSEQÜÊNCIAS DA GUERRA

— E a guerra?

— A guerra? Graças ao Modernismo e ao seu desdobramento revolucionário, encontra-se o Brasil espiritualmente preparado para as suas conseqüências. Poucos países terão uma literatura tão apta para as missões do futuro.

PREFERE NÃO FALAR

Notamos que Oswald de Andrade não se deteve em poetas modernistas tidos como grandes figuras das letras atuais.

O revolucionário escritor responde de modo surpreendente:

— Você sabe. Eu agora sou secretário da Associação dos Escritores Brasileiros. Não quero que se diga que estou, logo de início, atacando quem quer que seja.

Faz uma confidência. E pede:

— Mas conto consigo. Não vá dizer nada a ninguém...

Entrevista a Osório Nunes.

DOM CASMURRO,

São Paulo,

28-11-1942.

UM ESCRITOR PAULISTA
CLASSIFICADO NA SELEÇÃO
PRELIMINAR PARA O II CONCURSO
LITERÁRIO LATINO-AMERICANO

A REVOLUÇÃO MELANCÓLICA FIXA EPISÓDIOS OCORRIDOS NA PAISAGEM SOCIAL E POLÍTICA DE SÃO PAULO EM 1932 — TRATA-SE DE UM VERDADEIRO "AFRESCO" SOCIAL — ATENDENDO A UMA VELHA SOLICITAÇÃO DE JOHN DOS PASSOS.

O escritor paulista Oswald de Andrade, juntamente com o autor de *Jubiabá*, acaba de conquistar, com *Marco Zero*, romance ainda inédito, uma classificação sobremodo honrosa, na seleção preliminar feita para indicar as obras de autores nacionais que vão concorrer aos prêmios instituídos pelos organizadores do II Concurso Literário Latino-Americano. Esse concurso, que despertou grande interesse nos meios culturais de toda a América, efetua-se no Brasil sob o patrocínio da *Revista do Brasil* e com o apoio da Sociedade Felipe de Oliveira.¹ Ontem à tarde o repórter do *Diário de São Paulo* surpreendeu Oswald de Andrade numa das livrarias da cidade e achou interessante ouvi-lo a respeito da classificação que obteve.

¹ Esta sociedade foi fundada em homenagem a Felipe Daudt d'Oliveira, em 1933, no Rio de Janeiro.

A REVOLUÇÃO MELANCÓLICA

Oswald de Andrade confessou, de início, que recebeu a notícia com emoção:

— Não era para menos. Cerca de vinte e tantos escritores se inscreveram, na seção de romance, entre os quais me lembro assim de momento dos nomes de José Lins do Rego, Jorge Amado, Fran Martins, Tito Batini, Emil Farhat e outros. Os srs. Prudente de Moraes Neto e Manuel Bandeira escolheram *Terras do Sem Fim*, de Jorge Amado e *A Revolução Melancólica*, que constitui um romance do ciclo *Marco Zero*, em que venho trabalhando há bastante tempo e que se constituirá de cinco volumes. *A Revolução Melancólica* fixa episódios ocorridos na paisagem social e política de São Paulo, em 1932.

A DERROCADA DO CAFÉ

Enquanto escolhia livros, Oswald de Andrade ia traduzindo o sentido essencial de *A Revolução Melancólica*:

— Você me pergunta se eu participei da revolução constitucionalista. Respondo: não. Estive foragido durante três meses. No entretanto, recolhi um material fabulosamente vivo, sobretudo por ocasião da chegada das forças paulistas. Estudei bem o fenômeno, do ponto de vista sociológico e, assim, tenho a impressão de que o meu romance fixa o verdadeiro sentimento do drama. Em meu livro procurei estudar as conseqüências mesmas da derrocada do café.

SÃO PAULO, DE 1932 A 1942

Marco Zero, como dissemos, será um romance cíclico, em cinco volumes, o primeiro dos quais será *A Revolução Melancólica*. Os restantes terão os seguintes títulos: *Chão*, *Beco do Escarro*, *Os Caminhos de Hollywood* e, por último, *A Presença do mar*.²

² O projeto de *Marco Zero* terminou apenas resultando em dois volumes: *A Revolução Melancólica* e *Chão*. O primeiro editado pela José Olympio, em 1943; o segundo, em 1945, pela mesma editora.

— Tudo está mais ou menos redigido... — acrescenta Oswald de Andrade. — Nem sei como consegui preparar o primeiro volume para o concurso. Foi um milagre. Em dois meses redigi 364 páginas d' *A Revolução Melancólica*. Muito devo a uma secretária infatigável, a srta. Maria Antonieta d' Alkmin. No primeiro capítulo desenho uma luta entre grileiros no litoral. O segundo, intitulado "A Escola do Cavalo Azul", constitui um estudo do latifúndio. O terceiro, intitulado "Namorada do Céu", constitui um estudo da cidade do interior, fixando a vida de alguns imigrantes em ascensão. Nicolau Abramonti é um símbolo. O quarto capítulo é um estudo dos preparativos da revolução da vida nos bairros proletários e na alta sociedade. Aí há um tipo expressivo: Xavier, o pingente que vive sempre no estribo de uma casa rica. Já no quinto capítulo aparecem os latifundiários em armas. É a guerra. O antigo feitor da fazenda Formosa, Idílio Moscovão, está morfético e abraça a revolução como uma oportunidade de morrer na certa. Acaba comandando uma grande retirada. Agarra-se então à vida, de novo. No sexto capítulo ocorre o fim da campanha, Xavier se desilude com os "wests", onde o mocinho perde para o vilão. No último capítulo — "Pro Brasília Fiant Exomia", os personagens se reagrupam numa festa de igreja. E aí se observa o reajustamento das conseqüências da guerra à vida de cada um. Eis aí um resumo esquemático desse primeiro romance de *Marco Zero*, que eu considero um "afresco" social.

UM MESTRE INCONFUNDÍVEL DE NOSSA LITERATURA

Voltou a falar de sua classificação.

— Fiquei entusiasmado com o voto que obtive, tanto mais que o livro de Jorge Amado também foi escolhido, juntamente com o meu. Considero Jorge Amado há muito tempo um mestre inconfundível na literatura brasileira, o sucessor legítimo de Castro Alves. O romance que apresentou, *Terras do Sem Fim*, é, ao que me dizem, a melhor coisa que ele já fez. É um romance melhor do que o próprio *Jubiabá*, que é uma verdadeira obra-prima da nossa novelística.

Insistiu, novamente, em explicar o sentido de *Marco Zero*:

— *Marco Zero* significa o início de uma nova era, fenômeno estudado num aglomerado onde todas as raças se chocam. O

primeiro volume termina com estes versos de García Lorca, que os soldados reacionários do caudilho Franco fuzilaram barbaramente:

“*Que se cumpla la voluntad de la tierra que da sus frutos para todos...*”

MATURIDADE DE ESTILO

Oswald de Andrade esclareceu, depois, a técnica utilizada na fatura d' *A Revolução Melancólica*:

— É muito menos agressiva, pois cheguei a uma maturidade de estilo que considero clássica dentro de minha obra. Definitiva. É cinematográfica, como n' *Os Condenados* — série escrita há vinte anos. Essa técnica cinematográfica, aliás, eu a utilizei antes de Huxley. Devo acrescentar que o sr. Plínio Salgado também a utilizou antes de Huxley. Mas depois de mim...

ATENDENDO A UMA SOLICITAÇÃO DE JOHN DOS PASSOS

Oswald de Andrade conheceu o notável romancista John dos Passos em Paris. Na velha e pitoresca Paris de antes da guerra. Fizeram-se amigos. Correspondem-se com assiduidade. Em 1941 o autor de *Manhattan Transfer* insistiu no sentido de que Oswald de Andrade concorresse ao concurso latino-americano de romance, escrevendo-lhe uma carta. O autor de *Marco Zero* no entretanto não concorreu, em sinal de protesto contra o júri encarregado de selecionar as obras, composto dos srs. Tristão de Athayde, Múcio Leão e Pedro Calmon.

— A comissão, agora, é outra. Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto e Álvaro Lins (que por sinal votou em José Lins do Rego) formaram uma comissão que inspirava confiança. O convite de John dos Passos eu aceito agora. Os meus originais logo estarão na América do Norte, uma vez concluída a tarefa de verter *A Revolução Melancólica* para o inglês. Se ele tiver sorte, será editado em primeiro lugar nos Estados Unidos, o que já é um magnífico prêmio. Caso contrário, editarei *A Revolução Melancólica* aqui mesmo. Aliás, já recebi de várias editoras nacionais propostas nesse sentido.

VOLTA À POESIA

E concluiu Oswald de Andrade fazendo esta revelação:

— Sabe que estou voltando à poesia? Já agora não mais, acredito, como aluno... Mas como assistente. Publicarei, dentro em breve, um volume de versos que chamarei *Livro de Poesia*. O poema inicial, “para flauta e violão”, se chamará “Verso da Abertura”.³

DIÁRIO DE SÃO PAULO,
08-01-1943.

³ “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão”, escrito em 1942, foi publicado em *Poesias Reunidas*. São Paulo, Gaveta, 1945. Oswald dedicou este poema a sua mulher Maria Antonieta d’Alkmin.

MEU TESTAMENTO

Edgard Cavalheiro:

Começarei protestando contra a confusão que se faz entre a seriedade do espírito humano e, por exemplo, a sisudez de uma sessão acadêmica, com suas ratazanas fardadas e a coleção de suas carecas de louça. Ao contrário disso nada mais sério que a blague de Voltaire ou de Ilya Ehrenburg, a fantasia de Joyce e o suspeito moralismo de Proust. Ser contra uma determinada moral ou estar fora dela não é ser imoral. Atacar com saúde os crepúsculos de uma classe dominante não é de modo algum ser pouco sério. O sarcasmo, a cólera e até o distúrbio são necessidades de ação e dignas operações de limpeza, principalmente nas eras de caos, quando a vasa sobe, a sublitteratura trona e os poderes infernais se apossam do mundo em clamor.

Que houve, para que tudo isso acontecesse e se despejasse sobre a cabeça desavisada dos que, como eu, nasceram cinqüenta anos atrás, numa capital de cônegos e de sinos da América paulista? Apenas isto — estamos em plena e rasa mudança de um ciclo histórico. Para melhor me definir, vou dialogar pedagogicamente.

VOCÊ — Que fatos ocasionaram essa mudança?

EU — Quero tomar para referência deste *speculum mundi*

que me é exigido os fenômenos mais significativos da história humana e dar como padrão as sociedades mais avançadas, mais eficientes e mais cultas. São elas aliás que marcam o caráter de cada época, influenciando de um modo apressado ou tardio, total ou parcial, sobre os demais aglomerados humanos.

Se examinarmos em conjunto a geografia e a história, veremos que tudo que de mais importante se vem processando no globo tem por hábitat uma faixa que se pode situar entre o trópico de Câncer e o 60° de latitude norte. Aí demoram os Estados Unidos e a Europa, o Egito, a Judéia e o Japão. Que aconteceu de essencial fora desta faixa geográfica? As sociedades, países ou aglomerados que aí se desenvolveram dividiram precocemente ou melhor o seu trabalho e criaram mais cedo as suas instituições e as suas éticas. Daí partiram tanto as conquistas da guerra como saíram os frutos da paz. A geometria e a gramática, a colonização e a máquina, a finança e o direito, a arte, a literatura e a ciência.

VOÇÊ — Quais as razões que encontra para esse privilégio?

EU — O solo, a fauna e a flora, o clima e a nitidez das estações, o subsolo e as cercanias fáceis do mar, o índice demográfico e a técnica. Tudo isso preparou uma eleição antropológica que se tornou preponderância histórica. Foram as nações marinhas desse anel latitudinário que criaram a navegação. E esta lhes deu as descobertas. A Fenícia levou as suas moedas até o Báltico, a Holanda e a península ibérica dominaram os oceanos renascentistas. Foi o carvão que equipou depois o Império britânico e o petróleo a América do Norte e a Rússia atual. Todos esses fatos se localizaram na faixa situada ao norte do trópico de Câncer. Ao lado desse anel de terra e mar, onde brotou e se fez o homem organizado e inquieto, fica o anel equatorial onde o Brasil acorda, com a China, a Índia e a África. Ao sul, na faixa correspondente à primeira, isto é, do trópico de Capricórnio a 60° de latitude meridional, uma atividade de reflexo parece imitar e querer seguir a outra. São Paulo situa-se no limiar deste último anel, onde estão a Argentina, a Austrália, a África do Sul e o Sul do Brasil. Agora passo a examinar a sua primeira pergunta. Na faixa mais decisiva e importante, os ciclos históricos se têm sucedido e revezado com características que os separam nitidamente. Numa fase, predomina o elemento individual e, na outra, o coletivo. Assim, verificam-se na história períodos de individualismo e períodos de coletivismo.

VOCÊ — Peço exemplos.

EU — Pelo menos quatro períodos se marcaram no desenvolvimento da humanidade, desde que a vida sobre a terra foi fixada pela memória, pela arte e pela escrita. Dois trazem um forte caráter coletivista e social. Suas expressões são dadas pela Judéia dos profetas e pela Idade Média européia. Dois outros períodos, apesar de suas íntimas contradições, são preponderantemente humanistas. O primeiro vem do século V (a.C.) até a queda de Roma, o segundo do Renascimento à atualidade. Hoje estamos em face de um quinto período, cujo caráter é eminentemente social.

VOCÊ — Quería que esclarecesse o sentido da palavra “humanista”.

EU — O humanismo é sempre uma cultura da liberdade que traz no bojo o individualismo econômico. Anima-o a consciência de novas necessidades do indivíduo em expansão. Ao contrário, os períodos coletivistas se caracterizam por uma cultura do social, que traz em si uma economia sempre dirigida, seja patriarcal como na Judéia, comunal como na Idade Média ou, como hoje, nacional ou autárquica. Forma-se neles uma consciência da necessidade de novas limitações do indivíduo pelo bem social.

VOCÊ — Que produziram esses ciclos?

EU — Da Judéia saiu, do Velho Testamento, o espírito autocrático. Ao contrário, o primeiro período humanista deu como seu índice o Direito Romano, base de toda legislação individualista posterior. Depois do período coletivista chamado Idade Média, cujo signo é o papado e cujo bardo é o Dante, aparece o segundo período humanista. É o que inicia a busca de matérias-primas, o comércio exterior e a conquista colonial. Criou o Renascimento e a Reforma. Na era da máquina produziu o Código Napoleão, essa marsehesa dos direitos burgueses, e como resultado deu Wall Street.

A revolução vertical de hoje o liquida...

VOCÊ — Quer dizer que estamos à entrada de um período coletivista?

EU — O inquieto declínio burguês é indicado por Unamuno, Spengler, Gide, Thomas Mann. Mas para que recorrer aos índices intelectuais, quando temos em presença os fatos, os surtos do comunismo e o fascismo e seus panaches, enfim toda a

inevitável derrocada das liberdades burguesas? Tudo isso está fazendo a estas horas sua trágica experiência nos sete mares, nos cinco continentes e nesse dedo de atmosfera que envolve a terra. Não se pode negar a evidência da solução que virá: um período coletivista.

VOCÊ — Como e quando se dão essas transformações?

EU — A forma por que se processam essas mudanças históricas já foi estudada por mais de um exegeta. A superestrutura da sociedade (direito, moral, forças espirituais, letras e artes) passa a não mais corresponder à estrutura (forças econômicas, progresso técnico, índice demográfico). E a derrocada dos sistemas dominantes se produz inexoravelmente.

Foi assim quando a idade homérica, mitológica e fideísta terminou na democracia ateniense. Os filósofos gregos apareceram no ângulo de dissociação dos dois ciclos. A moral socrática, apesar de seu tom de conquista social, levado avante por Platão e expresso na ética aristotélica. (A humanidade tende ao bem geral) — apesar desse tom social — a moral socrática era a oposição individualista ao ciclo dionisíaco que a precedera. Isso não foi totalmente visto por Nietzsche. E ela estava também longe do pensamento tribal judaico. Do “conhece-te a ti mesmo” é que saíram o cinismo de Diógenes e ceticismo de Pirro, o hedonismo de Epicuro. Há um progresso sensualista que doira toda a cultura romana. Isso conduziria o Império ao latifúndio e à conquista exterior. Sucedeu então o que tinha de suceder. A superestrutura exorbitou da estrutura. E a derrocada se produziu, conduzida ideologicamente pela revolução cristã. Já nos primeiros séculos da nossa era, um ciclo social se movimentava na mitologia das catacumbas. Ele traz em si, contraditoriamente, a personalidade humana, posta em foco pelo agreste espírito pauliniano. Mas é Agostinho, com seu mágico fideísmo, que prevalece sobre o individualismo de Paulo. O período é vitoriosamente conventual, místico e coletivista. E é esse o caráter que oferece toda a Idade Média.

VOCÊ — Quer dizer que foi o cristianismo que derrocou o Estado romano?

EU — Não. O cristianismo foi a ideologia revolucionária do momento mas não teria êxito se as condições econômicas do Império não exigissem uma transformação de sistema político. A conquista liquidara os mercados, as taxações então aumentaram.

Com o latifúndio as exigências de mão-de-obra cresceram também, mas os exércitos imperiais haviam sido derrotados em Teutburg e não puderam conter a independência balcânica. “*Latifundia perdidere Italia*” — gritava Plínio. Faltando o escravo, foi urgente um acordo com o trabalhador rural. Parecido com o que se fez aqui na crise cafeeira de 29. Aqui choveram os meeiros e os terceiros. Lá, criou-se o servo ligado à terra e instituiu-se o “justo preço”.

Está claro que quando uma forma de produção deixa de ser remunerada, uma nova fórmula já tem os seus apóstolos. Uma era evangélica profetiza sempre as convulsões econômicas. Com a quebra do “livre contrato” e o advento da pequena propriedade, o Cristianismo estava maduro para tomar o poder. E, como a propriedade, cresceria depois, durante o Feudalismo. Do mesmo modo quando na alta Idade Média se estabeleceu a querela filosófica da Santíssima Trindade, já se colocavam em face, um do outro, os dois ciclos novos em debate, ante a aproximação de uma ruptura econômica do sistema feudal. Os realistas que acreditavam na realidade do “*unum in trino*” eram os senhores da época, os que afirmavam a realidade substancial do coletivo e da sua forma de produção. Ao contrário, os nominalistas eram os condutores do futuro, os pioneiros da liberdade econômica. Foram os revolucionários do momento, os que viram no coletivo somente um nome, incapaz de dissolver o indivíduo ímpar. Eles vinham de São Paulo e iam direto a Rockefeller. Foram eles, os nominalistas, que deram Descartes, Hume e a democracia liberal e também o Rei do Pregão e a Rainha do Café.

VOCÊ — Como pode explicar o pensamento socrático no início de uma era individualista e o pensamento pauliniano no prenúncio de uma era coletivista?

EU — A dialética hegeliana elucida perfeitamente isso. O progresso humano se processa por contradições e não caminha numa reta ascensional. Aliás, Sócrates e São Paulo são fontes luminosas de contradições. Como o cristianismo foi beber suas origens triunfais nos elementos platônicos do ciclo humanista anterior, é no paulinismo individualista que a Renascença e a Reforma vão buscar suas ardências contra a hegemonia tomista. Algumas das obras-primas do humanismo clássico, a *Cidade do Sol*, de Campanella, a *Utopia*, de Morus, têm sentido social. São tardes góticas em meio das auroras da burguesia. No entanto é o

racionalismo cartesiano, a mordacidade de Erasmo, a análise de Montaigne que oferecem o tom ao período que se segue, de Cervantes a Molière aos enciclopedistas, aos naturalistas ingleses como Dickens, a Renen e Spencer, aos sorrisos cansados de Anatole France. Mas continuo a afirmar que cada fase conduz em si a sua própria subversão. Veja como num período em que dominou o individualismo exaltado de Adam Smith a Jeremias Bentham, houve os adeptos de Maquiavel, houve os jesuítas e houve Kant. As contradições permanecem e se avolumam.

VOCE — E isso não tem fim?

EU — Se fosse um antropófago transcendental, eu diria que não. A vida na terra produzida pela desagregação do sistema solar só teria um sentido — a devoração. Mas se bem que eu dê à Antropofagia os foros de uma autêntica *Weltanschauung*, creio que só um espírito reacionário e obtuso poderia tirar partido disso para justificar a devoração pela devoração. Melhor seria vestir logo uma camisola verde e exclamar com aquele insondável humorismo do sr. Plínio Salgado: “Nós, os caboclos, desceremos sobre as cidades”. De cacetão. Não. É preciso parar nas análises históricas de cada ciclo. É preciso ver como têm razão os que acreditam no progresso humano e mesmo no apogeu, agora mais próximo do que nunca, desse progresso. A guerra, os terrores do fascismo, o apelo às forças primitivas da humanidade, tudo isso, só, significa descalabro e morte para um ciclo — o ciclo individualista burguês. Nunca para a humanidade. Ao contrário, tudo vem apressar a revolução perpendicular que se está processando, em meio das mais violentas contradições, nos países mártires, nos países algozes e mesmo nos países amortalhados pelo conformismo. Através da reação, crepita e sobe a fé humana, a fé social, a fé numa era melhor. Estamos no verdadeiro limiar da História. Quero dizer com isto que a era da máquina tecnizou de tal maneira o homem em toda a terra que ele pode alcançar, enfim, uma unificação de destino e igualar-se num padrão geral de vida civilizada. Agora, por exemplo, não prevalecem mais, de um modo decisivo, as diferenças que privilegiaram a faixa eleita, como referi no início desta suma. A eletricidade, o petróleo, a onipresença trazida pela comunicação, compensam pouco a pouco as deficiências da faixa equatorial e da faixa antártica. É preciso porém que se destaque das mãos aferradas da burguesia o monopólio dos meios de produção. Então o homem poderá ser o

mesmo em todo o globo, e pretender portanto os mesmos direitos em qualquer latitude. As veleidades racistas alimentadas pelo predomínio histórico tendem a se explicar e desaparecer. O mesmo se dá em relação às classes. Estamos pois à entrada de um ciclo que traz, de um modo novo, todas as características coletivistas. Vivemos no mesmo sentido da Idade Média ou da Judéia, mas bem longe delas. Há a máquina entre o século XIII e XX. Essa distância não priva a arte moderna de ser geométrica ou gótica e não ática. A política de nossos dias de ser mais comunal ou autárquica que burguesa. E a economia mais social que individual. A diferença porém é frisante na atual transmutação de valores. Quando se afirmou, há cem anos, que bastava de explicar o mundo, pois o necessário era transformá-lo, é porque o hábito das massas industrializadas falava. Elas achavam enfim a sua própria mitologia. Uma mitologia brotada das forças do mundo explorado e conhecido. Note que as massas sempre tenderam ao mitológico no seu desenvolvimento espiritual. Talvez hoje seja uma porta mística a que se escancara para elas, na História, mas na direção inflexível das realizações terrenas. Desta terra, nesta terra, para esta terra. E já é tempo.

Nada mais disse nem lhe foi perguntado.

Entrevista concedida
a Edgard Cavalheiro.

TESTAMENTO DE UMA GERAÇÃO.
Editora Globo,
Porto Alegre, 1944.

SÓ O ESCRITOR INTERESSADO PODE INTERESSAR

OSWALD DE ANDRADE CONDENA A NEUTRALIDADE DO HOMEM DE LETRAS — AS RESPONSABILIDADES E DEVERES DO INTELLECTUAL.

Esteve recentemente em São Paulo o redator da Agência Meridional, Marcelo Tavares, que solicitou uma entrevista do escritor Oswald de Andrade, na qual ele nos desse um depoimento mais ou menos completo sobre a sua formação literária e as suas preferências artísticas, podendo ainda acrescentar o que quisesse e julgasse oportuno dizer a propósito do assunto.

Oswald de Andrade, em resposta, dirigiu àquele redator da Meridional a seguinte carta:

“São Paulo, 23 de maio de 1944. Prezado redator: Pergunta V. S. o que penso d’‘O Escritor e A Guerra’, quais são os livros que influíram na minha formação, qual a flor que prefiro, a música, o poeta etc. etc.

Como sou filho de mineiro, começarei por uma serenata legítima: A flor que prefiro é minha mulher Maria Antonieta d’Alkmin, a quem fiz um “Cântico dos Cânticos” que tem estes versos:

Nada te sucederá
Porque inerte deste o teu afeto
No soco do coração te levarei
Nas quatro sacadas fechadas
Do coração
Deixei de ser o desmemoriado das idades de ouro
O mago anterior à toda cronologia
O refém de Deus
O poeta vestido de folhagem
De cocos e de crânios
Alba
Alfaia
Rosa dos Alkmin
Dia e noite do meu peito que farfalha.

O poeta que prefiro? Brasileiro? Quem? O carioca Vinicius de Moraes, o mineiro Carlos Drummond de Andrade? Não sei. Gosto tanto d' 'O Morto' de Pedro Nava como da 'Passárgada' de Manuel, como do 'Tu', de Mário de Andrade, e também de quase toda a 'Valsa Latejante', de Sérgio Milliet.

A música? Satie, Satie. Erik Satie. A pianista Ana Stela explicará por que ao público de Belo Horizonte.

Agora os livros. São três ou quatro. Minha infância abriu os olhos para um volume anônimo que se chamava *Carlos Magno e Os Doze Pares de França*. Como tenho a desastrada mania de querer que os outros gostem do que leio e admiro, emprestei o livro a uma comadre de minha mãe e até hoje! Minha adolescência bebeu Júlio Verne que era o gibi da época. Mas que gibi! Minha virilidade se embebedou da galhardice de Fialho de Almeida, se sombreou de Romain Rolland. Chego ao ponto nevrálgico: "O escritor e a guerra". Toda gente sabe que sou da turma de Camões. Da participação! Só o escritor interessado pode interessar.

Tenho catorze anos de literatura interessada. Deixo de lado a revolução modernista de 22. Deixo também a Antropofagia que foi considerada o nosso primeiro movimento antiimperialista. De 30 para cá, compareci no plenário da literatura nacional com a parte final d' *Os Condenados*, com o prefácio de *Serafim Ponte Grande*, com a peça *O Homem e O Cavalo*, que, entre outras, fez fechar o Teatro de Experiência, de Flávio de

Carvalho, com *A Morta* e *O Rei da Vela* e finalmente com o primeiro volume do romance *Marco Zero* intitulado *A Revolução Melancólica*.

Em 1935, em carta dirigida ao poeta Afrânio Zuccolotto, publicada na revista *Ritmo*, daqui, acentuei o valor de alguns escritores estrangeiros e nacionais: John dos Passos, Ilya Erhemburg, Jorge Amado, Aníbal Monteiro Machado. 'Esses', dizia, 'fazem o romance social moderno, pois passaram e sentiram todas as experiências das mais vastas e corajosas aventuras.' Nessa carta eu repetia a frase de Huxley: 'Devemos transformar a propaganda em arte', e acentuava a dupla missão do escritor — lutar sem esquecer de suas responsabilidades de intelectual. Acreditava, como hoje, que os escritores mais altos podem atingir o povo. 'Descrever da capacidade de compreensão da massa é descrever do próprio progresso revolucionário.'

Tenho dito.

Oswald de Andrade.

Entrevista concedida a Marcelo Tavares.

ESTADO DE MINAS.

Belo Horizonte,

17-04-1944

BELO HORIZONTE NA PALAVRA DE OSWALD DE ANDRADE

O CONHECIDO ESCRITOR FALA DO MOVIMENTO RENOVADOR, CRIADO PELO PREFEITO JUSCELINO KUBITSCHKEK — “ABAFADOS” OS PAULISTAS — A CIDADE DETÉM O “FACHO DA VITÓRIA” E SE TRANSFORMA NA “CAPITAL ARTÍSTICA DO BRASIL”.

A rápida evolução de Belo Horizonte no campo das letras e das artes tem sido motivo para uma série de conferências, artigos, entrevistas e crônicas dos que nos visitam. Ainda agora, com a vinda a esta capital da embaixada de intelectuais e de artistas de São Paulo, esse aspecto cultural da metrópole mineira tem sido enaltecido de maneira que nos causa orgulho. Isto é, ao mesmo tempo, um incentivo para que não se deixe esmorecer esse entusiasmo pelas coisas da arte e do espírito, por tudo quanto constitui verdadeira manifestação cultural de uma cidade.

Na caravana paulista que veio ter a Belo Horizonte, a convite do prefeito Juscelino Kubitschek,¹ que é o responsável por

¹ Oswald visita Belo Horizonte com intelectuais paulistas, convidados pelo então prefeito Juscelino Kubitschek para conhecerem as obras de Oscar Niemeyer (1944), conforme informa Vera Chalmers em Oswald de Andrade, *Telefonema*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974. p.121.

esse movimento renovador e construtor, figurou o consagrado escritor Oswald de Andrade, autor de vários livros como *Marco Zero*, *Pau-Brasil*, *Os Condenados* e *Estrela de Absinto*.

Falando à reportagem do *Diário da Tarde*, Oswald de Andrade reafirmou declarações que têm sido espontâneas e feitas perante numerosas pessoas.

EVOLUÇÃO DE VINTE ANOS

Inicialmente, disse-nos:

— Estou verdadeiramente encantado com Belo Horizonte. O meu entusiasmo é tal que, do meu íntimo, surgiu o desejo de residir aqui. E ontem disse à minha esposa que tenho ímpetos de vender tudo quanto possuo em São Paulo e vir para cá. Não existissem empecilhos grandes, muitas vezes de remoção difícil, o meu desejo seria satisfeito. Tenho mesmo inveja de um Guignard, que aqui está satisfeitíssimo, perfeitamente integrado no meio.

Estive em Belo Horizonte em 1941, de regresso de uma visita que fiz a Ouro Preto. Achei a cidade bastante sem vida intelectual e artística. O que vi era velho, sem expressão. Por isso, quando fui convidado para vir aqui, agora, não recebi o convite com entusiasmo. Tornei-me frio, visto que não podia compreender a modificação que se dizia ter operado no meio belo-horizontino. Não acreditei, tão pouco, no que se dizia do prefeito Juscelino Kubitschek, em cuja administração a cidade se transformara radicalmente, em sua vida artística e intelectual. Mas resolvi verificar o que existia em Belo Horizonte e fiz a viagem com os meus companheiros. O que encontrei não é possível descrever. Resumo apenas na afirmação de que, em três anos, encontrei um adiantamento de vinte anos de evolução intensa. O que vejo hoje é inteiramente diverso. Há um entusiasmo enorme e, o que é mais notável, coordenado, construtor, capaz de proporcionar os melhores resultados.

O "FACHO DA VITÓRIA"

E, prosseguindo:

— Belo Horizonte é hoje a "capital artística do Brasil". Não digo isso com espírito de lisonja. Falo sinceramente, depois do

que vi e ouvi. Tanto é sincera a minha afirmação que, se pudesse, viria para aqui, a fim de participar desse movimento renovador, envolvente.

A geração que aqui surge deve empunhar o facho da vitória no domínio das artes e da intelectualidade. Posso mesmo dizer que aqui encontrei rapazes de dezoito e vinte anos que são verdadeiras revelações e que em breve trarão para a capital um assinalado renome.

Pode dizer aos belo-horizontinos e principalmente ao prefeito Juscelino Kubitschek, o responsável por esse movimento renovador, que volto a São Paulo encantado com o que Belo Horizonte me proporcionou. Aliás, todos nós da embaixada paulista voltamos “abafados”. Esta é a verdade.

AS REALIZAÇÕES DA MUNICIPALIDADE

Interrogamos a Oswald de Andrade sobre as realizações da municipalidade. Respondeu-nos:

— Como disse, já conhecia, através de informações pessoais e pelos jornais, o desenvolvimento da cidade, graças à ação modernizadora e inteligente de seu prefeito. Mas confesso que não acreditava no que me diziam, pelo fato já citado de ter aqui estado recentemente.

Volto com outra impressão. Vi muita coisa e tive contato com esse admirável prefeito que vocês têm. Sua obra cultural, em Belo Horizonte, é mesmo notável, com repercussão, não só em Minas, como em todo o Brasil. Abstenho-me de comentar o progresso material da cidade, para me ater apenas ao cultural. Mas não posso esquecer o Teatro Municipal e a Pampulha, porque ambos são elementos indispensáveis, dentro do plano, que noto, vem sendo executado. Aqui, em Minas, onde se diz estar o povo mais tradicionalista do Brasil, é que a arte moderna encontrou o seu melhor hábitat. É uma grande coisa — concluiu Oswald de Andrade.

DIÁRIO DA TARDE.

1º-06-1944.

LUIZ CARLOS PRESTES,
 COMO ACABA DE VÊ-LO
 OSWALD DE ANDRADE

A HISTÓRIA DE DOIS ENCONTROS — UMA NOITE, EM MONTEVIDÉU... — GANHANDO A VIDA COMO ENGENHEIRO E ESPERANDO — PRECISAMOS TIRAR DA CABEÇA QUALQUER EXTREMISMO — “PRESTES QUER SOBRETUDO ORDEM NO BRASIL” — AÇÃO COMUM DE TODAS AS CLASSES SOCIAIS — ELIMINAÇÃO DE TODAS AS VELHAS REMINISCÊNCIAS FEUDAIS — “UM CADETE MUSCULOSO E ÁGIL”.

Em toda a sua obra, Oswald de Andrade sempre se revelou um escritor de vanguarda — característica que se tornou ainda mais pronunciada em sua organização intelectual, depois que, em 1931, teve ele oportunidade de travar contato com Luiz Carlos Prestes, na ocasião exilado em Montevidéu.

Manifestação desse espírito, o escritor patricio ainda recentemente ofereceu, com a publicação de *A Revolução Melancólica e Chão* — os dois primeiros volumes do romance cíclico *Marco Zero* —, livros que valem principalmente como verdadeiro mural que são da sociedade em que vivemos.

Agora, faz alguns dias, Oswald de Andrade esteve no Rio de Janeiro, especialmente para ali encontrar-se com Luiz Carlos

Prestes. Conversou demoradamente com o líder revolucionário, auscultou-lhe o pensamento, ouviu-lhe a opinião sobre o momento que atravessamos.

Das impressões desses dois encontros — o que há anos se deu em Montevideu e o que agora ocorreu na Casa de Detenção do Rio de Janeiro — eis, em suma, o que Oswald de Andrade nos transmitiu e o que reproduzimos nas linhas que se seguem:

Aquela noite, numa rua escura da capital do Uruguai, dissemos Oswald, um homem despedia-se de mim. Não pude deixar de olhar para trás e vê-lo desaparecer na sombra. Aquele homem era Luiz Carlos Prestes. Que fizera com que, no momento em que os mais fiéis o deixavam, eu partisse na direção dele? Era já o fascínio que exerce essa vocação do sacrifício que distingue o chefe democrata brasileiro. Prestes recusara-se a vir ao Brasil comandando as forças de Getúlio Vargas.

Por que resolveu ir procurar Prestes?

Em 1930 eu também havia perdido tudo. Um pequeno jornal¹ que fundara na praça da Sé, depois de provocar diversos tumultos, fora fechado pela polícia. Atravessávamos a era confusa que precedia a revolução paulista de 32. Um operário, Ernesto Grove, fora a primeira pessoa que ousara enfrentar as minhas teorias oriundas da Semana de Arte Moderna. Isso tudo se passava num apartamento da avenida São João, ocupado por Pedro Mota Lima, que regressava com os revolucionários de seu primeiro exílio.

Mas Prestes?

Prestes não quisera vir. Ficara só em Montevideu, ganhando a sua vida como engenheiro e esperando. Fui vê-lo. Para isso tinha endereço. Encontrei-o em companhia de Silo Meireles. E, durante o nosso primeiro encontro, vi que aquele capitão do exército era um intelectual, cheio não só de cultura política mas de cultura geral. O seu conhecimento das doutrinas sociais era completo. Conversei com ele três noites a fio nos cafés de Montevideu. E desde aí toda a minha vida intelectual se transformou. Encerrei com prazer o período do Modernismo. Pois aquele ho-

¹ *O Homem do Povo* circulou em São Paulo, tendo como editor Álvaro Duarte; secretários Pagu e Queiroz Lima. Seu primeiro número circulou em 27 de março de 1931. Recentemente foi lançada a edição fac-similar desse jornal pela Imprensa Oficial de São Paulo.

mem me apontava um caminho de tarefas mais úteis e mais claras. Desde então, se era já um escritor progressista que tinha como credenciais a parte ativa tomada na renovação da prosa e da poesia do Brasil desde 22, pude ser esse mesmo escritor a serviço de uma causa, a causa do proletariado que Prestes encarnava. Pude caminhar com homens como Jorge Amado, como Aníbal e Dyonélio Machado, como Oswald Costa, Álvaro Moreyra e Aparício Torely. Com Prestes aprendi muito naquelas conversas de café em Montevideu. Quando o deixei numa esquina sombria, vi que ele não se perdia na noite. Ele entrava na História do Brasil. Para isso já tivera o prelúdio heróico da Coluna.²

Durante os anos que se sucederam viu de novo Prestes?

Não. Em 35, tive aqui em São Paulo um incidente pessoal que me afastou da luta revolucionária.³ Se, durante os anos anteriores, havia sido preso muitas vezes e tivera grandes fugas, em 35 achava-me isolado, recomeçando atividades abandonadas.

Negócios burgueses?

Claro. Que produz aqui à literatura como resultado, quando se faz dela não meio venal de vida e sim um apostolado? Claro que fui obrigado a voltar às atividades burguesas, justamente a fim de manter a minha independência nas letras e na política.

Soube da prisão de Prestes...

Estava na redação da *Gazeta*, quando chegou a notícia da prisão de Luiz Carlos Prestes. E tive então ocasião de dizer a Cásper Líbero que nunca mais o Brasil poderia deixar de viver em função do idealismo de Prestes. Preso e condenado, Prestes daria ao Brasil uma firme direção ideológica. A História confirmou isso.

Agora, como encontrou Prestes?

Desse caos em que o mergulharam com torturas infernais, Prestes emergiu confiante e calmo, dizendo-me: "Não guardo nenhum ressentimento".

Como explica esse estoicismo?

Disse bem a palavra estoicismo. Encontrei Prestes com uma porção de folhas manuscritas. Tinha traduzido do francês as "Máximas", de Epiteto, o filósofo estóico grego. Foi uma das suas

2 Comandado por Prestes, um grupo de revoltosos marchou pelo interior, pregando a revolução de 1924 até mais ou menos 1926.

3 Em 1935 Oswald casa-se com Julieta Guerrini de Andrade, volta a trabalhar como jornalista.

atividades na prisão. Além disso, leu muito. Acompanhou como pôde tudo o que fazíamos aqui fora. Sabe muito bem a posição que cada um tomou, mas não faz especialmente restrições contra ninguém, a não ser contra os bagunceiros. Isso ele acha mau. Não compreende que haja quem pretenda perturbar a marcha e a consolidação das conquistas democráticas, que obtivemos com tanto trabalho.

É fato que ele não quer que se fale em comunismo?

De fato, acha que precisamos tirar da cabeça qualquer extremismo. O momento não comporta isso. Estamos vivendo sob o signo da Conferência de Ialta,⁴ onde se viu a aliança sincera e produtiva do proletariado e das potências burguesas progressistas. No terreno nacional, teremos que adotar o mesmo padrão de vida. Prestes quer sobretudo ordem no Brasil. Ordem e democracia.

Como Prestes encara o governo que irá suceder o de Getúlio Vargas?

Um regime republicano, progressista e popular. Isso está no folheto ora publicado, em que vem reproduzida uma entrevista que ele concedeu a *O Globo*, no Rio, logo que o novo chefe de polícia, o ministro João Alberto, pondo fim ao regime de opressão e de terror, fez cessar a incomunicabilidade de Prestes.

Essa entrevista é autêntica?

Tão autêntica que o próprio Prestes me deu o folheto em questão. Nele há estas palavras:

“Ora, uma tal república, para que possa ser instituída sem maiores choques e lutas, dentro da ordem e da lei, não poderá ser de forma alguma uma república soviética, isto é, socialista, mas capitalista, resultante da ação comum de todas as classes sociais, democráticas e progressistas, desde o proletariado até a grande burguesia nacional, com a só exceção de seus elementos mais reacionários, numericamente insignificantes. É claro que o capitalismo do pós-guerra não será o mesmo capitalismo anterior nem, muito menos, o do século XIX, mas, ainda assim, capitalismo, que apresentará numa combinação em graus diversos, conforme as condições específicas de cada país, grandes empreendimentos estatais ao lado da livre iniciativa individual”.

⁴ Conferência de Ialta, realizada de 4 a 11 de fevereiro entre Roosevelt, Churchill e Stálin, com o objetivo de discutir a situação dos Aliados após a derrota da Alemanha.

Que outros problemas ele encara?

Muitos, como o da crise industrial que se esboça com o fim da guerra. Assim afirma ele:

“A salvação única da indústria nacional e a possibilidade de seu ulterior desenvolvimento residem, antes e acima de tudo, na ampliação multiplicada do nosso próprio mercado interno e isto só será possível com a elevação decisiva do nível de vida das grandes massas camponesas que constituem a maioria da população nacional, o que no fim de contas significa a eliminação do país de todas as velhas reminiscências feudais”.

Encontrou Prestes com saúde?

Tive a impressão de estar diante de um cadete, musculoso e ágil, saído da Escola Militar. Que vitalidade e que fé foram necessárias para fazê-lo sair assim com os olhos brilhantes e os cabelos pretos, desses longos anos de tortura e de treva! Ao deixar a Detenção, meus olhos encheram-se de água. Ia ficar ali, preso ainda, aquele homem que tudo sofreu e a quem tanto se difamou e se insultou, por amar demasiadamente o Brasil. Ele é hoje, mais do que nunca, o Cavaleiro da Esperança!

A GAZETA.
São Paulo,
10-04-1945.

APÊNDICE

A PALAVRA DE LUIZ CARLOS PRESTES

Vamos ouvir a palavra de Prestes, ouvi-lo em pessoa. Amanhã, já não se poderá duvidar do que ele quer. Do estádio de São Januário, no Rio, será a sua primeira fala aos brasileiros irradiada para o mundo todo. Veja-se a garantia que oferece um homem que começa a falar depois de ter adquirido uma autoridade sem contestação. No nosso país, os políticos começavam geralmente falando,

sem ter o que dizer. E sem ter o que dizer se elegiam ou se guindavam ao poder, onde também nada faziam. É a primeira vez que Prestes pronuncia um discurso no Brasil. Suas credenciais são: primeiro, a coluna heróica que guarda o seu nome e que, percorrendo o país de Norte a Sul, foi o núcleo inicial da revolução brasileira, a revolução que se vem processando por etapas, de 30 até hoje; depois, nove anos de cárcere incomunicável por ter lutado de armas na mão contra o fascismo, em 33, num movimento que não tinha o caráter venenoso que lhe deram, pois era tentado por uma aliança de forças as mais diversas da nação. Tomaram parte nele comunistas, liberais e democratas de qualquer feitio.

E que vai dizer Prestes? Esta coisa espantosa: pregar a união de todos os brasileiros. Digo espantosa, porque o Brasil está tão mal-acostumado, tais são as agitações personalistas e grupais que o têm comovidado que querer unir a nossa pátria parece absurdo. No entanto, é esse o sonho de Luiz Carlos Prestes. É um sonho que tem base absoluta na realidade política e social que atravessamos. O nosso caminho é esse, só pode ser esse. Os ressentimentos terão que se diluir, os recalques terão que se acomodar diante de um apelo tão sincero e tão alto. Prestes visa somente a emancipação econômica e política do Brasil. Sem cultivarmos a democracia inicial que conquistamos, sem a consolidarmos definitivamente, entraremos numa fase de lutas caudilhescas que nos levará a um desastre histórico. Nenhum outro chefe político do Brasil poderá conseguir a união. Somente Prestes porque a sua voz traz a marca da luta idealista e do cárcere. Só ele, o maior sacrificado da nossa história contemporânea, poderá ser ouvido nesse apelo dramático e definitivo.

Os companheiros de Prestes, em crescente maioria, compreendem a sua linha. Diante do seu estoicismo, que motivo terão para se esquivar os que sofreram sacrifícios incomparavelmente menores que os seus? Prestes estende a mão a todos os seus compatriotas, aos seus maiores inimigos. Chama para a colaboração política e construtiva todas as classes e todos os valores. E conseguirá levar avante o seu nobre propósito. E conseguirá, somente assim, conduzir o Brasil a um alto destino. Prestes hoje não é só um líder brasileiro ouvido com respeito e acatamento em todo o mundo, tanto nos Estados Unidos como na URSS; ele é um líder continental, e talvez seja, depois da morte de Roosevelt, a maior figura política das Américas.

É de acreditar-se no êxito da tentativa pacificadora de Prestes? Por que não, depois do êxito histórico que foi a união da Rússia Soviética com os países capitalistas mais avançados? Os jornais já noticiaram as visitas que fizeram a Prestes os líderes da finança e da indústria, que são os srs. João Daudt de Oliveira, Roberto Simonsen, Valentim Bouças e outros. Prestes estende o seu convite à união, a todos os brasileiros sinceros que sinceramente, mesmo em campos opostos, trabalharam com fé pelo Brasil.

Mesmo aos integralistas? É preciso compreender e situar os integralistas. Não é possível qualquer entendimento com os que pretendem fazer ressurgir sob qualquer disfarce o fascismo nacional, os que hoje procuram defender e enfeitar um passado errado ou criminoso, que visava entregar o Brasil ao eixo Roma—Berlim—Tóquio. Mas há os que foram integralistas por muito amar o Brasil. Estes não podem estar ouvindo insensíveis às palavras de Prestes nem ser indiferentes à sua política realística e patriótica. Todas as lealdades são convocadas para o trabalho comum de estruturar o Brasil independente e forte num futuro sereno. Fora da união que vai pregar amanhã a palavra de Luiz Carlos Prestes, ficarão os eternos sabotadores e os descontentes eternos.

Quanto aos passos para que seja concretizada a união proposta, tenho encontrado apoio a uma política de cooperação de classes, na iniciativa que tomei, com o conhecimento de Prestes, de formar aqui a Ala Progressista Brasileira. Não posso ainda revelar nomes, mas já conto com entusiástica adesão à idéia por parte de respeitável número de paulistas eficientes e patriotas. A Ala Progressista, deixando em aberto a questão das candidaturas presidenciais, terá por base este programa mínimo de Prestes: 1º) legalidade e funcionamento dos partidos políticos; 2º) liberdade sindical; 3º) melhor legislação destinada a amparar a indústria e o proletariado; 4º) solução dos problemas do campo, tendendo à criação de um mercado interno pelo nível de vida do interior. Mas deixemos isto para depois da retransmissão da palavra de Luiz Carlos Prestes, no comício que realizaremos amanhã à noite, na praça da Sé.

OSWALD DE ANDRADE

22-05-1945.

GOLPE CERTEIRO NO EIXO DA REVOLUÇÃO EM MARCHA

O ESCRITOR OSWALD DE ANDRADE APONTA AS RAZÕES IDEOLÓGICAS QUE O LEVARAM A ROMPER COM O PARTIDO COMUNISTA BRASILEIRO.

O SR. LUIZ CARLOS PRESTES SEGUE UMA "LINHA" INDISFARÇADAMENTE TROTSKISTA, CONTRARIANDO OS ACORDOS DE TEERÃ, DA CRIMÉIA E DE POTSDAM — LIGAÇÃO DO PARTIDO COM AS FORÇAS AVANÇADAS DA BURGUESIA.

Quando o sr. Luiz Carlos Prestes estava em São Paulo, pela última vez, concedeu uma entrevista coletiva à imprensa. O escritor Oswald de Andrade, que exercera as funções de redator do jornal *Meio Dia*¹ (na primeira fase antinazista, pois mais tarde o jornal, dirigido pelo sr. Jorge Amado, passou a fazer a apologia desbragada do nazismo e a enaltecer o pacto Ribbentrop-Molotoff), esteve presente a essa entrevista coletiva e formulou, sem dúvida, questões da maior atualidade. Sabe-se que certos dirigentes comunistas tentaram impedir que o autor de *Marco Zero* continuasse a formular perguntas ao sr. Luiz Carlos Prestes.

¹ *Meio Dia* — jornal carioca dirigido por Joaquim Inojosa.

Este, porém, repudiou a idéia reacionária de seus adeptos. Oswald de Andrade, então, levantou a questão da “linha” do PCB, em face das novas diretrizes delineadas por William Foster, dirigente máximo do Partido Comunista norte-americano. Sabe-se que Browder, intérprete autorizado da Conferência de Teerã, traduzira fielmente o roteiro traçado por Stálin. Foster, ao contrário, insiste em retomar a velha “linha” partidária, discordando do colaboracionismo com a burguesia e com os governos de fato existentes em vários países, inclusive na Argentina, no Paraguai e no Brasil.

A PALAVRA DE OSWALD DE ANDRADE

Ontem à tarde, o jornalista avistou-se com o escritor Oswald de Andrade, à porta da Livraria Brasiliense. Grande admirador de Prestes, não obstante o sr. Oswald de Andrade retirou sua inscrição no PCB pelo fato de discordar, em substância, da chamada “linha justa”. A propósito da questão que ora empolga os meios comunistas de todo o mundo, o sr. Oswald de Andrade, aludindo às últimas declarações de Foster, declarou o seguinte:

— Efetivamente, eu pretendi levantar a questão da “linha” do partido, tanto mais que me pareceu constituir problema de maior importância na hora atual.

O repórter aludiu às últimas declarações de William Foster, o qual talvez provoque uma cisão ainda mais forte nos quadros do Partido Comunista Brasileiro. O grande romancista observou:

— A atitude de Foster, dirigente do PCA, prova que eu tinha razão. Estou com Browder e com Browder fico. É o evangelista de Stálin.

RAZÕES POR QUE OSWALD DE ANDRADE ABANDONOU O PCB

Não se ignora que Oswald de Andrade abandonou o PCB, discordando das diretrizes traçadas pelo sr. Luiz Carlos Prestes. Não é segredo para ninguém, aliás, que lavra, nos bastidores da “linha justa”, fundo ressentimento, o qual ameaça a estrutura frágil do partido em formação, sobretudo em face da atitude assumida com relação ao governo atual. O sr. Oswald de Andrade

confirmou o que se murmurava a propósito das razões que deram origem ao seu rompimento com o PCB:

— De fato foram divergências ideológicas, ou melhor, de interpretação ideológica, que me afastaram definitivamente do Partido Comunista Brasileiro. Os incidentes de ordem pessoal eram apenas sinais de que a locomotiva política guiada pelo sr. Mário Scott pulava há muito tempo fora dos trilhos.

Quando Prestes estava ainda preso, visitei-o. A conjuntura era excepcional. A vitória da URSS enquadrada pelas forças democráticas e a exigência das liberdades essenciais manifestadas pelo povo brasileiro. Um golpe certo aplicado no eixo da revolução em marcha daria o poder ao Partido evidentemente numa combinação de governo com as forças liberais. O centro da revolução não estava no proletariado e sim na burguesia aliadófila e antifascista, pronta a se entregar e a seguir Prestes. O proletariado amortecera o seu impulso histórico com as leis sociais do sr. Getúlio Vargas. Prestes adotava, porém, a tese oposta, a mesma que adotara a CNOP² desde 43, de que era necessária a pacificação colaboracionista com o governo. Aceitei disciplinadamente esta versão, que mostrava o sr. Getúlio Vargas como um autêntico chefe popular trabalhista. E, no espaço que decorreu entre os dois comícios, trabalhei para realizar uma ligação concreta do Partido com as forças avançadas da burguesia organizando o que chamei de Ala Progressista.³ Fui, porém, desautorado no meu trabalho e vi que as taras terroristas da ilegalidade, o sectarismo, o obreirismo, o caudilhismo e até o filhotismo sabotavam as diretrizes traçadas. Veio então a vitória de Foster no PCA. E os comunistas brasileiros penderam indistintamente para o lado do erro, não entendendo mais a teoria luminosa do “fato novo”, que Browder indicava em seu livro *Teerã*, e a idéia de que podia estar ultrapassada a fase partidária do comunismo.

2 Comissão Nacional de Organização Provisória que evitava qualquer ação hostil ao governo de Vargas.

3 Ala Progressista da Burguesia Nacional.

QUEM ESTÁ COM A RAZÃO

— Hoje, quando o PCA, pelo seu líder vitorioso, o alucinado Foster, ataca Truman, e portanto toma uma posição trotskista contra os acordos de Teerã, da Criméia e de Potsdam,⁴ já se começa a perceber quem estava com a razão.

Entrevista ao
DIÁRIO DE SÃO PAULO,
São Paulo,
23-09-1945.

⁴ Conferência de Teerã (1943) reuniu Stálin, Roosevelt e Churchill tomando decisões a respeito dos desembarques da Normandia e do Mediterrâneo, e sobre a criação da ONU; Conferência de Potsdam (1945) reuniu representantes das três grandes potências (EUA, URSS, Grã-Bretanha) para discutir as conseqüências e medidas a serem tomadas em decorrência da vitória sobre a Alemanha.

VIDA, PAIXÃO E MORTE DO PCB

A ÚNICA SAÍDA DECENTE PARA O PARTIDO DO SR. LUIZ CARLOS PRESTES É DISSOLVER-SE — RENDIÇÃO INCONDICIONAL AO DITADOR VARGAS, RESOLVIDA NO PLENO DA MANTI-QUEIRA.

PRESTES NOS BRAÇOS LATIFUNDIÁRIOS DO "BANDO DA LUA" E OS "DEZ DIAS QUE ABALARAM O BOM RETIRO" — REPAROS DE UM MILITANTE QUE SE ATIROU DE UM PÁRA-QUEDAS DO AVIÃO SINISTRADO.

O escritor Oswald de Andrade, que se afastou do Partido Comunista há alguns meses por discordar das diretrizes traçadas pelo seu dirigente máximo, recentemente aludiu às razões determinantes da grave crise que ameaçava a estrutura mesma da organização partidária do sr. Luiz Carlos Prestes. Os acontecimentos do dia 29 de outubro¹ surpreenderam o Partido Comunista não como vanguarda esclarecida do proletariado, mas na posição anti-revolucionária e oportunista de sustentáculo da ditadura fascista que reinava no Brasil. Nas vésperas do movimento demo-

¹ No dia 29 de outubro de 1945, terminou o Estado Novo com a deposição de Getúlio Vargas.

crático empreendido pelas Forças Armadas, o chefe da chamada “linha justa” anunciava, em seu jornal, que apoiaria o governo do sr. Getúlio Vargas contra qualquer “golpe salvador” que porventura fosse desfechado pelos “generais reacionários” segundo a linguagem comuno-queremista² utilizada pelos órgãos prestistas. Não obstante, desferido o contragolpe fulminante e apeado do poder o ditador, o sr. Luiz Carlos Prestes não liderou coisíssima nenhuma e muito menos cumpriu a promessa que a sua prosápia formulara no sentido de ajudar a ditadura contra os “golpistas”. Esse novo erro do Partido Comunista Brasileiro, vaticinado há meses pelos líderes mais lúcidos que se afastaram da grei, completa afinal um ciclo de incongruências gritantes, que se iniciou praticamente em 1930.

A ÚNICA SAÍDA DECENTE DO PCB

Um encontro com o escritor Oswald de Andrade levou-nos a formular a seguinte pergunta: que deve fazer o PCB em face da nova conjuntura política? Oswald de Andrade respondeu:

— A única saída decente do Partido Comunista Brasileiro é dissolver-se. É o que indica a linha do grande líder marxista americano Earl Browder. A CNOP, isto é, a célebre Comissão Nacional de Organização Proletária que tomou conta do Partido Comunista, o tem conduzido a todos os desastres. Chegou mesmo a conseguir que se extinguisse a aura que cercou Luiz Carlos Prestes entre os dois comícios, o de São Januário e o do Pacaembu.

Não há nenhuma heresia no que afirmo. Se Stálin dissolveu o Komintern por julgar que estava historicamente ultrapassada a sua missão, não vejo motivo para que não se transformem os Partidos Comunistas, como foi feito em Cuba, na Colômbia e nos Estados Unidos. Infelizmente o ponto de vista de Browder foi vencido pela intromissão trotskizante do líder francês Duclos, que adotou, em sua análise do caso americano, uma tese parale-

² Linguagem comuno-queremista significava as manifestações de apoio a Getúlio, iniciadas a partir do comício do Pacaembu (SP) por Prestes. Em 13 de agosto de 1945, líderes sindicais e funcionários do Ministério do Trabalho organizaram uma passeata no Rio, entrando em coro “queremos Getúlio!” Daí surgiu o “movimento queremista” que nasceu sob a inspiração do político Hugo Borghi.

la, a de não poder ser dada solução devida e isolada a cada país. O alucinado Foster que sucedeu a Browder tem se extremado em acusações ao presidente Truman, liquidando o clima de entendimento e de colaboração que devia suceder aos acordos de “Teerã”, de Ialta e de Potsdam. Como é hábito, Foster declara-se monopolista do proletariado americano. Por ser de fato o Partido Comunista Russo o Partido do Proletariado da URSS, cada Partido Comunista declara ser o Partido do Proletariado de seu país. O proletariado americano, transpondo pelo progresso técnico e político a fase de exploração e de miséria que faz o entrecho humano d’*O Capital* de Marx, não quer ser comunista, só se ocupa de reivindicações de caráter econômico, pelas quais faz e desfaz greves e agitações. No entanto, o Partido Comunista dos Estados Unidos, por minúsculo que seja, se arroga o título de Partido do Proletariado Americano. O mesmo acontece na Inglaterra, onde o Partido Comunista, com dois deputados, declara também ser o Partido do Proletariado. Prestes, aqui, chegou ao cúmulo de dizer que o Partido Trabalhista, na hora em que tomava o poder, derrotando Churchill nas eleições, não representava o proletariado inglês.

PARANÓIA VERMELHA

— Essa paranóia vermelha é que faz com que o Partido Comunista Brasileiro, que entrou em rápido declínio pelo acúmulo de seus erros e desvios, também diga que representa e monopoliza o proletariado do Brasil. No entanto, a verdade é bem outra.
(falha do jornal)

Como o galo da *Fábula* o Partido Comunista se atribui a virtude de fazer nascer, com seu canto, o sol de todos os dias.

RENDIÇÃO INCONDICIONAL AO SR. VARGAS

— A única coisa que de fato o Partido Comunista pleiteou foi a Constituinte e todo mundo sabe o que isso significava.

E todo mundo viu os resultados políticos do “Plano da Vitória”.

Felizmente atirei-me de pára-quadras de um avião sinistrado, deixando a tempo o Partido Comunista, que, hoje, derrotado perante as massas, apoiando de um lado as forças “golpistas” e chamando de traidor do povo brasileiro o sr. Getúlio Vargas, que ontem pretendia defender de armas na mão, irá de contradição em contradição até morrer nos respeitáveis braços latifundiários do Bando da Lua. Ginástica para qualquer partido, menos para o que traz em seus estatutos a socialização dos meios de produção.

Desse entulho de contradições salvar-se-á a história sinistra da CNOP, isto é, dos badarós do comunismo que, no ano fascista de 43, assinaram no pleno da Mantiqueira uma rendição “incondicional” ao sr. Getúlio Vargas. Daí para cá, vimos o que se passou. A CNOP envolveu e apoderou-se de Prestes ainda na prisão. A saída do líder provocou a mais desastrada divisão de forças democráticas a que o Brasil já assistiu. Em vez de compreender, como tive ocasião de afirmar em entrevistas muito anteriores ao golpe, que o eixo da revolução se achava na burguesia progressista e não no proletariado amortecido pelas leis sociais, Luiz Carlos Prestes entendeu, ao contrário, apoiar o seu algoz da véspera e amortecer o movimento libertador do Brasil. Se tivesse visão diferente da estreita e oportunista miopia da CNOP teria precipitado o golpe cirúrgico de 29 de outubro, figurando ao lado do brigadeiro Eduardo Gomes. Hoje para mendigar uma posiçãozinha oficiosa faz tantos salamaleques... No entanto, essa atitude de candura exterior envolve o mais negro sectarismo, pois a CNOP, com o seu sincero oportunismo, tem um sentido de panela ditatorial e pleiteia a tomada do poder com os propósitos moral, política e psicologicamente ultrapassados da Revolução Bolchevista de 17. Não há na direção atual do Partido um sujeito que entenda o “fato novo” de Teerã, proclamado por Browder, que se tornou, assim, o evangelista de Stálin e cuja linha é a única diretiva do momento.

OS DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

— A CNOP pretende fazer do Brasil e mal-amanhadas terras do sem-fim e para isso já terá encomendado ao sr. Jorge Amado um livro intitulado “Os Dez Dias que Abalaram o Bom Reti-

ro", pois, sem muito sangue e muita trágica tropelia, não concebe a revolução brasileira. Essa intolerância boçal, que produziu as chapas obreiristas e que cuidadosamente afastou dos postos e cargos os intelectuais e homens de boa vontade, não consegue se cobrir do manto de doçura com que sorri a fim de fazer acordos. A CNOP não tem créditos nem autoridade para realizar as alianças que a época exige nem para participar de um governo de coalizão.

O desprezo pela inteligência e a luta contra a cultura continuam a caracterizar a atual direção do Partido Comunista Brasileiro. A *Tribuna Popular* estampa semanalmente aquele poema de sapateiro que fez com que Maiakovski pregasse um tiro nos miolos. E não se esqueça de que Maiakovski é considerado hoje pelo próprio Stálin o maior poeta da Rússia Soviética.

Quando na URSS se inicia um verdadeiro humanismo, cultuando-se a memória de Verlaine, representando-se Oscar Wilde e ouvindo-se Chopin pelo rádio nas ruínas inacessíveis de Stalingrado, a CNOP insulta a tradição literária do Brasil e do próprio Partido com os demagógicos esgares que anima e publica em prosa e verso. Vejo daqui o estado de choque semanal que sofreram homens do valor de Carlos Drummond de Andrade, de Álvaro Moreyra, de Astrogildo e de outros muitos lendo em "seu jornal" as tranqüilas palhaçadas do sr. Aidano do Couto, do dulçuroso Jurandir e companhia bela.

AS BURRADAS DO MANIFESTO

— Outro exemplo do grau de insalubridade a que chegou a CNOP é o último manifesto deitado pelo Partido. Quando aumenta a confusão, diminui a gramática. Leia-se esta jóia de desrespeito à inteligência, à lealdade e à ciência política e ver-se-á a que cúmulo de perfeição atinge a incapacidade de direção do Partido o consórcio CNOP/Prestes. Os comunistas de boa vontade estão alarmados com o fecho de ouro dessa calamitosa corrida ao mesmo tempo oportunista e sectária que se iniciou com a "rendição incondicional" ao sr. Getúlio Vargas, em 43, no famoso pleno da Mantiqueira, que por sinal afirmam ter sido realizado no Clube dos Duzentos.

DIÁRIO DE SÃO PAULO.

11-11-1945. p. 2.

POVO NÃO VAI NESSA, FIÚZA!...

“DÁ CÁ A MÃO, BURGUESIA, QUE EU TE CRAVO A FACA NAS COSTAS.”

O ROMEU VERMELHO TRAI A JULIETA AGRÁRIA PARA CAIR NOS BRAÇOS DA GUEIXA DE PETRÓPOLIS — DECLARAÇÕES DO ESCRITOR COMUNISTA OSWALD DE ANDRADE — CONTRADIÇÃO NÃO É DIALÉTICA — POR QUE SAIU DO PARYIDO PRESTISTA — “À CANALHA CNOPISTA” — GUERRA À CULTURA.

Conhecido por sua permanente irreverência, o escritor Oswald de Andrade é uma das mais fortes personalidades da vida intelectual brasileira.

Pioneiro da literatura moderna, é autor de alguns dos mais discutidos romances atuais e desenvolveu intensa atividade contra o fascismo, há cerca de vinte anos.

Ao ser reorganizado o Partido Comunista, o escritor Oswald de Andrade requereu sua inscrição, em São Paulo, e imediatamente se pôs a trabalhar. Pouco depois, porém, num incidente rumoroso com o escritor igualmente comunista Jorge Amado, o sr. Oswald de Andrade rompeu com a “linha justa”.

Em declarações que fez a este jornal ele explica o seu ponto de vista e define, com vigorosa ironia, os erros do seu antigo chefe.

O PLENO DO CLUBE DOS DUZENTOS

— Prestes ainda estava na cadeia — começa Oswald de Andrade. — Visitei-o e conversamos. Como toda gente, eu estava convencido de que a solução revolucionária, no Brasil, estava na burguesia progressista, na sua aliança com o proletariado e não com a exaltação cretina daquela parte das massas amortecidas, durante a ditadura, pela demagogia do Ministério do Trabalho. Mas, para surpresa geral, Prestes tomou atitude decisiva em favor da ditadura, insinuando que Getúlio era chefe trabalhista. Tomado de surpresa, aceitei a princípio essa “tese”, pois como toda gente eu também ignorava que Prestes era apenas uma figura de proa, um instrumento da CNOP, e ajuntamento da “canalha cnopista”.

Essa CNOP, segundo foi depois noticiado pela *Tribuna Popular*, órgão prestista a serviço da ditadura, realizou um “pleno” (espécie de congresso partidário comunista) na serra da Mantiqueira, consta que no Clube dos Duzentos, garantido pela Polícia Especial.

RENDIÇÃO INCONDICIONAL

Nesse “pleno”, que não foi ainda o da “vitória”, mas sim o “pleno da cavação”, foi negociada uma “rendição incondicional” ao ditador Vargas, no ano fascista de 1943, quando Getúlio retardava o envio da FEB e mantinha feroz censura contra o pensamento e a ação democráticos. Pois bem: era nesse momento que a CNOP (hoje denominada Partido Comunista, ou Partido de Prestes) se entregava “incondicionalmente” a Getúlio, conforme confessou à *Tribuna Popular*. As resoluções secretas desse “pleno” visaram o envolvimento e captura de Prestes na cadeia em que este se encontrava, segregado, impossibilitado de conhecer a verdadeira situação brasileira. Por isso eu e muitos outros fomos envolvidos, sem saber que a manobra da CNOP não passava de um conluio com Getúlio.

CONTRADIÇÃO NÃO É DIALÉTICA

Começou, então, a contradição do prestismo. Falta de visão e de lógica. De um lado, anuncia-se o sectarismo e o obreirismo mais boçal. Inutilizam-se todos os valores já adquiridos pelo partido em sua luta de outrora. Colocam-se nas chapas para o Congresso nomes como o de Agildo Barata, que ficaria muito bem à frente de uma companhia de tanques no dia 29, para defender o amado Getúlio, mas não no Congresso, onde ele não poderá inaugurar, como fez no presídio, o retrato do ditador. É o seu nome, é claro, só poderia provocar uma ordem do dia como a do general Benício. Constituiu, pois, autêntica provocação.

AFRONTA A SÃO PAULO

— Veja outro candidato, para exemplo dessa desorientação da CNOP, vulgo Partido Comunista — diz Oswald de Andrade: — a candidatura de Jorge Amado. Jorge Amado não mora em São Paulo e nesta cidade apenas montou uma *boit* para fazer as suas insistentes raspudinadas. É um intrigante que se viu de repente guinado a candidato por São Paulo, honra que logo aceitou, com seu habitual cinismo.

Ao lado de um intelectual desmoralizado, servidor do DIP e da embaixada alemã, a contradição prestista entregou-se ao obreirismo. O secretário do partido em São Paulo, Mário Scott, separou os escritores e artistas para um lado e lhes disse: vão escrever e pintar a palavra Constituinte nas paredes!

POR QUE MONTEIRO LOBATO SAIU

— Monteiro Lobato saiu sem ter propriamente entrado no Partido. A CNOP procurou explorar o seu grande nome incluindo-o na chapa de deputados por São Paulo. Ele recusou.¹ Imagine

¹ Monteiro Lobato alegou motivos de saúde para não integrar uma chapa de deputados organizada pelo Comitê Estadual do Partido Comunista, embora se saiba que os motivos foram divergências de pontos de vista em relação ao apoio do Partido a regimes autoritários.

que Mário Scott, o inefável, explicou a Lobato como os comunistas iam tomar as casas:

- Vamos tomar tudo!
- Até o Martinelli? — perguntou Lobato.
- Até o Martinelli.
- E as casas dos bairros também?
- Tudo! — disse o secretário paulista.

Lobato enjoou. E depois Scott explicava a outros que o intelectual é muito burro, custa a entender as coisas. O operário, sim, dizia este mistificador, entende tudo facilmente. Não foi você que ajudou a construir o Martinelli? Então, por que não pode ficar com ele? É assim que o secretário do Partido Comunista em São Paulo entende o comunismo.

PRESTES DESORIENTADO

— No momento mesmo em que estendia a mão à burguesia progressista, Prestes declarava que estamos numa época de agravamento da luta de classes! Na *Tribuna Popular* se publicou que numa daquelas ridículas sabatinas Prestes declarou que “não sabia” se esta guerra era o fim catastrófico do capitalismo. Não saber uma coisa dessas é grave.

— É que Prestes — diz Oswald de Andrade — está na fase do capitalismo heróico. Cai, por isso, em contradição mortal: quer abraçar o capitalismo e se agarra a um sectarismo obreirista incompatível com essa orientação.

POR QUE SAIU

Diante de tantos erros e mistificações, retirei a minha inscrição do Partido. Numa reunião do comitê de escritores, diante de quinze pessoas do PC, apelei para que o sr. Jorge Amado se retirasse de São Paulo e denunciarei-o como espião barato do nazismo, antigo redator qualificado do *Meio Dia*. Conteí, então, sem que Jorge Amado ousasse sequer defender-se, pois tudo é rigorosamente verdadeiro, que em 1940 Jorge convidou-me no Rio para almoçar na Brahma com um alemão altamente situado na embaixada e na agência Transocean, para que esse alemão me

oferecesse escrever um livro em defesa da Alemanha. Jorge depois me informou que esse livro iria render-me 30 contos. Recusei, e Jorge ficou surpreso, pois aceitara várias encomendas desse gênero do mesmo alemão.

INTELECTUAIS DE ÚLTIMA HORA

— Antes de sair do saco de gatos cnopistas acentuei que eles erravam não incluindo na chapa paulista nomes como Caio Prado Júnior, Samuel Pessoa e Luísa Peçanha. Agora, à última hora, eles incluíram esses nomes e até outros, como o de Portinari, que entrou na chapa para que a CNOP se aproveitasse do seu nome. Mas tudo isto foi feito tão tarde que Caio e os outros já não têm chance de ser eleitos. Sabe por que o atraso? Para assegurar a vitória do Rasputin de Estância, o Munckausen da linha justa, Jorge Amado.

Os badarós do comunismo (o bedel Milton Cayres de Brito da direção nacional do partido prestista) etc. entendem tanto de marxismo quanto o Aidano do Couto Ferraz (jornalista do DIP prestista e candidato baiano) de poesia. Essa gente funesta leva Prestes aos maiores erros. Todos sabem que Prestes conspirou com Benjamin Vargas, às vésperas do golpe de 29 de outubro, para ajudar o Beijo. E agora inclui deputados-faróis, para explorar nomes — como qualquer partidozinho de cavação.

O CANDIDATO DO POVO JAPONÊS

— O sr. Yeddo Fiúza traz o eixo no nome. Se falta nazismo, sobra amizade com o Guanabara, o que é a mesma coisa. Mas infelizmente o povo não vai nessa, Fiúza...

Loucuras como essa de lançar a candidatura de um homem desmoralizado demonstram falta de crédito e de autoridade da CNOP, vulgo partido comunista, para qualquer acordo de união nacional. A CNOP fuçou todos os cantos partidários para ver se encontrava um Prestes Maia.

— A canalha cnopista está levando a cabo a mais infame traição ao povo brasileiro. Com todas as chances de participar do governo em benefício do povo, ela divide o povo, favorecendo

a reação e para efeito demagógico procura fazer os dez dias que abalaram o morro do Querosene. Os aventureiros da CNOP não sabem passar sem isso.

SAUDADE DA CADEIA

— Estão com saudades da cadeia — diz Oswald de Andrade. — Não têm capacidade construtiva. Querem fregue e mentira. Seu lema é este: “Dá cá a mão, burguesia, que eu te cravo a faca nas costas”. E isso não engana ninguém.

— O galo cnopista é um galo músico. Canta na rua Conde de Lage e pensa que foi o seu canto que fez o sol nascer. Fiquei horrorizado quando vi Prestes declarar, a propósito da vitória trabalhista na Inglaterra, que o Partido Trabalhista não representa o proletariado inglês.

POESIA DE CAVAÇÃO

— O horror à inteligência foi um dos males infantis do comunismo, manifestou-se na Rússia e foi eliminado graças a um discurso de Stálin, em 1931. Imagino o constrangimento de homens como Aníbal Machado, Astrogildo Pereira, Álvaro Moreyra, ante a enxurrada de asneiras que o jornal comunista lança todos os domingos com o nome de poesia e cultura. Perguntei ao Jorge Amado, há tempos, aqui em São Paulo:

“Por que inventam um idiota como esse dulçuroso Dalcídio Jurandir?”

Informaram-me então que o homem de fato é fraco, mas “é índio!”, disseram-me. E ficava muito bem à CNOP ter um índio, nem que fosse um índio burro.

E esse incrível Aidano do Couto Ferraz, esse Aidano cujo nome resulta num trocadilho? É esse o jornalista da CNOP. Quem lê os seus tópicos — há dias ele dizia que De Gaulle precisava ser encostado no muro de fuzilamento... — diz logo:

“Ai que dano!”

E não adianta mudar o nome. Ele precisaria mudar a cabeça. O que resta de intelectuais dentro da CNOP (vulgo PC) é por atitude oportunista à espera de derrotar a CNOP e empossar a direção, ou por crise franciscana, como é o caso de Astrogildo e Álvaro.

TEERÃ E A LINHA BROWDER

— A única solução feliz e decente é a linha Browder. A tese é o capitalismo, a antítese ao bolchevismo, a síntese: o acordo de Teerã, isto é, o entendimento progressivo para aproveitar legalmente o progresso efetuado pela própria guerra. Mas isto só será possível sem a CNOP e sem Prestes, pois infelizmente até este já perdeu o crédito para fazer acordos com as forças progressistas, quanto à CNOP é apenas traidora do proletariado e do povo, pela sua incapacidade de usar a imensa conjuntura entre o comício prestista do Rio e do Pacaembu. A CNOP, além do mais, é também trotskizante, mau grado os seus palavrões contra os trotskistas. É trotskizante, na prática, porque a “linha justa” só pode levar a uma de duas saídas: a guerra contra a URSS ou a revolução permanente.

— Esses burros não compreendem que está ultrapassado o marxismo-leninismo, definido por Stálin como o marxismo do tempo das revoluções proletárias. O marxismo-stalinismo, que é o da época de Teerã, é o marxismo da época da derrota do fascismo. Diante da energia atômica, temos de ser otimistas. O progresso humano caminhará de tal forma que é inadmissível o retrocesso histórico.

O PRESTES DE BROOKLIN

— Foster, o demagogo comunista norte-americano, é o Prestes de Brooklin. Ataca Truman e agrava a situação em vez de auxiliar a coesão progressista. A intervenção do francês Jacques Duclos é trotskista, pois ele não admitia a solução específica de cada país, e isso é uma tese trotskista. É preciso utilizar o marxismo criador e não o dogmático. O marxismo não é uma coleção de dogmas, é ciência viva. O apelo aos textos para resolver situações presentes é uma tática trotskista que a CNOP usa quando isso convém aos seus interesses de colaboracionista inveterada.

DOIS ANACRONISMOS

— Nos estatutos do Partido Comunista de Prestes há dois anacronismos perigosos. Insiste o Partido em dizer-se marxista-leninista, e Stálin definiu o marxismo-leninismo como da época das revoluções proletárias. Prestes declarou que não quer fazer revolução. Em que ficamos, então?

Outro é o da referência à socialização dos meios de produção, possível com o tempo mas não com a CNOP. Pois se o Partido diz que quer a conciliação e entendimento das classes, como quererá socializar os meios de produção?

Se a burguesia soubesse ter...

É preciso notar que houve a dissolução do Komintern. Se foi ato meramente diplomático, seria inútil tocar no assunto. Se foi ato político, implica o reconhecimento de que está ultrapassada a missão subversiva do Partido. Então surge a síntese, que é a época atual. É assim que se faz necessário um apelo continental em torno da tese de Browder, mesmo que este tenha capitulado diante de Foster.

DISSOLVIDOS DOIS PARTIDOS

— Nessa ordem de idéias, já foram dissolvidos os partidos comunistas de Cuba e da Colômbia, aproveitando-se o seu patrimônio de lutas na formação de um grande partido nacional e popular. Foi esse o meu pensamento. Essa a esperança que depositei em Prestes. Uma nova Aliança Nacional Libertadora, enriquecida com a experiência dos erros e lutas da primeira. Em vez disso, envolvido pela canalha cnopista, Prestes dividiu, jogou fora o seu prestígio e entregou-se a um critério antidemocrático. Criou, assim, uma espécie de fascismo de esquerda... A escolha dos candidatos a deputados, senadores e presidente, esse inqualificável Fiúza, foi feita de cima para baixo. Ninguém foi ouvido, senão a camarilha da CNOP.

Toda a luta que sustentamos, os sacrifícios, as prisões, tudo, enfim, para quê? Para acabar nos braços petropolitanos de Fiúza, cujo programa consiste em transformar o mundo num mar de hortênsias. Para acabar conspirando com Beijo Vargas!

Prestes está com um Hamlet vermelho hesitante, intranquilo e incapaz de acertar os seus caminhos. Desacreditou-se pelos seus erros sucessivos num curto espaço de tempo. Até de Rolim Telles cuidou Prestes! Dir-se-ia que esse Romeu Vermelho traiu a Julieta agrária para acabar nos braços da gueixa de Petrópolis.

Tudo isto é traição ao proletariado — conclui Oswald de Andrade.

DIÁRIO CARIOCA.

Rio de Janeiro,

25-11-1945.

“PONTA-DE-LANÇA MANEJADA PELO DITADOR VARGAS”

“PRESTES DEIXOU A PRISÃO NÃO PELA LIBERDADE MAS POR UM CÁRCERE MAIOR QUE É A CNOP.”

A EXPULSÃO DE BROWDER E O “FATO NOVO” DE TEERÃ — CONSEQÜÊNCIAS INDECLINÁVEIS DA DISSOLUÇÃO DO KOMINTERN — O OPORTUNISMO E O SECTARISMO DA “LINHA JUSTA”

UM LIVRO QUE SERIA A CHAVE DA SÍNTESE ANUNCIADA POR KARL MARX

Os jornais stalinistas de todo o mundo anunciaram, há poucos dias, com estardalhaço a expulsão de Browder do Partido Comunista dos Estados Unidos. E os adeptos do Sr. Luiz Carlos Prestes no Brasil também cantaram loa à atitude dos stalinistas norte-americanos, aprovando a expulsão do autor de *Teerã* e a ascensão de Foster, o lacaio de Stálin na América do Norte. O jornal *A Classe Operária*, órgão do Partido Comunista Brasileiro, inseriu, em seu número mais recente, a nota do Comitê Executivo do Partido Comunista norte-americano, através da qual os stalinistas brasileiros ficaram sabendo as razões que determinaram a expulsão de Browder.

O SIGNIFICADO DA EXPULSÃO DE BROWDER

Um encontro fortuito com o escritor Oswald de Andrade arrastou-nos a uma discussão sobre o papel desempenhado por Earl Browder e as diretrizes por ele preconizadas. Oswald de Andrade, que logo mais irá traduzir o livro do ex-secretário-geral do Partido Comunista norte-americano, não escondeu suas simpatias veementes por Browder:

— Sua ação foi tal durante a guerra que Dorothy Tompson, num artigo célebre, declarou que era o próprio Stálin na América do Norte. Melhor do que ninguém ele compreendeu Teerã como a chave do sistema do acordo que ainda nos preserva da guerra atômica. Com o seu extraordinário livro *Teerã* tornou-se, inquestionavelmente, o maior pensador político marxista da América.

A TEORIA DO “FATO NOVO”

Oswald de Andrade chama a atenção do repórter:

— Esse homem que focalizara o “fato novo” de Teerã e que levava a dissolução do Komintern às naturais conseqüências (que eram a dissolução dos Partidos Comunistas ligados à III Internacional) viu-se de repente afastado do seu posto pela intervenção trotskizante do líder francês Duclos, que não aceitando a solução isolada para cada caso político nacional fazia restaurar na América o Partido Comunista, desta vez guiado por um sectarismo feroz que lembra a “doença infantil” denunciada por Lenin.

DEIXOU A PRISÃO POR UM CÁRCERE MAIOR

O repórter alude às diretrizes do PCB e à linha partidária delineada pelo sr. Luiz Carlos Prestes. Oswald de Andrade volta suas baterias contra o “guia genial” dos stalinistas brasileiros:

— Aqui no Brasil o nosso Prestes deixou a prisão não pela liberdade, mas por um cárcere maior que é a famigerada CNOP,

ou seja, a Comissão Nacional de Organização Provisória, que nada mais foi do que uma ponta-de-lança manejada pelo ditador Vargas para desmoralizar o comunismo e o seu grande líder.

Prestes, então, caminha a reboque da CNOP?

Claro! Infelizmente, até hoje são os cnopistas que dirigem o Partido Comunista guiando-o ora para uma ameaça insurrecional ora para as mais feias e inúteis capitulações.

Mas os comunistas têm procurado defender a "linha justa" e o "guia genial", inclusive a recente reviravolta com respeito a Vargas e aos trabalhistas...

Qual! Dizem eles que isso é marxismo e que oportunismo + sectarismo = dialética. Mas deixemos o PCB zigiguezagueante, confuso e obtuso, e voltemos a Browder. Creio que agora vive da disciplina que o fazia calar. Browder poderá dar pleno desenvolvimento ao pensamento político do seu livro *Teerã* — chave de síntese anunciada por Marx e que, apesar das presentes ameaças e contradições, poderá iniciar a era pacífica que vivemos com a derrota do fascismo.

15-03-46

APÊNDICE

Povo de São Paulo!
Trabalhadores de São Paulo!
Homens livres de São Paulo!

Ides escutar a palavra de Luiz Carlos Prestes! Pela primeira vez a sua voz ressoará por este Brasil bem-amado. Mas não é a primeira vez que ele vos fala. Há vinte anos que a sua voz de comando enche os rincões do interior e a agitação tumultuosa das capitais. A palavra de Prestes começou na junção heróica de sua pequena tropa gaúcha com os insubmissos de São Paulo, que em 24 levantaram nas nossas ruas as trincheiras da liberdade e da democracia. A palavra de Prestes foi a coluna de fogo que percorreu mais do que o país geográfico o coração da nacionalidade, dando-lhe o primeiro alento e a primeira esperança contra a vocação das ditaduras.

A palavra de Prestes tornou-se depois na conjuntura da guerra agressora juramento de fé e de combate contra as investidas tene-

brozas e as sanguinárias do fascismo. Quiseram então entumular a palavra de Prestes. Mas do seu cárcere saíam a legitimidade e a vitória de seu pensamento político. Se ele não podia falar, falavam por ele os acontecimentos mundiais. Falavam por ele as alianças da liberdade seladas no sangue e no ruído dos campos de batalha. Por ele falava o milagre da Rússia Soviética!

Hoje é a sua própria voz que vai ecoar para todos os brasileiros no culto público dos comícios. O cavaleiro da conferência vai falar, vai falar o mártir da liberdade.

E no mártir e no herói falará o brasileiro, que acima de todos os ressentimentos, de todos os personalismos, levanta, hoje, o facho da união nacional.

“O ÊXITO NA TERRA SUBSTITUI A ESPERANÇA NO CÉU”

OSWALD DE ANDRADE E SEUS QUARENTA
ANOS DE LITERATURA

LIVROS QUE MARCARAM

Os livros marcam até uma certa idade, ou melhor, até uma certa idade cultural. Quando se atinge uma devida cristalização do pensamento não há mais livros marcantes. Há bons ou maus livros. Até a minha maturidade fui marcado pelos seguintes:

Carlos Magno e os Dozes Pares de França e os livros de Júlio Verne, na infância.

Os Miseráveis, de Victor Hugo, aos quinze anos.

A Relíquia, de Eça de Queiroz, aos dezessete.

A obra de Anatole France e a de Mirbeau aos dezoito.

Fialho de Almeida, aos dezenove.

O Zaratustra de Nietzsche e *O Idiota* de Dostoievski, aos vinte.

Até aos trinta anos, Ibsen, Balzac e Romain Rolland.

Depois os grandes romances que são o *Ulysses*, de Joyce, *A Montanha Mágica*, de Mann, e *A Energia*, do soviético Gladkov. A Bíblia e o Manifesto Comunista tiveram sobre mim grande in-

fluência. Quando retirei minha inscrição do PCB, experimentei uma livre e excelente recuperação intelectual. O existencialismo robusteceu minhas posições de 28 — a Antropofagia.

LIVROS DE QUE NÃO GOSTA

Prefiro dizer que não gosto de certos autores. Por exemplo, Bernanos ou Maritain — farisaísmo e mediocridade. Não vai nisso nenhum preconceito contra os católicos. Gosto muito de Gabriel Marcel. Leio bem Ducatillon, Gilson, Blondel. E sei o que valem. Igualmente me repugna hoje o dirigismo a que se submeteu o bom Ehreburg de outros tempos. O intelectual atingido pelo caráter odioso de revelação que tomou o marxismo na militância.

LEITURAS RECENTES

Nestes últimos anos, tenho lido mais filosofia que outra coisa. Uma revisão em tudo — de Platão a Kierkegaard. Os existencialistas alemães. Scheler. Os novos ensaístas franceses — o grande Fondane, morto na resistência. O jesuíta Dubac — Viale. Sem dúvida Sartre, Simone de Beauvoir, Camus. Também o marxista Lefèvre. Jaspers e Chestov.

QUE É A CRISE DO ESPÍRITO E COMO SE CARACTERIZA NO BRASIL?

Esta crise que todos reconhecem não é crise. É a morte de um certo espírito, de uma certa cultura. Tomemos a palavra “cultura” como o conjunto de relações que assinalam uma certa fase da história. Estamos diante de um novo espírito, de uma nova cultura. Estamos em face dos tempos novos. No limiar do que eu chamo de “cultura da liberdade”. Quem se assombra com o avião sem piloto não entende que a ele e ao progresso técnico que representa correspondem a erótica moderna, trazida pelo nu e pelo esporte, a rapina e o pronunciamento político, o celibato e a glória de Tarzã. E que, de um certo modo, essas novas formas são também um progresso. Pelo menos assinalam uma ex-

periência e a ruptura com um velho ciclo em que se fez a penosa marcha do homem apoiado na técnica e na arte, como no direito, na ética e na religião, em busca da liberdade. Porque, através de quarenta séculos de história conhecida, o que o homem procura é a liberdade que perdeu quando escravizou o seu semelhante. Daí eu chamar de “cultura de servidão” a esse longo período ilustrado na Grécia pelo mito de Prometeu, que procurou libertar os homens, oferecendo-lhes o fogo e portanto a técnica. “Como a fraca formiga, eles habitavam sob a terra, em cavernas profundas.” O velho Êsquilo está na alvorada da consciência desse ciclo, dando pela poesia e pelo drama a medida daqueles outros “tempos novos”. Também ele canta na *Orestia*¹ as reivindicações do patriarcado em face do adultério, que vai ser a sua cansativa e longa sina. As Erínias² são assinaladas por Bachofen como as últimas defensoras do direito materno. O patriarcado tomba ante o voto de Minerva que absolve Orestes matricida. Com o patriarcado cai a propriedade comum do solo e inicia-se dialeticamente um progresso — a propriedade privada, fortalecida desde então pelo direito paterno e pela herança (*Pater est quem nuptiae demonstrant*).³

Daí para cá, de Eurípedes a O'Neill, passando por Shakespeare e Racine, o drama do patriarcado, que inutilmente o Direito Romano procura dirimir, estronda nas relações de família, a família tornada monogâmica e cristã. O divórcio, em marcha nas legislações civilizadas, abre depois o caminho para um novo progresso que é o direito materno, naturalmente ligado à socialização lenta ou revolucionária dos meios de produção.

A crise do espírito, em nossos dias, não é o resultado de uma simples bolchevização ou de uma ruptura com o cristianismo e seus valores ou de um leilão da razão cartesiana da certeza moral de Kant e das virtudes socráticas. Êsquilo é anterior a tudo isso. Antes de Sócrates ele pleiteava os direitos do patriarcado. Hoje está em causa a “cultura da servidão” ou seja o patriarcado e seu destino. E com ele o destino da propriedade privada e da família indissolúvel. É portanto muito grave.

O cristianismo chamado ao conflito se reorganiza e defende

1 *Orestia* — Uma das trilogias de Êsquilo.

2 *Erínias* — divindades infernais gregas, uma das personagens das Eumênidas de Êsquilo.

3 “Pai é aquele a quem as núpcias mostram.”

por ser a razão civilizada do patriarcado, se bem que numa curiosa e fulgurante inserção as origens do Cristo sejam matriarcais e totêmicas. A Anunciação.

A atitude amável e cínica de Jean-Paul Sartre em face do milenar problema da infidelidade materna ilustra a queda do clímax patriarcal em nossos dias. O seu ponto alto fora dado por Shakespeare. O conceito hamlético de mãe, que entre as duas *Electras*, a de Sófocles e a de O'Neill, ascende e se fixa na paixão pela propriedade do solo, empalidece em *Les Mouches*.⁴

Trata-se, insisto, duma crise de estrutura na história humana, por conseguinte mais importante do que se fosse apenas a falência de São Paulo, de Lutero ou de Loyola. Eis o depoimento de Max Scheler: "Os problemas que o homem se propõe acerca de si mesmo alcançam na atualidade o máximo ponto que registra a história. Alojou-se nele um novo denodo de veracidade. O denodo de resolver o problema essencial (do seu ser e do seu destino) de um modo novo — sem sujeição consciente, ou somente um meio consciente ou um quarto consciente — a uma tradição teológica, filosófica ou científica como era usual até aqui". (*O Lugar do Homem no Cosmos*.)

No Brasil, que é um país de superestrutura importada onde o parlamentarismo chegou antes da libertação do escravo, a crise do espírito é uma crise de reflexo. Aqui, porém, a sociedade conservadora não tem as defesas que têm ou tinham os países de raça fixa e tradição cultivada. Há por toda a terra uma perda da memória social e é esse um dos sintomas da ruptura cultural com o passado. Ora, nós não temos graves arquivos nem pesados compromissos heráldicos. Aqui o homem é mais importante do que a lei. Você não acha, Paulo Mendes Campos, que é melhor assim? Acredite, o Brasil é povo. A monarquia acertou quando negou que se transmitissem os títulos nobiliárquicos. Quem quiser que arranje o seu. Até no porto de São Vicente foi o povo que desceu há quatrocentos anos.

⁴ *As moscas* (1943), peça teatral de Jean-Paul Sartre.

RELAÇÃO ENTRE AS DIVERSAS CRISES

Não se trata das crises periódicas do capitalismo, crises de sufocação e reajustamento que são apenas a crise ascendente de um sistema em decomposição. Marx como Moisés tombou às portas da Terra Prometida. O socialismo está aí. Você quer saber como eu vejo a relação que há entre as diversas formas da crise atual — crise dos meios de produção, crise dos costumes, crise da arte, crise política. A relação que há entre a estrutura econômica e superestrutura social. É hoje mais igual, ativa, vasta e íntima. A comunicação e a divulgação tornaram o homem onipresente e ubíquo. O rádio, o cinema, a aviação. Vivemos num mundo só, donde o pitoresco e o especial vão sendo banidos para dar lugar às emoções em série, aos enquadramentos e aos “standards”. Aquela “pressa indecente” de que já falava Nietzsche empolga a civilização — realista — de hoje, onde triunfam a filosofia do recorde e a moral da tolerância e da chantagem. O êxito na terra substituiu a esperança no céu.

Escapando ao pandemônio, o indivíduo se recolhe às muralhas existencialistas. Solitário e cabeçudo como um troglodita almoça no Rio, janta em Londres, amanhece no Cairo. Espera a televisão para devassar melhor ainda a película que se tornou a terra. Só lhe falta o botão do mandarim, com que, agora, sem pestanejar liquidaria a distância o desafeto ou o testador.

No enovelamento desta transformação vertiginosa, claro está ser difícil distinguir as espécies de crise — as de agonia das de crescimento. “Nada se parece mais com uma casa em ruínas do que uma casa em construção”, afirmou Jean Cocteau. Assim, a velha economia, a política e a moral estão em crise de morte. A literatura, a filosofia e a arte em crise da ascensão, daí o seu aspecto eufórico e espantoso. Nada tem a ver um quadro de Picasso com um deputado brasileiro que se fotografa de cuecas. Mas a confusão se estabelece e passa tudo a ser “futurismo”. Os aventureiros aproveitam-se e prosperam. Os otários se reeducam. Os desesperados se matam. Vai tudo por conta da mecanização.

Disse no começo que isso era, além de uma experiência, um progresso. Tenho a impressão de que se trata duma volta às origens do homem. Um trauma necessário e fecundo. Uma espécie

de coma insulínico, provocado para o retorno à humana personalidade, desviada e perdida no longo caminho da “cultura da servidão”. Por que a infantilização de tudo? A busca irracional da filosofia, a vitória do primitivo na arte e na literatura, a simpatia pelo louco? A humanidade constata que caminhou errado atrás de Sócrates, de Descartes e de São Tomás de Aquino. E quer voltar ao “ponto de partida”. Tecnicizada.

RESPONSABILIDADE, PARTICULARMENTE
LITERÁRIA, NA CRISE DO ESPÍRITO

Ernest Hello dizia: “*Ce sont les principes qui menent le monde sans que le monde sache por quoi il est mené*”. Evidentemente os princípios são a cristalização das formas econômicas e sociais em luta. Quando estabelecidos, agem poderosamente na defesa da moral, da estética e da legislação. Até que a superestrutura que representam desabe para dar passagem às forças novas em ascensão. O materialismo dialético confere.

No apogeu como na queda das forças, é particularmente importante a responsabilidade dos intelectuais. Lenin atribuía a eles uma missão revolucionária que ao trabalhador braçal não podia ser dada, devido às suas deficiências de instrução. Aos intelectuais revolucionários que tinham, graças a sua posição inicial de classe, conseguido instruir-se (caso típico de Marx, de Engels e de Lenin) competia oferecer à revolução os frutos da sua cultura. Infelizmente aqui — só aqui? — a “doença infantil do comunismo”, isto é, o esquerdismo com suas formas agrestes — obreirismo, sectarismo —, se transformou em esclerose. Os comunistas não deixaram passar o sangue vitalizador da inteligência e da cultura pelas suas malhas partidárias. Relegaram os intelectuais para os serviços práticos — pichar muros, pregar cartazes ou correspondentes. Um líder teria exclamado para um noviço: “Você é escritor? Bom. Vai escrever na parede”.

Fora de qualquer exagero. Quem não conhece a alta consciência de Carlos Drummond de Andrade, a sua lealdade, a sua capacidade de servir? Este homem, entre outros, quis dar o ouro da sua cooperação ao Partido Comunista e não o conseguiu.

O sr. Luiz Carlos Prestes tomando desse modo a direção intelectual da luta, rodeado dos gênios da CNOP, empolgou, so-

freu e afinal deu com os gênios n'água. A história acusa-o de ter posto fora três revoluções que nos podiam ter melhorado melhor.

De outro lado, o sr. Tristão de Athayde envelhecendo se reifica mas não volta atrás! Encandeado sempre pelo anêmico "quo vadis" de Jackson de Figueiredo, criou perplexidade, retardou a nossa posição intelectual e forneceu vitaminas a certo denunciamento gratuito, teimoso e inútil, ainda agora assinalado pela autoridade do sr. Gilberto Freyre. Para nos oferecer em troca o quê? Uma sociologia com anjos?

NOMES, LIVROS OU IDÉIAS RESPONSÁVEIS
PELA CRISE DO ESPÍRITO — QUE NOMES,
LIVROS E IDÉIAS ABREM NOVOS CAMINHOS?

Sendo a maior crise da história, a responsabilidade é bem repartida. E ela vem dos primeiros humanistas, dos utopistas e dos primeiros mártires da liberdade como dos revolucionários da Europa camponesa, principalmente Thomaz Munzer. Mais longinquamente dos céticos antigos e dos hedonistas, cujo pensamento a Idade Média enterrou por muitos séculos. Nos tempos modernos, de um lado Maquiavel e Vico, aquele criando as razões de Estado, até hoje vigentes, este dando uma concepção móvel da história. Grotius falando no direito cultural. Giordano Bruno inoculando no homem o seu mais caro veneno: a necessidade corresponde a Deusa, a liberdade a nós. Não se podem esquecer os cantores da Europa exogâmica que decidiu o destino geográfico e étnico do mundo moderno — Ariosto, Tasso e Luiz de Camões. Em seguida as três fontes onde o marxismo buscou sua carta de nobreza — a filosofia clássica alemã, sobretudo Hegel, o socialismo francês, Fourier, a economia clássica inglesa, Ricardo e Smith. São os motores que dariam a revolução burguesa, consolidada na Revolução Industrial. Os enciclopedistas, Montaigne e Rousseau, na reabilitação primeira do homem primitivo. "Des Canibales" dos *Essais*, donde saiu "A Antropofagia" de 28. Hume que declarou que "não importa o que, pode dar causa não importa a quê".

Se chegarmos ao século XIX temos que abrir alas diante do Romantismo que, se não encontrou soluções, pôs no tablado os problemas inquietantes do homem moderno. Veja-se a influên-

cia que Baudelaire e Rimbaud exerceram sobre a poesia e a poesia sobre a vida. Quem nos garante que Victor Hugo não tenha tocado Marx, a Comuna de 71⁵ ou a Encíclica *De Rerum Novarum*? Entre nós há um caso típico. José Maria Alkmim me afirmou que a experiência de Neves⁶ saiu da leitura da *Recordação da Casa dos Mortos*. O sociólogo e penalista que criou a penitenciária exemplar de Minas — tão cedo frustrada — confessa que recebeu influência maior de Dostoievski do que dos mestres do Direito mais avançado.

Esse mesmo admirável século XIX — pobre Leon Daudet que o chamava de estúpido! — foi o cadinho da grande revolução de nossos dias. Aparece aí a sociologia que vem de Durkheim e Karl Manhein, passando pela curiosa acuidade de Simmel. Ainda no século XIX Fuerback disse: “Não foi Deus que criou o homem e sim o homem que criou Deus”. Na série de desmascaradores, encontram-se na vanguarda Marx e Engels. E saindo por oposição diversa de Hegel, o louco Kierkegaard, o teólogo inimigo da Igreja, que nos ensinaria que a vida é um pecado. E de outro lado, rugindo contra a virtude socrática e o bem cristão Frederico Nietzsche. Ibsen ilustrando Kant. E Stirner, Malthus e Darwin. Entrando pelo século XX, os desmascaradores do amor, Freud vindo de Shopenhauer, Proust que disse que nos casamos com o “procurador do mito”, Mendel, James e Pavlov.

A sociedade burguesa não poderia resistir à tremenda análise desencadeada pela equipe de gigantes — poetas, filósofos e cientistas — que a tomou pela goela, numa gloriosa autofagia.

As correntes que em nossos dias se defrontam paralelas — o socialismo revolucionário e a ciência revolucionária — têm seus patronos em Lenin e Mach. À certeza social que ainda hoje cega os leninistas, opôs-se a dúvida científica. A relatividade, com Bertrand Russell, declara que, à medida que o raciocínio do homem se aperfeiçoa, diminuem as suas pretensões em provar alguma coisa de certo. Mas os comunistas de todo o mundo sabem perfeitamente o que está errado e o que está certo. Basta olhar para Moscou. Curiosa acuidade de Lenin dando-se aos cuidados de redigir um calhamaço de filosofia contra um físico que parecia apa-

⁵ Governo revolucionário, formado em Paris e em várias províncias, em março de 1871.

⁶ Presídio modelo de Minas Gerais.

gado e pequeno. A resposta ao “Materialismo e Empirocriticismo” está dada por Einstein, filho das pesquisas de Mach.

Chegamos ao fim, aos nossos dias. Quem desconhece uma linha de equilíbrio e de apaziguamento que procure evitar o choque social das transformações atuais? Quem desconhece Harold Laski e John Maynard Keynes? Mais violentos, os existencialistas anunciam com a “última instância” de Simmel, o livre-arbítrio — no fim da “moral de escravos”. São os arautos da “cultura da liberdade”. Nela cabe o anúncio lírico de Charles Chaplin.

O Brasil começou bem. Está no pórtico da nossa capacidade de protestar, a “boca do inferno” de Gregório de Mattos. Estão também as ingênuas alegrias da terra de Bento Teixeira Pinto. Mas veio em seguida o encartolamento que é a nossa desdita e o sinal de um gritante complexo de inferioridade. Santa Rita Durão fez logo a epopéia do preconceito de família. Caramuru, blindado de estamemha, teria levado sua noiva virgem, numa tempestuosa caravela, para se casar no padre e na lei diante dos reis da França. Nada de mancebias. Quem foi que disse que há mancebias no Brasil? Vem daí os estatutos do PSD com aquele artigo que é a morte do divórcio no Brasil.

Quem abriu novos caminhos? O *Uraguai* de Basílio da Gama chibatando o jesuíta que voltaria na figura torva do sr. Getúlio Vargas para azucrinar o bandeirante?

As lutas pela liberdade deram os inconfidentes. Os românticos. Benjamin Constant. O civilista Rui Barbosa. Luiz Carlos Prestes que derivaria do positivismo de Júlio de Castilhos mais do que de Marx. O totêmico Gilberto Freyre, Monteiro Lobato, Mário de Andrade. Os romancistas sociais. E todos os poetas.

PERDEMOS OS VALORES ESSENCIAIS?
TEMOS QUE ACHAR NOVOS VALORES?

Perdemos sim. Voltamos aos alimentos crus e à tatuagem cotidiana. A esposa moderna amanhece irreconhecível. Voltamos ao que na Grécia se chamou de hetairismo. Ao uranismo e outros baitolismos. Num já adquirido “estado de inocência”. O homem não mora mais. Já disse Ronca, cardíaco ou reumático nos aquartelamentos de que fala Jaspers. Nas caixas de fósforos dos arranha-céus. Também não morre mais. Naquele piedoso sen-

tido que o conduzia confessado, de vela na mão, para a balança do Bem e do Mal. Nasce em fulgurantes salas de parto. Vive em sublevação, ama em novela. E desaparece anônimo no sanatório ou na Assistência. A casa, no sentido tutelar e defensivo, é uma tradição ida. A mulher anda nua, com três cores do cabelo por ano. Emancipada como o homem. Celibatária ou divorcista. A comunicação pelo rádio, pelo cinema e pelo avião fez da humanidade uma tribo tecnizada e do indivíduo o parasita e o peculário novelesco. A própria morte se descristianizou. Habitua-nos à fatalidade e ao perigo, como na selva. O luto sumiu. Aceitamos de cabeça alta a eutanásia e a cremação.

Todos esses terríveis sustos que já se vão tornando hábitos banais são o passivo de um crédito imenso feito à liberdade. Dizia Breton, no primeiro manifesto do Surrealismo: "Se alguma coisa já exaltou o homem foi a palavra liberdade".⁷ E já vemos claro que a liberdade vem junto com uma cultura matriarcal. Mais extensamente com uma cultura que eu não duvido em chamar de Antropofagia. Antonio de Alcântara Machado, que tinha sensibilidade e talento para compreender os tempos novos, viveu, no entanto, na suave ilusão de que a Antropofagia era uma piada. Você também, Paulo Mendes Campos, que representa a nova geração, talvez pense desse modo. É apenas agora que um valor como Álvaro Lins começa a se interessar pelo nosso primitivismo de 28, com a reedição das poesias de Raul Bopp. No entanto, a Antropofagia já deu dois presentes régios à literatura brasileira — *Macunaíma* e *Cobra Norato*.

Raciocina comigo historicamente. Como foi que começou no mundo a escravidão, este "progresso", no dizer de Engels? O homem deixou de devorar o prisioneiro de guerra para fazê-lo trabalhar. Há toda uma revolução econômica e espiritual nesse ato em que se substituiu a Antropofagia das Idades de Ouro pela criação do trabalho. Daí se passou ao patriarcado, que trouxe novos progressos — a propriedade privada, a monogamia, o cristianismo. Enquanto isso a "moral de escravos" presidiu à criação da técnica e ao seu desenvolvimento. E, com ela, a moral do senhor. A opressão necessária. Nestes quarenta séculos de história conhecida, o progresso técnico deu os braços ao progresso so-

7 "A simples palavra liberdade é tudo o que me exalta ainda". (Cf. *Manifestos do Surrealismo*. Rio de Janeiro, Moraes, 1969. p. 26.)

cial e ao progresso político, para que se atingisse de novo o perdido domínio sobre a natureza, isto é, a liberdade. Sísifo⁸ ergueu e segurou o rochedo até o pico e está na iminência de jogá-lo para o outro lado. Jogará? A era atômica abre as perspectivas de uma redução espantosa de trabalho humano. A ação de presença do socialismo armado não deixa as velhas formas em paz. Está no fim a abençoada “cultura da servidão”. Quais são os benefícios que em contraponto dos atropelos e dos males nos oferece este novo ciclo? Alguma como a supressão da guerra e do Estado, a igualdade dos sexos, a socialização, um conceito angustiado e eufórico da vida — o que presentiram os pulmões de Kierkegaard e de Nietzsche. O homem é um anel na eterna cadeia da devoração. São estes os valores que já estão aí, misturados, é verdade, na escória e na alma que vêm com o ouro da nova idade.

TRÊS GERAÇÕES BRASILEIRAS

A beleza é uma eterna batalha. Só isso justificaria a batalha do Hernani⁹ como a batalha modernista da Semana de 22. Todo mundo sabe o que foi o Modernismo de 22 a 28. Nesta época, ele chateava nos “salões”. Deu-se então a ruptura, que chamei de divisor de águas, assinalada pela dissensão na própria *Revista de Antropofagia*, que se dividiu em duas. A minha briga com Mário de Andrade foi uma feroz briga de namorados. Eu o ataquei, ele me omitiu. Na sua conferência do Itamarati, minha casa passou a ser o “salão de Tarsila”.¹⁰ Outros, como o grande crítico do Modernismo, Tristão de Athayde, me omitiram também. A campanha de silêncio denunciada n’*A Manhã* por uma indiscrição do sr. Múcio Leão. O bloqueio contra as minhas obras. O meu amigo Manuel Bandeira me eliminou da sua recente antologia.¹¹

8 Sísifo, fundador mitológico de Corinto, filho de Éolo, foi condenado a rolar eternamente uma pedra até uma alta montanha; alcançado o cume, tudo devia recomeçar.

9 *Hernani* — drama de Victor Hugo (1830). Luta de três personagens (o bandido Hernani, o rei espanhol — Carlos — e o velho Ruy Gomez) pelo amor de d. Sol.

10 A conferência “O Movimento Modernista” (1945) foi publicada em *Aspectos da Literatura Brasileira*, São Paulo, Martins, s.d.

11 A antologia organizada por Manuel Bandeira foi *Apresentação da Poesia Brasileira*. Rio de Janeiro, Casa do Estudante, 1944.

Mas nada disso tem grande importância. Murilo Mendes fazendo ironia com a fase subterrânea que passei — a mudança de classe assinalada por Monte Brito e chancelada pelas citações do prefácio de *Serafim Ponte Grande*, na biografia do Prestes do sr. Jorge Amado — disse que “o dragão tinha sido martirizado pelas cotovias”. As cotovias foram o sr. Augusto Frederico Schmidt, o sr. Tristão de Athayde, o sr. José Lins do Rego e o próprio poeta maledicente. Cotovias blindadas!

O pré-modernismo é Monteiro Lobato. A prosa renovada e toda problemática que iria florir mais tarde no ciclo de *A Bagaceira* com os romancistas sociais do Nordeste. E também duas nobres figuras de poetas — Felipe de Oliveira e Álvaro Moreyra. O Pós-modernismo foi apenas o lançamento de um encouraçado das nossas letras — Augusto Frederico Schmidt. Foi a polêmica contra nós de 22. Horizontes novos que você assinala. Mas pergunto: não foi nesta fase que se consolidou a poesia decisiva de Carlos Drummond de Andrade? O que há não é Pós-modernismo e sim a nova literatura do Brasil. Veja: na prosa, a maturidade da Semana está aí, em Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Julietta Drummond de Andrade, em Antonio Fraga, em Ledo Ivo, em você, Paulo Mendes Campos.

Entrevista a Paulo Mendes Campos,
DIÁRIO CARIOCA.
Rio de Janeiro,
12-10-1947.

OSWALD DE ANDRADE
 “FLASH”

- Nasceu em 1890 em São Paulo.
- Casado cinco vezes, tem quatro filhos.
- Considera-se definitivamente casado com Maria Antonieta d’Alkmin.
- Pesa 89 quilos.
- Altura, 1.65.
- Sapato n° 40.
- Colarinho n° 42.
- Usa óculos só para ler.
- Não gosta de andar.
- Dorme e acorda cedíssimo.
- Faz visita só quando é obrigado.
- Só fuma charuto e cachimbo.
- Prato de sua predileção: bife com batatas.
- É antropófago.
- Compositor de sua predileção: Erik Satie e Villa-Lobos.
- Ajuda a mulher em casa fazendo todas as manhãs o café do casal.
- Brinca com os filhos.
- É péssimo correspondente epistolar.
- Acha a nova geração de poetas paulistas¹ inferior à que veio de 1922.

¹ Oswald deve estar referindo-se à geração de poetas do final da década de 40 e início de 50.

- Considera a sua obra literária acima da compreensão.
- Pessoalmente é pessimista.
- Não tem amigos.
- Vai pouco ao cinema.
- Considera o crítico Sérgio Milliet responsável pelo fracasso da pintura moderna de São Paulo.
- Está escrevendo suas memórias: "Diário Confessional".
- Poetas de sua predileção: Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, Vinicius de Moraes e Murilo Mendes.
- Escreve a mão.
- Tem muito cabelo.
- Come bem.
- Trabalha em casa.
- Fruta de sua predileção: jabuticaba.
- Acha da maior importância o romance nordestino, particularmente o de Jorge Amado, José Lins do Rego, Graciliano Ramos e Rachel de Queirós.
- Escreve seus livros geralmente de madrugada.
- Gosta de bom vinho, bom uísque e boa pinga.
- Várias vezes foi homem rico, outras, homem pobre.
- Escreveu *Teatro Brasileiro*,² seu primeiro livro, de parceria com Guilherme de Almeida, aos 26 anos.
- Gosta de todos os seus livros publicados e não se arrepende de os ter escrito.
- Espera viver até os 83 anos para grande desgosto de muita gente.

A MANHÃ.

Rio de Janeiro,

18-07-1948.

² Oswald de Andrade e Guilherme de Almeida publicaram *Leur Âme e Mon Couer Balance* em francês (1916).

APÊNDICE

Sr. redator:

Na qualidade de professor, já posso usar de linguagem mitológica — V. tomou a nuvem por Juno. Não sou membro do PCB. Apenas o que fiz foi retirar a minha inscrição no mesmo. Fi-lo, porém, por um motivo que nada tem que ver com o sr. Jorge Amado. Continuo a ser o mesmo lutador de há catorze anos atrás quando conheci Luiz Carlos Prestes em Montevidéu. Não abandonei minhas idéias nem a causa do proletariado. E como quer a carta de Teerã, continuo na estacada contra “a tirania e a escravidão, a opressão e a intolerância”, e a trabalhar pelas “enormes massas dos povos da terra” e pelo Brasil.

Sou agradecido — Oswald de Andrade.

Carta dirigida ao redator do *DIÁRIO DE SÃO PAULO* e publicada neste jornal na p. 1 no final da reportagem “Fervem as divergências nos bastidores da linha justa”, em 02-09-1945.

“OPORTUNISMO, RUIM ROMANCE E A POESIA DA NOVA GERAÇÃO”

OSWALD DE ANDRADE SEPARA O JOIO DO TRIGO NUMA AMPLA EXPLICAÇÃO SOBRE TRISTÃO DE ATHAYDE, OTÁVIO DE FARIA, LÚCIO CARDOSO, NOVELLI JÚNIOR E DOIS POETAS.

Um jornal do Rio, *A Manhã*,¹ fez ao escritor paulista Oswald de Andrade várias perguntas. Na publicação das respostas foram omitidas várias opiniões do autor de *Marco Zero*. Escrevendo para o *Correio da Manhã*, na seção “Telefonema”, que mantém há vários anos, Oswald de Andrade retificou as suas respostas, mas o fez de maneira por demais concisa. Pedimos-lhe um comentário em torno desses pontos de vista. Oswald declarou ao redator do Suplemento o seguinte:

1 O semanário *A Manhã* tinha como redator e diretor-proprietário Aparício Torely. Este famoso caricaturista, depois da revolução de 30, passou a assinar como Barão de Itararé. O jornal *A Manhã* em 1941 foi encampado pelo governo e passou a ser dirigido pelo poeta Cassiano Ricardo, que fundou o suplemento literário *Autores e Livros*, tendo como diretor o jornalista Múcio Leão.

OPORTUNISMO

Você quer que eu esclareça algumas das minhas últimas afirmações feitas pela coluna que mantenho no *Correio da Manhã*. A primeira delas foi dirigida contra o sr. Tristão de Athayde que eu declarei ser “a figura mais nefasta da nossa literatura”.² Estou hoje convencido que o mal maior do sr. Alceu de Amoroso Lima é o oportunismo. As suas guinadas à esquerda e à direita refletem em geral um momento vitorioso. Ora, o sr. Tristão de Athayde se arroga a título de orientador da opinião e particularmente da opinião moça do país. Nada há que mais invalida esse título do que o oportunismo. Explico, o sr. Tristão apareceu como força de cobertura da Semana de Arte de 22. Já nesse tempo era bastante inteligente e culto para perceber que contra a nossa renovação literária e artística não podiam prevalecer os Bilacs, os Netos³ e os Bernadelis. Quando se deu o estalo cristão na cabeça do crítico eminente, fazendo-o seguir o pré-fascista Jackson de Figueiredo, o débil mental Ismael Nery e o bobo Tasso da Silveira, o mundo dividia-se em dois rumos que dariam a guerra. E nesse instante, a força ascensional do fascismo fazia temer a derrota da esquerda. Durante o conflito mundial, não digo que o sr. Tristão de Athayde vestisse a camisa parda, mas quase — uma touca ele pôs. E contra todo interesse nacional, publicamente desejou e pregou a vitória de Hitler. Com a derrota do nazismo, veio a outra guinada, e esta sensacional. O sr. Tristão de Athayde, sempre publicamente, aderiu ao proletariado, aliás, num grande discurso pronunciado aqui no nosso Teatro Municipal.⁴

Aí ele saudava o fim da guerra como uma “revolução social” e pretendia “animar a democratização efetiva da sociedade de hoje e de amanhã”. Como se vê, no momento do Nurem-

2 “Retocando um flash”. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 1º-08-1948. (Seção “Telegrama”.)

3 Refere-se a Coelho Neto.

4 Discurso de Tristão de Athayde pronunciado no Teatro Municipal de São Paulo, em 1945, sobre a Civilização do Trabalho. Segundo informa Antonio Carlos Villaça, este foi “um dos temas da sua vida, a passagem da civilização do trabalho; ou seja, a primazia do trabalho sobre o capital; um precursor legítimo da encíclica *Laborem Exercens*”. (Consultar *O Desafio da Liberdade*. Rio de Janeiro, Agir, 1983, p. 172.)

berg, ele ajudava a enforcar os seus ídolos da véspera. Desse modo, colocava-se sem menor cerimônia o sr. Tristão de Athayde no hemisfério revolucionário, deixando a burguesia “na mão dos santos” que sem dúvida iriam proteger, como sempre o fizeram, as rendosas negociatas (da burguesia). Essa saída fazia parte, aliás, da sociologia com anjos, que é uma das invenções do mestre.

Hoje, continua a errar o sr. Tristão de Athayde. Diz ele ter politicamente a posição simpática dos dominicanos. Quando a URSS defendia o mundo contra a absorção totalitária, ele era contra a URSS. Agora que a URSS é o que resta do totalitarismo, ele faz o jogo dela. Continua totalitário. É claro que a guinada dessa vez foi da Rússia.

O que o marechal Tito enxerga, ele não vê. E aqui cabe confessar: agora o sr. Tristão de Athayde deixa de ser oportunista para ser tonto ou coisa pior.

O PIOR ROMANCISTA

Quanto a ter eu declarado não saber qual é o pior romancista do Brasil, se o sr. Otávio de Faria, o sr. Lúcio Cardoso ou o sr. Novelli Júnior, confirmo. O sr. Otávio de Faria, vítima eleita do sr. Tristão de Athayde, elegeu, por sua vez, outra vítima — o sr. Novelli Júnior. Estão ambos, mestre e discípulo, empenhados numa receita só do romance moderno. O “lodo das ruas” sobe pelos elevadores dos arranha-céus, penetra nas casas, espasma nos quartos e leva tremendas e inúteis surras de um mestre-escola que é o eterno padre dos livros moralizantes. Ambos estão dando ao romance brasileiro uma fórmula que mistura a *Inocência* de Taunay com *O Cortiço* de Aluísio de Azevedo. Seria bom que nas faixas de apresentação viesse o velho conselho farmacêutico: “Sacuda antes de usar”. Porque eles não sucedem.

A NOVA GERAÇÃO

Insiste você para que eu fale da nova geração. O que eu levei ao Congresso de Poesia não foi só a defesa de 22. É claro que o lado polêmico da Semana já está no museu. Que fim levaram os grandes poetas daquele instante como o sr. Luiz Aranha que Mário de Andrade elevava acima de todos?

Os Dentes do Dragão

O que eu disse lá e afirmo aqui é que as novas gerações não estão fazendo hoje nada de melhor do que os homens de 22 “and after”. Exemplo o último livro de Cassiano Ricardo.⁵ Por pior que sejam os poemas atuais de um Carlos Drummond, de um Vinicius e mesmo de um Manuel Bandeira, são sempre muito melhores que os do sr. Reynaldo Bayrão ou do sr. Domingos Carvalho da Silva. Não acha?

DIÁRIO DE S. PAULO

15-08-1948.

⁵ *Um Dia Depois de Outro.*

“A GEOGRAFIA HUMANA MELHORA
COM A DISTÂNCIA, QUANTO
PIORA O CULTIVO DAS TERRAS
E O SEU APROVEITAMENTO”

IMPRESSÕES COLHIDAS PELO ESCRITOR OS-
WALD DE ANDRADE EM EXCURSÃO PELOS
CONFINES DO OESTE.

Especialmente convidado pelo diretor da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, gal. Lima Figueiredo, por ser entusiasta observador das coisas brasileiras, o escritor Oswald de Andrade participou há pouco de uma excursão ao Estado de Mato Grosso, chegando até às proximidades das fronteiras com a Bolívia e o Paraguai. Ao repórter que o procurou para ouvir suas impressões de viagem, o autor de *Marco Zero* prestou as seguintes declarações:

— É verdade o que disse a escritora Helena Silveira, comentando a palestra que tivemos depois da excursão que fiz por esse imenso Brasil do oeste, convidado que fui para acompanhar uma inspeção da Estrada de Ferro Noroeste, pelo seu diretor, o ilustre beletrista Lima Figueiredo, uma das melhores figuras do nosso Exército. A geografia humana melhora com a distância, quanto piora o cultivo das terras e o seu aproveitamento para a agricultura. O boi faz a solidão dos imensos latifúndios de Mato Grosso, sendo a pecuária o eixo em torno do qual gira a existência

dos 400 mil habitantes desse território, três ou mais vezes maior do que a França. No meio desse deserto fecundo, surgem outros espetaculares como Campo Grande e Corumbá, cidades organizadas e progressistas, tendo na escola como na rua ou no hospital uma pulsação de vida moderna que vai além de qualquer expectativa. Em Corumbá, a 2 mil quilômetros da costa, já aponta a indústria. Aí o ativo libanês-paulista ergueu sobre um latifúndio de manganês e de ferro os fornos de uma siderúrgica. É um ramo da família Jafet, o Chamma, que movimenta todo um proletariado nascente. Corumbá também possui os estaleiros da base naval de Ladário, o charque, o chimarrão, a cerveja local e o guaraná melhor do Brasil. O que encanta é verificar-se nessa tremenda distância, hoje atenuada pelo avião, a unidade espiritual do Brasil. Aliás, vincada nessas paragens pela luta épica que quase um século atrás mantivemos contra o imperialismo paraguaio, defendendo a nossa integridade territorial e política. Na praça principal de Corumbá ergue-se a estátua do general Antônio Maria Coelho, que retomou a praça brasileira em 1867. Tendo a Noroeste desejado dar o nome desse bravo a uma das suas estações, mandou o Ministério da Viação indagar daquela Estrada se o homenageado era vivo ou morto e que serviços tinha prestado para merecer distinção.

A DEDICAÇÃO DA MULHER

Voltemos, porém, ao fato de não se presenciar em Mato Grosso, pelo menos na parte que percorri, a paisagem de miséria humana e de decadência aflitiva que ilustra certos aglomerados mais próximos — sem excluir São Paulo e Rio —, particularmente as velhas cidades fluminenses e mineiras que conheço. Não há de fato lá a miséria atuante que esmola pelas ruas e constitui os hiatos cancerosos do crescimento capitalista. Miséria deve haver, mas ali o estilo de vida é outro. Há um romantismo recuperador na vida larga do peão, que tem na companheira uma dedicação masoquista que justifica o sacrifício do ermo e da ausência de qualquer conforto. A dedicação da mulher por si só explica a conquista do mais bruto sertão. Na travessia de regresso, que fizemos de automóvel — um excelente Ford 29 — de Corumbá a Porto Esperança, a fim de verificar as obras da Noroeste, grandes

cortes no calcário e aterros imensos no deserto que ligarão a Brasil—Bolívia, tive ocasião de visitar ativos grupos familiares de nacionais habitando o seio do chamado Pantanal, onde a mulher ou a companheira faz a trama da vida apoiada na pequena cultura, enquanto o peão ou o trabalhador constrói o Brasil com seus braços. O clima é seco e quente, geralmente sadio. Mesmo nessa zona periodicamente invadida pelas cheias diluvianas do rio Paraguai, que se transformaria num Nilo criador de fertilidade e civilização, se se procedesse ao domínio das águas pela técnica, trazendo uma irrigação racional para os vastos estirões onde o boi se cria à lei da natureza. Mato Grosso teria então o seu delta fertilizador.

A ATIVIDADE DOS JAPONESES

O latifúndio ainda impera nessas vastas extensões, sendo que a lei de nacionalização das fronteiras eliminou dois grandes feudos estrangeiros, um argentino e outro inglês, restando, apenas, um franco-brasileiro, com 100 quilômetros de testada ao longo da Noroeste, onde um casal altamente civilizado, o do sr. Feliz des Rieux, mantém uma confortável vivenda e uma atuante presença laboriosa em pleno sertão.

Se não há miséria visível, porque o peão se compensa na liberdade dos horários e da vida em bombacha, exploração existe, pois os salários são os menores possíveis por toda parte.

Impressionante é a situação da colônia japonesa, não só ao longo de toda a Noroeste, como em pleno Mato Grosso. Os japoneses são os campeões da agricultura e da avicultura nesse extenso trajeto. Visitamos uma das mais atuais e bem organizadas fazendas de café, situada há alguns quilômetros de Campo Grande e pertencente ao japonês Nacao, que vinte anos atrás era simples trabalhador braçal da Noroeste. Os cafezais são impressionantes de força e de trato, dando os resultados miríficos que fizeram a grandeza de São Paulo antes de 29. Em Guaraçai, no nosso Estado, existe uma granja pertencente ao japonês Hyuba, que fornece um vagão de ovos por dia a São Paulo e possui 150 mil poedeiras.

Não posso deixar de assinalar aqui a relevante obra pacificadora da colônia japonesa, conduzida com extrema diplomacia pelo

meu eminente amigo coronel Lima Figueiredo. Adotando a política Mac Arthur, com que os americanos procuram tão habilmente a ressurreição do Japão, ele tem conseguido aplacar os ódios levantados no seio da colônia amarela. Assisti a formidáveis concentrações dos japoneses à sua passagem, onde se viam as facções mais diversas que ainda ontem se digladiavam e matavam por motivos ultrapatrióticos. A palavra de Lima Figueiredo é extremamente acatada pelos nipo-brasileiros, que atendem aos seus apelos de pacificação e concórdia e declaram ter aprendido muito com ele, a propósito da situação atual de seu país de origem. Ouvei, num dos seus discursos, esse admirável "slogan" colonizador: "Uma árvore crescida no solo brasileiro não diz que mãos a plantaram, se mãos pretas, se amarelas ou brancas. É uma árvore do Brasil". O que japoneses e nacionais aclamavam em delírio.

LIGAÇÃO DE DOIS OCEANOS

As impressões que trago de Mato Grosso dariam um livro. São elas as do trato de seus homens, de quem tive a melhor impressão, conhecendo um grande prefeito, o de Campo Grande, que é o sr. Fernando Correia da Costa. Filho do ex-governador Pedro Celestino e filiado à UDN, que tem quadros partidários poderosos naquele Estado, ele representa a atuação política e progressista em face dos inúmeros adeptos do sr. Getúlio Vargas e do grupo Filinto Müller. O sr. Fernando mantém, sendo médico, um aparelhado hospital que, com o de Aquidauana, grande realização da Noroeste, e o de Três Lagoas e Corumbá, dá a medida do progresso sanitário do Estado.

Impressionaram-me também, e muito, os quadros técnicos da Estrada de Ferro Noroeste, que acompanharam a inspeção por seus diretores de serviço, os srs. Freitas Melro, Ari Duarte e Ibiapina, bem como os engenheiros e empreiteiros das firmas O. Machado, Leão Ribeiro e Somocof. O que esses homens estão fazendo, longe do conforto e do parasitismo burocrático das capitais, é ligar dois oceanos, Atlântico e Pacífico, e, de outro lado, produzir uma penetração comercial e estratégica até a capital do Paraguai. O que esses homens estão fazendo, sob a vigilância patriótica de Lima Figueiredo, é levar à Bolívia, ao

Chile e às costas do Pacífico os nossos produtos e trazer o petróleo andino, de que tanto necessitamos, enquanto não temos o nosso.

Para terminar, quero me referir à primeira surpresa da viagem, que foi uma noite de arte e de música, em Cafelândia, organizada pelo Grupo Musical Frederic Chopin, de Lins, onde há um conservatório sob a direção do casal Morotti e que trouxe à visita do trem da inspeção um grupo de moças que batizei de Conjunto Brasil, presidido pela locutora Eunice Garcez de Carvalho e composto por uma brasileira negra, Ivone Martins, e uma brasileira branca, uma armênia, uma japonesa e uma italiana, executando admiravelmente em acordeons, piano, violino e flauta, não só a *Grande Valsa*, de Strauss, mas Villa-Lobos e Manuel de Falla.

Como se vê, o interior é a surpresa e o futuro.

FOLHA DA MANHÃ.

São Paulo,
14-11-1948.

O CORREIO PAULISTANO E O MOVIMENTO MODERNISTA

O *Correio Paulistano*¹ teve grande importância para os modernistas, não só durante o período que antecedeu à Semana de Arte Moderna como depois, no período de agitação literária que se estendeu até 1930.

Foi assim que Oswald de Andrade iniciou o seu depoimento. E, esclarecendo a afirmação:

Antes da Semana, e por ocasião das três históricas noites no Municipal, o velho órgão exerceu um papel de primeira plana na divulgação das nossas idéias e dos objetivos que pretendíamos: o *Correio Paulistano* pôs-se à disposição dos modernistas, não os hostilizando, como faziam outros jornais, e dando notícias das atividades e opiniões de nosso grupo, principalmente por meio das crônicas de Helios, isto é, do sr. Menotti del Picchia.

Seria justo lembrar que foi em boa parte por causa do autor do *Juca Mulato* que tivemos entrada no decano dos jornais paulistas, cujas colunas e cujo salão nobre passamos a freqüentar. Menotti era redator político do *Correio Paulistano* e assinava, dia-

1 O *Correio Paulistano* (São Paulo), fundado por José Gomes Seguro, circulou de 1931 a 1966.

riamente, uma crônica social, abordando com insistência os temas literários que nos interessavam.²

Pessoalmente, eu era amigo do sr. Washington Luís, desde o tempo de *O Pirralho*,³ que fundei em 1911, bem como do sr. Carlos de Campos, na época diretor do *Correio* e líder da banca paulista na Câmara Federal. O sr. Júlio Prestes, que já na ocasião era um dos grandes animadores da inteligência paulista, distinguia-me também com sua amizade.

Os patrocinadores da *Semana*, por outro lado, eram figuras das mais expressivas da alta sociedade paulista: tudo isso concorreu para colocar o *Correio* em posição simpática ao nosso grupo. O nosso movimento, dessa forma, ganhou em difusão e prestígio.

Eu próprio, depois da *Semana* — não me lembro precisamente da data —, mantive uma seção literária no jornal;⁴ e da Europa — aonde fui, intermitentemente, de 22 a 30 — mandava correspondência. Posso citar, entre outras, uma entrevista com Krishnamurti, que obtive em Paris, e que foi publicada sob o título “Dois Rounds com Krishnamurti”.

O *Correio Paulistano* teve, assim, larga importância na difusão das idéias nutridas pelos vários grupos em que se partiu o Modernismo antes de 30, como a Antropofagia (Oswaldo Costa era redator do *Correio*), o Grupo da Anta ou o Verde-amarelismo (Cassiano Ricardo e Plínio Salgado eram também redatores do velho órgão), de modo que suas colunas se tornaram um foco de debates literários.

UM EPISÓDIO COM CARLOS DE CAMPOS

Oswald contou-me, depois, o seguinte episódio:

Eu já disse que freqüentava o salão nobre do *Correio*.

2 As crônicas de Menotti del Picchia sobre o movimento modernista (1920-1922) foram selecionadas e reunidas em livro por Yoshie S. Barreirinhas (*Menotti del Picchia, o Gedeão do Modernismo. 1920-1922*. São Paulo, Civilização Brasileira, 1983).

3 *O Pirralho* circulou de 1912 a 1917, semanalmente, sob a direção de Oswald de Andrade, tendo como colaborador Alexandre Marcondes (Juó Bananere), Amadeu Amaral, Emílio de Meneses, Cornélio Pires, Voltolino etc.

4 Oswald escreveu no *Correio Paulistano* de 21 de abril de 1921 a 15 de fevereiro de 1924. Sobre o jornalismo de Oswald de Andrade na grande imprensa consultar: Vera Chalmers, *3 linhas e 4 verdades*. São Paulo, Duas Cidades, 1976.

Lembro-me perfeitamente de uma noite — a noite de 4 de julho de 1924 — em que Carlos de Campos — então presidente do Estado — palestrava com Blaise Cendrars, Freitas Vale e comigo no salão nobre. Cerca de meia-noite, o grande paulista afirmou, em tom de brincadeira, que os soldados da Força Pública não faziam nada e que ele ia dar-lhes serviço no combate à broca do café. Mal sabia ele que todos os quartéis de São Paulo, nesse momento, estavam em revolução...

Depois, o sr. Carlos de Campos, em nossa companhia, desceu da redação do *Correio* até à rua São João, onde fomos tomar um *chopp*. Mais tarde, ele dirigiu-se sozinho, a pé, para o Palácio dos Campos Elíseos. À altura das ruas Helvecia e Duque de Caxias, segundo nos contou dias depois, viu passar um grupo de veículos, que pensou fossem carroças de lixo, tal a poeira levantada. Carlos de Campos era míope.

Tratava-se, apenas, da guarnição sublevada de Quitaúna... Eu narro no *Marco Zero* esse episódio.⁵

CENDRARS E O PAU-BRASIL

Blaise Cendrars esteve duas vezes no Brasil,⁶ trazido por Paulo Prado. Em suas *Poesies Complètes* (Les Éditions Denöel, Paris, 1944), há vários poemas sobre São Paulo, num dos quais, aliás, ele cita Oswald de Andrade. Trata-se do “Départ”:

5 Revolução paulista de 5 de julho de 1924: São Paulo foi escolhida como núcleo principal da rebelião tenentista, contando com a aliança de Miguel Costa, da Força Pública. A cidade foi dominada pelos tenentes até 27 de julho, quando foram cercados pelas tropas legalistas. O programa reivindicava: voto secreto, limitação das atribuições do poder executivo, independência e autonomia para o legislativo e judiciário, ensino primário e profissional obrigatórios. (Ver, a propósito, Anna Maria Martinez Correa, *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo, Hucitec, 1976.)

6 Blaise Cendrars veio ao Brasil pela primeira vez em 1924, chegando ao Rio em 5 de fevereiro, desembarcando em Santos no dia seguinte. (Consultar Alexandre Eulálio, *A Aventura Brasileira Blaise Cendrars*. São Paulo, Quiron, MEC, 1978. “Départ” faz parte de *Feuilles de Routes*, livro dedicado “aos bons amigos de São Paulo, Paulo Prado, Mário de Andrade, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida, Couto de Barros, Rubens de Moraes, Luis Aranha, Oswald de Andrade, Ian, e os amigos do Rio de Janeiro: Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes, Guilherme de Almeida, Ronald de Carvalho, Américo Facó e Leopoldo de Freitas”. Consultar *Au Coeur du Monde*. Paris, Gallimard, 1947. p. 65.)

Pour la dernière fois je reprends le caminho do mar
Mais je n'en jouis pas à cause d'Oswald qui a le cafard
Et qui fait le sombre ténébreux

La Serra est dans le brouillard
L'auto a des à-coups
Le moteur des ratés.

Indagado sobre as ligações que Cendrars mantinha com o grupo de São Paulo, Oswald respondeu:

Blaise Cendrars teve influência no surgimento do Pau-Brasil. Em 1925 eu trouxe impresso de Paris, com prefácio de Paulo Prado e ilustrações de Tarsila, o livro *Pau-Brasil*, de que decorreu um movimento dentro do nosso Modernismo. O primitivismo que na França aparecia como exotismo era para nós, no Brasil, primitivismo mesmo. Pensei, então, em fazer uma poesia de exportação e não de importação, baseada em nossa ambiência geográfica, histórica e social. Como o pau-brasil foi a primeira riqueza brasileira exportada, denominei o movimento Pau-Brasil. Sua feição estética coincidia com o exotismo e o modernismo 100% de Cendrars, que, de resto, também escreveu conscientemente poesia Pau-Brasil.

Lançado o slogan "poesia de exportação, e não de importação", esse slogan fez adeptos. O próprio Mário de Andrade, no prefácio ao seu *Losango Cáqui*, reporta-se ao seu sentimento "possivelmente pau-brasil".⁷

MÁRIO DE ANDRADE

Oswald de Andrade foi, no período heróico do Modernismo, isto é, no período que antecedeu a Semana de Arte Moderna, o grande aglutinador dos "novos" de São Paulo. Perguntado sobre como conhecera Mário de Andrade (foi Oswald que o apresentou a Menotti), o autor do "Cântico dos Cânticos para flauta e violão", narrou-me o seguinte:

⁷ Na "Advertência" ao *Losango Cáqui* (Casa Antonio Tisi, São Paulo, 1926), datada de 1924, Mário comenta sobre os poemas do novo livro: "Vivo parafusando, repensando e hesito em chamar estas poesias de poesias. Prefiro antes apresentá-las como anotações líricas de momentos de vida e movimentos subconscientes aonde vai com gosto o meu sentimento possivelmente pau-brasil e romântico".

Eu tinha sido colega de Carlos de Moraes Andrade no Ginásio do Carmo. Conhecia por isso o Mário, que era irmão do Carlos. Lembro-me mesmo do Mário, mocinho, vestido de irmão do Carmo, cantando na procissão.

Mais tarde, creio que em 1917, quando foi da campanha pela participação do Brasil na Primeira Guerra Mundial, o sr. Elói Chaves, então secretário da Justiça, foi fazer uma conferência no conservatório. Eu era, então, repórter do *Jornal do Comércio*, e fui assistir a essa conferência. Quem o saudou foi o Mário de Andrade, que se revelou literariamente nessa oportunidade, fazendo um belo discurso. Briguei a tapa com um repórter de outro jornal para obter o texto da saudação — e obtive-o. Mário de Andrade ficou sensibilizado, e daí por diante se fez meu amigo.

A essa altura, Mário já tinha um livro publicado — *Há Uma Gota de Sangue em Cada Poema* —, que passara em branca nuvem. As poesias se conformavam com a moda dominante, mas havia na coleção um verso que me interessou: “O vento faz ô ô ô”.⁸

Eu já tinha estado na Europa, onde tomara conhecimento, em Paris, do *Manifesto Futurista* de Marinetti e assistira à coroação de Paul Fort, que foi um revolucionário da forma poética, como príncipe dos poetas franceses. Regressei a São Paulo em 1912, achando que a poesia brasileira podia ser mais avançada, adotando, inclusive, o verso livre. Fiz mesmo um poema, de que infelizmente não tenho cópia, chamado o “Último Passeio de um Tuberculoso pela Cidade, de Bonde”. Mostrei-o aos rapazes de *O Pirralho*, mas fui tão arreliado que o joguei fora.

Quando encontrei o verso de Mário de Andrade, e, mais tarde, o poeta me leu alguns trechos da *Paulicéia Desvairada*, vi em sua poesia uma confirmação dos caminhos que eu desejava. Publiquei, então, um artigo chamando a atenção para o livro de Mário, sob o título “O meu poeta futurista”.⁹ Esse artigo saiu em 21. Depois da Semana, interessei-me pela publicação da *Paulicéia*. Levei os originais ao Monteiro Lobato, que tinha uma casa editora. O autor de *Urupês*, porém, achou que os versos precisa-

8 Este livro foi publicado em 1917 pelo Ed. de Pocaí & Cia. (São Paulo). Oswald refere-se ao poema “Inverno”, mais precisamente aos versos: “Agora, calma e paz. Somente o vento/ continua com seu oou...”

9 “O meu poeta futurista”, publicado no *Jornal do Comércio*. São Paulo, 27 de maio de 1921.

vam ser explicados por um prefácio, e terminou por não editá-los. Quem o fez foi a Casa Mayença, em volume que incluiu o "Prefácio Interessantíssimo".

E concluindo:

Desde a exposição de Anita Malfatti, aliás, eu vinha defendendo a arte moderna. Rebatí pela imprensa o artigo "Paranóia ou Mistificação"¹⁰ com que Monteiro Lobato atacara o vanguardismo artístico e fizera sérias restrições à pintora. E orgulho-me dessa defesa que sempre fiz do Modernismo.

Depoimento de Oswald de Andrade concedido a Péricles Eugênio da S. Ramos. *CORREIO PAULISTANO*. 26-06-1949.

10 Mário da Silva Brito transcreve e comenta o artigo publicado em *O Estado de S. Paulo*, edição da noite, a 20 de dezembro de 1917, assinado com as iniciais do autor. Ocupa a seção "Artes e Artistas" e intitula-se "A propósito da Exposição Malfatti". (Mário da Silva Brito, *História do Modernismo Brasileiro, Antecedentes*. São Paulo, Saraiva, 1958, pp. 45-49.)

“É A VOLTA À CENSURA”,
DIZ OSWALD DE ANDRADE

O HOMEM DE LETRAS É O MAIS DESAMPARADO DOS TRABALHADORES — SEM MAU POETA, NÃO HÁ BOM POETA — AS OBRAS DE DOMÍNIO PÚBLICO E O FASCISMO EM CULTURA — INQUÉRITO DO *JORNAL DE SÃO PAULO*,¹ ENTRE ESCRITORES, SOBRE O PROJETO DE AMPARO E ASSISTÊNCIA.

Esta é a época dos projetos de amparo. Amparo ao inquilino, amparo aos desportistas, amparo a uma porção de gente; tomemos cuidado para que não apareça também o amparo ao jogo de bicho, porém.

É evidente que seria louvável essa febre de amparar, se ela verdadeiramente amparasse. No entanto, a demagogia impera nestas terras do Brasil. Urge, pois, que analisemos com todo cuidado os “amparos” governamentais, para que não seja o povo simples engodado por essas crises de altruísmo de expediente.

O sr. Honório Monteiro, “soi-disant” defensor das classes trabalhadoras — e às vezes “soi-disant” intelectual, o que é mais

¹ *Jornal de São Paulo*, dirigido por Guilherme de Almeida, fundado em 1945.

perigoso —, recebeu, há poucos dias, o “projeto de amparo e assistência aos intelectuais” de uma “comissão especializada”, como dizem as notícias; comissão essa que fora incumbida, pelo próprio ministro, de redigir tal anteprojeto. Não resta dúvida de que o intelectual precisa de amparo; isso nem se discute. Mas é preciso saber o que há de verdade e de sincero nesse súbito interesse do ministro do Trabalho pelos intelectuais brasileiros.

O *Jornal de São Paulo*, que teima em não acreditar nas aparências, achou de bom alvitre sondar a opinião não de ministros e governamentais, mas dos próprios prováveis interessados na questão, isto é, os escritores, radialistas, artistas, e toda a plêiade de trabalhadores cerebrais que forma a intelectualidade — no seu justamente amplo sentido — da nossa terra.

Propondo-se a idéia, e achando-a exequível e necessária, mobilizou repórter e fotógrafo e dispôs-se a ouvir os prós e contras dos intelectuais mais representativos de São Paulo.

Iniciemos nosso inquérito com Oswald de Andrade. Oswald de Andrade sem adjetivos, pois que não precisa de apresentação.

À uma hora da tarde, entramos no apartamento de Oswald, que acabava de almoçar. Recebeu-nos domesticamente, sem rebuscos, sem pedantismos. Explicada a razão da visita, sua primeira exclamação foi flagrantemente espontânea:

— O intelectual é, de todos os trabalhadores, o mais desamparado. É trabalhador, apesar de muita gente não acreditar nisso; trabalho não é só bater martelo ou cavucar terra. Pensar, estudar e escrever é trabalho também. E é desamparado, porque, não tendo mercado para seu produto, não tem, também, o salário. Em média geral, o intelectual é muito pobre. Os que enriquecem, devido ao ocasional êxito de uma sua obra, o devem em virtude, na maioria das vezes, de um golpe de sorte, de uma publicidade fortuita. Por isso, sou favorável a que se faça alguma coisa em prol do amparo ao trabalhador intelectual.

O repórter queria saber a opinião de Oswald de Andrade sobre o projeto em si, se possível no seu aspecto jurídico, legal. A resposta foi oswaldiana:

— Como todo bacharel em Direito, não entendo quase nada de leis. Este projeto, no entanto, está me parecendo meio fascista. Me refiro ao fato de que toda edição, representação teatral, cinematográfica, ou avulsa, publicação pela imprensa e transmissão radiofônica, das obras caídas em domínio público, devam depen-

der de autorização do Conselho Nacional de Assistência aos Trabalhadores Intelectuais.² Esse preceito é perigosíssimo para a cultura, embora finja amparar o intelectual. É um poder arbitrário que se outorga ao Conselho de aprovar ou não as obras de domínio público. É a volta da censura cultural, do reacionarismo em arte e em cultura. O que quer, verdadeiramente, esse Conselho, que provavelmente será composto de um general, um padre, um tabelião e um comerciante? Impedir que se publique *O Capital*, de Marx, ou o *Manifesto Comunista*?

Mais calmo, explicou:

— É preciso que, amparando o intelectual, não se desampare a cultura. Se a divulgação das obras de domínio público depender do veredicto de um Conselho, os membros desse Conselho impedirão, a seu bel-prazer, a divulgação daquelas obras que não interessa divulgar, aos seus preconceitozinhos pessoais, ou aos interesses da situação. Isso acarretaria a censura na cultura. Imagine-mos que haja tal organismo num país essencialmente católico: todas as obras de Nietzsche seriam proibidas. O mesmo se daria em relação a um país de regime comunista, por exemplo. Aliás, é sabido que na Rússia foram proibidas as obras de Dostoievski, por acharem os censores que eram prejudiciais ao povo russo. Assim, quero alertar a atenção de todos para esse fato, aparentemente inofensivo, mas profundamente capcioso e perigoso.

CONCEITO DE INTELLECTUAL E DE OBRA INTELLECTUAL

O projeto considera intelectuais os escritores de qualquer gênero, os artistas plásticos e os compositores. Obra intelectual, no projeto, é considerada como qualquer produção literária, científica, filosófica ou musical, divulgada em folheto, revista, jornal, teatro, cinema, radiodifusão ou outra qualquer forma de expressão; as traduções, adaptações e antologias são equiparadas às obras originais. É claro, quisemos colocar a questão também ao Oswald:

— Meu conceito de intelectual e de obra intelectual é o mais amplo possível. O jornalista, o fotógrafo de jornal, o sujeito que trabalha em rádio, todos são intelectuais. E nem compete às gentes

² Projeto de amparo e assistência aos intelectuais, Conselho Nacional de Assistência aos Trabalhadores Intelectuais.

dizer quais são os verdadeiros intelectuais: geralmente, erra-se. Veja o caso de Fernando Pessoa, por exemplo. Nas diversas vezes que viajei a Portugal, pedi para que me apresentassem aos intelectuais portugueses. Conheci uma porção de gente, da qual hoje não me lembro nem mais do nome. Nunca me apresentaram a Fernando Pessoa. Só depois de morto é que ele encontrou um editor e ficou sendo conhecido. E é talvez o maior poeta dos tempos modernos. Em vida não encontrou editor, como não encontrara editor também Camões. Assim, os verdadeiros intelectuais de hoje serão as gerações vindouras que os consagrarão, não as gentes da atualidade. Por isso é bobagem dizer-se que o fulano de tal é o maior intelectual de agora, desprezando-se todos os outros que trabalham com a cabeça.

Toda essa população de jornalistas, radialistas, pequenos poetas, modestos escritores, inéditos teatrólogos forma, de verdade, o público que lê, o público que estuda o ambiente do qual envolverá, mais tarde, o verdadeiro intelectual, o verdadeiro homem que pensa. Sem maus poetas, não haverá nunca bons poetas; o mau poeta de hoje poderá ser o poeta “puro”, o grande, de amanhã. Esse ambiente intelectual amplo, essa população de trabalhadores cerebrais, é o terreno indispensável para que haja a cultura, para que exista o verdadeiro intelectual. E é bom que consideremos como intelectuais todos eles, pois, senão, o que sobrará? Quantos intelectuais “puros” existem hoje em dia?

QUEM DIZ QUE INTELECTUAL NÃO É TRABALHADOR?

Oswald de Andrade estava com pressa. Precisa estudar, pois participará do próximo concurso de filosofia da Faculdade de São Paulo. Explicou-nos que se dispusera a estudar pelo menos duas horas por dia; mas como precisa trabalhar para ganhar a vida — “pois que o intelectual, aqui no Brasil, se não trabalha em outras coisas, morre de fome” — não teve ainda oportunidade de pegar num livro. Saltamos da biblioteca, repleta, passamos pela sala, heterogênea. Indicou-nos os dois De Chirico, o Léger e alguns quadros de seu filho Rudá. Em cima de um móvel, estavam estatuetas de origem folclóri-

ca, de madeira. Numa parede, o espaço mais claro vazio — e o nostálgico prego — correspondente ao Picasso que foi para o Museu. Tomamos o segundo café e nos despedimos.

— Saliente bem o perigo da dependência do Conselho, para as obras de domínio público — advertiu Oswald.

JORNAL DE SÃO PAULO.

28-09-1949.

“O HINO CONSTITUI
O PATRIMÔNIO EMOCIONAL DE UM
POVO E DEVE SER RESPEITADO”

SOU CONTRA A RETIFICAÇÃO DA LETRA DO
HINO NACIONAL. DECLARA AO *JORNAL DE
SÃO PAULO* O POETA OSWALD DE ANDRADE.

Apresentado na Câmara Municipal um projeto para a retificação de alguns versos do *Hino Nacional* brasileiro, cogita-se sobre a utilidade ou não dessa reforma. Os poetas Guilherme de Almeida e Menotti del Picchia já se referiram ao problema, estudando-o com firmeza e apontando quais as medidas a serem tomadas. Guilherme de Almeida apresentou uma tese pró-nova letra para o *Hino Nacional*. Menotti del Picchia, já menos categórico, cogita apenas da retificação de alguns versos. No entanto, está levando o problema sobre o projeto em trânsito na Câmara Municipal. Deve ser retificada a letra do *Hino Nacional* ou deve-se criar nova letra?

Este problema está praticamente nas mãos dos poetas, que deverão opinar francamente a fim de chegarmos a uma conclusão acessível.

PATRIMÔNIO EMOCIONAL

Empresta hoje sua opinião sobre a retificação do *Hino Nacional* o poeta Oswald de Andrade, que declarou o seguinte:

— Os hinos são como as estátuas velhas, constituem um patrimônio emocional e cultural de uma nação, de um povo, e portanto não devem ser trocados. Essas obras já realizadas representam um determinado momento psicológico do tempo e portanto não devem dar lugar a retificações.

As estátuas da mesma forma representam um patrimônio emocional de um povo. E, se as estátuas e monumentos antigos de Berlim ou Vaticano são mais ou menos horrorosos, nem por isso ninguém se lembrou de remodelá-los ou trocá-los por novas criações. Todos os monumentos, imagens, estátuas e hinos têm uma certa sacralidade, pois tudo constitui uma iconografia. Todos esses trabalhos são documentos de uma tradição de um povo e devem ser respeitados. O fato de alguns trabalhos, hoje, serem considerados sem valor artístico não permite de nenhuma forma que sejam remodelados ou trocados.

E o hino, que representa um determinado momento psicológico de um povo; que a cada geração é cantado por milhares e milhares de crianças nas escolas; que já ficou impregnado em todos os instantes maiores de um país; como retificar ou criar nova letra?

Sou contra a alteração do *Hino Nacional* porque perderá o seu sentido emocional.

ESTÁTUAS AMBULANTES

Continua o poeta Oswald de Andrade:

— Ainda mais no nosso país que tudo muda de repente sem que a gente possa dar seqüência aos galopes inconseqüentes das trocas e retificações. Basta em São Paulo que as estátuas andem de lugar para outro, como que sujeitas a uma lei de locatários ambulantes. O Verdi, que estava na praça do Correio, mudou-se para o vale do Anhangabaú, e tantas outras calamidades que abundam por aí.

O Teatro Municipal é uma verdadeira droga, no entanto, ninguém ainda se lembrou de o mudar, para melhor, bem entendido.

Os patrimônios emocionais de um povo nunca devem ser retificados ou trocados. E o *Hino Nacional* brasileiro deve, por conseguinte, continuar com a mesma letra, que constitui uma tradição do povo.

JORNAL DE SÃO PAULO.

21-12-1949.

O POETA OSWALD DE ANDRADE PERANTE MEIO SÉCULO DE LITERATURA BRASILEIRA

Conheço Oswald de Andrade há catorze anos.

Eu freqüentava o café Ambris, no largo do Ouvidor. Ali, uma tarde, apareceu o poeta de *Pau-Brasil* e aboletou-se a uma mesinha em que eu me encontrava com um estudante de Direito. Mas não houve tempo para apresentações. Pois, à chegada de Oswald, logo se formou um grupo, que pôs a discutir política, e, dentro deste tema, o integralismo. Vários “camisas-verdes”, se não me engano à paisana, o rodearam e, aos ataques do cacique antropofágico, trataram de defender o cavalheiro Plínio Salgado. Lembro-me de que Oswald dizia ser o integralismo mais um plágio do romancista de *O Estrangeiro*. Um adepto do sigma mandou que Oswald lesse a obra do chefe-nacional.

— Já a li... nos originais estrangeiros — replicou o polemista.

— Prove — exigiu um dos fanáticos.

— Vá citando o pensamento do seu líder e eu lhe direi as fontes — sugeriu Oswald.

O rapaz, entusiasmado, teso, pomposo, gritão, pôs-se a declamar trechos de Plínio Salgado e o criador de *Serafim Ponte Grande* a exclamar:

— Pareto... Cardeal Cerejeira... Antonio Sardinha... Mussolini... Salazar...

Em dado momento, o jovem, já histérico e furioso, berrou qualquer coisa e se retirou emproado. Da porta, porém, erguendo o braço esquerdo, de punho fechado, exclamou:

— Então até a Revolução!

— Isso é plágio de Oswald de Andrade! — informou, imediatamente, o terrível gladiador, enquanto enormes gargalhadas vaiavam o integralista, derrotado pelo insuperável bom humor do romancista de *Os Condenados*.

Um ano depois deste episódio, fui apresentado a Oswald de Andrade. Aparecera ele no *Jornal da Manhã* à procura de Plínio Melo, que nos aproximou. Nesse dia, passei, com Frederico José da Silva Ramos (irmão do poeta Péricles Eugênio da Silva Ramos, então em Lorena), a tarde toda na casa de Oswald. Era no último andar de um prédio na praça Júlio Mesquita. Falamos o tempo todo de literatura. Lemos poemas. E ficamos a ouvir, principalmente, o inquieto homem.

NÓS NASCEMOS VELHOS

É o mesmo Oswald de Andrade o que vejo agora, esparrado num sofá, a pedir café, doces e insulina à paciente Maria Antonieta d'Alkmin de Andrade, num tom ora autoritário de patriarca ora de bebezão manhoso. Tem ele hoje sessenta anos, sessenta anos bem vividos e bem contados. Mas possui uma juventude invejável que nenhum dos nossos rapazes consegue superar.

— Nós nascemos velhos — diz Oswald de Andrade, constantemente. — À medida que os anos vão passando, nós vamos rejuvenescendo, porque deitamos fora os preconceitos, as idéias feitas, as coisas herdadas. O pensamento não é meu, é de Super-vielle. Ouvi-o do poeta, certa vez em Paris.

Este Oswald prodigioso, minha velha admiração, atualmente me parece muito maior. E assim o julgo à releitura de sua obra e, sobretudo, pelo conhecimento, através de minhas pesquisas para uma História do Modernismo no Brasil, de seus artigos largados pelos jornais de São Paulo e do Rio de 1915, de 1917 e de 1922 a 1930. No meu modesto livrinho, faço-lhe, à vista de documento, a necessária justiça.

À medida que ele conversa e eu anoto coisas ditas para a entrevista, estou a escutar a memória e reproduzir passagens de artigos, de poemas, de livros de Oswald e sinto-me emocionado de estar na presença desse grande lutador, desse homem singu-

larmente apaixonado pela literatura e pela arte. Quanto não terá sofrido essa criatura sedenta de compreensão com a “política de silêncio” que o envolveu, anos e anos, e que somente agora parece perder os seus efeitos!

MACHADO DE ASSIS E EUCLIDES DA CUNHA

— Machado de Assis e Euclides da Cunha caracterizaram o começo do século — afirma-me Oswald de Andrade. — Coloco um e outro no partido de toda a literatura moderna nacional, pois deles partiram duas linhas mestras de nossas letras: o campo e a cidade, temas essenciais do Brasil. A pesquisa do espírito em Machado e a da terra em Euclides sugeriram filões e contribuíram para o “estouro” da Semana de Arte Moderna. Nossa revolução literária tem essa linhagem. Machado não é um naturalista, felizmente, no gênero de Aluísio. É o pai de todas as nossas aventuras íntimas. Euclides, por outro lado, anunciou a terra com uma superioridade imensa sobre seus epígonos do nordeste. Criou-se em torno dele um verdadeiro sistema solar. Euclides é um sol e ao seu redor surgiram inúmeros planetas. Euclides esgotou o tema marxista do homem ligado à terra.

Para Oswald de Andrade, o romancista de *Brás Cubas* e o autor de *Os Sertões* são dois homens fundamentais na nossa formação.

— Um acreditou e outro não — observa o entrevistado — e isso produziu um fundamento dialético formidável, até hoje vigente, que é o substrato de toda a nossa ideação. Daí nasceu o que há de melhor e mais verdadeiro em nossa literatura.

UM BRASIL ROCOCÓ DE GRANDE GOZO

Conta o romancista que quando chegou à sua puberdade intelectual encontrou, em São Paulo, um grupo de moços da Faculdade de Direito, que tinha valor, mas um valor meramente iconográfico e que se agitava pelas tavernas e bares em redor de uma grande lembrança — o Lobato do *Minarete*.¹ Constituíam

¹ *Minarete*, periódico que agrupou em São Paulo Monteiro Lobato, Godofredo Rangel e outros escritores, na tentativa de criar um movimento de resistência ao exotismo e pernosticismo literário (motivos e linguagem).

essa plêiade Indalécio de Aguiar, Ricardo Gonçalves, Artidoro Arco e Flexa, Raul de Freitas e, possivelmente, alguns mais. Era gente que lia Eugênio de Castro e estava, em avanço, portanto, sobre o momento que pertencia ao monopólio Bilac—Coelho Neto.

— Machado de Assis e Euclides da Cunha tinham desaparecido sem deixar absolutamente nenhum sucessor — reflete, melancolicamente, Oswald de Andrade.

E acrescenta:

— A Academia Brasileira de Letras vivia de suas glórias anteriores, possuindo, aliás, naquela época, gente muito melhor do que a de hoje. Dela fazia parte meu tio Inglês de Souza, autor de *O Missionário*, que foi consumido pela vida profissional de advogado. Mesmo em plena República, meu tio refletia o clima britânico dos Nabuco,² que fez, por sobre a escravidão negra, um Brasil rococó de grande gozo...

Segundo Oswald, o monopólio Bilac—Coelho Neto tinha vencido de um modo absoluto. Daí confessar:

— Quando pensei em fazer literatura, precisei aproximar-me dos donos do jornalismo, do reclame, da Academia. Mas não consegui afinar com aquela gente, apesar de freqüentá-la e de ter encontrado, em São Paulo, um espírito simples e amável, que foi Amadeu Amaral.³ Amadeu não tinha, no começo, nenhuma pretensão, se bem que fosse o melhor sujeito desta terra. Cheguei a cabalar votos para ele entrar na Academia Brasileira de Letras.

Da literatura estrangeira, revela o poeta de *Pau-Brasil*, os autores mais lidos eram Anatole e Eça. Os espíritos mais exigentes estimavam Fialho e Mirbeau, neste grupo se incluindo o autor de *Ponta de Lança*. O Brasil estava inteiramente isolado da Europa, não tinha conhecimento do que nela ocorria, não estava informado. Conseguira chegar até nós Wilde, que deu João do Rio, que era um homem civilizado, fazendo contos interessantes, dos quais hoje achamos graça — pondera Oswald de Andrade.

2 Oswald de Andrade refere-se ao estadista do Império, senador conselheiro José Tomaz Nabuco de Araújo e seu filho, o jornalista, escritor e diplomata Joaquim Nabuco.

3 Oswald de Andrade fez forte campanha para cabalar votos na eleição de Amadeu para a Academia Brasileira de Letras, através de seu tio, o acadêmico Inglês de Souza.

A SEMANA DE ARTE MODERNA

— Nos primórdios de 1922, apareceu Monteiro Lobato escrevendo uma prosa nova, limpa, precedente de todas as nossas tentativas revolucionárias. Fui muito amigo de Lobato. Tinha eu por essa época uma *garçonnière* na rua Líbero Badaró e por ela rolaram provas dos *Urupês*. Mas Lobato foi incapaz de levar às derradeiras conseqüências as suas pesquisas de estilo e era insensível às formas novas de arte, por isso reagiu violentamente contra Anita Malfatti.⁴

(Estou me lembrando agora de que o único artigo que apareceu, em nossa imprensa, defendendo a pintora do *Homem Amarelo*, foi de Oswald de Andrade. Era uma crônica ponderada, sem rompantes, mas assim mesmo firme e enérgica, porque rebatia o grande e poderoso Lobato, e dizia coisas que, hoje, certos cidadãos importantes apresentam como a última descoberta em matéria de argumentação e teoria de pintura.)

— Conheci Mário de Andrade durante a guerra de 1914-1918, fazendo um discurso no Conservatório Dramático e Musical a uma alta personalidade política. Gostei muito do discurso e, como eu fosse repórter, briguei com um colega de outro jornal, briguei a tapa, para conseguir os originais de Mário. Ficamos amigos, vim a conhecer os seus poemas, que confirmavam estar com razão quando buscava uma renovação. Mário foi um grande estímulo e, sob certo aspecto, gostei dele por narcisismo, pois a sua literatura vinha provar que as minhas tendências eram certas. Com Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida (com quem eu escrevera peças de teatro em francês) e outros, fiz a Semana de Arte Moderna, tendo o nosso grupo o apoio de Graça Aranha, uma figura exótica, de grande prestígio, e que aprendeu Modernismo conosco...

Observa então Oswald de Andrade que o grande benefício da Semana foi atualizar a literatura brasileira. Colocou-a no mesmo

⁴ Monteiro Lobato escreveu o artigo "A propósito da Exposição Malfatti", *O Estado de S. Paulo* (20 de dezembro de 1917), criticando duramente a exposição de Anita. Oswald defendeu os trabalhos da artista em "A Exposição Anita Malfatti", *Jornal do Comércio*, São Paulo, 11 de janeiro de 1918.

meridiano das letras estrangeiras. Não se tratava de desejar fazer uma literatura como a inglesa ou a francesa, mas de possibilitar ao Brasil pensar e escrever contemporaneamente a essas literaturas mais adiantadas.

OS BÚFALOS E O REAJUSTAMENTO LITERÁRIO

1922. 1924. 1928. 1930. Semana Pau-Brasil, Antropofagia. Revolução. Queda do café. Transformações do mundo. A literatura, posta a par, pelos modernistas, cai por terra, é abandonada, desprezada.

— Eu fiquei marxista — diz Oswald de Andrade. — Abri alas para os búfalos do Nordeste passarem com bandeirinhas vermelhas nos chifres. Porém, com isso, as pesquisas da Semana foram paralisadas e só vieram a encontrar continuadores em Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

— E *O Anjo*, de Jorge de Lima? — pergunta o repórter.

— Muito bem lembrado! *O Anjo* e *Calunga* prosseguem as nossas experiências. Tenho esquecido de citar o Jorge de Lima dessas obras. Aliás, quando do aparecimento de *O Anjo*, escrevi-lhe, excepcionalmente, uma carta, eu que não sou epistolar. Mas o Rio hoje está realizando uma literatura que prescindiu da Semana, por incompreensão. Não conhecem os marcos quilométricos que são as *Memórias Sentimentais de João Miramar*, o *Serafim Ponte Grande* e *Macunáima*.

Oswald de Andrade faz agora uma série de considerações sobre o “atraso” da literatura brasileira e principalmente sobre a ignorância, por parte das novas gerações, do Modernismo, cujo facho ia ser pacificamente entregue, no Congresso de Poesia, aos moços de 1945, “não fosse a minha intervenção vigilante”, comenta o autor de *Estrela de Absinto*.

No meio dessas considerações Oswald de Andrade se interrompe para dizer:

— Estou me lembrando de um episódio interessante para você contar. Certa manhã, apareceu na minha casa da rua Santo Antônio um mocinho, trazendo um volume de versos parnasianos para que eu criticasse. Nem eu nem ele sabíamos que estávamos tratando do primeiro livro do que seria mais tarde o maior poeta do Brasil: Cassiano Ricardo.

Oswald de Andrade julga que em cinqüenta anos a literatura foi reajustada. Abandonada as falsas penetrações psicológicas e superado o Realismo, apareceram as experiências sugestivas da geração modernista, surgiu no romance o elemento povo, trazido pelos nordestinos, mas já anunciado em *Os Condenados*, analisou-se a pequena burguesia na obra de Erico Verissimo, Dionélio Machado e Cyro dos Anjos. Dentro dessa literatura, que deverá retomar seus rumos mais altos, há duas exceções: Monteiro Lobato e José Geraldo Vieira, marcados por um caminho pessoal, um tendo aberto uma clareira, outro descortinado regiões até agora imprevisadas em nossas letras. A poesia deu Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Vinicius de Moraes, precedidos de Raul Bopp.

— Mas ao fim de cinqüenta anos — comenta desalentado Oswald de Andrade — a gente vê Aníbal Machado (que fez boa prosa em *João Ternura*) e Mário Pedrosa assinarem concordata votando na borracheira chamada *Fonte Invisível*, do leiloeiro Augusto Frederico Schmidt, para o melhor livro de poesia de 1949.

Após esse desabafo, Oswald afirma:

— Eu estou animadíssimo com os novos. Depois de certos erros de começo, eles se reajustaram e, se quiserem, poderão levar às últimas conseqüências o que nós fizemos na Semana. Quero distinguir, entre os novos, você, Domingos Carvalho da Silva, José Tavares de Miranda e Geraldo Vidigal, além do pessoal de Atibaia. Quanto à meninada, não posso enumerar, porque, sendo tantos, não cabem no jornal. Ao lado dos jovens escritores, que vivem um fecundo momento estético, há a assinalar, nestes cinqüenta anos de vida cultural brasileira, um momento filosófico, iniciado com o “Coleginho”, de Vicente Ferreira da Silva, e, agora, congregando meia dúzia de pessoas para a disputa de uma cátedra na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e preparando o Primeiro Congresso Brasileiro de Filosofia, de que talvez venham a participar Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.

Em meio século de literatura, duas lembranças avultam em minha memória. A de João do Rio e a de Mário de Andrade. Foram os dois homens mais interessantes que conheci em todo esse tempo. E, do Emílio de Menezes, diga que foi uma janela aberta, um respiradouro naquele clima convencional de letrados do começo do século.

Entrevista realizada por Mário da Silva Brito.
JORNAL DE NOTÍCIAS. São Paulo, 26-02-1950.

OSWALD DE ANDRADE
— O BATALHADOR

OS “BÚFALOS DO NORDESTE” — JORGE AMADO: INAÇÃO POR FALTA DE VITAMINA CULTURAL — FRACASSO DA CIVILIZAÇÃO OCIDENTAL — CENTRO DE CULTURA EM ATIBAIA — ERICO VERISSIMO, O BEM-TE-VI — RACHAR PEDRAS PARA DESCANSAR.

Oswald de Andrade não necessita de apresentações. Entre nossos intelectuais, dificilmente acharemos outro tão conhecido, tanto pela sua obra como pela sua personalidade. Quem quer que já tenha merecido sua “atenção” recordará com amargura a ferinidade das setas de sarcasmo com que criva aqueles que lhe caem dentro do alvo. Portanto, não será através de seus críticos que conseguiremos conhecer a fundo o autor de *Serafim Ponte Grande*. Mas, pessoalmente, vemos com simpatia esta característica do escritor, de, encontrando algo malfeito ou errado, reduzir a tiras, por meio de sua crítica mordaz, que não belisca, mas apunhala, toda a reputação artística ou literária de um elemento qualquer, e isto a altas e públicas vozes. É uma qualidade pouco comum entre nossos intelectuais, que possuem um receio injustificado de manifestar uma opinião a respeito de seus confrades,

que não seja um daqueles elogios visguentos e untuosos em sua patente falsidade. Apenas a crítica honesta e decidida impede a estagnação dos valores, força a constante renovação e arejamento de idéias.

Certa ou errada, justa ou injusta, admiramos profundamente a crítica de Oswald de Andrade, menos pelo seu valor que pelo seu significado. Fazer literatura, hoje em dia, é uma grande responsabilidade, e não admite posições "mornas". E a melhor maneira de obrigar um escritor a procurar compreender o mundo em que vive é criticá-lo abertamente toda vez que se afasta dos verdadeiros trilhos.

FORMAÇÃO

Oswald de Andrade teve uma vida agitadaíssima, de lutas e mais lutas. Passou um importante período na França, quando estava no auge a luta pelo Modernismo. Amigo pessoal de vultos como Picasso, Cocteau, Cendrars, Jules Romains, Léger, e muitos outros, escrevendo muito bem em francês, facilmente poderia ter feito literatura na Europa. Mas preferiu voltar para São Paulo, estimular aqui a arrancada modernista.

MODERNISMO NO BRASIL

— O movimento modernista, aqui no Brasil — explicou-nos Oswald de Andrade —, teve seu primeiro período entre 1922 e 1930. Qualitativamente, foi bastante alto. Vultos como Mário de Andrade, Jorge de Lima, Clarice Lispector e Guimarães Rosa, não necessitam de outras apresentações. A prosa sofreu completa transformação, saiu do estado semi-estagnado em que se encontrava, entrou na busca de novos valores, refletindo as tendências mundiais. Isto foi até 1930, quando veio a Revolução, com suas conseqüentes agitações, trazendo um novo fator, ainda desconhecido na literatura: a miséria nordestina. Surgiram os "Búfalos do Nordeste", Jorge Amado, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, numa furiosa arremetida, tomando todo o campo. No Sul, começou a cantar um bem-te-vi: Erico Verissimo. Achamos tudo muito engraçado, pusemo-nos de lado, para deixar passar a onda.

— E na poesia? — quisemos saber.

— A poesia resistiu melhor, continuou firme. Carlos Drummond, Vinicius de Moraes, Murilo Mendes e Cassiano Ricardo, que considero o maior poeta brasileiro, são vultos bastante representativos, e hoje em dia há tantos bons poetas que levaria tempo citar-lhes os nomes, a todos. Isto, apesar da entrada no campo literário do Rei do Câmbio Negro, o “Gordo Schmidt” (Augusto Frederico).

— Há pouco o senhor falou em Jorge Amado. Vê-se unicamente como “búfalo”?

— Jorge Amado é um grande lírico, mas está em vias de perecer por inação, falta de vitamina cultural. Aliás, foi minha maior esperança, na literatura. Possui duas obras excelentes: *Jubiabá* e *Terras do Sem Fim*. Mas está se perdendo num sectarismo improdutivo.

A FÉ EM SÃO PAULO

— Tenho grande fé em São Paulo, na juventude que hoje, pouco a pouco, principia a ocupar as posições-chaves de nossa cultura. É extraordinária a importação de elementos raciais diversos, e a mescla de todos os valores é uma promessa para o futuro. Não nos esqueçamos de Paris, pois no século XIII, quando foi fundada a Sorbonne, um entusiasta vaticinou: “Paris irá além de Atenas”. Creio firmemente que também a São Paulo está reservado um lugar de destaque no âmbito mundial, como centro cultural de grande valor.

— Mas é tão grande a modificação aqui em São Paulo, de uns trinta anos para cá? — quisemos saber, meio incrédulos. Oswald de Andrade sorriu:

— Ah, é enorme. Veja só, por exemplo, o fenômeno do teatro, que coisa magnífica! Quando julgávamos estar numa época absolutamente nula, eis que repentinamente surge uma série de elementos de primeira qualidade, produzem-se valores próprios, como Helena da Silveira, autora de *O Poço*, e os artistas jovens, Maria della Costa, Sérgio Cardoso, e tantos outros. O mesmo se verifica em todos os outros campos da cultura, entre os historiadores, por exemplo, São Paulo deixou de ser o São Paulo do “dr.” Taunay, para ser São Paulo de Sérgio Buarque de Holanda. Em

1922, o dr. Taunay imperava aqui em São Paulo, foi ele que nos brindou com aqueles monumentos horrorosos, lá no Ipiranga e no Teatro Municipal. Quando Brecheret ainda tinha valor, não era considerado. Mas foi só estragar-se, que Taunay o lançou “na moda”. Hoje, felizmente, Taunay não passa de um fóssil, e seu nome caminha para o lugar que merece: o esquecimento.

O VALOR DA CULTURA NO ESCRITOR

— Passamos do tempo em que a pura intuição fazia um artista. Hoje em dia, o estudo possui uma importância fundamental. O escritor tem uma grande responsabilidade, é o guia de uma sociedade, que, portanto, terá de conhecer profundamente.

Aliás, não se pode negar que Oswald de Andrade não possuía os dois acessórios indispensáveis ao escritor: o conhecimento da vida e a cultura. Sua experiência de quinze anos, por exemplo, de Partido Comunista, foi uma lição forte de certos aspectos da vida que não conhecia ainda, e que, aliás, procura dar a conhecer nos romances da série *Marco Zero*. Parece que o escritor se desiludiu, pelo menos em grande parte, da filosofia marxista e suas aplicações práticas. Julga ele que a civilização ocidental falhou completamente, atribui ao regime do patriarcado, que imperou durante nossa civilização, a razão do fracasso. Para garantir a nossa existência, teremos que buscar soluções paralelas às que o primitivismo oferece. Soubemos que proximamente publicará um livro. *A Antropofagia como “Weltanschauung”*, no qual expõe suas idéias, numa interpretação social sua, absolutamente original. Toda a vida do escritor tem sido uma contínua luta. E ele confessa:

— Foi graças a meu filho, Oswald de Andrade Filho, que consegui suportar tudo, foi-me possível sobreviver. O rapaz é um verdadeiro leão, e tem sido meu braço forte em todos os momentos críticos de minha vida.

— Qual a importância do contato e da experiência da vida num escritor? — perguntamos.

— Bem, a experiência por si só, nada diz. Existem milhares de homens com experiência magnífica da vida, mas que não são capazes de escrever nada. Os homens de negócio, por exemplo. Gente experimentadíssima, mas que apenas sabe o que é

o mundo, sem conseguir penetrar em seu significado. Por outro lado, a tendência contrária é simplesmente horrorosa. O escritor que não desce à rua, que não briga com o condutor do bonde por causa do troco, não joga no bicho, não torce no futebol, é um pobre-diabo, que antes merece nossa comiseração, que critica.

CENTRO CULTURAL EM ATIBAIA

— Quais são seus planos para o futuro? — inquerimos, profissionalmente curiosos.

— Bem, estou com sessenta anos, preciso descansar, devido à minha saúde. E, para descansar, resolvi rachar pedras. Em outras palavras, é bem provável que me mude para Atibaia, onde há possibilidade de instalar um grande centro cultural, onde reuniríamos os melhores elementos de São Paulo, num ambiente livre, realizar-se-iam conferências, discussões, debates etc. Já há um núcleo formado, um pequeno grupo publica uma revista, *Tentativa*. São André Carneiro, Dulce Carneiro, César Memolo, além de outros. A formação de um verdadeiro centro de cultura, no interior, parece-me uma idéia interessantíssima. Concordo que é meio utópico, mas em 1920, meu caro, nada era mais utópico que a cultura brasileira moderna. No fundo é, como sempre, apenas uma questão de lançar-se na luta.

— Hoje sou feliz. Casei-me com Maria Antonieta d'Alkmin, e ela me deu dois filhos muito bonitos... — concluiu Oswald de Andrade.

Entrevista realizada por Vasco Zigue,
JORNAL DE SÃO PAULO, 26-02-1950.

APÊNDICE

RECADO A OSWALD DE ANDRADE

Nesse 11 de janeiro em que você fez sessenta anos, Oswald, eu acreditei confiadamente em astros e predestinação, na veracidade dos horóscopos: "os nascidos em tal dia estão sob a proteção de Júpiter, ou Vênus, ou Virgo, ou Saturno..." Sim, em 11 de janeiro, também fazia anos meu pai, aquele Alarico Silveira que tanto tinha de modesto quanto de grande. Tornou-se tradição para mim o 11 de janeiro, com sua noite celebrada em torno da mesa comprida, e a figura dele, tão feliz, rodeada por filhos e amigos.

Diante dessa coincidência de uma mesma data presidindo aos dois nascimentos, o seu e o dele, devo responsabilizar os astros e crer mesmo que eles possam outorgar as dádivas da inteligência, da bondade, de um mau gênio ou de um bom gênio, de fobias, e de amenidades. Certamente, as estrelas nos dirigem, a nós do mundo, tal se fosse cordéis acionando fantoches e por isso viemos encontrar nas duas criaturas que foram amigas a mesma profundidade intelectual e a mesma bondade de coração. Não adiante que você me chame Venena, por Helena e me empreste a mim e a Jamil todas as suas ironias e seus trocadilhos, nem que seus inimigos o pintem tenebroso e verazmente antropófago. Eu sei a forma de bondade envergonhada que você possui. Só quero falar dela hoje, pois sua inteligência todos conhecem, por negação dos inimigos, por louvores dos amigos e por sua atuação vibrante e alerta no cenário das letras nacionais.

O que me interessa no amigo que você é é seu coração, entretanto mais negado por você que pelos outros, esse coração determinado pelos astros e que você esconde como algo roubado, algo que não é seu, por estar tão freqüentemente em desacordo com seus ímpetos de pugnacidade, com esse seu feitio irremovível de força da natureza que não quer saber de peias, só quer jorrar, arrasando, sem coletes de represas. Não fora esse coração escondido atrás do seu espírito, você não seria a grande figura humana que é. A verdade, Oswald, é que o coração é a raiz que nos comunica profundamente com a terra e nos nutre dando-nos a densidade do ser e a participação com o mundo. Não fora ele e você não seria o romancista de *Os Condenados*, nem o autor dos "Cânticos dos Cânticos". Sem coração, a vida lhe escorreria

tal chuva em capa de oleado não se entrenhando, como se entranhou, ensopando-o de tal modo que o deixou, antes de mais nada, um encharcado de dias e noites. É o que você é: síntese de vida vivida intensamente segundo por segundo, amealhando sol e luas e devolvendo tudo em parágrafos e versos. Nada em você denuncia essa calamidade de nossos dias: a criatura que acontece livremente, que não é uma soma de células, mas de uma grafia que vem de Plutão a Sartre...

E por que você é bom, humanamente bom, foi que nasceu no dia 11 de janeiro, como meu pai que morreu com o coração doendo de bondade.

Que você continue, Oswald, sentindo cada vez mais o dia que passa, tenazmente fincado na terra, indomável, insubmisso, escachoante, recebendo e transmitindo o que a vida tem de inexorável e nos guiando um pouco a nós, os menores, os que se debatem indecisos ante caminhos vários, sob a inclemência dos astros que nem sempre acumulam — são os votos da

HELEN

FOLHA DA MANHÃ.

São Paulo, 13-01-1950.

FALAM OS ESCRITORES

A LITERATURA BRASILEIRA NÃO PRESTA —
COMPETE AOS NOVOS DESMASCARAR AS
CONSPIRAÇÕES DE PUBLICIDADE — SEMPRE
HOUE POESIA HERMÉTICA — A COMBATIVI-
DADE É UMA NECESSIDADE — A FICÇÃO É
MAIS DIFÍCIL DO QUE A POESIA.

Vocês estão querendo saber demais. Por exemplo, o que significa um escritor gagá. Querirão vocês se referir a esse epíteto depreciativo aplicado a Carlos Drummond de Andrade e a José Geraldo Vieira, pela falecida garotada de *Orfeu*?¹ Se é isso, gagá significa grande poeta, grande escritor, em plena forma e em pleno rendimento.

De 45 para cá, houve mais turbulência do que outra coisa. Uma revolta de anjos, uma justa reivindicação contra o que se poderia chamar de academismo modernista, isto é, prolongamento da fase polêmica de 22. Como houve exagero no ataque à Semana de Arte, meteram-se facilmente nele os eternos parnasianos, os simbolistas retardados e os românticos vocacionais, procuran-

¹ *Orfeu* circulou no Rio de Janeiro em 1947, tendo como colaboradores entre outros o poeta Ledo Ivo.

do, assim, um lugar ao sol. Hoje, serenado o tumulto, poetas jovens de valor como Domingos Carvalho da Silva, Geraldo Vidigal, Tavares de Miranda, Péricles Eugênio da Silva Ramos, Mário da Silva Brito, bem como os joviníssimos de que vocês de Atibaia são modelar exemplo, prosseguem no caminho alertado pelas nossas experiências.

A questão do hermetismo é toda pessoal. A poesia é velha como o mundo e hermética como o mundo. A poesia nunca é compreendida pelo grande público, senão através da exegese. É uma questão de sensibilidade, de eleição e de cultura.

A literatura brasileira não conseguiu projeção mundial porque não presta.

A maturidade pode vir aos nove anos como em Mozart ou aos oitenta anos como em Goethe. Rimbaud e Lautreamont escreveram coisas geniais na adolescência, enquanto com quase setenta anos o sr. Gustavo Barroso continua a escrever bobagens.

O escritor deve publicar logo que escreve. A timidez só atrapalha. Temos entre nós o caso do romancista Geraldo Santos, que, mal aconselhado, deixou de publicar uma boa estréia, permanecendo inédito até hoje.

Do ambiente de luta entre gerações decorrerão benefícios. Toda a luta é fecunda, logo, deve-se incentivar a combatividade dos jovens.

Há necessidade de "revisão de valores", pois, até hoje, a nossa literatura, a contemporânea, permanece vítima da confusão interessada de grupos e panelas. Mário de Andrade, que foi um grande sujeito e que está vivo pela sua obra, levou para os infernos esse grande pecado. Ter feito a mais indigna política literária, abusando do seu grande prestígio. Dela participaram Manuel Bandeira, Tristão de Athayde, Antonio de Alcântara Machado e, particularmente ativo, o gordo Schmidt,² truculento oportunista, cínico comprador de consciências e rei do câmbio negro literário de que tira a sua celebridade. Quando vemos homens da responsabilidade de Aníbal Machado e Mário Pedrosa votarem para o primeiro livro do ano nesse horroroso volume que Mário da Silva Brito muito bem chama de "poesia invisível",³ perdemos todas as esperanças de que

2 Trata-se do poeta Augusto Frederico Schmidt.

3 Oswald refere-se ao livro *Poesia Invisível*, de Augusto Frederico Schmidt, lançado em 1949.

as velhas gerações possam revisar qualquer coisa. Compete aos novos desmascarar essas conspirações de publicidade. Quanto à forma dessa revisão, ela não cabe numa entrevista. Seria preciso um volume inteiro para demonstrar que os “Búfalos do Nordeste”⁴ perturbaram a alta especulação literária que eu e Mário de Andrade estávamos realizando em *Memórias Sentimentais de João Miramar*, *Serafim Ponte Grande* e *Macunaíma*, que só agora é retomada por Clarice Lispector e Guimarães Rosa. Outro volume seria necessário para situar os subúrbios de Carlos Drummond de Andrade tais como Bueno de Rivera.

A palavra geração existe nos dicionários para que se use dela à vontade.

Não há desinteresse dos jovens pela ficção. É que a ficção é mais difícil do que a poesia.

Sempre de vocês e de Atibaia, sou o

OSWALD DE ANDRADE

TENTATIVA.

Atibaia, 2(6)-02-1950.

APÊNDICE

Minha doce poetisa Dulce G. Carneiro:

Vou tentar explicar a você para que você tente explicar aos outros que em vão tentei encartolar uma apresentação de revista. De modo que, se você quiser, publique esta carta que me desobriga de qualquer outro prefácio à obra polêmica e lírica que querem vocês tentar.

De Atibaia, guardo primeiro você. Depois, a torre espigada e, nos hotéis de veraneio, o short largo de uma funcionária em férias. Ia me esquecendo daquela garota da bicicleta que executou contra mim uma tentativa de suborno, gritando na estrada que nunca leria os meus livros. E os seus guardiães — o André e o Cezinha, guardiães também da poesia.

De Atibaia rememoro aquele sarau, onde o Biriba conquistou

4 Era assim que Oswald, em tom de blague, se referia aos escritores do Nordeste da década de 30.

galões de lagarta. E a lembrança de Helena Silveira e Jamil, noivos, no automóvel do Cezinha, indo com Antonietta e comigo para o desconhecido de Atibaia.

E, como não sei, chegamos a uma encruzilhada. Está em causa a poesia brasileira. E vocês, num voto de humildade, vão chamar de *Tentativa* o seu jornal literário. Sem saber que alcançam com esse nome todo o grave sentido que tomou a humana poesia de Hölderlin para cá. Antes dele, se houve certeza foi uma certeza apologetica. O contraponto versificado da Moral de Escravos. Tasso, Camões, por que não Goethe? Na ruptura de Hölderlin, o poeta identificou-se como o abandonado de Deus. Entre ele e Rilke, houve a profanação baudelaireana que nem Apollinaire nem Sartre compreenderam. Nem podiam compreender. Apollinaire, à saúde mecânica de Marinetti, somava o primeiro mistério da modernidade. Rilke voltou às dimensões de Hölderlin, com seus anjos de louça. Lorca e Maiakovski prosseguiram.

Olhe, esses meninos trintões do Rio e de São Paulo não sabem é nada mesmo.

Encontrei uma vez num jardim um juiz do interior que mancava. Sentamo-nos num banco na terra vermelha, sob o bulício terno das árvores pesadas. E ele me disse, com entusiasmo, de um poeta que morria de chapéu na cabeça, numa cama, para não se resfriar. Tratava-se de um velho neurastênico que tinha uma filha. Perguntei-lhe dos talentos da filha. — Belisca a lira! O que quase todos fazem é isso — beliscam a lira. A tal filha dançou bugiúgue no Carnaval, deu saltos de piscina, depois casou e sossegou. O que eles querem é isso — sossegar numa pacífica e rendosa celebridade. Ideal também do Biriba.

Mudando de assunto, nada como um burro satisfeito. Por exemplo, "el burro blanco". Você viu como depois de uma carreira de pacientes mediocridades o Clóvis Graciano acertou, enfim, o passo malandro? Uma bolsa! Arte é outra coisa! Poesia é outra coisa! Não tem nada a ver com o Partido. Nem com o Sérgio Millet. Nem com o Orfeu de porta de livraria. Por falar nisso, o sr. Pedro Rasche veio arengar aqui de "Poesia e Matemática". E eu que pensava que só o sr. Almir de Andrade é que tinha doze anos!

O Brasil possui um grande poeta — Cassiano Ricardo. E uma poetisa — você! Nunca fui nem com a cara nem com a rima medida ou desmedida da sra. Cecília Meireles. Outra que ficou serena. Beliscando a lira.

E, nesta despedida de boa viagem, queira saber Dulce que o poeta já possui sete vezes a estrela da manhã. O que ele quer hoje é mais que isso! Eis o que me separa tão bruscamente do acadêmico Bandeira. O poeta colheu hoje os elementos da noite pânica. E quer o pão da manhã, da ensopada e triste manhã que começa.

TENTATIVA.

Atibaia, 1(1)-04-1949.

CONVERSA COM OSWALD DE ANDRADE

OSWALD DE ANDRADE E OS REVOLTADOS —
MANN, GLADKOV E JOYCE — “O ESCRITOR
NO BRASIL É UM POBRE-DIABO” — A BOMBA
DE GASOLINA — A MATURAÇÃO DO MODER-
NISMO E A ÚLTIMA FASE DE CASSIANO RICAR-
DO — A VITAMINA-UNIVERSIDADE COMO IN-
CENTIVO CULTURAL — A ANTROPOFAGIA
COMO TERAPÊUTICA SOCIAL.

Ao iniciarmos uma série de entrevistas entre os escritores paulistas, escolhemos a singular figura das letras nacionais, o sr. Oswald de Andrade, que acabou, recentemente, de completar o seu 60º aniversário.

Diante de autênticos Picasso, Léger, Chirico, Di e Nonê — que Oswald guarda pelas paredes altas e sobre os móveis rústicos de seu apartamento da rua Ricardo Batista — é que ouvimos, numa rápida palestra, o autor de *Serafim Ponte Grande*.

Nos fala — principiando — da fundamental importância dos revoltados: Nietzsche, Mirbeau, Fialho de Almeida e Dostoievski, os quais exercitam uma grande influência sobre ele, bem como a Bíblia e o *Manifesto Comunista* também deixaram as suas marcas na sua formação.

A Montanha Mágica de Mann, *A Energia* de Gladkov e o *Ulysses* de Joyce ainda são para Oswald os três melhores romances realizados na primeira metade do século.

Sobre as dificuldades da vida de quem escreve, ele nos diz:

— O escritor no Brasil é um pobre-diabo, pois não há ainda um clima propício que o receba. As dificuldades são tremendas: ou ele tem de se vender, se isolar ou sorrir... Infelizmente, pelo menos aqui no Brasil, o escritor tem que ser um cidadão como outro qualquer, isto é, para viver vê-se obrigado a se atirar ao comércio ou à política, indo trabalhar como corretor de imóveis, investigador ou numa bomba de gasolina...

— Entretanto — prossegue Oswald —, isso tudo contribui para o desvirtuamento da cultura e a conseqüente perda de tempo para produzir.

— Você sabe muito bem que não pode haver boa produção quando nos chateiam e verificamos que a nossa luta é desigual. Esse é um problema muito sério e que atinge a todos de um modo geral, pois as exceções não exemplificam o nível da maioria. E há ainda um outro problema também muito importante que precisa ser solucionado ou pelo menos minorado no seu mal: trata-se do atraso mental do Brasil. Vivemos num país tenebroso, cheio de preconceitos ultrapassados e descabidos. A picaretagem prepondera e os otários se reeducam. Há uma nefasta inversão de valores que precisam ser reajustados. Porém, já se vislumbra com o grande entusiasmo vindo dos jovens que se articulam nas Universidades, promovendo reuniões, conferências, fundando clubes e revistas, enfim, uma série de desenvolvimentos que demonstra o desejo de progresso. E é principalmente na “vitamina-Universidade” que iremos encontrar, como presenciamos no momento, o incentivo da Cultura e a sua difusão de um modo mais amplo e eficiente, pelo nosso meio. Eu acredito na Universidade! — insiste Oswald.¹

1 Oswald de Andrade tentou duas vezes ingressar na Universidade. Na primeira, com a tese “A Arcádia e a Inconfidência”, participou do concurso para a Cadeira de Literatura Brasileira da F.F.C.L. da USP em 1945; na segunda, em 1950, com a tese “A Crise da Filosofia Messiânica” para a Cadeira de Filosofia da F.F.C.L. da USP.

CASSIANO RICARDO E FERNANDO PESSOA

— Desejamos saber, Oswald, sua opinião sobre o problema das influências.

— Não há dúvidas de que elas existem entre nós. Umas, porém, são boas e outras maléficas. E esse fator não é recente. Vem desde a nossa situação colonial. Mas a luta pela nossa autonomia tem sido levada avante desde 22. Felizmente já conseguimos ter um poeta à altura dos mais conhecidos e dos melhores que o mundo produziu. Me refiro a Cassiano Ricardo nos seus últimos livros. É o fenômeno que se repete — acentua. — É como Fernando Pessoa. É a maturidade de toda uma geração, o que significa a volta de um novo Classicismo, pois atingimos agora uma forma perfeita. Assim como o Gótico só se evidenciou no século XIII, o Modernismo, depois de lutas, experiências, fracassos, chega, nos dias de hoje, a um clima admirável, quando Cassiano Ricardo e Fernando Pessoa estão paralelamente situados, colocando o Brasil ao lado de Portugal numa posição de vanguarda. Esse processo de obtenção do valor se realiza através das experiências, isto é, para dar Cassiano atual, foi preciso, antes, Mário, eu, Menotti, Vinicius, Carlos Drummond e alguns outros.

Oswald faz uma pausa para prosseguir respondendo a uma pergunta formulada sobre a Antropofagia.

— Está cada vez mais se evidenciando que a Antropofagia é a terapêutica social do mundo moderno. Em 1928, lançamos o *Manifesto Antropofágico*, porém só depois da minha ruptura com os comunistas em 45 é que estou estudando profundamente o assunto, pois somente a partir dessa data me foi possível uma recuperação intelectual que eu aconselharia ao sr. Caio Prado Júnior.²

— Em síntese — prossegue —, a Antropofagia é a volta, tecnizada, ao primitivismo, e a Idade de Ouro será por nós alcançada quando nos compenetrarmos e seguirmos mais de perto as sociedades primitivas, onde havia o matriarcado e não havia

² O período de "recuperação intelectual" de Oswald depois do desligamento do PC foi dedicado a ensaios sobre filosofia e reflexões sobre o movimento modernista. Repensou a Antropofagia de 1929 em termos filosóficos e escreveu um longo ensaio sobre o assunto. Começou a trabalhar nas suas memórias e voltou a escrever poemas.

o Estado. Ora, Julian Huxley de há muito nos informa que as teses do patriarcado estão vencidas na genética moderna, demonstrando como, na sociedade atual, o filho é de fato materno. E o Estado está hoje mais forte do que nunca. Trata-se — conclui Oswald — de uma “visita da saúde”, pois ele tende a desaparecer.

Entrevista realizada por Aurasil Brandão Joly.

TRÓPICO.

São Paulo, 02-05-1950.

ANTIGA CONVERSA COM OSWALD DE ANDRADE

PANSEXUALISMO OU PANTROFISMO?

Grande fazedor de “blagues”, trocista exemplar, trocadihista famoso, barulhento, teatrólogo, autor conhecido de muitos livros interessantes, um dos organizadores da Semana de Arte Moderna, que teve lugar em princípios de 1922 no Teatro Municipal de São Paulo e que foi ponto inicial de um movimento revolucionário de nossa pobre literatura, Oswald de Andrade ainda está em plena forma intelectual.

Há pouco, na capital paulista, seus inúmeros amigos e admiradores lhe festejaram o 60º aniversário natalício e ele respondeu à homenagem com um discurso muito jocoso intitulado: “Sexagenário, não. Sex Appeal Genário”...

Conheci Oswald de Andrade em 1928. Fui a ele apresentado pelo nosso comum amigo Nelson Tabajara de Oliveira China, jornalista, escritor e diplomata, num bar situado embaixo da redação do *Diário de São Paulo*, na praça do Patriarca, prédio já demolido.

Oswald chefiava, então, outro movimento modernista, mais revolucionário do que o da Semana de 1922: o movimento antropofágico. A Antropofagia, que pretendia alastrar-se por todo o país, tinha como seu órgão de propaganda uma revista — *Antropofagia*¹ — onde pontificavam, além de Oswald, antropófago-mor, Jayme Adour Câmara (homem que escreveu, para desacatar os indígenas, “Oropa, França e Bahia” e foi estudar, por conta do governo do Rio Grande do Norte, feminismo, na Finlândia) e a escandalosa poetisa Pagú.

No bar, começou minha conversa com Oswald. Conversa de catequese e rija doutrinação.

Procurou ele demonstrar, com eloqüência erudita, que só havia, para o Brasil, um remédio salvador: a antropofagização de todos os seus homens representativos. Que todos estávamos obrigados a ser antropófagos, que o índio é que nos devia inspirar em todos os atos de patriotismo. O índio, sim, o índio que não era, que não podia ser, mesmo que quisesse, criatura metafísica (a metafísica, para Oswald, estragava todas as almas).

Aqui eu quis uma explicação. Perguntei a ele:

— Por que não podia ser metafísico?

— Porque não sabia gramática.

— Que tem que ver a gramática com isso?

— Tem tudo. A gramática é que ensina a conjugar o verbo ser e a metafísica nasce daí, de uma profunda conjugação desse verbinho. Não se sabendo gramática...

Continuou Oswald de Andrade: precisamos, menino, desvespuciar e descolombizar a América e descabralizar o Brasil (a grande data dos antropófagos: 11 de outubro, isto é, último dia de América sem Colombo). Os índios eram sereníssimos, absolutamente ametafísicos. Não sofriam de psicose como todos nós sofremos hoje.

Interrompi-o para perguntar por que não sofriam. E ele respondeu prontamente:

— Não sofriam porque pensavam a favor da natureza a céu aberto, em ambiente ilimitado, sem os entraves e as limitações que nossa civilização turbilhonante, hertziana e ultravioleta proporciona ao pensamento comprimido do brasileiro da atualida-

¹ Revista de Antropofagia.

de. E agora, menino, esta coisa mais séria do que metafísica e psicoses: a Antropofagia que prego tem sólido fundamento científico: o “pansexualismo” do Sigmund Freud. Conhece isso?

Eu, que nesse tempo já aulava um pouco de Biologia para os alunos da Faculdade de Medicina do Paraná, entre medroso e assustado, respondi mais ou menos deste modo:

— Conheço, dr. Oswald. Conheço e não concordo. Acho que Sigmund exagera o valor do sexo quando faz dele o fundamento exclusivo de toda a vida psíquica, normal e patológica do homem. E olhe aqui, dr. Oswald: exagero por exagero, *pan* por *pan*, prefiro o *pan* muito mais inocente, a que chamo “pantrofismo”. Proponho que o “pansexualismo” (tudo é sexo, na vida) freudiano seja substituído pelo meu “pantrofismo” (tudo, na vida, é nutrição; a vida é a nutrição).

Quando entrei de “pantrofismo” para cima de Oswald, ele olhou para o nosso amigo Nelson, antropófago dos quatro costados, e setenciou:

— Nelson, vou modificar inteiramente o embasamento científico da doutrina antropofágica. Vou basear daqui por diante a Antropofagia nesse troço que o rapaz do Paraná acaba de descobrir.

Sobre alicerces pantróficos, estou certo de que nosso movimento de salvação nacional se intensificará muito, pegará melhor. Ele tem razão. “Pansexualismo” é coisa batida e exagerada, ao passo que o tal “pantrofismo”, também coisa exagerada como diz o moço, goza desta enorme vantagem: ninguém sabe o que é.

Vamos incluir o pantrofismo na Antropofagia, Nelson. Tome nota. Vai ser um grande sucesso.

Entrevista a Milton Carneiro.

LETRAS E ARTES.

Rio de Janeiro, 10-09-1950.

Transcrita na GAZETA DO POVO, Curitiba.

TRAÇOS DE IDENTIDADE

Nome comercial: José Oswald de Sousa Andrade.

Nome literário: Oswald de Andrade.

Altura: 1,68m.

Colarinho: 42

Sapatos: 41 — não os desamarra nem para calçar nem para tirar.

Peso: 85 quilos.

Usa óculos para ler. Deveria usá-los para a distância mas não os usa.

Não tem cores preferidas.

A comida de que gosta é a nacional. E os pratos preferidos: vatapá e galinha ao molho pardo com angu. Frutas de que gosta: manga de Itamaracá e mangarito de Mato Grosso, jabuticaba e laranja seleta.

É um ótimo garfo.

Não gosta de cinema porque geralmente a produção é péssima, o que não o priva de achar *Ladrões de Bicicleta* uma obra genial.

Acha Carlitos um gênio (Charles Chaplin).

Gosta de teatro e tem confiança no teatro brasileiro. Dos nossos artistas, admira Cacilda Becker, das mulheres; dos homens, Ziembinski e Sérgio Cardoso.

Referindo-se à nossa literatura, diz: “É o ponto alto do ho-

mem brasileiro. Temos uma literatura a par, há quatro séculos. Gregório de Mattos, no século XVII, Gonzaga, no século XVIII, Castro Alves, no século XIX, no século XX, nós''.

Poetas do mundo de sua preferência: Walt Whitman, Baudelaire, que marca a ruptura com o patriarcado, Cendrars, como autêntica expressão do Modernismo, Lorca, Maiakowski e a atual floração que vai de Renê Char aos nossos, com Cassiano Ricardo à frente, passando pelo magnífico Fernando Pessoa.

Romances do século XX: *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann; *Ulisses*, de Joyce; *A Energia*, do russo Gladkov. Acha que quem melhor representa o século XX são Kafka e Pirandello. Na França, reconhece dois grandes tipos: Sartre e Camus. Quanto à Filosofia, assistimos à decadência e à defecção do existencialismo alemão (Jaspers, Heidegger) e do Petain Gabriel Marcel. Sartre sobe cada vez mais.

Do romance brasileiro, prefere Machado de Assis. Dos modernos, Clarice Lispector.

O maior contista brasileiro, a seu ver, é Mario de Andrade.

Religião: Acha que a religião é um complexo de defesa. É um temperamento religioso, por excelência, mas é contra as religiões de tipo confessional. É muito supersticioso, tendo toda uma teoria da superstição. Ser supersticioso é como cantar no escuro.

É um solitário e de poucos amigos. Mas tem ótimas relações nesta praça. Vive muito bem com sua esposa, Maria Antonieta d'Alkmin, e os quatro filhos (Oswald, Rudá, Antonieta Marília e Paulo Marcos).

Música: A música exige de sua pessoa abstração completa. Só pode ouvi-la quando nada o preocupa. Considera um dos maiores favores da vida ter conhecido Erik Satie, que, a seu ver, é o maior músico do século. Gosta muito de Villa-Lobos de quem é amigo.

O maior crítico brasileiro vivo: Antonio Cândido.

Na pintura, gosta de Tarsila, Flávio de Carvalho, Guignard, Quirino da Silva, Antonio Bandeira e Marina Caran, dos brasileiros. Acha que seu filho Nonê (Oswald) fez grandes progressos com sua viagem à Europa, o que se verá na Bienal do Museu de Arte Moderna.

Pintores estrangeiros preferidos: Picasso, Léger, Chirico, o antigo e grande Chirico e não o recente amigo do sr. Menotti del Picchia...

Gosta muito de Sérgio Milliet, como poeta.

Em política, acha que a Europa está se subamericanizando, enquanto, cada vez mais e mais, sobe a importância do Brasil no concerto do mundo. E que a democracia sonhada pelo sr. Gabriel Marcel felizmente acabou. A seu ver, quatro sujeitos disputam a hegemonia do mundo: Mac Arthur, Perón, Getúlio e De Gaulle. A influência de um deles predominará. Ele joga em Getúlio ou Mac Arthur. Quanto à dupla Stálin—Mao-Tse-Tung parece em declínio, diante da tunda que levou na Coréia.

Entrevista concedida a
José Tavares de Miranda.
FOLHA DA MANHÃ,
São Paulo, 26-08-1951.

ENTREVISTA INOCENTE COM OSWALD DE ANDRADE

AS OPINIÕES DE UM HOMEM SINCERO — PERGUNTAS ESTADUAIS, FEDERAIS, INTERNACIONAIS E PARTICULARES — O QUE SERAFIM PONTE GRANDE PENSA DA BIENAL, DE SARTRE E MARQUES REBELLO — O ANTROPÓFAGO É UM HOMEM DE BOM HUMOR.

Numa bela manhã de outubro a reportagem do *Jornal de Letras* invadiu a taba do cacique Oswald de Andrade, instalada em São Paulo, à rua Ricardo Batista, 18. Queríamos uma entrevista com esse homem que, parecendo ser um antropófago violento e perigoso, é uma criatura boníssima, ultra-emotiva, como poucos. A entrevista, porém, teria que ser diferente, isto é, versaria sobre todos os assuntos que viessem à cabeça do repórter, abrangendo temas variados, tanto do âmbito internacional como do pessoal. Além disso, queríamos uma entrevista sincera e sem subterfúgios.

Inteirado dos nossos objetivos, Oswald de Andrade não titubeou, colocando-se inteiramente à nossa disposição. Dividimos, então, as perguntas em vários setores, as referentes a São Paulo, as atinentes ao Brasil, as que diziam respeito ao mundo e as que

tenham caráter estritamente pessoal. Como verão os leitores, o êxito da nossa empreitada foi excelente, pois Oswald de Andrade, sem se furtar a qualquer pergunta, deu as respostas mais vivas, atuais e sinceras possíveis.

O diálogo travado entre o repórter e Oswald de Andrade sai publicado na página central desta edição.

PERGUNTAS ESTADUAIS

Repórter — Teria coragem de assinar um romance como *Presença de Anita*?¹

Oswald de Andrade — Só tenho coragem de assinar o que escrevo.

R. — Qual a mais funesta destas instituições: Clube de Poesia, Academia Paulista de Letras ou o Museu do Ipiranga?

O.A. — Tinha vontade de dizer que era o Museu do Ipiranga, mas, museu por museu, hesito entre a Academia de Letras e o Clube de Poesia.

R. — Em sua opinião existe algum bom poeta em São Paulo?

O.A. — Existem dois: Cassiano Ricardo e José Tavares de Miranda.

R. — Valeu a pena terem feito a Bienal?

O.A. — Como desfile mundano foi ótimo.

R. — Que acha de Lourival Gomes Machado, Luis Martins e Sérgio Milliet como críticos de artes plásticas?

O.A. — São os piores do mundo!

R. — Acha que a sra. Leandro Dupré chegará um dia a ser romancista?

O.A. — Só por milagre de psicografia, se Monteiro Lobato se prestasse a isso do além-túmulo.

R. — Em quantas panelinhas se divide o pessoal literário de São Paulo?

O.A. — Tem a do Sérgio Milliet, que é a pior. A da Helena Silveira e a do Alcântara, também Silveira, que se rivalizam em veneno. Além da do José Geraldo Vieira, que só conta como adeptos Maria de Lourdes Teixeira e um casal.

¹ *Presença de Anita* foi publicado em 1948, pela Ed. José Olympio. Trata-se de um romance do escritor paulista Mário Donato (1915-).

R. — Qual destes escritores pode ser chamado filósofo: Luís Washington, Miguel Reale e Vicente Ferreira da Silva?

O.A. — Nenhum. Em todo caso prefiro Luís Washington que teve a humildade de matricular-se num ginásio para, depois, estudar filosofia.

R. — Qual destes mortos continua vivo: Mário de Andrade, Monteiro Lobato ou Antonio de Alcântara Machado?

O.A. — Só o último morreu de verdade.

R. — Qual o pior poeta paulista?

O.A. — Guilherme de Almeida.

R. — Por que acha que o pintor Di Prette foi premiado na Bienal?

O.A. — Por ser neto de um aviador italiano que atravessou o Atlântico há muitos anos. É a única explicação que encontro.

R. — Que acha da escultura de Brecheret?

O.A. — Gostava dele quando imitava Mestrovick e eu pensava que as obras eram dele mesmo.

PERGUNTAS FEDERAIS

R. — É verdade que em seu diário V. conta que Rubem Braga foi cliente do médico Ademar de Barros?

O.A. — Sim, de doença pegada...

R. — Acha que o Norte ainda produzirá um outro José Américo?

O.A. — Deus nos livre!

R. — Qual o pior romancista do Brasil?

O.A. — Marques Rebello, apesar de existir José Lins do Rego.

R. — Que pensa da geração de 1945?

O.A. — Nesse ano eu estava muito ocupado com o fim da guerra e não vi.

R. — Que acha do "Proust Club"?

O.A. — Dá trocadilho e por isso me recuso a responder.

R. — Que acha dos literatos de Mato Grosso?

O.A. — Só conheço o bispo d. Aquino que é uma nulidade de farda.

R. — Qual o pior poeta brasileiro?

O.A. — Augusto Frederico Schmidt.

R. — Não acha estéril o debate sobre poesia travado entre Eurialo Canabrava e Sérgio Buarque de Holanda?

O.A. — Não tomei conhecimento disso.

R. — Que acha da pintura brasileira?

O.A. — Muito boa, apesar de Portinari.

R. — Existe o teatro brasileiro? Qual o melhor e qual o pior autor teatral brasileiro?

O.A. — Existe o “Brasileiro de Comédia”, que não vale nada. O pior autor é Nelson Rodrigues.

R. — A que atribui o sucesso de Pedro Bloch?

O.A. — A ter copiado o método do prof. Moreno que inventou o psicodrama.

R. — Que tem achado dos artigos de Tristão de Athayde vindos da América do Norte?

O.A. — Acho que Tristão devia raspar a cabeça, ficar trapista e calar a boca.

PERGUNTAS INTERNACIONAIS

R. — Considera Sartre um mistificador?

O.A. — Não. É o único existencialista que sobrevive depois do naufrágio de caráter espiritualista de Heidegger e de Jaspers.

R. — O letrismo de Izidore Izou teve algum mérito?

O.A. — Quem é Izidore Izou?

R. — Steinbeck pode ser apontado como o romancista da América do Norte?

O.A. — Não. Ele é o romancista contra a América do Norte.

R. — Acha que Mauriac quer ser um novo Bernanos?

O.A. — Não sei. Mas, se quiser, apesar de não valer nada, perde.

R. — Quantos intelectuais brasileiros compreenderão René Char?

O.A. — Pouquíssimos. Da geração atual, nenhum, pois nenhum deles passou pelo serviço militar do Modernismo.

R. — Elliot é mesmo o bamba da poesia européia?

O.A. — É, como afirma querer ser, “um personagem do séquito do príncipe Hamlet”, que, no caso, seria o português Fernando Pessoa e, depois de sua morte, René Char.

R. — Que julga do fim de Maiakowski?

O.A. — Foi o mesmo de García Lorca. Assassinado pela direita.

R. — Gabriel Marcel é teatrólogo existencialista ou filósofo teatral?

O.A. — É um chato.

PERGUNTAS PESSOAIS

R. — Considera-se um bom poeta?

O.A. — Faço tudo que posso.

R. — Por que nunca representaram suas peças?

O.A. — Nunca me quiseram. O Brasil, por enquanto, merece só Abílio Pereira de Almeida e as meias Clô.

R. — Que pensa da cultura nacional?

O.A. — Tomando a palavra cultura no seu sentido popular e não sociológico, não vejo nenhuma expressão de cultura no Brasil.

R. — Ficou triste com a sua derrota eleitoral?

O.A. — Mais uma vez caí no conto de um vigário de Cristo.

R. — Quais seus planos literários para o futuro?

O.A. — “O Antropófago — Uma Filosofia do Primitivo Tecnicizado” que já comecei a redigir; “Diário Confessional” (minhas memórias) que vendi ao *Jornal de Letras*; os volumes finais de *Marco Zero*; um poema intitulado “Santeiro do Manguê”, ilustrado por Flávio de Carvalho, já no prelo.²

R. — Que acha de seus romances?

O.A. — Muito bons, apesar das restrições do público e da crítica.

R. — Politicamente falando, o Brasil caminha para onde?

O.A. — Depois do fracasso de Plínio Salgado e de Luiz Carlos Prestes, o Brasil teima em pedir uma ditadura. É o que desejo.

JORNAL DE LETRAS.

Rio de Janeiro, nov. 1951.

2 O “Santeiro do manguê” (1950) teve uma versão publicada em mimeógrafo por Mario Chamie, em 1967, que publicou um ensaio sobre este poema de Oswald na revista *Mirante das Artes etc.* 3, maio/jun de 1967.

“TENHO 63 ANOS, SOU CARDÍACO,
MAS AINDA TOPO QUALQUER BRIGA”

“VOU PROCESSAR JAMIL HADDAD POR CALÚ-
NIA”, DECLARA O AUTOR DE MARCO ZERO
— “É INADMISSÍVEL O QUE FIZERAM COM STE-
PHEN SPENDER, SEGREGADO DO NOSSO
CONVÍVIO POR UM BLOCO DE LUNÁTICOS A
SERVIÇO DA PORQUICE POLÍTICA MISERÁVEL
DO SR. DOMINGOS CARVALHO DA SILVA” —
“DINÁ E HELENA SILVEIRA, AS IRMÃS DIONE
DA BESTEIRA”.

— Você, meu caro repórter, até parece agente secreto das IR-
MÃS DIONE da besteira, que são d. Diná Silveira de Queirós e d.
Helena Silveira Haddad.¹ Elas são duas, mas valem por cinco. Vo-
cê vem trazer ao silêncio magnífico dessa chácara tecnizada, cujo
destino é salvar cardíacos e nervosos, essa barulheira que despertou
um artigo meu publicado domingo último no *Diário Carioca*.

E levantando-se da cama para chegar até à varanda:

— Como você vê, estou entregue à mão fria de Genival Lon-
dres e Aloizio Marques, aqui no Rio.²

1 Irmãs Dione, quintuplas nascidas na época.

2 Clínica de Repouso São Vicente, fundada por estes dois médicos. Genival Londres, professor catedrático de terapêutica da Faculdade de Ciências Médicas, famoso clínico e cardiologista. Pedro Nava traçou-lhe um belo perfil em *O Círio Perfeito*. 2ª edição, Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1983. pp. 306-312.

Era Oswald de Andrade que estava ali, naquele apartamento distante da agitação da cidade, ali na encosta do morro, nas proximidades da Gávea.

— Sessenta e três anos de idade e o coração estragado — declara Oswald de Andrade. — Não é que me importe muito com a vida; mas acontece que tenho uma mulher deliciosa e dois garotos formidáveis. Preciso viver mais algum tempo...

E vibrante:

— Tenho 63 anos, sou cardíaco, mas topo qualquer briga. Ah! isso topo...

DEFESA DA DIGNIDADE DO ESCRITOR

Oswald confessa que estava conhecendo os detalhes das duas matérias publicadas por *Última Hora* de São Paulo (uma entrevista de Diná Silveira de Queirós e uma reportagem de Rogaciano Leite na festa de comemoração dos cinqüenta anos de Helena Silveira, onde alguns escritores de São Paulo disseram o diabo de Oswald de Andrade). Os recortes da *Última Hora* paulista estavam ali sobre a cama do escritor. Ele lera tudo o que dissera Diná Silveira de Queirós, Helena Silveira, Jamil Almansur Haddad, Mário Donato, Domingos Carvalho da Silva, todos; e conservou sempre um sorriso nos lábios, enquanto tomava conhecimento do feroz palavreado desencadeado sobre sua pessoa.

Entrando definitivamente na questão, Oswald de Andrade, acomodando-se na cama, começa a sua defesa:

— O meu artigo, ou melhor, carta publicada domingo último no *Diário Carioca*, teve uma única finalidade: defender a dignidade do escritor. É inadmissível que Stephen Spender,³ que foi trazido a São Paulo pelo seu Clube de Poesia, a associação que vive dos cofres públicos, pois recebe uma verba da Se-

3 Embora discípulo de T.S. Eliot, Pound, Yeats, Hopckins, "os poetas da direita", como era conhecido o grupo surgido na década de 30 na Inglaterra, pretendiam aliar à renovação literária a revolução social e política. (Ver Otto Maria Carpeaux, *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro, 1966. pp. 3.331-3.332, vol. II.) Spender veio ao Brasil (1952) como convidado para participar de um curso de poética (Poesia e Conceito) promovido pela Prefeitura de São Paulo e o Clube de Poesia (cujo presidente era Cassiano Ricardo). O poeta britânico proferiu conferências em São Paulo e no Rio.

cretaria de Cultura da municipalidade, tenha sido segregado do nosso convívio por um bloco de lunáticos a serviço da porquice política miserável do sr. Domingos Carvalho da Silva (um sapatinho). Foi isso o que aconteceu e o que motivou o meu protesto.

UMA MACARRONADA E UM PROCESSO

E continua Oswald:

— Num montão de insultos e asneiras dos convivas que festejaram os cinqüenta anos de d. Helena Silveira, no hotel Comodoro, há a salvar duas únicas coisas: uma piada de mau jeito do maestrino Mário Donato, autor da macarronada literária “A Presença de Anita”, e uma acusação grave do marido de d. Helena, o sr. Jamil Almansur Haddad, que não qualifico por não ter profissão certa.

— Médico? Não clinica. Poeta? Não sabe que é poesia. Refere-se o ensaísta turco à “História dos cem mil cruzeiros que ele (sou eu) recebeu do Estado para a publicação de seu livro, intitulado *O que Fizemos em 25 Anos* e que nunca apareceu até hoje. Isto, sim, requer explicação e exige processo por calúnia. É o que vou fazer”.⁴

SIMONSEN, ADEMAR, MACEDO SOARES E GARCEZ

— Roberto Simonsen — continua Oswald — no último ano de sua vida idealizou dar, num volume, a resenha das atividades nacionais num quarto de século (de 1922 a 1947). E me honrou com essa incumbência. Para isso, tivemos contatos em sua casa de Campos do Jordão e no seu escritório em São Paulo. Traça-

⁴ *O que Fizemos em 25 Anos* planejava ser uma resenha das atividades brasileiras de 1922 a 1947, com a colaboração de várias figuras do cenário nacional nas finanças, na política, na indústria, na economia, na literatura etc. etc. Antologia a ser editada pela Enciclopédia Paulista Ltda. de propriedade de Oswald de Andrade e seu filho, o artista plástico Oswald de Andrade Filho, com o patrocínio do governo do Estado de São Paulo, conforme informação do Contrato Social da Enciclopédia Paulista Ltda. (9 de outubro de 1946) e do contrato do Departamento Estadual de Informações com o escritor, datado de 29 de outubro de 1946.

mos juntos o plano da obra, a distribuição da matéria e a indicação de seus colaboradores. Acontece, porém, que o governo mudou, tendo antes o embaixador Macedo Soares, que não é nenhum negociista, e que no momento era o interventor federal, feito comigo um contrato e dado um adiantamento para despesas. Compus “bonecos”, viajei, organizei e publiquei impressos e procurei o governador Ademar de Barros, para levarmos avante o intento. Por duas vezes, durante o seu governo, a obra esteve para ser concretizada. Mas, da primeira vez, o governador se desentendeu com o grupo Jafet, que patrocinava a publicação, e decidiu que eu cessasse minhas atividades. Da segunda, ele determinou que eu fizesse o meu trabalho na organização intitulada “Propago”, tendo eu chegado mesmo a me endividar para pagamento de material e fotografias. Desentendendo-se com seu amigo Gutfreund, que dirigia a “Propago”, o governador fez fechar a mesma, sem me dar a menor satisfação. Todos os anos eu requeria ao governador a prorrogação do prazo para a referida publicação, obtendo isso sem dificuldades, visto os motivos existentes. Tomando posse do governo, o ilustre professor Lucas Nogueira Garcez, que já quando secretário da Viação conhecia o plano da obra, concordou ele em que a mesma fosse publicada em 1954, o que está sendo providenciado por uma editora nacional, sendo que o meu estado de saúde não permite mais que pessoalmente eu a dirija e organize.

SETECENTOS CONTOS DE CONTRATO E UM ILUSTRE MARIDO

O autor de *Marco Zero* pára um pouco. A enfermeira espanhola, bela e gentil, chega acompanhada de outra, brasileira, esta, também, bela e gentil. E logo que as duas enfermeiras saem, si-nuosas e risonhas, Oswald continua:

— Além do contrato que mantenho em dia com o governo do Estado de São Paulo, tenho também cerca de setecentos contos contratados com pessoas da mais alta responsabilidade, como sejam os srs. Euvaldo Lodi, Brasília Machado Neto e João Daudt de Oliveira.

E terminando:

— São os esclarecimentos que tenho a dar, mais ao grande

público de *Última Hora* que ao clandestino da poesia modernista, que é o sr. Jamil Almansur Haddad, ilustre marido da bisbalzaqueana dona Helena Silveira.

Entrevista realizada por
Luiz Alípio de Barros.

ÚLTIMA HORA.

São Paulo, 13-12-1952.

APÊNDICE

SPENDER EM SÃO PAULO

Oswald de Andrade

De passagem pelo Rio, manda-nos o escritor Oswald de Andrade carta que publicamos abaixo:

“Prezado redator,

Espantosa foi a falta de critério que presidiu ao programa organizado pelo Clube de Poesia, de São Paulo, para a recepção do Stephen Spender. Em vez de serem mostrados ao grande europeu ambientes dignos pelas obras de arte e pelo clima cultural que contém, quiseram pasmar o ilustre inglês com comida. Desaforo ou ironia? Gafe sem dúvida. Foram levá-lo a ‘casas ricas’, onde esplendem, com uma prodigalidade insultuosa, o frango, o peru, o champagne e a besteira.

Domingos Carvalho da Silva entregou Stephen Spender à história litero-social da comunista (de salão e de centro espírita) Helena Silveira. A conhecida virago tomou como critério empanturrar Spender. E adotou para os convites do barracão milionário de uns imigrantes simpáticos mas analfabetos, os Giorgi, o seguinte: os inimigos de sua irmã, a insanável Diná Silveira de Queirós (meu caso), seriam barrados de cara. Os amigos do ilustre casal Maria de Lourdes Teixeira, José Geraldo Vieira, também (depoimento feito em minha presença pelo poeta José Escobar Faria).

É que dona Helena se calou da morte por ter sido contrariada na sua velha pretensão de dirigir a página literária de um grande matutino paulista. Essa incumbência foi criteriosamente dada à es-

critora Maria de Lourdes Teixeira, que já prestava excelentes serviços noutra diário, substituindo uma gorda chamada Carminha, completamente iletrada e que parece um cônego nos salões onde se exhibe.

Desde então, dona Helena tece as maiores tranças contra a sua pretensa desafeta, contra José Geraldo Vieira e contra o ilustre poeta Tavares de Miranda, a quem acusa de lhe ter tirado o lugar. Chora horas pelo telefone, suplicando às pessoas de suas relações que correm com esses autênticos valores de nossas letras. Aliás esse anseio de solidariedade se explica, pois sua vida é um autêntico inferno, desde o dia em que ousou quebrar o tabu do túmulo, expondo em público uma espantosa tragédia familiar, passada em São Paulo, sem nenhum respeito ou escrúpulo pela desgraça dos 'outros'.

Uma maldição pesa sobre ela, enchendo de lágrimas, de remorsos e de rugas as suas insônias sem fim. Se, no plano literário e estético, eu defendi a sua peça, por sair das bestices realistas da dupla Pereira (Abílio e Clô-Ca-Cola), de fato fui heróico pondo-me ao seu lado — o único — contra a onda da indignação que tomou a platéia na *première*. Desde essa época, os mortos do 'Poço' descem fantasmais sobre suas vigílias de pavor.

O Clube de Poesia, hoje presidido pelo parnasianismo frustrado do sr. Péricles Eugênio da Silva Ramos e pela polticalha de Domingos, o Safadinho, não tinha direito de mostrar a Spender só os macarrões afrontosos e os doces de confeitaria do casal Giorgi. Em São Paulo, há para gente culta alguns ambientes melhores. A saçaritante velhota vermelha não só eliminou de qualquer contato com Spender o maior poeta do Brasil que se achava em São Paulo e que é Cassiano Ricardo, mas deixou de indicar para recebê-lo a esplêndida vivenda em Valinhos, dum plástico de renome mundial que é Flávio de Carvalho, os ambientes modernos dos Warcharvick e dos Segall ou a casa admirável de uma artista, Pola Rezende, e de seu inteligentíssimo marido Nelson Otoni de Rezende.

Aqui no Rio não formiga, como em São Paulo, a ralé feminina da subliteratura. Por mais que eu abomine os versos castrados da sra. Cecília Meireles, tenho que reconhecer que ela, ao lado de Adalgisa Nery, sabe defender a dignidade da poesia, como ao lado de ambas se projetam as figuras de Lúcia Miguel Pereira, cuja crítica culta é de primeira ordem, e da grande Rachel de Queirós.

Em São Paulo, ao contrário, há mais meia dúzia de penetras da literatura que agora se fazem liderar pela maluca menopáusica que vem a ser dona Helena Silveira. São as Maberluas tocadas de elefantíase declamatória, as vistosas gorduras das meias Clô-Clô, os homofamélicas Serafinas Ponte Grande e outras luzes del Fuego da coluna social dos jornais.

É o que tinha a lhe dizer o

Oswald de Andrade''

DIÁRIO CARIOCA.
07-12-1952.

“O ANTROPÓFAGO OSWALD DE ANDRADE”

“D. HELENA SILVEIRA NÃO É ESCRITORA” —
CASSIANO RICARDO É O MAIOR POETA DO
BRASIL — MANUEL BANDEIRA É UM CHATO
— CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE É FOR-
MIDÁVEL — SOU GETULISTA DESDE 47 E NÃO
ME IMPORTO QUE DIGAM QUE VIREI CASACA.

Oswald de Andrade atende ao repórter deitado na cama, de gravata e tudo. Tem hora marcada com o médico e só alguns minutos para conversar. Aos 63 anos, o paulista “antropofágico” está rijo e bem disposto. É verdade que o coração não anda muito bom. Falha um pouco, de vez em quando. “Tenho vivido muitas vidas, agitado e boêmio”, explica o romancista. “A gente não cansa, mas o coração não agüenta sempre.”

E é por isso que o escritor está no Rio, entregue aos drs. Genival Londres e Aloísio Marques, seus cardiologistas. Mas já chega com barulho antes dele. Tudo a respeito da passada visita do poeta inglês Spender ao Brasil. Oswald de Andrade não gostou do círculo que se fez em torno do escritor visitante e gritou. Um grito a sua maneira: alto e violento. Houve grito contrário e a questão se formou. Mais uma vez o nome do romancista voltou ao noticiário. Ele conta a coisa:

— Spender, poeta que gosto e admiro, veio ao Brasil convidado pelo Clube de Poesia. Este Clube vive da sopa oficial, financiado pela municipalidade paulista. Mas seus diretores achavam que Spender era propriedade deles. E cercaram o homem, para uso exclusivo. Ninguém viu ou falou com Spender a não ser os amigos de dona Helena Silveira e dos srs. Domingos Carvalho da Silva e Péricles Eugênio da Silva Ramos. Acontece que d. Helena é cronista social. E levou Spender para comer macarrão na casa de alguns italianos ricos, o que, de certa forma, é uma afronta para um inglês acostumado com comida racionada. Fiz um artigo contando a história. D. Helena e os poetinhas acharam ruim. Não tenho nada com isso.

E conclui:

— O que dona Helena quer é filar público. Como não é escritora e não tem leitores, quer entrar em barulho para que se fale nela e dela.

É como o caso do sujeito que vai anunciar um conferencista e faz uma conferência para o público do conferencista mesmo.

Oswald diz que não tem lido os jornais. Mas sabe que tem saído coisas tremendas a seu respeito. Já chegaram a dizer mesmo que deu cupim em sua cabeça. O autor de *Serafim Ponte Grande* ri e diz:

— Bobagem. Minha obra está aí. E não serão esses senhores e senhoras que irão julgá-la.

22 EM PLENA FORMA

Entre as acusações jogadas contra Oswald está a de que o pessoal de 22 se acabou. Estirado de comprido na poltrona, o escritor fala:

— Os homens de 22 estão aí mais firmes do que nunca. Veja o caso de Cassiano Ricardo. Só agora, nos seus últimos livros, se revelou de fato o maior poeta do Brasil. Quem faz entre nós melhor poesia do que Cassiano? Ninguém. E querer negar que o pessoal da Semana Moderna não exerce ainda influência sobre as mais novas gerações é outra bobagem.

DRUMMOND, BANDEIRA E JAMIL

Oswald de Andrade fala agora sobre poesia e poetas. Define Bandeira:¹

— Bandeira é um chato. Fez seis poemas muito bons, depois montou em cima deles e vem cavalgando todo esse tempo. Drummond é formidável.

Mas é sobre Jamil Almansur Haddad que Oswald desanca:

— Haddad é o único turco pobre de São Paulo. Não quer nada de trabalho. Casou-se com dona Helena Silveira, para comer doces nas festas grã-finas, porque esta é a profissão de sua esposa. O Haddad chega assim e convida os amigos: “Como é, vocês não querem comer doces?” E assim entrou para a poesia.

CORÇÃO, O MAIOR

De poesia a conversa vai se espalhando. Oswald não está à vontade. Sofre um policiamento rigoroso: dona Antonieta não deixa que ele xingue muita gente nem que se exalte. Entre uma conversinha sobre os efeitos da digitalina, Oswald fala de suas preferências no romance. *São Bernardo*, *Jubiabá* e *Marafa*² são os maiores romances brasileiros, na literatura contemporânea. Mas lembra que não há, entre nossos escritores, uma obra uniforme. Não há um romancista, há romances. “Às vezes”, diz ele, “surgem livros formidáveis, que a gente jura não ter sido escrito pelos autores, muitas vezes uns calhordões.” Mas hoje sua opinião em matéria de romance mudou. Antes eram aqueles três. Agora, com o aparecimento de *Lições do Abismo* de Gustavo Corção, tudo que foi escrito no Brasil ficou em segundo plano, explica Oswald. *Lições do Abismo* se nivela ao melhor Machado de Assis. E faz uma ressalva: “Sou ideologicamente adversário de Corção. Ele é católico. Mas seu romance é magnífico”.

1 Manuel Bandeira

2 *Marafa*, romance de Marques Rebelo, publicado em 1935.

GETULISTA CONVERSO

A política vem à baila. Ademar, Getúlio etc. Oswald pergunta notícias e se confessa getulista:

Sou getulista confesso, desde 1947, depois que li uma mensagem de Natal do Getúlio. Mas o páreo da sucessão vai ser duro. Ademar é um homem perigoso. Mas nada conseguirá sem o apoio de Vargas.

Entrevista concedida a

MANCHETE.

Rio de Janeiro, 03-01-1953.

APÊNDICE

JAMIL ALMANSUR HADDAD
RESPONDE A OSWALD DE ANDRADE

INSULTOS EM MASSA NA BRIGA DOS LITERATOS

Coleção de xingamentos: "Hipopótamo", "Mané-coco", "Cadáver", "Necrosado", "Cloacário", "Denegrado", "Deteriorado", "Javardo", "Lorpa", "Estratalário", "Excrementício", "Pulguento", "Abjeto", "Elefantino", "Baboso", "Carunchoso", "Abandalhado", "Nojoso", "Sarnioso", "Butiroso", "Bufão" e outras coisas mais — "Resolver o caso a tapa poderia parecer covarde".

Parecia encerrado, mas mais um capítulo se escreveu, no "caso" das recentes discussões entre o escritor Oswald de Andrade e um grupo de intelectuais de São Paulo, motivadas pela visita do poeta Spender. Desta vez, as novidades nos chegam através da imprensa carioca. O *Diário Carioca*, em seu Suplemento Literário, estampava três cartas, três respostas a Oswald de Andrade, assinadas

por Jamil Almansur Haddad, Domingos Carvalho da Silva e José Escobar Faria. Como o "caso" Oswald-Helena Silveira despertou também em São Paulo um interesse muito grande do público, julgamos oportuna a divulgação da resposta de Jamil Almansur Haddad, a maior coleção de xingamentos jamais registrada, talvez, na história da nossa imprensa. Vale mesmo a pena a reprodução:

"Em torno da presença de Spender em São Paulo, Serafim Ponte Grande verteu, neste jornal, um chorrilho de insultos contra algumas das personalidades da literatura e mesmo da sociedade de São Paulo. Sei bem que ao Escabioso não se responde. É que ele não tem importância nenhuma e não há necessidade de aumentá-lo o cartaz periclitante. Tudo o que ele diz, louvor ou insolência, tem o mesmo valor de coisa anônima. Em vista do espírito, que todo o mundo tinha de não ligar para ele, o infeliz hipopótamo concluiu que se o temia, sem percebê-lo que hipopótamo é na verdade bicho respeitável mas não quando gafento e caquético. E, com esta ilusão em seu poder, cresceu o pobre em atrevimento e vai daí não se cansa de derramar peçonha e lama — lama que deve resultar de seu miolo liquefazendo-se — sobre quantos não façam o joguinho de suas vaidades immanadas ou de seus interesses subalternos.

É preciso, não obstante, pôr um ponto final neste ciclo de torpezas. É preciso dizer sobre esse melancólico traste algumas verdades definitivas que penso que até agora não foram ditas, para que se veja que a estrutura moral do Mané-coco é muito mais pobre e delinqüente do que se pensava. Dizê-las para que ele acabe com este sonho da própria invulnerabilidade. Aleatório sonho de criatura em que os flancos devassáveis atingem extensões quilométricas. E vá o meu depoimento e mais não for, como contribuição a uma possível biografia do Verme.

João Miramar, escuta, ninguém tem medo de cadáver. O mais que pode acontecer é que se seja supersticioso e se queira fazer figa quando o Necrosado passar. Você tomou por medo um sentimento que era simplesmente de pena por seu itinerário de paquiderme taucicárdico.

Neste caso, a minha intervenção se faz indeclinável, pois como o próprio Cloacário proclama aos quatro ventos e escreveu nas suas Memórias (o único autor que consegue escrever Memórias Pós-tumas enquanto vivo), ele me deve a própria vida, graças à intervenção minha no seu caso clínico, sugerindo-lhe o nome de um colega que atinou com a sua doença, impedindo que ele morresse. Daí a impossibilidade de eu continuar calado nessa história, pois que se o Denegrado ainda respira e escreve os seus turpilóquios, devo apenas a mim. Donde a minha responsabilidade, mesclada aliás de remorso.

O Deteriorado não merece as honras de uma polêmica. Mas resolver o caso a tapa — o que seria a solução razoável — poderia

parecer covarde, diante de sua senectude hipertensa e diabética! O caso aliás mais típico de decrepitude crônica, do Brasil: dura mais de trinta anos já.

A polêmica levaria a uma discussão das prováveis idéias do Javardo. Mas que importância tem o que este Lorpa diz ou deixa de dizer, uma vez que as suas possíveis manifestações de pensamento não passam de um pêndulo oscilando entre a extrema calúnia e a bajulação extrema? Passou pela vida procurando atirar o pus das próprias feridas contra os que de longe lhe pudessem fazer a mínima sombra. Não perdoou, por exemplo, a glória superior de Mário de Andrade, que ele em vida e depois da morte, não tem feito outra coisa senão visar com o seu riso e o seu achincalhe. Porém, com os importantes da hora a coisa toda muda. Ele nunca passou de reles cortesão dos poderosos mais ou menos eventuais do momento. Diante dos donos da vida, a única coisa que o Estrafalário sabe fazer é dissolver literalmente a espinha dorsal.

O Excrementício é fundamentalmente aquilo que um psicólogo como Spranger poderia chamar de 'homem econômico', nele o que há de homem estético ficando sempre numa esfera de inferioridade da hierarquia psíquica. Daí a mistura criminosa que o pulguento faz entre os seus juízos literários e os seus interesses de comerciante. Com este espírito, a certa hora proclama retumbantemente que o 'primus inter pares' dos poetas nacionais seria o sr. Geraldo Vidigal. Isto coincidia com uma fase em que o aliás ilustre poeta de São Paulo tinha um pai mandando na Caixa Econômica e um tio ministro da Fazenda. Amizade, não resta a menor dúvida, importante do ponto de vista de permitir a obtenção de favores necessários ao prosseguimento da consecução do ancrudo arranha-céu do Saprófilo.

Nunca houve no Brasil criatura mais vilmente xingada como o foi Cassiano Ricardo por este engulhoso. Mas houve uma hora em que, neste particular, o seu conceito mudou por completo: foi quando os jornais começaram a divulgar a notícia de que o poeta de *Poemas Murais* seria o provável ministro da Educação de Getúlio. Aí Cassiano virou o maior poeta do Brasil e a sua distinta senhora, autora de um livro de versos caipiras, a maior poetisa.

A nossa querida pintora Noemia, que Oswald sempre subestimou, passou em dado momento a ser maior que Di Cavacanti e Portinari, em virtude de notícias que começaram a circular de seu casamento com um dos titulares da República. O titular perdeu o cargo e com isto o abjeto é claro que passou a ignorar a pintora transitoriamente admirada.

Para substituir Noemia, o Varmoso descobre Cícero Dias. Este é que hoje é o maior. Isto porque o indigno ficou sujo no *Correio da Manhã* depois do artigo que escreveu contra Diná Silveira de Queirós e ele sabe que Cícero Dias é pessoa de grande prestígio nas esferas daquele jornal, o homem afinal de contas que poderá quebrar o galho.

Nunca houve, também no Brasil, mulher tão elogiada quanto o foi Heloisa Silveira pelo Fimícola. Isto coincidia com um período em que esta escritora nas páginas de seu suplemento social de um jornal de São Paulo dizimava o cadáver da popularidade do Elefantino, de há muito posto de quarentena nos arraiais da literatura. Apesar de ela ser a redatora de uma página que por sua natureza poderia ser frívola, percebeu em tempo que tratar do Pantanoso já era frivolidade demais. E com esse recuo salutar da publicidade injusta em torno do nome de Baboso, não houve para ele solução senão tirar a criatura superadmirada dos outros dias do pedestal em que ele a havia colocado.

Enfim são histórias apenas para exemplificar. E o Caruncho está vivendo agora o seu grande momento de Bajulação. Continua o Abandalhado sob o guante de seu drama comercial de resto todo entretecido de cavações sórdidas. Daí o complexo de borboleta girando em torno de lâmpadas do poder que o vem caracterizando. Descobriu ele a certa hora que nos conselhos da República o sr. Josué de Castro era importante. Fez tudo para trazer o cientista para São Paulo, quando entendeu que a mansão que hoje insulta seria altamente respeitável para recepcionar o seu hóspede. Esmerou-se aí na bajulação mais oprobriosa ao autor de *Geopolítica da Fome*. Essa manifestação de servilismo iria ter em seguida metempsicoses várias como seja o jantar oferecido pelo Nojoso à ilustre filha do presidente da República. Todas essas homenagens hipócritas tinham o mesmo fim: a obtenção do dinheiro da Caixa Econômica para a conclusão do arranha-céu inacabado como a obra de seu dono.

Se o dinheiro veio ou não veio é coisa que não interessa investigar, mas de qualquer maneira o plano de obter vantagens do governo federal continua. É que o Indecoroso é candidato à direção de *A Manhã*. O assunto *A Manhã* poderia ser atacado através do sr. Lourival Fontes, pensou o Pestoso. Daí o artigo escrito pelo Ruvinhoso, afirmando que o livro do ilustre chefe da Casa Civil do Presidente é a nossa maior obra no terreno das ciências políticas. A importância (de resto inegável) deste livro só foi descoberta pelo Pulha, quando o seu autor subia a cargo de reitor. Nesta linha ainda certo dia Sérgio Buarque de Hollanda me falava do ridículo que cobre o Morrinhoso na Comissão do Quarto Centenário, pois quando ali se fala de Congresso de numismática, de Ginecologia ou Hidráulica, ele tem sempre um nome técnico para sugerir: Lourival Fontes. Nome que no caso do Petísseco, alguém completou trocandilhando, Fontes de renda... E por uma compreensível associação de idéias, vai aí um aviso não aos navegantes mas à sra. Adalgisa Neri. Esta ilustre poetisa está em vésperas de ser considerada pelo Santoso a maior das poetisas de todos os continentes, possibilidade de elogio que vindo de quem vem deve alarmá-la e pô-la em justo estado de sobreaviso.

Verdade é que o aranzel do Butiroso encerra também alguns elogios: por exemplo o que ele faz a certo matutino de São Paulo pelo critério altíssimo que teria revelado na escolha de certa responsável por uma das seções do jornal. Critério altíssimo na verdade foi, diga-se de passagem, aquele de que o mesmíssimo jornal deu grandes provas quando afastou de suas páginas uma seção do Taronco, sob a epígrafe 'Três Linhas e Quatro Verdades'.

O Bufão leva a sua objurgatória ao terreno político, em que procura desmoralizar os seus desafetos. Porém ele, neste setor, só poderia ser levado a sério se não se lhe conhecesse a história comunista até que o sr. Luiz Carlos Prestes entendeu que ele não prestava para deputado do PCB... Depois ademarista exaltado, até que Ademar botou bola preta no caso de sua pretensão a um lugar na chapa do PSP. Aí procurou o PTN de Borghi que não lhe deu a menor importância, acabando por resvalar no PRT que condescendeu em incluí-lo na chapa de deputados federais, donde ser possível traçar em esquema a trajetória política do hidrófobo que é uma linha que vai de Karl Marx ao reverendo Guaraci Silveira. Para a arribagem final nos atuais detentores do poder, *et pour cause...*

Todas essas histórias têm que vir relatadas para que demonstrada fique e para todo o sempre a absoluta falta de limpeza moral deste Balordo sempre pronto a empunhar a fêrula feito Catão superimpoluto. Atitude grosseiramente caricata, a deste Miasmático que concorrendo a certa hora a uma cadeira da Faculdade de Filosofia a Congregação esteve na iminência de recusá-lo por falta de idoneidade moral. Sabe-se que este julgamento ético é feito pelos professores que, quando acham que o candidato é decente, põem numa urna uma bola branca e, caso contrário, a põem preta. E a urna em que se decidiu, e por um Conselheiro Austero, de sua moralidade foi um jogo de luz e sombra, de branco e preto, digno de inspirar uma composição ao seu filho pintor...

Fico apenas na discussão de seu itinerário de homem sem moral, deixando a outros a biografia propriamente de escritor. De qualquer maneira, a história dos livros do Atolambado não deixa de ser um pouco melancólica. É que ele, não tendo conseguido granjear nome com um livro que tivesse feito, acabou ganhando uma grande celebridade com um livro que nunca saiu, e nunca sairá. É a sua famosa enciclopédia *O Que Fizemos em 25 Anos*, abrangendo um período de nossa vida de 1922 a 1947. Já se passam seis anos deste prazo e o seu livro continua virginalmente inédito. Isto não teria importância nenhuma se o Maninelo não tivesse centenas de milhões de cruzeiros de um sem nome de pessoas e instituições, antecipação de pagamento do livro mais imaginário que o doente da peça famosa. Entre as vítimas do Ladravaz conta-se o próprio governo do Estado, que a certa hora, graças à boa fé do então interventor J.C. de Macedo Soares, foi tungado em 100 mil cruzeiros. O dinheiro saiu através do então Departamento Estadual de

Informações, não obstante a tenaz resistência do seu digno diretor o sr. Honório de Silos, que por sua honesta defesa do dinheiro público, o Alogrogico, sempre que pode, tenta salpicar de baba de seus doestos.

Espero que o Banazola não responda a esta minha saudaçãozinha. Pois que o mais grave da biografia do Pantalão está ainda por se dizer. E é de todo o seu interesse que se pare por aí”.

ÚLTIMA HORA,

São Paulo, 23-12-1952

AINDA A BRIGA DOS LITERATOS

MAIS DUAS CARTAS-RESPOSTAS SOBRE O “AFFAIR” SPENDER

Divulgamos ontem a carta-resposta-xingação do poeta Jamil Almansur Haddad ao escritor Oswald de Andrade, ainda com respeito aos incidentes havidos por ocasião da visita do poeta Spender a São Paulo.

Nosso registro não ficaria completo, sem a reprodução também de outras duas cartas-respostas divulgadas por um jornal carioca. A primeira é assinada por Domingos Carvalho da Silva. A segunda por José Escobar Faria.

CARTA DE DOMINGOS CARVALHO DA SILVA

“São Paulo, 07-12-1952.

Sr. redator do Suplemento do *Diário Carioca*,

Li hoje, nas colunas desse importante jornal, uma carta, na qual o sr. Oswald de Andrade me ataca, pela simples razão de ter sido a sra. Helena Silveira incumbida de organizar a parte social da recente visita do poeta Stephen Spender a São Paulo. Ainda na mesma carta o seu signatário — famoso pela incontinência da linguagem — amontoa grosserias e injustas críticas à escritora citada e ao distinto casal Irene Cesar Giorgi, que, numa eloqüente demonstração de apreço pela atividade cultural do Clube da Poesia, recebeu em sua residência o nosso ilustre hóspede e a elite intelectual de São Paulo.

Conheci pessoalmente o sr. Oswald de Andrade em 1947, e desde esse ano o sofri alternadamente como amigo e inimigo. Ad-

miro sua curiosa contribuição para o movimento modernista, a cuja massa falida permanece fiel como um rabino agarrado ao Velho Testamento. Creio mesmo que atrás de seus olhos desleais existe sempre um coração cheio de generosidade e pronto para um abraço reconciliador. Quanto ao mais, pouco me importa que ele me elogie ou ataque, pois suas opiniões já perderam há muito tempo qualquer significação. Escandaliza-me, porém, uma face permanente da personalidade do autor de *Marco Zero*: a sua total falta de ponderação, e irrefletida leviandade com que toma as atitudes mais apaixonadas e iníquas.

Só este fato poderia explicar a lamentável linguagem da referida carta, lavrada num estilo de simples intrigante de barbearia de aldeia. Jamais concebi, aliás, que Oswald fosse diferente do que é. Agora, porém, ele começa a externar sintomas alarmantes. Perdeu o que lhe restava de humor intelectual e tenta compensar essa perda com o simples e abusivo insulto e com afirmativas em que nem ele mesmo poderia crer.

De fato, o segundo suplente da geração literária dos Andrades está farto de saber que Helena Silveira nada tem de comunista e que ninguém teria interesse em evitar que Spender o ouvisse e dos seus lábios a pitoresca teoria 'filosófica' baseada no matriarcado, na antropofagia e outras bagatelas. Ocorre porém que os diretores do Clube tinham problemas mais sérios a resolver, enquanto a escritora Helena Silveira — já uma vez comparada pelo imprudente Oswald à Shakespeare e Ibsen — se desincumbia com o maior êxito da pesada tarefa que aceitara.

A propósito de tudo isto, vale a pena lembrar um episódio e estabelecer um confronto: quando, há tempos, Oswald de Andrade conseguiu, por intermédio de Helena Silveira, que o casal Giorgi recebesse o eminente sr. Josué de Castro em sua casa, não pensou em convidar, para essa recepção, nenhum dos diretores do Clube de Poesia. Nenhum deles porém deu importância ao fato nem abriu a boca para oferecer ao público o melancólico espetáculo que o autor de *Pau-Brasil* acaba de oferecer. Essa discrição, foi, porém, inútil: Oswald dificilmente aprenderia agora, com os moços, a lição de civilidade que deixou de aprender, a seu tempo, com os mais velhos.

Grato pela atenção, despede-se o amigo."

Domingos Carvalho da Silva.

CARTA DE JOSÉ ESCOBAR FARIA

"Tomando conhecimento de uma carta do escritor Oswald de Andrade publicada a 7 do corrente nesse suplemento literário, sob o título Spender em São Paulo, na qual foi envolvido o meu nome, solicito-lhe o obséquio de publicar o seguinte:

Sempre fui, e de minha parte continuo ser, o amigo dos escritores Helena Silveira, Maria de Lourdes Teixeira e José Geraldo Vieira. Horrорizam-me as divergências no campo pessoal envolvendo a literatura, que a prejudicam e deprimem.

Quanto às palavras de Oswald na citada carta, devo esclarecer o que se segue: Realmente quando da homenagem oferecida pela Câmara Brasileira do Livro a Stephen Spender, afirmei numa roda em que se achavam presentes Oswald, Domingos Carvalho da Silva, Ciro Pimentel, entre outros, o meu desgosto pela atitude de Helena Silveira após a conferência de Spender na biblioteca ao dizer-me e à minha esposa que não nos convidava para uma reunião qualquer de recepção ao poeta por sermos amigos do casal Maria de Lourdes-José Geraldo Vieira. Ora, há um equívoco de Helena colocando-me para lá ou para cá em suas pendências. E mesmo não sou daqueles que amam as reuniões elegantes litero-sociais. Magooou-me, sim, confesso a sua ostensiva desconsideração (sem que eu desse margem alguma a isso) denegando um convite a que em absoluto não pedi nem insinuei ao qual não teria aceito, mesmo porque — por princípio —, como disse, não tenho por hábito freqüentar reuniões desse gênero, muito embora não me faltem elementos para tanto. Simplesmente tais reuniões onde se discute tudo, menos literatura, e poesia, jamais me seduziram.

Entretanto, nem por isso endosso as palavras do Oswald em sua violenta carta. Sou totalmente contrário às exteriorizações, em público, desinteligências entre intelectuais no campo pessoal. O que disse Oswald quanto ao meu depoimento não ultrapassa, portanto, ao que já afirmei linhas atrás. Isto é, não envolvi os amigos de José Geraldo-Maria de Lourdes no boicote denunciado por ele, Oswald, e apenas lamentei, de minha exclusiva parte, a atitude de Helena Silveira com relação à minha pessoa, e só.

Não desejo me envolver na questão. Não tenho rancores contra quem quer que seja. Desculpe-me Oswald não poder endossar suas palavras. Perdoem-me Maria de Lourdes e José Geraldo. E, a Helena Silveira, apelo a não se preocupar comigo, a não me convidar (ou não convidar verbalmente) para reuniões quaisquer que sejam, a fim de que me deixe em paz, que não me envolva em suas querelas, que não me comprometa consigo ou com outros."

ÚLTIMA HORA.

São Paulo, 24-12-1952.

CAEM OS DENTES DO DRAGÃO...

VISÃO OSWALDIANA DA SEMANA DE ARTE MODERNA — AS MAIORES FIGURAS DO MOVIMENTO: MÁRIO DE ANDRADE, CASSIANO E RAUL BOPP — REMEMORANDO A *REVISTA DE ANTROPOFAGIA* — DUAS FASES DIFERENTES E DOIS GRUPOS DIVERSOS — UMA HUMANIDADE DE CANHOTOS — ONDE ENTRA O EXÉRCITO DO PARÁ NA PROSA E POESIA CONTEMPORÂNEA — DO FUTURO E DAS POSSIBILIDADES DO LIVRO, EM TERRA DE IGNORANTES — AS DUAS FACES DE UM DRAGÃO VELHO E MANSINHO...

O fim da trilha, percorrida com vagar e paciência, levou-nos à toca de um antropófago, estabelecido com a prole no coração da Bela Vista. Não exatamente uma toca natural e desconfortável, já que o patriarca Oswald de Andrade habita juntamente com a derradeira — e definitiva — esposa, Antonieta, e seus também derradeiros — e, ao que consta, definitivos — filhos, Antonieta Marília e Paulinho, sete e cinco anos, em aconchegado apartamento de quinto andar.

Não conhecia o repórter pessoalmente o entrevistado em potência, conhecia — e isso muito bem... — a aura de temibilidade

de que envolvia o dono da toca, o monstro Oswald de Andrade, um tipo gargantuesco, irreverente até a ausência total das comezinhas convenções sociais, epigramático, mordente, dispostíssimo a arrasar qualquer jornalista ingênuo bastante para ir perturbá-lo em seu sossego com meia dúzia de perguntas impertinentes. Mesmo assim arriscou-se o canhestro repórter a avançar mais alguns passos pelo saguão do apartamento da rua Ricardo Batista, sentindo toda a escala de emoções que deve viver um recruta avançando para o seu batismo de fogo.

Do fundo de uma poltrona estofada o monstro de 22 observava, imóvel, sem imediatas demonstrações de hostilidade. Mais alguns passos e o repórter depara com um sexagenário encanecido, respiração irregular, opressa. Olhando em volta, procurou o jornalista localizar aquele Oswald de Andrade que lhe haviam afirmado ter procuração de Satanás, e foi só quando o senhor sorridente estendeu a mão larga e amistosa é que ele percebeu que tinha em sua frente o ogre temido.

Poucos minutos decorridos, após uma cachimbada da paz, que veio disfarçada no excelente café servido por dona Antonietta, estavam a conversar — não diria o repórter calmamente, que ninguém, jamais, conseguirá conversar calmamente com ele — com um dragão em disponibilidade.

Não levou muito tempo para descobrir, surpreso, que o monstro estava completamente amansado, domesticado, e hoje em dia não assustava nem aos vizinhos do apartamento ao lado. O tempo embotou as outrora afiadíssimas garras, poliu as arestas de um temperamento agressivo, derrubou os dentes do dragão.

Oswald de Andrade — 1953 é um desencantado e reumático dragão, que muito raramente solta ainda pelas narinas uma rala baforada de fumaça, em lugar de flamas, como antigamente. Dessas raras e ralas baforadas — evidentemente expurgadas da pitoresca adjetivação com que foram emitidas — fez uso o repórter, na tentativa de escorçar rapidamente um despretenso e ligeiro perfil atual daquele que pode ter sido um tremendo arrasador de mediocridades, um homem que não resistia à tentação de uma “boutade”, ainda quando a brincadeira resultasse na perda de um amigo, mas que foi também — e, sem dúvida, ainda é — uma das maiores e mais genuínas vocações de humanista já surgidas no Brasil.

SUPERADA NA FORMA, VALENDO PELO ESPÍRITO

— Evidentemente, a Semana de Arte Moderna foi de há muito superada pelo tempo, ultrapassada, como inevitavelmente seria. Seu máximo valor, entretanto, residiu no espírito que animou o movimento, espírito que não é perecível e que motivou na concentração de atenções gerais do país para o grupo de jovens artistas e intelectuais que desejava fazer arte própria, nacional, verdadeiramente brasileira.

Como não poderia deixar de ser, a entrevista começara pela Semana, na voz de um de seus generais. Entre haustos de ar, sofregamente aspirados, Oswald ia falando:

— Ainda é cedo para que façamos um julgamento seguro, definitivo, do ativo e passivo do movimento. O lapso de tempo decorrido ainda não possibilita distância para uma perspectiva ampla e desapassionada, e o julgamento seria por certo injusto, quando não completamente falho.

AS MAIORES FIGURAS

Meditou um pouco e respondeu alto:

— Mário de Andrade e Raul Bopp foram as maiores figuras. Isso, a meu ver, nem é passível de discussão. Naturalmente, os resultados alcançados pela Semana foram produto de um trabalho de equipe, de grupo, mas, além dos dois e Casiano Ricardo, julgo não haver quem mais tivesse ressaltado do conjunto.

O repórter queria saber mais sobre o pessoal do Modernismo e, ameaçando, lápis e papel em punho, exigiu nomes. Nessa altura o ex-dragão soltou a primeira de suas quase extintas baforadas:

— Bobagens, menino, a gente ficar perdendo tempo a tratar de tassos da silveira e outros acanastrizados... Vamos ao resto das perguntas.

A REVISTA ANTROPOFÁGICA

— A revista era mais que uma publicação comum. Era uma idéia em movimento. — O ex-monstro entra em transe evocativo. — Idéia em profundidade, um verdadeiro corte vertical na infra-estrutura da sociedade brasileira. Objetivo: as fontes puras do primitivismo, já que somente com esse retorno às bases reais poderíamos iniciar de maneira certa tudo quanto até então vinha sendo deturpado, desvirtuado. Só fazendo uma arte despidada de convencionalismos e sofisticacões poderíamos libertarmos da cadeia de sucessivos erros, acumulados em centenas e centenas de anos. Só assim retornaríamos à verdadeira arte, ligada que é em suas raízes mais profundas à pureza e força natural do primitivismo.

O TEMA QUE APAIXONA

A ex-fera sacode os restos da juba grisalha, exibindo uma pontinha da antiga agressividade. Torceu o assunto, raptando o jornalista para fora do picadeiro bem arrumadinho onde até então tinha tido lugar a entrevista.

— O civilizado em geral, e, particularmente, o produto do que denominamos Civilização Ocidental, falhou, e falhou completamente, em todos os sentidos. Agora, só na busca, pesquisa e encontro das origens primitivas está a salvação de um universo que se desmorona. Inútil é prosseguir na desenfreada carreira para o nada, corrida que só levará para a extinção total e inevitável da espécie.

O pai de *Serafim Ponte Grande* discorre com indisfarçável prazer sobre o tema velho e querido, arrastando consigo, de cambulhada, o fotógrafo do jornal, dona Antonieta e o repórter.

— É visível que o Estado moderno, lentamente embora, está voltando às fontes do primitivismo. Em qualquer regime, de qualquer escola política moderna, pode-se notar essa tendência palpável. Taxas e tributos pesadíssimos, impostos vários vão onerando cada vez mais o direito de propriedade, por exemplo. A transmissão e mesmo a posse simples encontram os maiores embaraços

pela frente. Note-se que o direito de propriedade é um dos que ferem frontalmente o primitivismo, sendo seu progressivo desaparecimento, como tal, uma simples questão de tempo. O matriarcado, outra das grandes características primitivistas, está voltando, e com irresistível força: a atual tendência é a de considerar a criança sob responsabilidade e, “por que não?”, paternidade da sociedade. Tentar deter esse inevitável retorno às fontes naturais é mais pura perda de tempo. É burrice, no duro.

A fera domesticada mostra-se insubmissa, arrastando os ovinos para outro terreno, prossequindo no desenvolvimento do tema que apaixonou. Foi com dificuldade que o jornalista a fez retornar ao redil da entrevista bem-comportadinha.

AS DUAS FASES DA REVISTA

Um sorriso largo esparrama uma rede de pequeninas rugas sobre as faces do decrépito dragão. Fica no apartamento da rua Ricardo Batista o sexagenário cansado e doente, o espírito jovem retorna ao passado.

— A revista não foi uma, foram duas. A primeira, em cuja supervisão ficara Alcântara Machado, surgiu com um caráter eclético, que, desnecessário dizer, desagradou profundamente a parte de nosso grupo. Fugiu completamente à sua finalidade precípua, exibindo artigos assinados por colaboradores de todas as espécies e matizes. Basta dizer que até o Plínio Salgado andou deitando por lá a sua pobre cienciazinha...

Foi aí que resolvemos tomar de assalto o suplemento do *Diário de São Paulo*, jornal dirigido então pelo Rubens do Amaral. E à inteira revelia da direção do órgão, que ignorava completamente nossas atividades “subversivas”, conseguimos fazer à luz uns oito números,¹ que tinham, em essência, o verdadeiro sentido do movimento antropofágico. *Cobra Norato* e *Macunaíma*, por exemplo, foram publicados na segunda fase da revista, pelas páginas do velho e conservador suplemento.

¹ Na realidade a revista nessa segunda fase circulou com dezesseis números.

PIADA E PROCESSO

— Nessa segunda fase da revista aconteceu uma coisa realmente engraçada.

O ex-dragão sorri novamente, o passado a encher-lhe de luz os olhos claros e juvenis:

— O sistema de direção da revista era o de rodízio. Cada número era dirigido por um dos componentes do grupo: Geraldo Ferraz, Bopp, Pagu, Oswaldo Costa e outros. E certo dia, ao recebermos uma carta anônima, mal-educadíssima, atacando o grupo todo, eu resolvi publicá-la apondo à guisa de assinatura o nome de Yan de Almeida Prado. Ele, porém, não gostou da brincadeira e processou o diretor da revista na semana que era o Jaime Adour da Câmara. Deu em nada. Jaime foi defendido pelo Vicente Rao, que achara muita graça na história toda, e absolvido ao término do pitoresco processo.

MUNDO DE CANHOTOS

O nome de Plínio Salgado, acidentalmente surgido na entrevista, inquieta novamente o ex-dragão Oswald. Mais uma vez ele escapa da jaula da entrevista, metendo-se pelos carrascais da política. Lá voltam todos novamente ao primitivismo, à Guerra Mundial, aos conflitos entre capital e trabalho, à terminologia política contemporânea.

— Direita e esquerda são termos que não representam mais nada. Perderam toda a significação que outrora lhes era emprestada, não exprimem mais as características anteriores, de idéias e ideais. O que prevalece em nossos dias é o canhoto político, que faz com a mão esquerda o que deveria fazer com a direita e vice-versa... Sou por uma revisão geral nos conceitos e terminologias anteriores à guerra. É preciso estruturar uma nova terminologia para o socialismo, que é a única doutrina que prevalecerá no final. Não importa se da "direita" ou da "esquerda", como atualmente são enquadrados, dentro de fórmulas obsoletas. No fundo é sempre um retorno ao primitivismo...

Custamos a voltar para o apartamento da rua Ricardo Batista. Nesse meio tempo a fera domesticada recupera alguma da antiga insolência, graceja, faz “blagues”, entrevista o repórter, diverte-se.

Só com o uso da alavanca da moderna literatura brasileira é que ele retorna ao mundo real.

PROSA E POESIA

— Carlos Drummond e Cassiano Ricardo.

Oswald nem pensa para apontá-los como os maiores expoentes da poesia contemporânea.

— Ambos são incomensuráveis em sua grandeza, dominando completamente a poesia de nossos dias. Na prosa o velho Graciliano, Gustavo Corção, Jorge Amado, Marques Rebello e Dionélio Machado. Esses os que ficarão, entre a turma dos veteranos. Do major Graça, a obra-prima que é o *São Bernardo* vale sozinha e muito mais que todo o amontoado de besteiras do Zé Lins, e outros que produzem em massa, com um olho na posteridade...

Quanto aos novos...

Aqui o monstro em disponibilidade pára, pensa, coça o queixo onde a barba prateada desponta. Chama a atenção do repórter:

— Pode pôr aí os nomes do Thiago de Melo, Oliveira Bastos, Geir Campos, Flávio de Aquino, Paulo Haecker e Vera Mogilka. Dentre os grupos, o da “Crucial”, do Rio Grande do Sul, parece ser o melhor. Os “novos”, de maneira geral, parecem bem capacitados para fazer boa literatura. Estudam, interessam-se, injetam sangue novo no que tende a se acanastrizar sob a batuta dos medalhões vazios.

O que é uma pena é a existência dos “pára-quedaistas” literários, voejando e caindo por todo lado...

DO EXÉRCITO DO PARÁ

— Olhe o caso de Ledo Ivo, por exemplo, para não citar outro. Esse rapaz é um caso típico do soldado do Exército do Pará, chegando e tomando conta, se abancando sem cerimônia, oferecendo talento ao quilo e ao retalho, para ser vendido no mercado da banca da redação.

Por momentos o ex-dragão volta a ser a fera que atacava e demolia sem considerações!

— Ainda quando há talento verdadeiro, o cabotinismo, os sujeitos oferecidos podem ser perdoados, faz-se vista grossa. Mas, quando, como no caso particular de que estamos tratando, a medida desse talento é baseada no total de resmas de laudas preenchidas por hora, a coisa muda de figura.

E na primeira oportunidade de uma sinecura, uma posição gratuitamente confortável, os infantes do Pará mordem, metem os dentes de *bulldog* no incauto e era uma vez...

Narra Oswald o motivo pelo qual o poeta rompeu com ele — ia procurá-lo de manhãzinha em casa, com quilos de manuscritos sob o braço, exigindo a apreciação imediata. Um dia veio a recusa e, ofendidíssimo, o vate desapareceu para não voltar.

NAS COSTAS DE CASSIANO

— Agora, quando o Cassiano foi nomeado para o posto em Paris, o rapaz entrou-lhe pela casa adentro, de mochila e bagagem grossa, veio para ficar de cama e mesa, e não foi mais embora. O Cassiano é um sujeito tímido, bom, um homem de boa fé, nem acreditava ser possível uma coisa dessas. Ficou sem jeito de mandar embora o rapaz cabeça-chata e feinho, e ele só saiu de lá para, agarrado como uma ventosa ao braço do Cassiano, embarcar com armas e petrechos, consorte e prole rumo à sinecura européia, sonho, mania de grandeza de provinciano metido a intelectual...

Uma pausa para a ex-fera respirar, ofegante. O repórter abelhudo aproveita a oportunidade para encaixar a última pergunta:

— Qual a maior influência estrangeira atuando sobre a literatura nacional contemporânea?

O FUTURO DO LIVRO DO BRASIL

— Não há influência alguma, ao que eu saiba. Para haver precisaria existir quem lesse, e a que denomina a si mesmo, sem nenhum pudor ou modéstia, “elite intelectual” do país não passa de um bando de ignorantões. Não lêem nada, não se interessam por nada, não querem saber de problemas de espécie alguma.

O dragão velho solta ainda algum fumo pelas narinas:

— A esperança reside unicamente no rádio, no cinema e na televisão, que, precisamente por permanecerem num assombroso grau de primarismo e falta de gosto, forçarão os editores a só porem na rua literatura que preste. O livro, como derivativo para os que não encontram outra forma de expressão à altura, terá por força que melhorar, para não morrer.

OS DOIS OSWALD DE ANDRADE

Lá fora novamente, descendo para a rua, vai o repórter meditativamente pesando e medindo os dois Oswald de Andrade. O da legenda, intratável, mordaz, sarcástico, e o que mora no apartamento da Ricardo Batista, fera mansinha e velha, que só fumeja ao invés de flamejar, e que nas raras mordidas que dá não machuca ninguém — é um dragão sem dentes...

Na realidade, um homem simples, doente, amigo do serão em casa, hospitaleiro e amistoso. Pacientemente prestou-se a todos os caprichos e futilidades do repórter e do fotógrafo, posou com a criança no colo, respondeu a todas as perguntas aborrecidas do jornalista curioso, voltou sempre, quando instado, à linha chata da entrevista.

Dessa noite o repórter se lembrará por muito tempo. Esperando enfrentar um monstro, empolado e presumido, foi na verdade conquistado por um velho e decrépito dragão, mitológico bicho que neste século carregou com o nome de Oswald de Andrade às costas...

Entrevista a Frederico Branco.

CORREIO PAULISTANO.

São Paulo, 07-06-1953.

“OSWALD DE ANDRADE
EXPLICA POR QUE
A SEMANA DE ARTE MODERNA
ACONTECEU EM SÃO PAULO”

RESULTANTE DO SURTO INDUSTRIAL, A REVOLUÇÃO “REPRESENTOU UMA MENTALIDADE CAPITALISTA EXPLORADORA” — A VAIA, UM SINTOMA DUPLO DE CHOQUE E ACEITAÇÃO.

O ANTROPÓFAGO CONTINUA COMENDO GENTE — “EM GRANDE”, FORAM SATISFATÓRIOS OS RESULTADOS DA SEMANA — MAS SOMENTE AGORA SURGE UMA GERAÇÃO QUE PROMETE ENCARNAR VERDADEIRAMENTE O ESPÍRITO RENOVADOR DE 1922.

Oswald de Andrade fez 64 anos no dia 11 deste mês. Está mais magro, os cabelos mais brancos. Só. No fundo, através da conversa viva e da palavra sarcástica, é aquela mesma juventude endiabrada que encheu um período longo da literatura paulista de vanguarda e misturou no seu teatro tão pouco conhecido, num céu de irreverência em que havia “reservado” para atender as necessidades humanas, São Pedro, o “Soldado Vermelho de John Reed”, lorde Capone e Mister Byron; e profetizou em 1934, no “Estratoporto”, o suicídio de Hitler e o “empalamento” de Chiang Kai-Shek. Daquela geração que bombardeou com escân-

dalo o nosso antigo senso de beleza — geração de que Mário de Andrade foi o representante mais típico pela seriedade dos seus estudos e por certo acento moleque de sua pregação — Oswald de Andrade é o único que ainda resiste ao desgaste do tempo e à cessação do ímpeto de 1922. Continua antropófago, com seu apetite danado para comer gente. O corpo de Coelho Neto não o saciou. E ele ultimamente se dedica a devorar, com a mesma gula antiga, certos “novos” que aparecem como portadores da derradeira palavra, mas em verdade repisam na palavra velha que artificialmente se renova no hermetismo decadente e gratuito.

Para o balanço do que São Paulo fez nestes quatro séculos, pareceu-nos que nenhum outro dos intelectuais paulistas poderia dar um depoimento mais autêntico sobre a revolução modernista que arejou de repente o ambiente literário e artístico do país, embora até hoje, por culpa das gerações que se sucederam, não se tenha completado nem produzido todos os frutos que se poderiam esperar nestes trinta anos.

POR QUE SÃO PAULO FEZ A REVOLUÇÃO

Oswald de Andrade preferiu, a escrever seu depoimento, conversar sem compromisso, oferecendo ao acaso reminiscências e observações.

Por que a Semana de Arte Moderna aconteceu em São Paulo? E em que consistiu a contribuição paulista para a renovação da atmosfera literária e artística do país? O poeta de *Pau-Brasil* acha que não pode haver duas respostas. O desenvolvimento industrial levou São Paulo à condição de pioneiro, isolando-o em certo momento dentro do panorama econômico nacional. Para lá convergiam naturalmente todas as manifestações do progresso europeu.

A dominação econômica dos Estados Unidos não havia atingido o seu momento agudo, e os norte-americanos não tinham uma tradição de altura capaz de conduzi-los a influir na formação do Estado mais industrial do Brasil. A influência predominante era a européia.

A máquina industrial levava atrás de si, para São Paulo, livros técnicos, que ao cabo de alguns anos, dentro de uma sociedade sujeita a leis econômicas diversas das que imperavam no resto do país, haviam criado uma mentalidade também diversa, uma

concepção mais objetiva da vida e de suas manifestações múltiplas, um conceito do belo que terminou chocando-se com o pieguismo conservador do brasileiro de outras regiões.

— Qualquer participante da Semana, que tivesse vindo de outro Estado, não teria as condições de cultura que determinaram o movimento de 1922 — observa Oswald de Andrade.

COMO NASCEU A IDÉIA DA SEMANA

Difícil precisar como nasceu a idéia de um movimento organizado programático, destinado a quebrar os velhos estilos e as velhas técnicas substituindo-os não propriamente por novos estilos e novas técnicas, mas, como diz Oswald de Andrade, pela “pesquisa alta”, por aquela busca incessante e sem rumo que caracterizou a revolução modernista.

Em São Paulo, desde os primeiros anos do século, sentia-se essa necessidade. E todos tendiam, inconscientemente, para o quebra-quebra.

— Em 1918, eu fui à França e trouxe de lá o *Manifesto* de Marinetti. Em 1922, Mário de Andrade tinha em casa todos os futuristas italianos.

Depois dessa informação, Oswald de Andrade adverte que viajar não era nada. O que importava era o ambiente criado em São Paulo. “Ronald de Carvalho viajou muito, mas nunca passou daquelas coisas sentimentais e irônicas.” Graça Aranha escrevera uma carta a René Thiolier, pedindo-lhe que usasse a sua influência para lançar “este pobre Villa-Lobos, que anda perdido por aqui”.

Villa-Lobos vivia no Rio, tocando em cafés e teatros de segunda classe. Sua glória começou com a bruta vaia que recebeu em São Paulo, no Teatro Municipal.

Na esquina da rua Pedro Américo com a praça da República, existe uma pequena casa amarela e suja, pensão sem categoria, o único prediozinho modesto e de grade que ainda lembra naquele largo trecho central a velha cidade de São Paulo.¹ Oswald de Andrade aconselhou-nos a fotografá-la. Nunca havia si-

¹ Foi a segunda *garçonnière* de Oswald, instalada logo após a desativação de outra também famosa, localizada na Líbero Badaró, onde a Miss Cíclone (Deisi) era a musa principal.

do fotografada e são poucos os paulistas que vêm nela alguma coisa mais que uma casa velha a demolir. Foi aí, entretanto, que nasceu a Semana de Arte Moderna.

Não é que a Semana tenha sido organizada lá. Nem se pode dizer que tenha sido concebida lá. Mas era lá que se reuniam Di Cavalcanti, Oswald de Andrade, Ribeiro Couto, parece que também Guilherme de Almeida e muitos outros poetas, escritores e artistas.

— Nessa casa — diz Oswald de Andrade — muito antes da Semana, já conversávamos sobre coisas que em nenhuma outra parte do Brasil naquele momento poderiam ser discutidas, nem sequer lembradas.

Falávamos de Picasso, discutíamos o surto de renovação cujos ecos nos chegavam da Europa, graças à nossa condição de centro industrial e econômico importante, mais importante que o Rio de Janeiro.

A IDÉIA DA SEMANA

— Um dia surgiu a idéia da Semana. A idéia, parece, foi do Di Cavalcanti. Minha não foi, nem de Mário. Nem de Menotti.

Oswald de Andrade repete o nome de Menotti del Picchia:

— O Menotti era um pobre camponês perdido nesta cidade. Um caso curioso de alienação de consciência. Em plena eferescência de um movimento renovador a que se incorporara com entusiasmo, escrevia as coisas mais juliodantescas que já se escreveram neste país.

Di Cavalcanti, Mário de Andrade e Paulo Prado foram as figuras centrais do movimento. “Foi Paulo quem trouxe o Graça do Rio.” Muitos ajudaram a concretizar a idéia: “O Menotti ajudou; Guilherme de Almeida ajudou: não adiantou muito mas ajudou”.

Mas, de repente, a idéia era Mário — ajunta Oswald de Andrade. — Mário de Andrade galvanizou-nos. Era um sujeito gozado: careca, de óculos, carregando tocha e cantando em procissão. Foi assim que o conheci. Assim todos nós o conhecemos e ficamos empolgados. Era um grande sujeito. Encarnou a idéia, com aquela sua capacidade extraordinária de se apaixonar, de trabalhar, de pesquisar, de se dar inteiro a uma coisa. Mas Paulo Prado e Graça Aranha foram os dois grandes fautores do movimento.

PAULICÉIA E PAU-BRASIL

— Quando Mário de Andrade publicou a *Paulicéia Desvairada*, aquilo me pareceu, apesar do nosso estado de espírito, uma novidade. Novidade absoluta. E que Mário escondia de nós, avaramente, os futuristas italianos que ele possuía... Depois, quando conhecemos também os futuristas italianos, a impressão de novidade permaneceu, por que Mário nunca foi homem de macaquear. Os futuristas italianos deram-lhe o modelo formal, do qual ele se aproveitou para fazer a sua própria experiência estética. Além de tudo, eu que nunca soube fazer versos medidos vi ali a minha oportunidade de fazer poesia. Era a poesia libertada. De *Paulicéia Desvairada* nasceu o meu *Pau-Brasil*. Mas nasceu por oposição. Mário havia falado da topografia da cidade; e eu quis estender a novidade do canto ao Brasil. Descendo de nortistas. Minha mãe era do Pará e meu pai de Minas.

Oswald de Andrade, aliás, tem pouco apreço pela sua poesia. Acha que os poetas que lhe sucederam “são todos superiores a mim”. Admite que Carlos Drummond de Andrade, como disse um jovem crítico, nasceu dele. Mas transfere a honra da “paternidade” a Mário de Andrade:

— Se é verdade que Drummond nasceu de mim, eu nasci de Mário.

SENTIMENTO DE CULPA

— Em 1930, arriamos a bandeira. É que surgiram o que eu chamo os “Búfalos do Nordeste”, trazendo nos cornos a questão social. Arriamos a bandeira, esmagados por uma espécie de sentimento de culpa: nós representávamos, embora inconscientemente, uma mentalidade capitalista exploradora. Não éramos capitalistas. Nem eu nem Mário éramos industriais. Mas sofríamos a ambiência, éramos impulsionados a realizar um certo tipo de pesquisa que nada tinha em comum com o problema social do resto do país. Vivíamos, em verdade, das sopas do capitalismo. Paradoxalmente, entretanto, abrimos caminho para uma coisa que não existia até então entre nós: uma literatura de pobre. Nun-

ca tivemos literatura de pobre, José de Alencar e Coelho Neto chegaram a ser populares, lidos pelo povo em massa, mas fizeram literatura de elite. Arriamos bandeira e chegaram os “Búfalos do Nordeste”, todos com muito talento mas quase todos escrevendo muito mal. Abre exceção, bem, era o único que escrevia bem. E apareceu depois.

RECONCILIAÇÃO COM ZÉ LINS

Nessa altura, Oswald de Andrade abre parênteses para informar que leu *Cangaceiros*² e se reconciliou com José Lins do Rego:
— É um grande romance, um livro excelente. Não pensei que Zé Lins escrevesse mais um livro assim. Escreveu e me deixou reconciliado. Zé Lins era intolerável. Era coelhonetal.

COMPORTAMENTO DOS INDUSTRIAIS CAPITALISTAS

Quando ia fechar parênteses para continuar, o telefone tocou. Atendeu e voltou com outro dedo de prosa entre parênteses:
— Veja você o que eu dizia. Acabo de falar com um industrial que vai comprar minha coleção de pintura.³

É isto. Em São Paulo os industriais compram quadros. No Rio, quantas pessoas há que compram mercadoria dessa espécie? Insisto. A Semana de Arte Moderna foi uma consequência da mentalidade criada pelo industrialismo paulista.

Nasceu de uma mentalidade capitalista exploradora.

Às vezes, é preciso pesquisar a palavra de Oswald de Andrade. O tom da voz, a seriedade com que ele diz a coisa nos leva a recebê-la de espírito desarmado. Mas, no fim, resta uma dúvida, perdemos a fronteira entre o sério e o irônico.

O sr. René Thiolier publicou uma plaquete, que ainda não

2 Com o romance *Cangaceiros* (RJ, 1953), José Lins do Rego obteve o prêmio do Salão Paulista de Carmen Dolores.

3 A coleção de pintura de Oswald abrangia os seguintes artistas: Picasso, Chirico, Léger, Chagall, Miró, Delaunay, Archipenko, Laurents, Severini, Picabia, Tarsila, Cícero Dias, Portinari etc.

está nas livrarias do Rio, reivindicando para si a preparação e o êxito da Semana de Arte Moderna.

Que diz Oswald de Andrade?

— Que vou dizer? O homem tem razão. Eu apóio a tese dele. René Thiolier era secretário da Academia Paulista, usava fraque e monóculo. Mas foi ele, realmente, quem arranhou o Teatro Municipal; foi ele quem deu o dinheiro. Homem rico e influente, facilitou a preparação, possibilitou a realização e permitiu a penetração do movimento que nós imaginávamos.

A reivindicação é justa. Sem ele, não haveria Semana.

Informa, depois, que o sr. Mário da Silva Brito vai lançar, proximamente, um livro “completo” sobre a Semana. Livro definitivo como documentação.⁴

E insiste, mais uma vez, em demonstrar que o movimento nasceu do capitalismo industrial:

— Até a vaia que recebemos no Teatro Municipal representou uma espécie de reação favorável dos industriais e capitalistas.

Eles se comportaram ativamente diante do movimento. Não ficaram indiferentes. Havia criado, inconscientemente, condições para aquele lançamento.

Nós, inconscientemente, nascíamos deles.

RETOMADA DE CONTATO

— Tolhidos por aquela espécie de sentimento de culpa, tivemos que parar em 1930. Algum tempo depois, através de Clarice Lispector e da prosa de Jorge de Lima retomamos o contato com a nossa pesquisa alta.

Menciono a prosa de Jorge de Lima, porque acho que foi o que ele fez de melhor. Por cálculo, andaram ocultando o prosador Jorge, que um dia reaparecerá.⁵ É claro que ele fez, também, boa poesia. Mas nem sempre. Estimo muito os poemas da

4 Mário da Silva Brito publicou realmente um dos livros mais importantes sobre o modernismo, *História do Modernismo Brasileiro*, São Paulo, Saraiva, 1958.

5 Jorge de Lima escreveu os seguintes romances: *Salomão e As Mulheres*, 1927; *O Anjo*, 1934; *Calunga*, 1935; *A Mulher Obscura*, 1939; *Guerra dentro do Beco*, 1950.

fase nordestina, do período da “Nega Fulô”. Depois, Jorge passou a se repetir. Em “Invenção de Orfeu” não encontro invenção nenhuma. É uma série de repetições, de utilizações de fórmulas ultrapassadas. Não quer dizer nada.

ESPERANÇAS

Oswald de Andrade poderia continuar conversando sobre a Semana de Arte Moderna, suas origens e conseqüências. Mas a conversa transbordaria dos limites de uma simples reportagem de suplemento. Caberia apenas perguntar-lhe, para terminar, se ele considerava satisfatórios os frutos colhidos do movimento de 1922.

— Em grande, sim. Aí está a II Bienal de Arte Moderna.

O “em grande” importava numa restrição. Ele explicou imediatamente. As novas gerações não corresponderam ao esforço de 1922. A chamada geração de 45, dentro da qual ele abre exceções, a seu ver não sentiu nem de longe a revolução modernista e por atitude se pôs a “reagir” contra ela:

— São uns cretinos. Estou cuidando da publicação das minhas memórias. E talvez publique um volume com este título: *A Sombra dos Cretinos em Flor*.⁶

E logo, sério:

— Ultimamente, porém, tenho tido esperanças. Está surgindo um grupo de jovens de vinte anos que constitui minha maior esperança. Cito alguns: Oliveira Bastos, crítico, paraense; Ferreira Gullar, poeta, maranhense; e Luci Teixeira, melhor de todos. Não esperava viver tanto para ver surgir uma geração assim, que encarnasse de modo tão completo o espírito de renovação da revolução modernista e se mostrasse tão capaz de levá-la às suas conseqüências verdadeiras. Com essa gente eu posso conversar. Dessa gente eu tenho o direito de esperar grandes coisas.

Entrevista concedida a Heráclio Dias.

DIÁRIO DE NOTÍCIAS.

Rio de Janeiro, 24-01-1954.

⁶ Oswald concluiu apenas o 1º volume das suas memórias, publicado em 1954, pela José Olympio, com capa de seu filho, o artista plástico Oswald de Andrade Filho.

PERDEU O APETITE O TERRÍVEL ANTROPÓFAGO

“TODAS AS MULHERES MERECEM BURRADAS”

Com a publicação de suas Memórias, dá por encerradas as suas atividades literárias?

Não. Tenho outros livros. Não pude terminar o meu romance cíclico *Marco Zero*. Também estou preparando um volume onde exporei as minhas idéias sobre filosofia e sociologia.

Como vê o atual panorama literário político, social e econômico do Brasil?

Caos fecundo. Creio nas gerações que se anunciam.

A que fatores atribui as dificuldades (políticas, econômicas etc.) em que se encontra atualmente São Paulo?

Fatores mundiais. Trata-se de uma crise cíclica do capitalismo, agravada pela situação particular do Brasil.

Que pensamento fundamental presidiu à elaboração dos seus livros?

Tendi e tendo cada vez mais para uma filosofia que chamo de filosofia da devoração. A vida é devoração pura e só há uma conduta a seguir: o estoicismo. É verdade que outro conceito da

existência divide a humanidade. É o conceito messiânico e salvacionista. Os que se enfileiram debaixo dessa bandeira são os que acreditam que há qualquer coisa a salvar dentro deste mundo ou fora dele. O primeiro pensamento é que presidiu a vida das sociedades primitivas tão superiores às sociedades civilizadas. Estas servem-se do messianismo para criar as servidões do corpo e do espírito e as ilusões de toda a espécie.

Se começasse de novo a sua carreira literária, teria escrito os livros que escreveu, mantido as polêmicas que teve, em suma, reeditaria a sua vida nas mesmas bases ou procuraria outros rumos?

Tenho a convicção honrada de que repetiria tudo que fiz.

Que livros jamais deveriam ter sido escritos?

Muitos. Entre os quais *Os Lusíadas*, de Camões. Nesse ponto, estou de pleno acordo com o Fernando Pessoa, que acusa o poeta de ter imitado a Musa Espartilhada de Petrarca, em vez de dar curso à grande lírica livre de Portugal. No campo nacional, os livros analfabetos do teatrólogo Nelson Rodrigues e os da poetisa Cecília Meireles.

Qual o pior e qual o melhor livro de autor brasileiro?

Melhor *Dom Casmurro*. Piores? São tantos que é difícil escolher um.

Que homens públicos desta República passarão à História e quais os que morrerão no ostracismo?

Passará à História, com certeza, Josué de Castro. Cairá no ostracismo, apesar da "caixinha", Ademar de Barros.

Qual a posição que julga ocupar no cenário literário do Brasil?

A primeira.

Qual o seu maior êxito?

Meu casamento com Maria Antonieta d'Alkmin.

Qual o seu maior fracasso?

Não conto.

Se lhe fosse dada a liberdade de dar um tiro, um único, em quem ou em que coisa o daria?

Um não chega.

A quem ergueria uma estátua em praça pública?

A ninguém. Basta de estátuas ruins dedicadas a gente ruim.

Que mulheres merecem que se pratique uma "burrada" por elas?

Todas as mulheres merecem "burradas". Depende da hora.

Se tivesse que deixar um testamento literário, como o faria?

Chamando a atenção das gerações a vir para a filosofia do homem primitivo. A antropofagia é o meu fraco. Esse rito dá a medida duma concepção devorativa da vida.

Encontro o escritor de pijama, acomodado numa *bergère*, junto ao telefone, na sala de visitas da casa do seu filho mais velho. Muito magro, falando mansinho. A esposa tenta convencê-lo a tomar uma injeção de extrato hepático. “Dói muito”, protesta e explica ao repórter que é rebelde a regimes e tratamentos. Oswald de Andrade saiu ontem do hospital, onde esteve internado vinte dias. Ruim de verdade. Uma complicação de diversos males. Fígado em pandarecos, fruto do muito que viveu. Coração abalado, pelo que amou a vida. Devo confessar que esta entrevista nasceu do seu estado de saúde. Correu na cidade que Oswald estava “nas últimas”. Por que não recolher o derradeiro depoimento do mais discutido, aclamado e combativo dos escritos contemporâneos do Brasil? Telefonei a Oswald de Andrade Filho para consultá-lo sobre as possibilidades da entrevista:

— Oswald? Ouça, que tal uma entrevista com o seu pai? Vamos dizer o “testamento literário de Oswald de Andrade”? Será que ele não vai se chocar?

Do outro lado do fio:

— Não vai, não. Pode vir. Aqui fala o moribundo em pessoa...

O temido polemista está abatido, mas conserva a sua grande vivacidade mental. Esparrama-a ainda dos olhos à boca como nos velhos tempos. Fala da sua doença. Das suas *Memórias*, cujo primeiro volume, no prelo, deverá sair agora, editado por José Olympio. Explica que serão quatro tomos, com o título genérico de *Um Homem sem Profissão*. No primeiro (*Sob as Ordens de Mamãe*), relata sua infância, adolescência e primeira mocidade, de 1890 a 1919. No segundo (*O Salão e a Selva*), fala sobre o movimento modernista, a Semana de Arte Moderna, o Movimento Antropofágico, o ciclo áureo do café, até 1929. No terceiro (*O Solo das Catacumbas*), trata de suas experiências políticas, de 30 a 42. E no quarto (*Para Lá do Trapézio sem Rede*), segundo sua expressão, “desde o encontro de Maria Antonieta d’Alkmin até hoje”.

Oswald de Andrade está no momento muito entusiasmado com a “repercussão” da sua doença.

— Imagine — conta — que o meu quarto no hospital virou ponto de romaria obrigatório das pessoas inteligentes de São Paulo. Todo mundo esteve lá.

Cita nomes. São tantos que provavelmente tiveram que fazer fila. A visita, porém, que mais o comoveu foi a da cronista e contista Helena Silveira, com a qual travou recentemente uma polêmica meio escandalosa.

— Helena, quando soube do meu estado, esqueceu tudo quanto eu disse dela e foi me ver. Grande coração de mulher! Abraçamo-nos sem uma palavra. Só pude chorar de emoção e gratidão.

Outro entusiasmo que domina o autor de *Serafim Ponte Grande* é o convite que lhe fez o Itamarati para dar um curso de estudos brasileiros, de dois anos, nas Universidades de Estocolmo e Upsala.

Provoco Oswald com um questionário sobre as mediocridades vitoriosas. O romancista, porém, prefere abordar os temas serenamente.

— Sabe, eu já não sou tão bruto como dantes. É a idade. A minha doença provou que até os meus mais queridos desafetos me perdoam...

De fato, ele atenuou bastante aquele seu terrível humor cáustico e chegou a proclamar a existência de três gênios no Brasil: Oliveira Bastos, na crítica; Luci Teixeira, na prosa; e Ferreira Gullar, na poesia.

— As minhas memórias vão ser agora publicadas, em seu primeiro volume, pelo editor José Olympio. Trazem elas um sentido edipiano, particularmente o primeiro volume que se intitula *Sob as Ordens de Mamãe*. O livro todo revela sem dúvida um lado saudoso, marcado pela perda de minha mãe, dona Inês, irmã do romancista Inglês de Souza, que partiu uma semana antes de eu regressar de minha primeira viagem à Europa, em 1912.

Depois de inúmeras travessuras, deu-se afinal o que chamei de “reencontro materno”, quando, em 1943, me casei com Maria Antonieta d’Alkmin, a qual me deu dois filhos lindos: Antonieta Marília de Oswald de Andrade e Paulo Marcos d’Alkmin de Andrade. Outros dois filhos, mais velhos, de outros casamentos, são o artista folclorista Oswald de Andrade Filho e o cineasta Rudá de Andrade. Completam eles a minha família que julgo perfeita com noras e netos.

Minha vida tem sido um perigoso desafio à realidade, pois sou obrigado a viver nas coordenadas capitalistas em que nasci e nenhuma vocação mais oposta a isso do que a minha. Tenho me arrastado miraculosamente por altos e baixos terríveis.

Meu temperamento traz duas constantes que dialeticamente se revezam. Sofro como Dostoiévski e arrisco como Nietzsche. Isso faz de meus dias um bolo dramático sem fim.

Adotei de há muito um completo ceticismo em face da civilização ocidental que nos domou. Acredito que ela está nos seus últimos dias, vindo à tona uma concepção oposta, a do homem primitivo, que o Brasil podia adotar como filosofia.

O Ocidente nos mandou com o messianismo todas as ilusões que escravizam. Montaigne, no seu grande capítulo dos *Essais*, onde exalta "Les Canibales", foi o primeiro que viu o caminho novo, o dado pela revolta e pelo estoicismo do índio. Não se trata da contrafação cristã de Rousseau, que é uma deformação.

Evidentemente o que eu quero não é o retorno à taba e, sim, ao primitivismo tecnizado. A técnica está se incumbindo, aliás, de nos levar a mais de uma concepção primitivista, como seja a conquista do ócio, o matriarcado etc. etc.

As minhas memórias como documento marcam, em meio da maior transformação do mundo, a maior das transições. Nasci para o matadouro, criado num clima de boa-fé e de ternura inadmissível no mundo que ia encontrar. Deveria ter sido espezinhado no primeiro tombo. O sentimento órfico que levantava para o alto as mãos de minha mãe explicaria o milagre de eu estar vivo, convalescente e esperar ainda. Sem nenhum compromisso confessional. Não adoto nenhuma religião, mas sei que a religião é uma dimensão do homem. Hoje, ela se transfere para o esporte, a política, o palco. Os homens querem ver os deuses de perto. Malenkov, Carlitos, Greta Garbo, Baltazar.

O título geral das *Memórias* é *Um Homem sem Profissão*, pois no Brasil ser escritor é não ter profissão. Foi o que me aconteceu. E a tantos outros.

MANCHETE.

Rio de Janeiro,
17-04-1954.

SOB AS ORDENS DE MAMÃE

“A PERDA DO COLO MATERNO DEFLAGROU EM MIM O ESCRITOR E O HOMEM”, AFIRMA OSWALD DE ANDRADE. — UM HOMEM SEM PROFISSÃO TENTA AJUDAR OS LAVRADORES — “OSWALD, TEM O COMUNISMO...” — A CONCLUSÃO MELANCÓLICA: “A GENTE VIVE DE SOBRAS”. — AFINAL, UMA OU DUAS, AS CHAVES DO MODERNISMO?

Quem me levou à sua casa foi Antonio Olavo Pereira, mas eu já conhecia Oswald de Andrade do salão literário de Carmen Dolores Barbosa, que ele frequenta. O “homem sem profissão” veio nos atender abatido, pois convalesce de uma enfermidade que quase lhe tira o bom humor. Com Maria Antonieta d’Alkmin e Olavo conversamos sobre o suicídio de Vargas, que nestes dias é um ótimo princípio e fecho de qualquer conversa. Mas eu tinha um objetivo: fazer umas perguntas a Oswald a respeito do lançamento do primeiro volume de suas *Memórias: Um Homem sem Profissão*, que já está nas livrarias.

A primeira pergunta que me ocorreu não foi dessas que causam embaraço:

— Oswald, as suas *Memórias* fazem parte de sua obra de intelectual e ficcionista ou são uma coisa à parte? Pode responder, que já está valendo.

— Decerto que fazem parte de minha obra — respondeu o autor do *Serafim Ponte Grande*. — A vida e a obra de um escritor são a mesma coisa. Principalmente quando ele é sincero. Quando nada esconde.

Tocaram a campainha e Maria Antonieta d'Alkmin abriu a porta para Osmar Pimentel. Osmar ficou satisfeito ao ver que Oswald estava melhor de saúde. Sua melhora é visível. Voltou-se, então, a falar sobre política, o que sempre foi um assunto para Oswald de Andrade.

Informado de que eu entrevistava Oswald, Osmar socorreu a inexperiência do repórter com uma boa pergunta:

— Até que ponto as experiências das *Memórias* explicam a sua ficção, Oswald? Glade, a Jaime d'Avelos, a Alma, a Pandico, a dona Lalá, aos personagens de *Os Condenados*, do *Miramar* e do *Serafim*, cuja atmosfera e cuja composição parecem frequentemente continuar às destas *Memórias*. E aí vemos que elas esclarecem não apenas o homem Oswald de Andrade mas também a sua obra.

Perguntamos-lhe se ele não teme a indignação das pessoas às quais faz referências no livro.

— Ah, isso não! Quando é para falar mal, falo mal até de minha própria família. Toda a minha vida se pautou por uma grande lealdade a mim mesmo. Minha luta sempre foi pela autenticidade. Fiz uma literatura sem concessões.

Oswald furtou-se mesmo à concessão de entrar para a Academia Brasileira de Letras, quando Cláudio de Souza insistiu para que se candidatasse.

UM LIVRO EDIPIANO

A perda do colo materno deflagrou em mim o escritor e o homem — esclarece Oswald. — Minhas *Memórias* são um livro edipiano. Tudo nelas explica os meus livros anteriores: minha prosa e minha poesia.

Essa resposta é muito coerente com o prefácio escrito por Antonio Cândido, que diz à certa altura: “Não espanta, pois, que o leitor habituado aos seus romances vá pressentindo, nas pessoas reais que nos apresenta, a humanidade própria ao conde José Chelini, a Mauro.

TOME CONTA DO CÉU, TOME CONTA DA TERRA...

Agora é Antonio Olavo que faz uma pergunta:

— Se lhe fosse dado viver de novo sua experiência humana, recomençaria tudo da mesma forma?

— Não — foi a resposta imprevista para mim. — Apenas uma coisa voltaria a fazer: casar-me com Maria Antonieta d'Alkmin. — Proseguiu, melancólico: — Deus erra muito na distribuição das idades. Ao invés de encontrá-la aos cinqüenta anos, devia tê-la encontrado aos vinte anos. A gente vive de sobras...

Perguntei a mim mesmo: “E se ele a tivesse encontrado aos vinte anos, como teria sido a sua obra, já que sua vida também não seria a mesma? Menos agressiva? Menos inquieta? Menos amarga?”. Sim, porque a obra de Oswald de Andrade é uma obra triste.

SHOW PRÓ-AGRICULTURA

— E no tocante à política? Você a ignorou em algum período de sua vida?

— Sempre amei a política em seu verdadeiro sentido. Nunca a pratiquei num nível rasteiro, mas dentro do conceito aristotélico. Minha atuação, no entanto, foi limitada.

Mas a verdade é que também como político Oswald foi um vanguardista. Notem bem: no longínquo ano de 1929 expulsaram-no do Congresso da Lavoura por ter exposto uma tese de reforma agrária. Vaiado e expulso do congresso por mil e quinhentos energúmenos! Júlio Prestes, entusiasmado com a tese, mandou publicá-la na Seção Livre de *O Estado de S. Paulo*.¹

— Ainda me lembro dos urros dos fazendeiros que seriam prejudicados pela reforma — disse Oswald. — Nem me deixaram concluir a leitura da tese e, na saída do República, cinco campanhas quiseram me surrar.

¹ O Congresso da Lavoura foi realizado em 1929, em São Paulo. No Cinema República. Oswald de Andrade fez um discurso que causou o maior barulho, onde afirmava “sou um encalacrado que fala a um congresso de encalacrados”.

Muitos anos depois, Oswald se candidatou sem propaganda a uma cadeira da Assembléia. Os amigos pediram aos leitores que votassem nele. Não votaram.

ENCONTRO COM MARX

— Conte como foi que você aderiu ao comunismo?

— Por culpa de Patrícia Galvão. Ela fizera uma viagem a Buenos Aires, onde realizou um recital de poesia. Voltou com panfletos, livros e uma grande novidade:

— “Oswald, tem o comunismo... Conheci um camarada chamado Prestes. Ele é comunista e nós também vamos ficar. Você fica?”

— “Fico.”

Oswald de Andrade foi perseguido treze vezes, e treze vezes escapou das grades. Certa vez, ao saber que a polícia o procurava, decidiu: “Podem me prender, mas antes vou comer um frango *à la cacciatore* em Santo Amaro”. Foi o que fez. Comido o frango, chamou o dono do restaurante, que era socialista e amigo seu, e noticiou:

— “Amigo, estou fugindo da polícia. Ela logo vem aí”.

— “Em minha casa o senhor não vai preso. Venha comigo. Vou escondê-lo.”

Uma semana depois, a polícia ainda procurava Oswald. Não podia continuar na casa do dono do restaurante. Disse-lhe:

— “Tenho que cair fora. Chame um carro”.

Meia hora depois, um saci pulou de dentro de um carro de aluguel. Apresentou-se assim:

— “Sou o Demais”.

Oswald entrou no carro, mas foi logo avisando:

— “Escute aqui, Demais, eu estou fugindo da polícia.”

— “Sim, senhor.”

— “E não era só isso: sou comunista.”

— “Sim, senhor.”

E, afinal, o último choque:

— “Não tenho para onde ir”.

— “Vai pra minha casa.”

— “Pra sua casa?”

— “Sim, senhor.”

Oswald foi morar na casa de Demais. Moraram juntos dois anos. Que solidariedade monossilábica!

— “Onde durmo, Demais?”

— “Na minha cama.”

— “Na sua cama?”

— “Sim, senhor. Eu trabalho a noite toda. Trabalho duro, sim, senhor.”

A SEMANA

E então se falou da Semana de Arte Moderna.

— Deve-se a Mário de Andrade a eclosão do movimento modernista. A ele e a Di Cavalcanti. Minha ação foi apenas polêmica. De repente houve um clarão... e esse clarão era o Mário.

Informei a Oswald que Mário da Silva Brito, que escreve uma história do Modernismo, não concorda com ele.

— Mário de Andrade foi a chave do movimento — reafirmou Oswald.

— Houve duas chaves! — protestou Pimentel.

A vida de Oswald está cheia de recordações. Não quer discutir mais.

— Uma vez escrevi um artigo em louvor de Mário de Andrade, intitulado “Meu Poeta Futurista”. No dia seguinte, Mário me procurou agitado. “Ah, o seu artigo!” Mário quase chorava: “Por causa dele perdi meus alunos de piano!”

AS RAÍZES DA ÁRVORE

Oswald em seguida referiu-se aos romancistas e pensadores que lhe serviram de base. No início, Eça de Queiroz. Mas acabou por preferir Fialho de Almeida. Nietzsche e Dostoiévski fizeram-lhe muito bem. Isso, é claro, depois de ter passado por Anatole. Leu muito Octave Mirbeau e não conhece muita gente melhor que Romain Rolland.

— Quanto às letras brasileiras possuem três autores fundamentais: Machado, Euclides e Mário de Andrade.

Antonio Olavo quis saber quais seus autores preferidos entre os atuais.

— Não são muitos: Corção, Gilberto Freyre, Drummond de Andrade, Rubem Braga...

— Rubem Braga?

— Sim, Jorge Amado...

— Mas é pra pôr?

— Dionélio Machado... (Bem lembrado)

— ... Outro Machado, o Aníbal...

Antonio Olavo se aproxima:

— E Graciliano?

Osmar se interessa:

— É mesmo... E Graciliano?

Oswald resiste, mas acaba concordando:

— Está bem, ponha Graciliano.

Não me admira nem um pouco que Oswald não seja fã ardoroso de Graciliano. Assim como estou certo de que Graciliano não admirava Oswald. Pois não é evidente, *ladies and gentlemen?* Graciliano sempre foi o escritor do cárcere, onde escreveu sua obra mais discutida. No cárcere, um homem como Oswald de Andrade morreria, interessado como é na vida com todas as suas libertações. A obra de Graciliano reflete a uniformidade árida do deserto. A de Oswald de Andrade, a irregularidade “glamourosa” da metrópole.

Dona Maria Antonieta d’Alkmin avisa Oswald que o barbeiro tinha chegado. Precisava fazer a barba para convencer-se a si próprio de que seu aspecto de fato está melhor.

— Mande entrar o barbeiro — disse Oswald, de novo “sob as ordens de mamãe”.

Entrevista a Marcos Rey.

O TEMPO.

Suplemento Literário,

19-09-1954.

ESTOU PROFUNDAMENTE
ABATIDO: MEU CHAMADO NÃO
TEVE RESPOSTA

O MOVIMENTO DE 22 SOFREU UM RETROCESSO COM A LITERATURA DO NORDESTE — O PANORAMA DA POESIA NÃO SE APRESENTA MUITO ENTUSIASMANTE — GETÚLIO EM TRÊS TEMPOS — MATOU-SE POR MOTIVOS PESSOAIS.

O APELO DE 22

— Estou — prossegue Oswald — profundamente abatido, desiludido, porque meu chamado não teve resposta. O movimento de 1922 que iniciamos tão bem com Mário de Andrade sofreu um retrocesso com a literatura linear e primária do Nordeste. Evidentemente, o Brasil letrado (pouco letrado) estava muito mais preparado para receber o romance de cordel dos srs. José Lins do Rego e Graciliano Ramos do que as altas cogitações estéticas da Semana de Arte Moderna de 22.

— Mas o que teria originado esse retrocesso na literatura brasileira?

— O Brasil não fizera ainda o romance naturalista regional, etapa necessária. Quando eclodiu a Semana as cogitações es-

téticas se situavam no mesmo nível das européias. Acompanhava-se o movimento de Paris, com Cocteau, Cendrars, Jules Romains, Apollinaire e outros. Acredito que esse retrocesso foi um mal necessário no desenvolvimento da literatura brasileira.

— Teria conseqüências, seqüências, a Semana de 22?

— O ritmo do movimento de 22 — responde Oswald — será retomado. Exerceu influência em todas as atividades intelectuais. Na literatura, porém, não teve herdeiros ou seguidores diretos, e isso unicamente por falta de escritores. Houve uma inclinação muito acentuada para a crítica literária e o ensaio, mas no sentido da Criação, com C maiúsculo, nada tivemos que mereça ser lembrado. 22 será retomado porque os caminhos foram traçados. Mário de Andrade fixou o regional, com *Paulicéia Desvairada*; e eu fui mais adiante, para o âmbito nacional, fazendo o *Pau-Brasil*. E lançando o *Manifesto da Antropofagia*, que procurava as origens profundas da nossa literatura, boicotado e interceptado devido à literatura linear e primária dos nordestinos. Os interesses editoriais fizeram do sr. José Lins do Rego o mais conhecido dos escritores modernos. Daí vieram os outros nordestinos, brandindo os mesmos temas primários. Isso causou um atraso de mais de vinte anos na literatura brasileira.

— Bem, isso para a prosa. E a poesia, como se comportou ela depois da liquidação do academismo?

— Com o lançamento de *Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade, a obra mais importante deste meio século, ao mesmo tempo que aparecia o *Pau-Brasil*, *Toda América*, de Ronald de Carvalho, e *Raça*, de Guilherme de Almeida, os temas poéticos tornaram-se continentais e abandonaram as fórmulas pré-fabricadas vindas da Europa e tão aproveitadas por Bilac e Alberto de Oliveira. A nova literatura daquele tempo deixou de ser um arremedo, um decalque da literatura européia. As bases estavam lançadas: com *Macunaíma*, de Mário de Andrade, *Cobra Norato*, de Raul Bopp, e o meu *Serafim Ponte Grande*.

O aparecimento desses livros traçou os novos rumos da literatura brasileira que se baseava nas origens profundas de nossa cultura. Mas, como se viu, os temas naturistas regionais impediram, mais tarde, o desenvolvimento desse grande movimento depurador que foi a Semana de Arte Moderna. Quanto à poesia, o panorama não se apresenta muito entusiasmante. Mas

os melhores poetas destas últimas gerações são Domingos Carvalho da Silva, Geraldo Vidigal, Tavares de Miranda, Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Mário da Silva Brito, que reúne a tudo uma grande capacidade crítica.

OS PINTORES SÃO OS MESMOS

— Os melhores pintores? Já que você quer saber, continuam sendo os antigos: Tarsila, Di Cavalcanti, Segall; e dos mais jovens, Cícero Dias.

— Você nega o concretismo?

— Não. Mas entre esses jovens não vejo senão muita incerteza. O movimento concretista no Brasil é apenas uma variante do verdadeiro Modernismo. Importando o concretismo, os seus adeptos não tiveram a força que o Modernismo teve em 22.

Mas esqueci de falar dos escritores de hoje. Primeiramente, encontro Guimarães Rosa, autor de *Sagarana*, e Clarice Lispector, em lugar mais acentuado. Há um grupo muito interessante e que muito promete: Oliveira Bastos, Ferreira Gullar e Lucy Teixeira, estes últimos, poetas. Eles prosseguem o trabalho de renovação literária.

OSWALD ANALISA OSWALD

— Por que você adotou esse novo gênero de *Memórias*, como as que está editando? (Oswald acaba de editar o primeiro volume das *Memórias*, que tem um título geral, *Um Homem sem Profissão*. O primeiro volume chama-se *Sob as Ordens de Mãe*.) O livro, o primeiro volume, pelo menos, contém todas as confissões, sem omissão?

— Não — diz Oswald. — Faço omissões. Escrevo somente aquilo que teve importância na minha formação intelectual. Escrevo tudo aquilo que vem explicar a minha filosofia. Filosofia de antropofagista. Os outros volumes das *Memórias* virão pouco a pouco confirmar a minha tese de antropofagista. O segundo volume chamar-se-á *O Salão e a Selva*; trata do Modernismo no Brasil; o terceiro, *Solo das Catacumbas*, no qual

analiso as lutas políticas; e o quarto, *Para lá do Trapézio sem Rede*,¹ condensará toda a minha dura vida de homem transigente.

— Qual o melhor e qual o pior dos livros que você escreveu?

— O melhor é *Serafim Ponte Grande*, e o pior, isto é, os piores, são dois: duas peças teatrais, *Mon Coeur Balance* e *Leur Âme*, que publiquei juntamente com Guilherme de Almeida. Foram representadas no Teatro Municipal por Suzanne Després, que era a mais brilhante atriz daquela época. Excluo o Guilherme das responsabilidades. O fracasso, eu o atribuo unicamente a mim. Eu não tinha ainda alcançado a maturidade intelectual.

— Qual é o poema seu de que você mais gosta? E o de que você menos gosta?

— “Cântico dos Cânticos para Flauta e Violão” é o melhor; e o pior é o “Cântico do Pracinha Só”,² poema dirigido sob influência política pelo Partido Comunista.

GETÚLIO EM TRÊS TEMPOS

— E o panorama político do Brasil?

— Não há unidade ideológica e política porque antes da Revolução de 30 não havia clima para renovação.

— Como você viu o Getúlio Vargas do primeiro tempo, em 1930?

— Não tomei a sério a gauchada. Errei. Devia ter participado.

— E no segundo tempo, durante a ditadura?

— Eu era comunista. E achei o Getúlio um ditador sem grande originalidade. Não teve a estatura dos grandes ditadores da época, como Mussolini e Hitler. Foi ditador sem ser Ditador.

— E o terceiro tempo?

— O mesmo Getúlio de sempre, que acabaria mal por-

1 Oswald não chegou a publicar nenhum desses volumes.

2 “Cântico do Pracinha Só” não foi reunido no volume das *Poesias Reunidas*.

que começara mal. Procurou renovar as bases políticas do Brasil sem uma boa base ideológica. Foi um oportunista incorrigível.

— E o suicídio?

— Não houve grandeza no gesto.

— Acha que foi seu derradeiro golpe político?

— Não. Matou-se por motivos pessoais. Porque se viu sem o poder.

— Que representou ele para o Brasil?

— Não teve suficiência ideológica para fazer um movimento político. Mas foi uma grande figura, capaz de empolgar as massas.

— E Gregório?

— Um fenômeno da decadência política do Brasil.

MARIA ANTONIETA D'ALKMIN

— O que você mais ama na terra?

— Maria Antonieta d'Alkmin. Pode escrever também que as coisas mais caras para mim são meus quatro filhos.

Entrevista realizada por Radhá Abramo.

TRIBUNA DA IMPRENSA.

Rio de Janeiro,

25/26-09-1954. p.6

O ÚLTIMO COMBATE DE OSWALD DE ANDRADE

UMA CAPA "DOUBLE-FACE", MEIA DÚZIA DE BANDARILHAS E A TURMA DA ARQUIBANCA-DA — COMPROMISSO DE SEGREDO — QUANDO CHEGA A VEZ DO TOURO...

Era uma tarde semelhante à da última sexta-feira mesmo: o céu de um azul puríssimo, um sol forte a arrancar reflexos das vidraças do prédio em frente... No apartamento de quinto andar, no coração da Bela Vista, nem tudo era silêncio. Acabáramos de almoçar e tomávamos café num dos cantos da grande sala envidraçada. O colega do Rio, que pedira ao repórter que o apresentasse ao escritor e que já enchera páginas de uma caderneta de apontamentos, fez ainda uma pergunta, a última. O dono da casa sorriu, esfregou as mãos e finalmente respondeu: "Olhe, rapaz, isso não é para escrever, hein? Fica cá entre nós, está certo? Depois, mais tarde... Quem sabe? Mas por enquanto..."

Os dois jornalistas assentiram. A coisa ficaria entre os três, não passaria para letra de fôrma. Então o homem ajeitou nos ombros o xale que escorregava e foi contando, as mãos nervosas a esculpir imaginárias formas no ar, nos olhos azuis duas chamadas

a queimar: — Vocês, naturalmente, compreendem a razão de meu pedido. Quando se chega a esta idade, e quando se fez o que eu fiz... Há sempre os que estão vigilantes para apontar em cada gesto menos medido, em cada declaração menos ponderada, um sintoma de demência senil. Não, não protestem, claro que eu sei que esse não é o caso, não estou gagá, mas sempre há quem... Você indagou de minha saúde, não foi? Pois, menino, a coisa está mesmo nesse pé: sou o toureador que jamais matará o touro e que não tem direito a aposentadoria.

UMA CAPA DOUBLE-FACE

Rimos todos, ele também, um riso nervoso, sacudido. Deu uma espiada para o outro lado da sala avarandada, a ver se dona Antonieta não estava a vigiá-lo — prescrição médica: repouso absoluto —, e levantou-se com dificuldade da poltrona funda. Agora, de pé, os gestos são mais largos e a expressão lhe é mais fácil. — É isso, sou um velho toureiro sem direito a aposentadoria, profissional cansado que não pode encerrar suas “temporadas”. Desço à arena duas, três, até quatro vezes por ano, para enfrentar sempre o mesmo touro negro. Desarmado. Só tenho direito a levar uma capa. E cada vez é a mesma coisa. A morte, esse velho e traçoeiro touro negro, cada vez mais sabido, mais cheio de fintas e negaceios, investe sobre mim, alucinadamente. Para minha defesa só tenho, firme no braço, a capa bicolor do amor à vida e da alegria. Ele investe, eu faço um “passe” com a capa e ele passa raspando por mim os cornos agudos, a levantar poeira de minha jaqueta dourada, furioso, alucinado. Investe novamente, tenta outra vez apanhar-me fora de guarda. Mas eu o finto com a capa bicolor e ele avança sempre e sempre e sempre, danado. Vez por outra cravo-lhe uma bandarilha no cachaço negro e finalmente, exausto, trêmulo, vencido, ele se recolhe a um canto de sombra da arena, a babar. Lá em cima, nas arquibancadas, há um grande oh! de decepção. Acho graça e espero a nova investida do bruto, quando ele recupera as forças ou julga que eu perdi as minhas. É assim a coisa vai, até quando não sei...

A TURMA DA ARQUIBANCADA

O homem lança novo olhar para o lado e entusiasmado já se dispõe a novas atitudes. Mas desta vez dona Antonieta está alerta e abandona a conversa com a irmã para vir obrigá-lo a se sentar outra vez. Ordem do médico, terminante. Repouso absoluto. Nenhuma excitação. Essa entrevista já está compridinha, não é mesmo?

O repórter e seu confrade carioca já se dispõem a uma retirada, mas o homem os detém, a mão erguida: — Ora, Antonieta, deixa... Estou aqui conversando com os rapazes, me distraíndo um pouco... Olhe, não me levanto mais!

Dona Antonieta não tem forças para resistir ao pedido. Volta à companhia da irmã, do outro lado da sala, e o dono da casa prossegue na história interrompida.

— Pois é, a coisa é essa. Desde o início, a história de minhas doenças... Mas foi o que você me perguntou. Agora, veja, não posso sair por aí a afirmar que sou o homem que toureia a morte, mas a verdade é essa. A cada crise do velho coração eu estou outra vez na arena, um pouco mais cansado que no último combate, o corpo menos flexível, as pernas mais pesadas, a capa bicolor já rasgada pelos chifres do bicho. E tudo se repete. O coração cansado ameaça parar, o touro negro, cada vez mais cheio de manhas novas, ladino e malicioso, investe outra vez. Até agora, para profundo desgosto do pessoal da arquibancada, tenho vencido. Ele só me acerta de leve, de raspão, e para um velho toureiro como eu isso não é nada. Pena é que a cada combate mais rasgada fica a capa, mais trêmulo o braço, mais escassas as bandarilhas.

Entretanto, acho que é apenas pelo prazer de causar nova decepção à turma da arquibancada, aos que torcem pelo touro negro, é que me animo a descer à arena para enfrentar o bicho, e azucriná-lo, bandarilhá-lo e vencê-lo uma vez mais. Se ainda não encerrei definitivamente minha carreira de “lidador” é justamente porque sei que lá de cima das arquibancadas há gente que está sempre atenta para ver se o bicho me pega, gente que faz figas às minhas costas, os “amigos do touro”...

ARMA ERRADA?

O cansaço é visível no rosto do homem que nos sorri do fundo da poltrona. Só os olhos ardem, a boca partida num sorriso de indefinível sarcasmo. — Como vêem, é assim. Qualquer dia desses, o médico já me disse, vem uma crise mais forte, o velho coração não reage e bumba, já vou eu. O touro pega o toureiro e acabou-se a história. Mas enquanto isso não vem e vou irritando ao mesmo tempo o touro e os que se sentam na arquibancada, os toureiros vagabundos, os covardes, os ineptos, os sem talento, os fracos, os que eu vaiei toda a vida e vaio agora, os mesmos que, escondidos atrás de crachás e fardões, tentam impedir que vocês, os moços, avancem para o sol, os que nunca mais leram coisa alguma além de Anatole e Eça, os mesmos que pretendem deter o expresso do progresso colocando as próprias e duras cabeças atravessadas nos trilhos... Só para irritar mais uma vez que seja a essa gente é que estou sempre disposto a enfrentar o touro negro e, embora cada vez com maior dificuldade, vou vencendo. Só lamento uma coisa: para a luta disponho apenas da capa, já puída, e um maço de bandarilhas de pontas meio rombudas e enferrujadas. Escolhi mal minhas armas. Não tenho uma espada. Falando sério, se em vez de apenas escrever eu...

A VEZ DO TOURO

Mas o homem está mesmo positivamente cansado, tossindo, as mãos abandonadas nos braços da poltrona verde, a flama azul do olhar a apagar-se lentamente. Desta vez dona Antonietta, que avançou silenciosa e despercebidamente pela retaguarda, não admite réplicas. Interrompeu o marido: — Olhe, agora tenha paciência, mas...

Ele concorda, sorrindo. A fala é fraca e rouca: — Não liquem, não, o resto da história fica para a próxima vez. Vamos dissecar esse pessoal da arquibancada, a gente que “torce” pelo touro, à espera de que uma chifrada que me leva desta para... sei lá para onde?

Dona Antonietta sorri, intrigada: — Que história é essa de touro e chifrada que vocês estão aí a cochichar?

Ele ri divertido, ri com a boca toda, num riso que lhe abre um milhão de rugas no rosto cansado: — Isso é segredo, meu bem, segredo meu e dos rapazes. Coisas nossas. Agora, vocês desculpem eu cês estão a aí a cochichar? porta, mas...

Já sabemos: repouso absoluto. Despedimo-nos. Até logo, voltem, voltem, venham almoçar outra vez. Apareçam sempre. Da próxima vez vamos tratar da turma da arquibancada, dos “amigos do touro”, homens e mulheres, velhos e moços, nacionais e estrangeiros...

Estamos na porta, agradecendo a amável acolhida a dona Antonieta, quando ele ainda nos chama. Indicador em riste, qual trêmula bandarilha no canto da sala: “E olhem lá, hein? Nada de divulgar a nossa história. Esperem ainda um pouco, acho que não tarda muito a vez do touro...”

Garantimos a manutenção do segredo. Do pequeno saguão, esperando o elevador, ainda acenamos para o velho toureiro que não tinha direito a aposentadoria nem a espada, só a capa rasgada e bicolor e umas poucas bandarilhas...

O elevador chega e nós descemos. Mal sabia o repórter que aquela seria a última vez que via vivo seu amigo toureiro que enfrentava desarmado e sorridente o negro touro da morte.

NA TARDE DE SEXTA-FEIRA

Anteontem, numa tarde brilhante de sol, o céu de anil sem nuvens, o velho toureiro desceu pela última vez à arena, a capa esfrangalhada a pender do trêmulo braço, o passo incerto e tardo. Só nos olhos — o repórter não viu, mas contaram — havia a mesma flama azul. A besta negra investiu como o fizera tantas outras vezes, furiosa e veloz como o raio. O braço falhou, as pernas não eram as mesmas e tudo ocorreu num segundo. Trêmula, arfante, a fera recolheu-se ao canto de sombra, os agudos cornos tintos de sangue. No piso da arena ficou o velho toureiro, que encerrara definitivamente suas “temporadas”.

Por isso o repórter não acreditou quando o colega de redação lhe contou na noite de sexta-feira que o amigo comum sofrera um colapso. Não acreditou e não acredita, porque quem morreu na sexta-feira foi muito mais que um homem comum.

Foi um velho e corajoso toureiro que, no decurso de agitada e intensa vida bem vivida, bandarilhou os touros do conservantismo, de lugar-comum, da falsa literatura do academicismo, do bacharelismo vazio e enfatuado. Morreu na sexta-feira um velho e corajoso toureiro.

Reportagem de Frederico Branco.

CORREIO PAULISTANO.

São Paulo,

24-10-1954. p. 1 e p. 19.

A ÚLTIMA ENTREVISTA

Não fomos dos íntimos de Oswald de Andrade. Até certo ponto, temíamos mesmo qualquer desilusão dado o espírito sarcástico do escritor, cuja fama nos assustava seriamente. A idéia de entrevistá-lo só poderia ter partido logicamente de um amigo velho, que, melhor do que nós, conhecia as veleidades e as possíveis reações do grande escritor. Foi, assim, Antonio Olavo Pereira¹ o nosso introdutor diplomático na taba do perigoso antropófago. E nem teria sido necessário. Longe de nos receber com a hostilidade que temíamos, o autor de *Um Homem sem Profissão* apareceu-nos como o mais fácil, mais acessível, o mais humano dos entrevistados de que temos notícia. E sobravam-lhe razões para não nos receber amavelmente. Oswald estava gravemente enfermo. Oswald estava às portas da morte. De tal forma que, passados uns quinze dias, todos líamos confrangidos a notícia de seu passamento. E aquela nossa conversa que teria sido a primeira com a qual enfrentávamos entre receosos e felizes o soberbo iconoclasta resultaria assim, embora jamais nos ocorresse tal oportunidade, na última entrevista de Oswald de Andrade à imprensa paulista.

¹ *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens da Mamãe*, editado pelo José Olympio, em 1954.

É indispensável aos homens de letras a aproximação pessoal para um julgamento. A idéia que tínhamos de Oswald de Andrade, por exemplo, era a mais errônea possível. Dele sempre se escreveu aquilo que Oswald não era. Deliberado ou não, o que se dizia dele à boca pequena, vemos agora, nunca passou de uma deformação do verdadeiro Oswald. Não temos a pretensão de haver descoberto Oswald de Andrade. Temos porém a felicidade de o haver restaurado na nossa admiração. Porque aquilo que mais sabíamos dele era precisamente aquilo que não precisaríamos saber. Que ele era um grande "piadista". Que era um malcriado terrível. Um homem que só sabia destruir. Um escritor sem convicções. Pois foi justamente o inverso que resultou do nosso contato de três horas consecutivas de palestra amabilíssima. Não se fez uma única "piada". Oswald conversou conosco debaixo de um clima de absoluta seriedade, lamentando, mais de uma vez, a fama indevida, que refutava com energia, de que fosse um iconoclasta sem entranhas.

— Nunca fui nada disso — disse-nos com certa amargura. — O que eu fiz, e os imbecis não compreenderam, foram pesquisas das mais sérias não só no terreno literário como no social e no estético. Toda a minha vida tem sido uma constante dedicação à literatura. Sou escritor desde que me conheço por gente e nunca fui leviano. O que desconcertava meus adversários é que minha literatura fugia ao padrão cretino então dominante. E chamavam a isso de 'piada'...

E como lhe objetássemos que nos parecia, ao tempo da Semana de Arte Moderna, que os seus autores não tinham grande convicção daquilo que faziam e nem calculavam o reflexo formidável do seu movimento, respondeu-nos:

— É um engano. O movimento modernista tinha uma base filosófica. E se alguns companheiros efetivamente não compreendiam bem o alcance da nossa luta, outros como Di e o Mário sabiam, como eu, por que lutávamos. Tendo estado na Europa em 1912 e depois de 1922, eu senti, em contato com os homens de pensamento, sobretudo franceses, entre os quais Cocteau, Cendrars, Jules Romains, Valéry Larbaud,² que foram

² Valéry Larbaud (1891-1957) foi um dos contatos mais estreitos entre Oswald de Andrade e os intelectuais franceses do início do século. Mantiveram correspondência regular. Pierre Rivas em "A França e o Mundo Luso-Brasileiro" (ensaio mimeografado) reproduz algumas cartas de Oswald para Larbaud.

meus amigos, a inquietação que dominava o mundo das letras e das artes. Trouxe para cá essa vontade de renovação que grassava intensamente na Europa e procurei atrair os intelectuais não empedernidos nas velhas correntes estéticas para um movimento sério que nos conduzisse para novos rumos. E devo dizer mais: que, embora intimamente ligados ao pensamento francês dominante, instalamos aqui uma revolução estética que se pode chamar de colateral do movimento francês, porquanto teve seus rumos originais. Quando cheguei da Europa, me perguntavam se eu seria futurista, surrealista, dadaísta ou que outra denominação me calhasse aos anseios renovadores. Não fui nada disso, procurei uma geografia para os seus rumos estéticos, que foi precisamente o Primitivismo. Veio daí o movimento Pau-Brasil a que se filiam o *Clã do Jaboti*, o *Macunaíma* de Mário de Andrade e *Cobra Norato* de Raul Bopp. A Antropofagia veio depois.

Lembramos, então, que ao tempo do movimento modernista havia qualquer coisa parecida na Argentina. Oswald responde:

— Tivemos nessa época o Oliverio Girondo, meu amigo pessoal. Mas não houve na Argentina um grande movimento. O nosso foi sem dúvida o maior em toda a América, incluindo nisso a do Norte, onde nunca se fez nada nem de longe parecido com o que realizamos aqui. Na Argentina houve ainda o *Martin Fierro*,³ mas simplesmente de caráter nacionalista, sem a extensão da rebeldia brasileira. A Semana de Arte Moderna foi a coisa mais séria que já se fez nas Américas em matéria de arte e literatura.

E como falássemos de inquietação em nossa palestra, interrogamos Oswald:

— Não acha que há falta de inquietação na literatura brasileira e que isto de certo modo a inferioriza perante as outras literaturas do mundo?

— Excelente pergunta — concordou Oswald. — Essa falta de inquietação nós também a notamos em 22. O romance de 30 que parecia querer inquietar-se também nada revelou de salutar. E os nordestinos com seu apego à terra e ao social foram efetivamente originais, embora representassem um retrocesso nos caminhos que abrimos.

3 *Martin Fierro* — grupo modernista argentino que se reuniu em torno da revista do mesmo nome (fevereiro de 1924 a novembro de 1927, dirigida por Evar Mendez).

— Desses nordestinos haverá algum que permaneça na nossa história literária?

— Rachel de Queirós e Graciliano — responde Oswald prontamente. — Também o Zé Lins ficará.

Oswald de Andrade também era poeta. Cremos mesmo que uma das grandes características do escritor paulista foi precisamente essa: a sua incurável vocação poética, que se transportou para os seus próprios rumos na vida, que ele soube dispersar como ninguém em poemas de um romantismo visceralmente seu. Precisávamos conhecer o seu pensamento em relação à poesia dos nossos dias.

— A poesia está se renovando. Ainda não é uma realização total. Dos poetas novos para mim Ferreira Gullar é dos bons. A poesia de Murilo Mendes tem muito de alucinação no bom sentido poético. Mas ainda o maior poeta do Brasil é um velho de 22: Cassiano Ricardo. É grande!

Essa referência a um “velho” de 22 ditou a outra pergunta nossa. Tendo convivido com mais de uma geração de escritores brasileiros, em qual delas Oswald encontrava maior receptividade para a literatura?

— Na minha — responde logo. — E antes da minha, na de Bilac, onde o Paula Ney, embora não pareça, ainda foi o que de melhor ela produziu.

Amarguras ou alegrias havia a literatura proporcionado em maior escala ao homem do *Marco Zero*?

— Mais alegrias. A gente é escritor porque assim nasce. A produção literária é sempre uma satisfação íntima. Não tenho nenhuma ilusão de glória nem de fortuna. Literatura não dá nada disso no Brasil. Mas a consciência do dever cumprido satisfaz amplamente.

— E tendo sua formação literária tão vincada à França, como se considera: um escritor francês ou brasileiro?

— Brasileiro. Amo a França. Quem não ama a França? Mas no fundo sou brasileiro dos quatro costados.

— Se não vivesse em São Paulo, não gostaria de viver em Paris, por exemplo?

— É claro. Mas na falta de Paris esta porcaria de São Paulo é que me atrai.

O amor de Oswald pela sua terra foi sempre enorme, embora não o revelasse facilmente. Como o amor dos seus amigos.

O enternecido amor a todos que o cercavam. Oswald era um sentimental. Um coração derretido e profundamente sensível. No fundo daquela catadura de sarcasta escondia o coração mais romântico e bom deste mundo. E embora isso vá assustar aqueles que como nós não conheciam de perto o poeta, aqui registramos a sua enternecida confissão: "Nunca fiz um comentário que tivesse maldade. Jamais quis mal a alguém deliberadamente. Todas as minhas críticas eu as fiz sem a menor sombra de ódio ou rancor. Elas foram sempre humildes e até ingênuas, às vezes".

E assim pareceu-nos efetivamente. Naquela tarde de sábado em que o entrevistamos às portas da morte que o rondava, quem conosco se entreteve amável, extremamente simples, não foi um escritor pedante ou cheio de si, nem um homem aborrecido, embora gravemente enfermo e cansado de sofrer: foi um irmão singelamente atencioso, de fala branda e comovida, de olhar compassivo, que de si apenas irradiava bondade e compreensão, numa antevisão talvez de eternidade que o aguardava.

DIÁRIO DE SÃO PAULO.

21-11-1954.

“DEVO MINHA CARREIRA AO EÇA...”

Está para ser feito o estudo crítico definitivo da obra irregular e polêmica de Oswald de Andrade. Satírico incontido, os seus inimigos ainda por aí enxameiam às centenas, mal sarados das atrozidades e certeiras piadas do autor do terrível e pouco falado *Sob as Ordens de Mamãe*. Dia virá, contudo, em que se faça justiça ao talento literário verdadeiramente excepcional do romancista antropofágico.

No intuito de cooperar com alguém que já acalente essa idéia, lembramos aqui uma entrevista concedida por Oswald ao redator desta seção, em 1945. Comemorava-se o centenário de Eça de Queiroz — por volta de agosto — e certa tarde, num encontro de rua, pedimos ao pai de *Serafim Ponte Grande* seu depoimento sobre o “pobre homem de Póvoa do Varzim”.¹ As revelações que a resposta significou não poderiam ser mais valiosas nem sinceras:

— Posso dizer — começou Oswald de Andrade — que devo a minha carreira literária a Eça de Queiroz. Travei conhecimento com ele através de Indalécio de Aguiar, um moço boêmio, aluno muitas vezes repetente da Faculdade de Direito, mas duma inteligência como conheci poucas. Andava eu pelos quin-

¹ Cidade natal de Eça de Queiroz.

ze anos, estudante de Humanidades do São Bento, rapaz de muito prestígio na cadeira de Literatura. Era um menino culto, capaz de falar sobre qualquer livro de Júlio Verne ou de Victor Hugo... Foi quando esse Indalécio me ofereceu *A Relíquia*. Fiquei espantado. Passei e repassei muitas vezes por aquelas páginas surpreendentes. Em pouco, devorei todos os livros de Eça. Sobretudo, pus na cabeceira a história do Raposo e da tia do Patrocínio, ao lado da *Cidade e as Serras* e das *Prosas Bárbaras*. Veja aí a minha tendência incipiente para a sátira e para o lirismo. Encontrei-me em Eça. Era o primeiro autor sério que me aparecia. Sério e afim... Afirmo-lhe que foi então que despertou, em mim, o gosto pela verdadeira literatura. Palmilhei o Eça por toda a adolescência. Até os vinte anos a minha formação se fez através dos seus livros. Se lhe disser que o mesmo Indalécio de Aguiar me aproximara de Ricardo Gonçalves e Orestes Ristori, o que me fazia participar do grupo mais avançado do tempo, você encontrará o início dos meus caminhos de sempre.

Ricardo Gonçalves, agitador romântico, instintivo, orador inflamado, poeta revolucionário de prodigioso vigor; Ristori, então anarquista, lutador popular de energia insuperável, e que vararia decênio no duro combate com a repressão... Tinha esses amigos, aos dezessete anos, e a *Relíquia* sobre o criado-mudo, à espera dos livros de doutrina que depois me chegariam.

Mas repito: literariamente, até os vinte anos, fui um ecista fanático. Nessa idade, encontrei a sátira mais robusta e sangüínea de Fialho de Almeida. Depois, o mar alto de Nietzsche, Balzac, Dostoievski.

Sobre a influência de Eça no Brasil, tema de outra questão que formulamos ao romancista, opinou Oswald de Andrade:

— A influência da obra de Eça em nossa literatura não foi grande nem sensível, como vejo tanta gente afirmar. Sobre o público, sim, foi imensa. O povo recebia cada romance do grande ironista avidissimamente, e o compreendia e amava. Os literatos, porém, eram todos do tipo de Afrânio Peixoto, criaturas impermeáveis, que não sentiam Eça por deficiência deles mesmos, não do romancista. Os leitores de *A Ilustre Casa de Ramires* eram o povo e os que com ele se comunicavam diretamente, os jornalistas. Eça melhorou o pensamento do povo, da imprensa, as idéias correntes. O seu estilo influenciou principalmente no jornal. As elites não o perceberam quase. Eram os moços que compreendiam a sua obra e a sua imensa significação.

Expôs finalmente o teatrólogo de *O Rei da Vela* o seu juízo de maturidade sobre o romancista português:

— Hoje, cada vez gosto mais, volto a gostar mais de Eça. A gente avança muito: o Eça passa a ser quase um pigmeu. Começa a esquecer que ele existiu. Volto a ele, porém, e descubro que, para Portugal, Eça é um colosso. Andei por lá, há cinco anos, e busquei os sítios dos seus episódios, Coimbra, Leiria... Em Leiria, como numa alucinação, vi, num confessionário, um tipo con Vulso de mulher, absolutamente saído do Eça. O ambiente, aliás, os preconceitos, os costumes, as beatas eram os mesmos dos tempos do padre Amaro. Se vivo fosse, Eça poderia reescrever aquele romance. É perfeitamente atual. Nada lucrou Portugal com a sátira do escritor...

Entrevista concedida a Israel Dias Novaes.
CORREIO PAULISTANO.
16-04-1955.

CRONOLOGIA

- 1890** Nasce em São Paulo, no dia 11 de janeiro, José Oswald de Sousa Andrade, filho de José Nogueira de Andrade e Inês Inglês e Sousa de Andrade.
- 1903** Entra para o Ginásio São Bento.
- 1909** Inicia-se no jornalismo com o artigo "Pennando" no "Diário Popular". Redator e crítico teatral no "Diário Popular", assinando a coluna "Teatro e Salões". Ingressa na Faculdade de Direito.
- 1911** Deixa o "Diário Popular".
- 1912** Viaja pela primeira vez à Europa. No navio conhece a dançarina Helena Carmen Hosbale (Carmen Lydia, Landa Kosbach). Morre em São Paulo sua mãe. Retorna ao Brasil trazendo a estudante francesa Henriette Denise Bouffleur (Kamiá). Traz da Europa novidades vanguardistas, entre elas o "Manifesto futurista" de Felippo Tomaso Marinetti. Escreve e rasga seu primeiro poema livre "O último passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde".
- 1914** Nasce seu primeiro filho José Oswald Antonio de Andrade (Nonê) com Kamiá. Bacharel em Ciências e Letras pelo Ginásio São Bento.
- 1915** Tem um romance tumultuado com a dançarina Carmen Lydia. Separa-se de Kamiá.
- 1916** Publica com Guilherme de Almeida *Mon Coeur Balance e Leur Âme* (teatro). Redator do "Jornal do Comércio". Colabora até 1922. Colabora na revista "A Vida Moderna".
- 1917** Retorna à Faculdade de Direito. Torna-se amigo de Mário de Andrade. Conhece Di Cavalcanti. Aluga em São Paulo uma *garçonnière* à rua Líbero Badaró, n.º 67, 3.º andar,

- sala 2. É freqüentada por Guilherme de Almeida, Monteiro Lobato, Menotti del Picchia, Vicente Rao. Termina "O Pirralho". Em dezembro Monteiro Lobato ataca pelo jornal a exposição da pintora Anita Malfatti no artigo "Paranóia ou Mistificação?"
- 1918 Em janeiro escreve um artigo no "Jornal do Comércio" defendendo a arte de Anita Malfatti. Início de *O Perfeito Cozinheiro das Almas deste Mundo*, diário da *garçonnière*. Trabalha no "Jornal do Comércio" e na "A Gazeta". Bacharel em Direito. É escolhido orador da turma do Centro Acadêmico XI de Agosto.
- 1919 Morre seu pai em fevereiro. Em 11 de agosto casa-se in extremis com a normalista Maria de Lourdes Castro Pontes, "Deisi". Conhece o escultor Victor Brecheret.
- 1920 Edita o periódico "Papel e Tinta" (de maio de 1920 a fevereiro de 1921).
- 1921 Colabora no "Correio Paulistano" (de abril de 1921 até 1924). Lidera a campanha preparatória para a Semana de Arte Moderna em jornais e reuniões com amigos. Lança pelo "Jornal do Comércio" o poeta Mário de Andrade através do artigo "O meu poeta futurista". O.A., Mário de Andrade e Armando Pamplona viajam ao Rio de Janeiro para a conquista de novos adeptos ao Modernismo. Conseguem a adesão de Ribeiro Couto, Manuel Bandeira, Ronald de Carvalho, Sérgio Buarque de Hollanda, entre outros.
- 1922 É um dos principais integrantes da Semana de Arte Moderna, de 13 a 17 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. No dia 15 de fevereiro lê, sob vaías, um trecho de *Os Condenados*. Colabora na revista "Klaxon". Publica *Os Condenados* (1º volume da *Trilogia do Exílio*). Forma-se o Grupo dos Cinco: O.A., Tarsila do Amaral, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Menotti del Picchia. Viaja à Europa no final do ano.
- 1923 Está na Europa em companhia de Tarsila, Dulce (filha de Tarsila) e Nonê. Passa a viver com Tarsila. Em 11 de maio pronuncia conferência na Sorbonne: "L'effort intellectuel du Brésil contemporain". Conhece Blaise Cendrars, Pablo Picasso, Erik Satie, Jean Cocteau, Fernand Léger, Jules Supervielle, Jules Romain, Paul Morand, Brancusi. Termina *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Retorna ao Brasil no final do ano.

- 1924 Publica *Memórias Sentimentais de João Miramar*. Publica o “Manifesto da Poesia Pau-Brasil” no “Correio da Manhã” do Rio de Janeiro. O.A., Tarsila, Olívia Guedes Penteadó, Gofredo Telles e outros compõem uma “caravana modernista” que vai mostrar o Brasil ao poeta Blaise Cendrars. Em Minas Gerais são recebidos por Aníbal Machado, Pedro Nava, Carlos Drummond de Andrade. Viaja para a Europa em novembro.
- 1925 Publica em Paris *Poesia Pau-Brasil*. Retorna ao Brasil e lança, pela imprensa, sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Em dezembro volta à Europa e passa o final do ano na França com Tarsila.
- 1926 Viaja com Tarsila, Dulce e Nonê para o Oriente Médio. Retorna ao Brasil em agosto. Oficializa o casamento com Tarsila do Amaral. Retorna ao “Jornal do Comércio”, publicando na coluna “Feira das Quintas”, até maio de 1927. Divulga o primeiro prefácio de *Serafim Ponte Grande* no artigo “Objeto e fim da presente obra”, na “Revista do Brasil”.
- 1927 Publica *A Estrela de Absinto* (2º romance da *Trilogia do Exílio*). Publica *O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade*. Retorna a Paris para uma exposição de Tarsila. Colabora na revista “Verde”, criada por um grupo de modernistas em Cataguases, Minas Gerais.
- 1928 Escreve o “Manifesto antropófago”. Funda com Raul Bopp e Antônio de Alcântara Machado a “Revista de Antropofagia” (1ª dentição). Conclui *Serafim Ponte Grande*. Viaja para a Europa para a segunda exposição individual de Tarsila.
- 1929 Retorna da Europa. Sai no “Diário de São Paulo” a 2ª dentição da “Revista de Antropofagia”. Sofre as conseqüências da crise do café. Ruína financeira. O.A. e Tarsila separam-se e Oswald passa a viver com Pagu.
- 1930 Em setembro nasce seu filho Rudá Poronominare Galvão de Andrade. Em 30 de dezembro conhece Luiz Carlos Prestes, no exílio na Argentina.
- 1931 Engaja-se no PCB (Partido Comunista Brasileiro). Começa a escrever artigos sobre política. O.A. e Pagu fundam “O Homem do Povo”, periódico que teve curta duração: 27 de março a 13 de abril. Empastelado por estudantes da

- Faculdade de Direito. Proibida a circulação pela polícia. O jornal pregava a luta operária. Publica o manifesto "Ordem e Progresso", em "O Homem do Povo".
- 1932 O.A. e Pagu sofrem perseguições políticas.
- 1933 Publica *Serafim Ponte Grande* com um segundo prefácio crítico e autocrítico. Define suas posições ideológicas. Termina *O Rei da Vela*.
- 1934 Romance com a pianista Pilar Ferrer. Publica *O Homem e o Cavalo*. Sai *A Escada Vermelha* (último volume da *Trilogia do Exílio*). Em dezembro, O.A. e Julieta Guerrini assinam contrato antenupcial com regime de separação de bens.
- 1935 Escreve sátira política para "A Platéia".
- 1936 É representante do jornal "Meio Dia" (Rio de Janeiro) em São Paulo. Escreve nas colunas "Banho de Sol" e "De Literatura". Casa-se com Julieta Bárbara (Guerrini).
- 1937 Publica *A Morta e O Rei da Vela*. Escreve na revista "Problemas" de São Paulo.
- 1939 Viaja com Julieta Barbara para Estocolmo, como representante do Brasil junto ao Congresso Internacional promovido pelo PEN CLUB. Retorna ao Brasil no mesmo ano.
- 1940 Lança sua candidatura à Academia Brasileira de Letras. Escreve uma carta aberta ao suplemento "Diretrizes" do jornal "Meio Dia", causando polêmica.
- 1941 Publica *Análise de Dois Tipos de Ficção*.
- 1942 Está separado de Julieta Barbara. Casa-se com Maria Antonieta d'Alkmin.
- 1943 Publica o primeiro volume de *Marco Zero: A Revolução Melancólica*.
- 1944 A convite de Juscelino Kubitschek, viaja para Minas Gerais com um grupo de artistas, como Volpi e Mário Schenberg. Começa em fevereiro no "Correio da Manhã" a coluna "Telefonema" (até outubro de 1954). Em junho passa a colaborar no "Diário de São Paulo" com a coluna "Feira das Sextas" (até junho de 1945).
- 1945 Presta concurso para a Cadeira de Literatura Brasileira — FFCL da USP. A tese é *A Arcádia e a Inconfidência*. Nasce sua filha Antonieta Marília do casamento com Maria Antonieta d'Alkmin. Publica o segundo volume de *Marco Zero: Chão*. Rompe com o Partido Comunista e com Luiz

- Carlos Prestes. Continua sendo de esquerda. Publica *Poesias Reunidas de O.A.* e artigos esparsos no volume *Ponta de Lança*.
- 1947 Publica *O Escaravelho de Ouro* na "Revista Acadêmica", nº 68, ano XII, Rio de Janeiro, julho de 1947.
- 1948 Nasce seu filho Paulo Marcos d'Alkmin de Andrade. No Congresso Paulista de Poesia combate os poetas da "Geração de 45".
- 1949 Escreve na "Folha de S. Paulo" a coluna "3 linhas e 4 verdades", até 1950.
- 1950 Apresenta tese para a Cadeira de Filosofia da FFCL da USP: *A Crise da Filosofia Messiânica*. Não presta o concurso por razões de ordem formal. Candidato a deputado federal pelo PRT (Partido Republicano Trabalhista) em São Paulo. Seu slogan: "Pão-Teto-Roupa-Saúde-Instrução-Liberdade". Termina *O Santeiro do Mangue* (poesia, inédito).
- 1951 Em 20 de janeiro entrega a Cassiano Ricardo o projeto de organização do Departamento Nacional de Cultura.
- 1953 Publica em "O Estado de S. Paulo" a série "A marcha das utopias". Artigos editados postumamente em "Os Cadernos de Cultura".
- 1954 Publica o primeiro volume de suas memórias: *Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe*. Escreve "O Modernismo" na revista "Anhembi". Falece em São Paulo no dia 22 de outubro.

MARIA ALICE REBELLO

OBRAS COMPLETAS DE OSWALD DE ANDRADE

- 1 - Um Homem sem Profissão: Sob as Ordens de Mamãe — Memórias e confissões
- 2 - Memórias Sentimentais de João Miramar — Romance
- 3 - Pau-Brasil — Poesia
- 4 - Os Dentes do Dragão — Entrevistas
- 5 - O Homem e o Cavalo — Teatro
- 6 - A Utopia Antropofágica — Manifestos e teses
- 7 - Dicionário de Bolso
- 8 - Alma (Os Condenados) — Romance
- 9 - Telefonema — Crônicas e polêmica
- 10 - Serafim Ponte Grande — Romance
- 11 - Poesias Reunidas (Cântico dos Cânticos, O Escaravelho de Ouro, Santeiro do Mangue e Poemas Menores)
- 12 - A Morta — Teatro
- 13 - O Perfeito Cozinheiro das Almas desse Mundo — Diário coletivo
- 14 - O Primeiro Caderno do Aluno de Poesia Oswald de Andrade — Poesia
- 15 - O Rei da Vela — Teatro
- 16 - Estética e Política — Ensaios e críticas
- 17 - Leur Âme/Mon Coeur Balance — Teatro
- 18 - A Estrela de Absinto — Romance
- 19 - Marco Zero I — A Revolução Melancólica — Romance
- 20 - Ponta de Lança — Crítica
- 21 - A Escada — Romance
- 22 - Marco Zero II — Chão — Romance
- 23 - Banho de Sol — Jornalismo
- 24 - Teatro e Salões — Crítica teatral



3 9001 02911 1484

ORAS COMPLETAS DE
OSWALD DE ANDRADE

- 1 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 2 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 3 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 4 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 5 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 6 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 7 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 8 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 9 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 10 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 11 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 12 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 13 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 14 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 15 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 16 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 17 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 18 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 19 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra
- 20 - O homem em Portugal nos - O homem e a terra

OS DENTES DO DRAGÃO

ENTREVISTAS

Agressivo, polêmico, lírico, político, ideólogo, literata, irreverente — é este o homem Oswald que surge deste volume de entrevistas, em todas as suas dimensões. Esta pesquisa inédita reúne os mais pertinentes diálogos jornalísticos estabelecidos entre Oswald de Andrade e repórteres de jornais de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Ela consegue demonstrar o envolvimento do escritor no cenário cultural, oferecendo a rara oportunidade de vê-lo como uma figura pública e viva, destilando seus venenos e suas doçuras, como um verdadeiro “dragão da maldade”, contra o “santo guerreiro” do provincianismo e da acomodação.

A redução do preço deste livro foi tornada possível pela co-edição patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura de São Paulo.

ISBN 85-250-0805-2



9 788525 008053